



Domínios de Lingu@gem

**Estudo de construções linguísticas sob a
perspectiva analítica da Linguística
Cognitiva**

**Organização: Ulrike Schröder (UFMG),
Sueli Coelho (UFMG) e Adriana Tenuta
(UFMG)**

**4º Trimestre 2021
Volume 15, número 4
ISSN: 1980-5799**

Expediente

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Prof. Valder Steffen Jr.

Vice-Reitor

Prof. Carlos Henrique Martins da Silva

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Prof. Ariel Novodvorski

Coordenadora do PPGEL

Profa. Cristiane Carvalho de Paula Brito

Organização: Ulrike Schröder (UFMG), Sueli Coelho (UFMG) e Adriana Tenuta (UFMG)

Editoração: Guilherme Fromm

Revisão: autores

Diagramação: Guilherme Fromm

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Domínios de Lingu@gem, / Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de
Letras e Linguística, 2007-

V. 1 -

Trimestral.

ISSN: 1980-5799

Modo de acesso: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

A partir de 2020 a Revista é de responsabilidade do Programa de

Pós- Graduação em Estudos Linguísticos

1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos. I.
Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística. III.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos.

CDU 801(05)

Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, à Universidade Federal de Uberlândia, ao Instituto de Letras e Linguística ou ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

Domínios de Linguagem

Diretor

Guilherme Fromm (UFU)

Conselho Editorial

Carla Nunes Vieira Tavares (UFU)

Igor Antônio Lourenço da Silva (UFU)

Marileide Dias Esqueda (UFU)

Comissão Científica

Adriana Azevedo Tenuta (UFMG), Adriana Cristina Cristianini (UFU), Aldo Luiz Bizzocchi (NEHiLP-USP), Alessandra Montera Rotta (UFU), Alexandre José Cadilhe (UFJF), Alexandre Melo de Sousa (UFAC), André Pedro da Silva (UFRPE), Andréia Guerini (UFSC), Ataliba T. de Castilho (USP/UNICAMP), Brett Hyde (Washington University in St. Louis – Estados Unidos), Carla Nunes Vieira Tavares (UFU), Carmem Lúcia Hernandez Agustini (UFU), Cecília Magalhães Mollica (UFRJ), Cintia Vianna (UFU), Cirineu Cecote Stein (UFPB), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Cláudio Márcio do Carmo (UFOP), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Clecio dos Santos Bunzen (UNIFESP), Cristiane Brito (UFU), Dánie Marcelo Jesus (UFMT), Deise Prina Dutra (UFMG), Dilys Karen Rees (UFG), Eduardo Batista da Silva (UEG), Eliana Dias (UFU), Elisa Battisti (UFRGS), Elisete Carvalho Mesquita (UFU), Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU), Fernanda Costa Ribas (UFU), Filomena Capucho (Universidade Católica Portuguesa – CECC - Portugal), Francine de Assis Silveira (UFU), Francis Henrik Aubert (USP), Gabriel Antunes Araujo (USP), Gabriel de Avila Othero (UFRGS), Giacomo Figueredo (UFOP), Hardarik Bluehdorn (Institut für Deutsche Sprache Mannheim – Alemanha), Heliana Mello (UFMG), Heloisa Mara Mendes (UFU), Igor Antônio Lourenço da Silva (UFU), Irenilde Pereira dos Santos (USP), Jacqueline de Fatima dos Santos Morais (UERJ), Janice Helena Chaves Marinho (UFMG), Jose Luiz Fiorin (USP), José Ribamar Lopes Batista Júnior (CAF/UFPI), José Sueli de Magalhães (UFU), Karylleila Santos Andrade (UFT), Krzysztof Migdalski (University of Wrocław – Polônia), Leandro Silveira de Araujo (UFU), Lucivaldo Silva da Costa (UNIFESSPA), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Liliane Santos (Université Charles-de-Gaulle - Lille 3 – França), Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP), Marcelo Módolo (USP), Márcia Mendonça (UNICAMP), Márcio Issamu Yamamoto (UFJ), Márcio Sales Santiago (UFRN), Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN), Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU), Maria Cecília de Lima (UFU), Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA), Maria Helena de Paula (UFG), Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU), Marlúcia Maria Alves (UFU), Maurício Viana Araújo (UFU), Michael J. Ferreira (Georgetown University – Estados Unidos), Montserrat Souto (Universidade Santiago de Compostela – Espanha), Nadja Paulino Pessoa Prata (UFC), Nilza Barrozo Dias (UFF), Patricia de Jesus Carvalhinhos (USP), Paulo Osório (Universidade da Beira Interior – Portugal), Paulo Rogério Stella (UFAL), Pedro Malard Monteiro (UFU), Pedro Perini-Santos (PUC-Minas), Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima (UFAL), Roberlei Alves Bertucci (UTFPR), Roberta Rego Rodrigues (CLC/UFPel), Rolf Kemmler (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal), Silvana Maria de Jesus, (UFU), Silvia Melo-Pfeifer (Universidade de Hamburgo – Alemanha), Simone Floripi (IFPR), Simone Tiemi Hashiguti (UFU), Sinara de Oliveira Branco (UFCEG), Sostenes Cezar de Lima (UFG), Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP), Teresa Maria Wlosowicz (University of Social Sciences - Polônia), Ubirajara Inácio Araújo (UFPR), Valeska Virgínia Soares Souza (UFU), Vanessa Hagemeyer Burgo (UFMS), Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), Walcir Cardoso (Concordia University – Canadá), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU), Zelina Márcia Pereira Beato (UESC).

Participaram da edição 48 como pareceristas *ad hoc*

Diogo Pinheiro – UFRJ

Flávia Saboya da Luz Rosa - UFF

Francisco Elton Martins de Souza - IMPARH

Heberth Paulo Souza – UNIPTAN

Luciane Baretta - UNICENTRO

Michel Gustavo Fontes - UFMS

Natival Almeida Simões Neto – UEFS

Sumário

Apresentação	888
Estudo de construções linguísticas sob a perspectiva analítica da Linguística Cognitiva - Adriana Maria Tenuta (UFMG), Sueli Maria Coelho (UFMG), Ulrike Schröder (UFMG).....	888
Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo <i>construir</i> - Vitor Cordeiro Costa (UFMG)	903
Da categorização radial à representação construcional: como a Gramática de Construções pode explicar efeitos de prototipicidade – Jéssica Cassemiro Muniz (UFRJ), Diogo Pinheiro (UFRJ)	932
[<i>Because X</i>] sob a perspectiva da Gramática de Construções: uma análise baseada em <i>corpus</i> - Wellington Araujo Mendes Junior (UFMG), Elisa Mattos (UFMG).....	979
Os nanopassos da mudança construcional: um estudo da gradualidade intracontextual na trajetória da microconstrução marcadora discursiva <i>calma aí</i> - Flávia Saboya da Luz Rosa (UFF)	1059
Um estudo sobre a construção [por X tempo] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso: sintaxe e aspecto - Monclar Guimarães Lopes (UFF), Mara Cristina Machado Ladeira Martins (UFF)	1090
O uso da construção “#SóQueSim” no <i>Facebook</i> : uma análise semântico-cognitiva - Tharlles Lopes Gervasio (UERJ)	1128
Construções idiomáticas com o verbo pagar no português brasileiro - Jussara Abraçado (UFF), Eduardo Santana Moreira (UFF)	1153
A Construção Concessivo-Comparativa [ATÉ QUE PARA X, Y] como um elogio atípico - Gabriela da Silva Pires (UFV), Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF).....	1180
Olha Já! Construção gramatical no Amazonas - Gislane Aparecida Martins Siqueira (IFAM)	1215

Apresentação

Estudo de construções linguísticas sob a perspectiva analítica da Linguística Cognitiva

Adriana Maria TENUTA*

Sueli Maria COELHO**

Ulrike SCHRÖDER***

Este número temático da *Revista Domínios da Linguagem* compõe-se de dez artigos que enfocam *construções*, um construto oriundo da Gramática de Construções. Essa perspectiva de análise integra a Linguística Cognitiva, que é um quadro teórico amplo, porém não unificado, que se configura como um conjunto de abordagens e de modelos de descrição do funcionamento linguístico. Esse grande quadro teórico, ao lidar com fenômenos de natureza conceptual, vincula a habilidade da linguagem à cognição humana mais geral, operando com noções e com princípios relacionados à visão de que a estruturação de uma língua deriva de capacidades tais como percepção, memória e resolução de problemas. Nesse contexto, Langacker (2000) postula que cinco fenômenos psicológicos são essenciais para o processamento da linguagem, a saber: (i) *rotinização* (entrincheiramento), que a é fixação de um item como uma unidade, em função de sua frequência de uso; (ii) *abstração*, que promove a geração de

* Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG), professora titular da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7169-640X>. atenuta@gmail.com

** Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG), professora associada da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4021-0339>. sucoelho@ufmg.br

*** Doutora em Comunicação Social (Universidade Essen, Alemanha), professora associada da FALE/UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7764-7249>. schroederulrike@gmx.com

esquemas a partir da recorrência de determinada situação empírica; (iii) *comparação*, que tem como um de seus tipos a categorização, com o reconhecimento e a classificação por categorias; (iv) *composição*, que gera unidades maiores a partir de outras menores; e, por último, (v) *associação*, que tem como exemplo a simbolização, caracterizada pelo pareamento entre o polo semântico e o polo fonológico (sons, sinais, elementos gráficos).

A Gramática de Construções tem alcançado destaque no cenário da Linguística Cognitiva como um grupo de abordagens teórico-analíticas para a representação linguística. Entre seus precursores destacam-se expoentes como Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1987), Goldberg (1995; 1999; 2006), Langacker (1987; 2000; 2008), Croft (2001; 2005; 2007), Traugott e Trousdale (2013). Apesar de já bastante difundidas no cenário da linguística internacional, as abordagens construcionistas ainda precisam ser mais difundidas em nosso país, para vermos ampliada a gama de estudos que a adotam na descrição de fenômenos do português do Brasil, tarefa para a qual este número ambiciona contribuir.

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) assinam um dos trabalhos fundadores da Gramática de Construções. Nesse trabalho, os autores buscaram descrever as estruturas idiomáticas, idiossincráticas, tão recorrentes na língua e que têm significado basicamente não composicional. Teríamos, como exemplos, em português, “bater as botas”, expressão totalmente especificada, com significado de “morrer” ou, ainda, “puxar o tapete de SN”, expressão mais esquemática e/ou mais complexa, significando “trair alguém”. Como os idiomatismos vão do lexicalmente específico ao integralmente esquemático, não haveria, nesse tipo de abordagem, mais lugar para a clássica oposição entre léxico e sintaxe, tal como estabelecido nas perspectivas tradicional e gerativista. Nessa perspectiva, os autores defendem que a descrição gramatical precisa espelhar a forma como a língua associa um conteúdo semântico a

uma unidade mais complexa do que um item lexical. Essa gramática não poderia, pois, tratar os componentes sintático, semântico e fonológico como módulos distintos.

Na linha de Lakoff (1987) e de seu estudo sobre as construções *There* do inglês, Goldberg (1995, 2006), estende a visão de gramática para além das estruturas irregulares ou idiossincráticas exploradas por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). A autora circunscreve seu estudo às construções verbais, concebidas como *construções de estrutura argumental*. Segundo propõe, uma construção, constituinte de uma sentença, é vista como um dos elementos determinantes do significado dessa sentença (GOLDBERG, 1995; 1999), pois a análise de unidades oracionais envolve a associação da sintaxe a princípios de interpretação semântica, independentemente dos itens lexicais que a compõem.

Se a noção de construção ocupa, desde os estudos tradicionais, lugar de honra na linguística, na abordagem contemporânea, a visão pré-teórica de construção como entidade pré-concebida é contestada em favor de um interesse crescente pelo modo como ela emerge na interação e por sua função no discurso. Em Goldberg (1995), encontra-se a definição de *construção*, que, no modelo da autora, constitui a unidade básica da língua:

C é uma CONSTRUÇÃO se e somente se a definição de C for um par forma-significado $\langle F_i S_i \rangle$ tal que nenhum aspecto de F_i nem de S_i seja estritamente previsível a partir das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas. (GOLDBERG, 1995, p. 4)¹ (Tradução das autoras).

Essa definição, além de estabelecer a imprevisibilidade de qualquer aspecto da forma, ou do significado/função de uma construção a partir de outra, traduz a

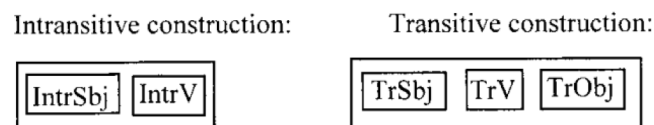
¹ No original: "C is a construction iff_{def} C is a form meaning pair $\langle F_i S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions."

concepção desse construto teórico como um pareamento não composicional entre forma e significado. Nesse sentido, a construção guarda alguma relação com o signo linguístico em Saussure (1995 [1969]). No entanto, os tipos de pareamentos envolvidos nas duas propostas diferem, principalmente, por ser o signo saussureano caracterizado por uma associação convencional mais rígida entre forma e significado. A construção, por ser simbólica, também é convencionalizada, porém emerge em situação comunicacional e pode apresentar graus variados de esquematicidade e de complexidade.

Na proposta de Goldberg (1995), são quatro as construções de estrutura argumental básicas, as quais codificam cenas experienciais humanas: as transitivas, as bitransitivas, as resultativas e as de movimento causado. Tais construções básicas estabelecem, com outras, relações de herança de quatro tipos: por polissemia, por subparte, por instanciação e por metáfora. A gramática constitui, assim, uma rede de construções, no interior da qual não apenas as sentenças como também os padrões linguísticos dos quais elas são uma instância têm significado (GOLDBERG, 1995). Uma propriedade de destaque dessa arquitetura é que nela há estruturas centrais, ou seja, prototípicas; as demais são extensões desses protótipos e deles herdam o esquema de construção sintática. Esse modelo descritivo mostra-se, assim, mais econômico por evitar a proliferação de regras lexicais.

A otimização descritiva oriunda da Gramática de Construções não implica, contudo, reducionismo. A proposta da Gramática Cognitiva, e também a da Gramática Radical de Construções (CROFT, 2001; 2005), é não-reducionista. Tanto Langacker (2008) quanto Croft (2007) defendem que a representação cognitiva e a descrição do sistema linguístico sejam necessariamente redundantes: tanto estruturas específicas, quanto padrões gerais devem integrar a gramática, ser aprendidas e representadas mentalmente no processo de aquisição da língua.

Para Croft (2007), a visão reducionista desconsidera tanto os fatos empíricos, quanto a conveniência de as categorias serem definidas em termos de construções. Por exemplo, categorizar um verbo como *transitivo* ou como *intransitivo* não capta exatamente o fato de que há verbos como *dançar*, por exemplo, que são as duas coisas, dependendo do contexto/construção em que é usado. Em seu modelo não reducionista, a estrutura complexa é que definiria a categoria em termos do papel que ela desempenha naquele todo. Teríamos assim, conforme o autor, as seguintes representações para as construções Intransitiva e Transitiva, respectivamente:



(CROFT, 2007, p. 498)

De acordo com Geeraerts e Cuyckens (2007), a partir de 1985, a Linguística Cognitiva e o Funcionalismo têm capitaneado a tendência de relacionar a gramática a aspectos contextuais/discursivos e de dar atenção investigativa a elementos linguísticos antes considerados periféricos. Segundo os autores, esse movimento implica trazer o significado para o centro da gramática, adotar uma postura baseada no uso:

No contexto da Linguística Cognitiva, a “relexificação” da gramática é mais destacada na Gramática de Construções (Goldberg 1995; Croft 2001), que começa com o reconhecimento de que há um contínuo entre sintaxe e léxico: construções são estruturas sintáticas que podem conter material léxico.² (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 14). (Tradução das autoras)

² No original: “In the context of Cognitive Linguistics, the relexification of the grammar is most outspoken in Construction Grammar (Goldberg 1995; Croft 2001), which starts from the recognition that there is a continuum between syntax and lexicon: constructions are syntactic structures that may contain lexical material.”

Os modelos descritivos da Linguística Cognitiva apoiam-se, ainda, na visão de que as línguas são construídas com base no uso real das estruturas, moldadas por pressões pragmático-discursivas e cognitivas (LANGACKER, 1987; 2000; 2008). Para esses modelos, é o uso da língua na interação comunicativa que determina os padrões possíveis de estruturação, que embasa a aquisição e que fundamenta a mudança linguística.

Desse modo, a Gramática Cognitiva, que integra a família das abordagens da Gramática de Construções da Linguística Cognitiva, é caracterizada por Langacker (2000) como um modelo dinâmico e baseado no uso³, o que pode ser estendido a outros modelos de construções. Segundo argumenta, sua Gramática Cognitiva (LANGACKER 1987, 2000), apesar de divergir em pontos importantes e de ter se desenvolvido independentemente, tem grande semelhanças com a Gramática de Construções, como, por exemplo, em relação ao fato de que “as construções (não as ‘regras’) são os objetos primários da descrição; de que o léxico e a gramática não são distintos, mas sim um contínuo de construções (pareamentos forma-significado); e de que as construções são ligadas em redes de herança (ou categorização)”⁴ (LANGACKER, 2007, p. 421-422). Nessa perspectiva, ele advoga em favor do modelo de rede, que, em sua concepção, é distinto de um conjunto estável de estruturas vistas como entidades discretas, objetificadas.

Assim, vemos que as abordagens construcionistas formam um conjunto de modelos com princípios norteadores, ao mesmo tempo em que apresentam

³Croft (2007) define, baseado no uso, como um modelo “in which language use determines grammatical representation. Specifically, frequency of use and similarity of form and meaning are the determining factors for the structure of grammatical knowledge in the mind” (p. 499).

⁴ No original: “constructions (not ‘rules’) are the primary objects of description; that lexicon and grammar are not distinct, but a continuum of constructions (form-meaning pairings); and those constructions are linked in networks of inheritance (or categorization).”

especificidades. Traugott e Trousdale (2013), dentre essas abordagens, propõem um modelo teórico que contribui especificamente com a questão da mudança linguística. Os autores adotam, como vários outros, a perspectiva de que a rede construcional é central à gramática e de que o sistema da língua é estruturado como um contínuo entre léxico e gramática. Nesse modelo, não há espaço para a distinção entre as noções de gramaticalização e de lexicalização, tal como concebidas tradicionalmente. Os autores tratam a mudança linguística sob duas perspectivas: a da construcionalização (gramatical ou lexical) e a da mudança construcional. A primeira refere-se à criação ou à formação de um novo pareamento entre forma e significado, que envolve “pequenos passos” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36); a segunda decorre de um processo que ocorre internamente, incidindo sobre os constituintes da construção, sejam eles de natureza formal ou semântico/funcional.

Em suma, o conjunto de abordagens da Gramática de Construções, como expoente da Linguística Cognitiva, opera na perspectiva de que a língua e o conhecimento linguístico representado na mente do falante constituem um sistema arquitetado como uma rede. As construções são, nesse contexto, unidades linguísticas básicas, exibindo pareamentos entre forma e significado, que se assemelham a pontos interconectados nessa rede. Essa arquitetura é dinâmica, ou seja, aberta para o estabelecimento de novos pontos, de novas unidades simbólicas (morfemas, itens lexicais, expressões idiomáticas e estruturas gramaticais mais ou menos esquemáticas), compostas, portanto, de um polo semântico (de conteúdo semântico, pragmático e/ou discursivo) e de um polo fonológico (estruturado por sons, sinais ou padrões gráficos), que se constituem com base no uso da língua.

No bojo dessa coletânea, encontram-se, pois, trabalhos fundamentados na Linguística Cognitiva e que enfocam o construto teórico das construções sob a perspectiva da língua em uso. Como descrito, apesar desse eixo teórico norteador, as

abordagens são variadas, o que contribui para enriquecer a descrição dos fenômenos eleitos pelos diversos autores que as integram.

No artigo introdutor deste número temático, Jéssica Cassemiro Muniz e Diogo Pinheiro, adotando uma metodologia experimental, revisitam um conceito caro à Linguística Cognitiva, qual seja, o conceito de *protótipo*, visando a explicar por que, muitas vezes, o falante recorre ao emprego de formas não-prototípicas em detrimento de formas alternativas mais prototípicas. Apoiados teoricamente na abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso, os autores exploram a hipótese de que os usos não-prototípicos resultariam do modo como “o conhecimento linguístico do falante está organizado na rede construcional”, o que foi confirmado pela análise dos dados obtidos por meio de um experimento envolvendo vinte e cinco sujeitos.

Ainda sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso, o segundo trabalho desta coletânea, de autoria de Flávia Saboya da Luz Rosa, dedica-se ao estudo da mudança construcional. Tomando como objeto de análise a microconstrução *calma aí*, a autora examina, à luz da proposta de análise dos nanopassos postulada por Rosa (2019), o processo de mudança linguística por meio do qual “expressões formadas por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa” resultam em construções que operam como marcadores discursivos de natureza argumentativa.

Adotando uma abordagem de interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística Variacionista, Luiz Fernando de Carvalho analisa, no terceiro ensaio deste número, três instâncias construcionais do imperativo de segunda pessoa do singular no Português do Brasil: (i) o imperativo verdadeiro (indicativo + tu), (ii) o imperativo supletivo (subjuntivo + você) e (iii) o imperativo abrigado (indicativo + você). Apoiado na Teoria dos Espaços Mentais, postulada por Fauconnier (1994), o autor defende que o imperativo abrigado resulta de um processo de mesclagem, nos termos de Fauconnier e Turner (2002), entre o imperativo verdadeiro e o supletivo.

No quarto artigo, Vítor Cordeiro Costa propõe uma articulação analítica entre o quadro teórico da Gramática de Construções e a Teoria da Metáfora Conceptual, explorando as correlações entre os usos metafóricos e literais do verbo *construir* e o padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo]. Apesar de se tratar ainda de um “estudo exploratório”, na avaliação do autor, as reflexões empreendidas são muito relevantes: “o verbo *construir* fundido ao padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode estar relacionado a uma ou duas construções gramaticais, dependendo se se admite a existência de construções causativas e resultativas ou apenas de causativas, para instanciar enunciados literais e metafóricos”.

Jussara Abraçado e Eduardo Santana Moreira assinam o quinto ensaio, no qual analisam, com base na Gramática Cognitiva proposta por Langacker (1976; 2005), construções idiomáticas do Português Brasileiro formadas com o verbo *pagar*. A partir de uma análise qualitativa de dados coletados na *web* por meio da ferramenta de busca do Google, os autores chegaram à conclusão de que tanto as construções idiomáticas quanto as construções bitransitivas com o verbo estudado “decorrem da construção esquemática TRANSFERIR SN PARA SN que, por sua vez, provém de construção ainda mais esquemática V SN SPREP”, revelando hierarquia de complexidade conceptual.

Partindo do referencial teórico da Gramática de Construções (FILLMORE *et al.*, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2016) e baseando-se em uma análise de *corpus*, o próximo autor, Wellington Araújo Mendes Junior, descreve uma construção da língua inglesa e traz para o debate a análise de [*because* X] com preferência por substantivos, adjetivos e interjeições como, por exemplo, em *because wow* ou *because food*, enunciados que ocorrem em contextos de uso de língua informal tais como blogs e twitter. Estas construções opõem-se ao uso de *because* como conjunção, para introduzir uma oração finita (*he did this because he was bored*) bem como elemento de preposição composta, para introduzir um sintagma preposicional (*I can't go out because*

of the rain). De acordo com o autor, em comparação a construções da gramática normativa, a construção [*because X*] é situada em contextos informais, tais como redes sociais nas quais a brevidade é privilegiada.

O artigo de Monclar Guimarães Lopes e Mara Cristina Machado Ladeira Martins discute a relação entre sintaxe e aspecto na construção [por X tempo], em que X apresenta um slot que pode ser preenchido pelos pronomes indefinidos *tanto*, *muito*, *pouco* e *algum*. A partir de uma perspectiva da Linguística Cognitiva-Funcional (CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), os autores constatam que esta construção específica se caracteriza por uma trajetória cursiva e/ou iterativa, predominante mesmo quando se trata de ocorrências em que há verbos télicos em tempo perfectivo. O estudo apresenta resultados com base em 400 ocorrências extraídas do *Corpus Now* e defende que a cursividade e que a iteratividade podem ser compreendidas como categorias gradientes, em que as construções assumem valores aspectuais mais ou menos durativos e/ou iterativos em dependência dos pronomes que ocupam o slot X, das classes acionais dos verbos e do contexto linguístico imediato.

A construção concessivo-comparativa esquemática [Até que para X, Y], exemplificada por “Até que para um palhaço, você escreve legal”, é objeto de investigação do artigo de Gabriela da Silva Pires e de Luiz Fernando Matos Rocha. Ao retomar o aporte de Goldberg (1996; 2006) e de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), e com base em um banco de dados formado por ocorrências coletadas na Internet, os autores revelam como X, formado por um sintagma nominal de caráter indefinido, aciona um rol de expectativas ao passo que Y apresenta um comentário contrário a essas expectativas. Neste ponto, para os autores, ocorre uma mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), uma vez que a construção concessivo-comparativa estabelece uma relação de cancelamento de pressuposições a partir da avaliação feita em Y, seja em termos de uma crítica velada seja em termos de um elogio.

Igualmente voltada para dados que provêm da Internet, uma análise acerca da construção [#SóQueSim] está no foco da atenção do artigo de Tharlles Lopes Gervásio. Ao combinar o referencial teórico da Gramática de Construções de Goldberg (1995), a Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier e Turner (2002) e o conceito de ironia postulado por Coulson (2001; 2005), o autor debruça-se sobre essa construção a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva. Como função primária desta construção, ele aponta a ironia em interações estabelecidas por meio de postagens escritas na rede social *Facebook*, principalmente sob a forma de *hashtags*. O autor explora ainda como a construção, além de marcar discursivamente o efeito de ironia, desempenha o papel de gatilho para uma reiteração das ideias apresentadas. Segundo conclui, a construção [#SóQueSim] colabora com a formação da rede de integração conceptual no sentido de Fauconnier e Turner (2002).

Encerrando este número temático, Gislane Aparecida Martins Siqueira nos apresenta seu estudo sobre a construção regional amazonense “Olha já!” partindo de pressupostos oriundos da teoria de Croft (2007). A partir da apresentação de dados coletados, mais uma vez, na *web*, bem como de ocorrências da fala autêntica, a autora ilustra a alta produtividade dessa expressão regional e revela a regra de sua formação como padrão para expressões paralelas em PB. De acordo com sua perspectiva, a construção [*verbo perceptivo intransitivo imperativo afirmativo + advérbio monossílabo*] pode ser encontrada também em expressões tais como *olha só, veja bem*, etc. Siqueira conclui que essa construção idiomática atua como interjeição de espanto, de surpresa ou de indignação.

Por mais ou menos três décadas, pesquisas sobre construções foram limitadas a exemplos gerados introspectivamente antes que se iniciou um interesse em estudar os pareamentos forma-significado no seu uso real no discurso escrito e, ainda mais tarde, falado, nos quais não estão simplesmente mais instanciados como “prepackaged wholes” mas sofrem variação, modificação, desenvolvimento (AUER, 2006; FRIED;

ÖSTMAN, 2005). A leitura dos dez artigos que apresentamos neste dossiê mostra uma tendência inequívoca em direção a um foco crescente para (a) pesquisas que se baseiam em construções no seu uso no discurso, (b) pesquisas que se baseiam em análises de *corpora* e (c) pesquisas que direcionam seu olhar cada vez mais para o uso de língua informal e/ou para a língua falada. Para todos esses pontos, especialmente para o último item, a Internet parece ser uma fonte rica de gêneros discursivos variados, onde há um *continuum* entre oralidade e escrita. Junto a essas abordagens, já se observam novas linhas de pesquisa, como a Gramática de Construções Multimodais, que integra os símbolos e ícones na análise das construções emergentes na comunicação da Internet, bem como os aspectos prosódicos e gestuais-corporais, instanciadas nas construções da fala-em-interação (cf. para um panorama HOFFMANN, 2021).

Gostaríamos, por fim, de agradecer, primeiramente, aos autores deste número especial, que possibilitaram sua publicação e que contribuíram para que este espaço de debate pudesse acontecer. Adicionalmente, agradecemos aos pareceristas que significativamente contribuíram para a qualidade dos trabalhos aqui reunidos. Nossos agradecimentos, por fim, à equipe editorial da Revista *Domínios de Lingu@gem*, especialmente a Guilherme Fromm, pela paciência e por ter acompanhado incansavelmente todas as etapas desta publicação.

Referências

AUER, P. Construction grammar meets conversation: Einige Überlegungen am Beispiel von „so“-Konstruktionen. In: GÜNTHER, S.; IMO, W. (org.). **Konstruktionen in der Interaktion**. Berlin, New York: De Gruyter, 2006. p. 291-314. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110894158.291>

BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage based models of language**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

COULSON, S. **Semantic leaps**: Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. New York: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

COULSON, S. **Sarcasm and the space structuring model**. The literal and the nonliteral in language and thought. Berlin: Lang, 2005.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: Syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

CROFT, W. Logical and typological arguments for Radical Construction Grammar. *In*: FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. (org.). **Construction grammars**: Cognitive grounding and theoretical extensions. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 273–314. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.3.11cro>

CROFT, W. Construction grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 463-498.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**. Düsseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de/0009-4-6860. Acesso em: 10 set. 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.09die>

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (org.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, 64 (3), p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

FILLMORE, C.; LEE-GOLDMAN, R.; RHOMIEUX, R. The FrameNet Construction. *In*: BOAS, H.; SAG, I. (org.). **Sign-based construction grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.

FRIED, M.; ÖSTMAN, J.-O. Construction grammar and spoken language: The case of pragmatic particles. **Journal of Pragmatics** 37, p. 1752-1778, 2005. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2005.03.013>

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. Introducing cognitive linguistics. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 3-21.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Relationships between verb and construction. *In*: VERSPOOR, M.; SWEETSER, E. (org.). **Lexicon and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1998. Disponível em: <https://adele.princeton.edu/files/2015/01/0098Icla.relationships.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2015.

GOLDBERG, A. Making one's way through the data. *In*: SHIBATANI, M.; THOMPSON, S. A. **Grammatical constructions**: their form and meaning. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 151-173

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOFFMANN, T. Multimodal construction grammar: From multimodal constructs to multimodal constructions. *In*: WEN, X.; TAYLOR, J. R. (org.). **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. London, New York: Routledge, 2021. p. 78-92. DOI <https://doi.org/10.4324/9781351034708-6>

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Volume I. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. A dynamic usage-based model. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (org.). **Usage-based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 1-63.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar: A basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa* 60 (2), p. 233-259, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução em Português: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995 (1969).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

Correlações entre um padrão construcional e usos metafóricos e literais do verbo *construir*

Correlations between a constructional pattern and metaphorical and literal uses of the verb *build*

Vitor Cordeiro COSTA*

RESUMO: Este artigo apresenta os achados de um estudo exploratório sobre a correlação entre usos literais e metafóricos do verbo 'construir' e o padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], no qual o adjetivo dá diferentes indicações. Com base na Teoria da Metáfora Conceptual e na Gramática de Construções, ocorrências do item alvo no Corpus Brasileiro foram analisadas por metaforicidade e resultatividade do adjetivo no uso. Argumenta-se que os padrões de correlação podem ser analisados em relação a construções causativas e resultativas ou apenas causativas. Não se encontraram usos literais de 'construir' em que o adjetivo no padrão indique resultatividade, e esse arranjo foi considerado impossível no português brasileiro. O artigo recomenda a realização de estudos complementares sobre a relação entre construções e metáforas.

ABSTRACT: This paper presents findings of an exploratory study into the correlation between literal and metaphorical uses of the verb 'construir' (build) and the pattern [verb + (determiner) + noun + adjective], in which the adjective gives different directions. Based on the tenets of Conceptual Metaphor Theory and Construction Grammar, occurrences of the target item in the Brazilian Corpus were annotated for metaphoricity and resultativeness of the adjective in use. It is argued that the correlation patterns can be analysed in terms of causative and resultative constructions or resultatives only. Cases where the literal use of 'construir' (build) is followed by a resultative adjective were not found, and this match was judged impossible in Brazilian Portuguese. A case is made for further complementary studies into the interplay between constructions and metaphors.

* Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0879-0951>. vitorccost@yahoo.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Construção. Metáfora. Gramática de construções. Linguística Cognitiva.	KEYWORDS: Construction. Metaphor. Construction Grammar. Cognitive Linguistics.
---	---

1 Considerações iniciais

A Teoria da Metáfora Conceptual se assemelha a outras correntes cognitivistas na premissa de que estudar a linguagem é uma forma de estudar a mente humana. Ela postula que o sistema conceptual humano é de natureza metafórica e que diversos aspectos linguísticos e não linguísticos são metaforicamente motivados. Como fenômeno de ordem conceptual, uma única metáfora pode se instanciar ou se realizar na forma de diversas expressões linguísticas. No entanto, embora afirme que a linguagem está em contínuo com as demais capacidades cognitivas, sem postular fronteiras apriorísticas entre semântica, léxico e sintaxe, a Teoria da Metáfora Conceptual tem se dedicado pouco a explicar como as metáforas se materializam em enunciados. Suas incursões pelas formas linguísticas e multimodais têm se dado com mais ênfase no âmbito do léxico, dos gestos e das imagens, mas ainda é restrito o número de estudos sobre a roupagem gramatical das expressões metafóricas (DEIGNAN, 2012; LEDERER, 2019; SULLIVAN, 2014). Sabe-se bastante sobre como a metáfora motiva fenômenos gramaticais, mas sabe-se pouco sobre como ou, mais ceticamente, se a gramática interfere na instanciação das metáforas.

Tomando o caminho menos seguido, apresento neste artigo um estudo exploratório, descritivo, de correlações entre usos metafóricos de *construir* e as características de um padrão gramatical específico com esse verbo. A seção 2 traz uma caracterização do frame evocado por *construir* e o gradiente de metaforicidade dos seus usos. É recorrente esse verbo aparecer com o padrão contendo a sequência de classes de palavra tradicionais [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], no qual o adjetivo dá diferentes indicações. A seção 3 discute essas possibilidades com base no conceito de construção (CROFT, 2007; GOLDBERG, 1995, 2006). A seção 4 é dedicada

aos procedimentos utilizados para obter e analisar evidências empíricas dos usos de *construir* com aquele padrão gramatical no Corpus Brasileiro (SARDINHA, 2014; SARDINHA *et al.*, 2010). As seções 5 e 6 trazem uma descrição e uma discussão das correlações entre usos metafóricos do verbo e padrões construcionais. Com isso, espero contribuir indiretamente para a discussão sobre a roupagem gramatical dos enunciados metafóricos, mas deixo a proposição de modelos abrangentes para trabalhos futuros de maior fôlego.

2 Metáforas de construção

Construções e atividades construtivas são exemplares da capacidade criativa humana. Sua importância vem, sobretudo, dos efeitos positivos de satisfazer a necessidade de nos abrigarmos das intempéries, do processo físico e coletivo de fabricação predial e do valor social atribuído às edificações enquanto artefatos antrópicos. Em várias culturas, esse domínio serve para conceptualizar metaforicamente domínios alvo de criação de objetos; entidades complexas; relações sociais abstratas; situações positivas e desejáveis; e valores partilhados ou apresentados como tal (CHARTERIS-BLACK, 2004; CHILTON, 1996; COSTA, 2015; HELLÍN-GARCÍA, 2013; KÖVECSES, 2010, 2017; LU; AHRENS, 2008). Em português brasileiro, *construir* é o verbo prototípico para evocar um dos frames que integram esse domínio¹: CONSTRUIR. Esse frame consiste da ação em que o CONSTRUTOR (ser ou entidade capaz ou presumidamente capaz dessa ação) reúne MATERIAL (componentes agregáveis em diferentes arranjos pelo CONSTRUTOR) para dar origem a um CONSTRUTO (objeto ou estrutura resultante da ação do CONSTRUTOR de trabalhar o MATERIAL). O CONSTRUTO pode ainda ter BENEFICIÁRIO (ser para o qual se faz o construto),

¹ Assumo aqui o argumento de Kövecses (2017) de que as metáforas mapeiam estruturas de conhecimento em diferentes níveis taxonômicos de esquematicidade, os quais, do mais esquemático para o mais específico, seriam *esquemas imagéticos, domínios, frames e espaços mentais*.

CONSEQUÊNCIAS (estado de coisas resultante da ação), DESCRIÇÃO (características do CONSTRUTO), LUGAR (espaço onde ocorre o ato e onde irá se localizar o CONSTRUTO) e TEMPO (momento da ação construtiva)² (COSTA, 2015).

O frame atua em conceptualizações que dão origem a expressões linguísticas literais e metafóricas. Consideremos “literais” os enunciados em que *construir* remete à conceptualização de elementos e relações pertencentes ao próprio domínio de CONSTRUÇÃO e CONSTRUIR. Esses usos são exemplificados pelos trechos (1) a (4), abaixo, extraídos do Corpus Brasileiro. “[U]m complexo cultural”, “aquela casa”, “uma usina hidrelétrica” e “os passeios públicos, as calçadas” são estruturas físicas que se admitem como pertencentes ao domínio CONSTRUÇÃO e que assumem a posição de CONSTRUTO no frame, sendo realizadas pela função sintática de objeto.

(1) “A Universidade Federal do Rio de Janeiro anunciou ontem que abrirá licitação para *construir* um complexo cultural em Botafogo (zona sul do Rio)...”

(2) “Ele *construiu* aquela casa sozinho, comprando tijolo por tijolo, e viveu lá por 30 anos.”

(3) “Perto delas existe também uma cachoeira, uma queda ou algum volume de água suficiente para que se *construa* uma usina hidrelétrica para abastecê-la e, muitas vezes, para abastecer toda a região.”

(4) “Para que haja um deslocamento com qualidade, devem-se (re)*construir* os passeios públicos, as calçadas, pois muitos deles se encontram desnivelados ou são feitos com materiais escorregadios, ...”

Por sua vez, consideremos “metafóricos” os enunciados em que *construir* evoca o domínio fonte para conceptualizar relações e elementos categorizados em outros domínios. Uma metáfora já entrincheirada no português brasileiro é aquela na qual

² Os termos em versalete são etiquetas metalinguísticas de entidades conceptuais, por isso, não são flexionados e só são acompanhados de artigo quando a naturalidade do texto exige.

CONSTRUIR serve de domínio fonte para conceptualizar outras atividades que, mais esquematicamente, também são CRIAR. O mapeamento CRIAR É CONSTRUIR se materializa em enunciados como (5) a (7) abaixo, retirados do Corpus Brasileiro. Neles, *construir* evoca o domínio fonte no seu aspecto esquemático de juntar materiais e peças para formar algo³.

(5) “O genoma, um conjunto de instruções para *construir* um organismo humano, está...”

(6) “O deputado [...] *construiu* um relatório”

(7) “O sonho do homem de *construir* uma réplica perfeita de si mesmo nunca foi tão intenso como desde a invenção do computador...”

Os CONSTRUTO “um organismo humano”, “um relatório” e “uma réplica perfeita de si mesmo” são tão físicos quanto aqueles exemplificados de (1) a (4), mas pode haver casos em que a entidade construída é abstrata, como em “construir o progresso”. Porém, as ações conceptualizadas em (5) a (7) são efetivamente mais abstratas, pois o que está sendo metaforizado não é o CONSTRUTO em si, mas o processo de sua criação. Portanto, os excertos que evocam CRIAR É CONSTRUIR estão em crescente gradiência de metaforicidade em relação a outros usos metafóricos do verbo. Sintaticamente, os CONSTRUTO metafóricos também são realizados pela função de objeto, o que significa que elementos do domínio alvo da metáfora são realizados como objeto, enquanto o domínio fonte é evocado pelo verbo.

O mesmo ocorre em outras metáforas de construção, que geralmente têm conotações positivas e são usadas em diversas dimensões da vida social, de maneira

³ Existe a possibilidade teórica de interpretar esses usos não como expressões metafóricas, mas como extensões polissêmicas do verbo. Neste caso, a metáfora passaria a ser a motivação de um processo de acréscimo semântico inscrito na história do verbo, o que precisaria ser comprovado diacronicamente. Não é objetivo deste trabalho realizar esse tipo de investigação. Por ora, considere os usos em pauta como sendo metafóricos.

mais acentuada na política, onde servem de “moeda cultural e cognitiva” para gerar terrenos interpessoais compartilhados (CHILTON, 1996) nas tentativas de engajar os interlocutores em ações conjuntas (CROFT, 2010). A metáfora RELACIONAR É CONSTRUIR se assemelha à metáfora CRIAR É CONSTRUIR por conceptualizar um processo em que um elemento ou relação não existia em momento anterior à ação e passa a existir depois. No entanto, RELACIONAR É CONSTRUIR difere por seu construto ser uma relação humana ou uma entidade gregária abstrata. Esse uso é exemplificado pelas ocorrências (8) e (9), a seguir, presentes no corpus integral dos discursos de posse dos presidentes brasileiros de 1990 a 2016 (COSTA, 2015, 2017). Os CONSTRUTO “consensos” e “parcerias” podem ser categorizados como RELAÇÃO HUMANA. Assim, o estabelecimento da RELAÇÃO é dado como um processo de CONSTRUIR; por inferência a RELAÇÃO assumiria um caráter predial.

(8) “Temos de *construir* consensos que não eliminem nossas diferenças, nem apaguem os conflitos próprios das sociedades democráticas.” (Lula da Silva, 2007)

(9) “Com o Programa de Investimentos em Logística, demos um passo adiante, *construímos* parcerias com o setor privado, implementando um novo modelo de concessões que acelerou a expansão ...” (Dilma Rousseff, 2015)

Outra metáfora é MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, ilustrada por (10) e (11) abaixo, igualmente retirados dos discursos de posse presidencial. Nessa metáfora, CONSTRUIR é acionado para conceptualizar o processo de uma ENTIDADE COMPLEXA adquirir característica desejável que não possuía antes da ação do CONSTRUTOR. A interpretação usual para (10) e (11) é que “sociedade” e “Brasil” são CONSTRUTO preexistentes à ação do CONSTRUTOR que adquirem as propriedades de ser “livre, justa e soberana” e “efetivamente solidário e mais justo”. A possibilidade de comparação (“mais justo”) em posição análoga reforça o argumento de CONSTRUIR ser usado para

conceptualizar uma transformação. Se fosse um CONSTRUTO ou CARACTERÍSTICA que não existia antes, ele não poderia ser “mais justo”, ele seria apenas “justo”, como se vê em (10). Observe-se que o verbo *construir* evoca o domínio fonte, e os elementos do domínio alvo (o CONSTRUTO e sua DESCRIÇÃO_FINAL) são realizados pelo objeto seguido de modificadores adjetivais. Nas expressões linguísticas da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, se o objeto for realizado por um substantivo no singular, ele será comumente precedido de artigo indefinido; se plural, a presença de artigo parece ser atípica.

(10) “A Constituição da República, nos artigos que proclamam os nossos objetivos e os nossos princípios, encerra e resume a razão de ser do Estado Nacional. Essa razão é a de *construir* uma sociedade livre, justa e soberana ...” (Itamar Franco, 1992)

(11) “Reunimos hoje as condições para *construir* um Brasil efetivamente solidário e mais justo.” (Fernando Henrique Cardoso, 1999)

Certamente, essas metáforas são apenas uma amostra da gama de mapeamentos com CONSTRUIR, mas são as mais significativas para o caso que nos ocupa no momento. Merece atenção o fato de boa parte dos usos de *construir* no português brasileiro compartilhar a mesma sequência de classes de palavra, a saber [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo], em que os parênteses indicam a possibilidade de haver ou não um determinante, especialmente artigo indefinido. No lugar do adjetivo pode haver um sintagma equivalente, mas antecipo que esse uso não será explorado neste artigo. O quadro 1 reproduz partes de alguns excertos discutidos até agora, desta vez com indicação de metaforicidade, do número do exemplo e da segmentação por verbo, determinante (ou ausência dele), substantivo e adjetivo presentes no uso.

Quadro 1 – Segmentação inicial por metaforicidade e classes de palavra no uso.

metaforicidade	verbo	determinante	substantivo	adjetivo / sintagma adjetival
literal	(1) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>complexo</i>	<i>cultural</i>
literal	(2) <i>construa</i>	<i>uma</i>	<i>usina</i>	<i>hidrelétrica</i>
metafórico	(5) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>organismo</i>	<i>humano</i>
metafórico	(7) <i>construir</i>	<i>uma</i>	<i>réplica</i>	<i>perfeita</i>
metafórico	(8) <i>construir</i>		<i>consensos</i>	<i>que não eliminem nossas diferenças</i>
metafórico	(10) <i>construir</i>	<i>uma</i>	<i>sociedade</i>	<i>livre, justa e soberana</i>
metafórico	(11) <i>construir</i>	<i>um</i>	<i>Brasil</i>	<i>efetivamente solidário e mais justo</i>

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro permite inferir que a mesma sequência formal, extremamente comum no português, realiza estruturas conceptuais distintas. (2) “usina hidrelétrica” e (5) “organismo humano” instanciam processos diferentes daqueles observados em (7) “réplica perfeita” e (10) “sociedade livre, justa e soberana”. Nos dois primeiros casos, o adjetivo indica o tipo categorizador: usina do tipo hidrelétrico e organismo do tipo humano. Em (7), “perfeita” é a característica da réplica criada. Em (10), “livre, justa e soberana” descrever a modificação a ser sofrida por “Brasil”. Como o padrão ocorre tanto em usos literais quanto metafóricos, a metaforicidade não é um fator explicativo isolado. É preciso entender, então, qual é ou quais são as possíveis construções que o padrão realiza e como se dão as relações de uso a partir de um corpus suficientemente representativo do português brasileiro, de diferentes gêneros textuais em modalidades comparáveis.

3 Possíveis construções gramaticais com adjetivo

A Gramática de Construções modela as gramáticas das línguas humanas e seu papel na significação como uma rede de construções, estas definidas como pareamentos simbólicos de forma e significado, de diversos tamanhos e graus de complexidade, licenciados por esquemas cognitivos, os quais podem ser também de

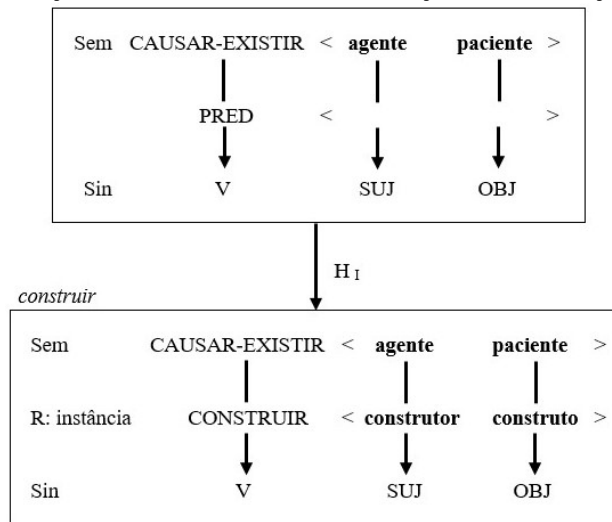
natureza metafórica (CROFT, 2007; FERRARI, 2011; GOLDBERG, 2006). As construções são idiomáticas na medida em que especificam sentidos não previsíveis a partir dos seus componentes, o que implica rejeitar o tratamento da gramática como uma combinação simbólica unicamente algorítmica. Nesse sentido, a construção pode ser inclusive um padrão semifixo, lexicalmente preenchido por um item específico. Uma das vantagens do modelo é postular que a própria construção traz significados distintos dos significados dos itens lexicais numa sentença, evitando a atribuição de sentidos implausíveis para os verbos (FERRARI, 2010). Na produção de sentido, itens lexicais e construções se inter-relacionam, de modo que a significação não é resultado exclusivo deste ou daquele.

Essa interação, para Goldberg (1995, 2006), parte distinção feita entre papéis argumentais e papéis participantes e é regida por princípios psicológicos linguístico-cognitivos. Os papéis participantes são os participantes relacionados ao frame evocado pelo verbo na sentença. Na notação da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), eles são indicados na linha R/PRED das caixas na Figura 1. Os itens lexicais relacionados a um frame o evocam a partir de perspectivas distintas da cena experiencial, perfilando (colocando em planos gestálticos de figura e fundo) certos aspectos ou elementos. O verbo *construir* evoca o frame CONSTRUIR, descrito anteriormente, e coloca em plano principal os elementos de frame CONSTRUTOR e CONSTRUTO.

Já os papéis argumentais são parte do significado da construção e representam os possíveis lugares estruturais previstos na construção, os quais podem ou não ser previstos pelo verbo. Análises de outros campos teóricos (AMARAL; CANÇADO, 2014) nos informam que *construir* tende a ser bieventivo e a ocorrer em contexto de transitividade, com argumento agente. Nos termos da Gramática de Construções, espera-se que *construir* ocorra com construções causativas. As causativas têm os papéis básicos de AGENTE e PACIENTE numa relação de CAUSAR-EXISTIR, indicados na linha

“Sem” na Figura 1. Esses papéis argumentais são realizados por funções gramaticais, especificadas na parte formal da construção, na linha “Sin”. As funções gramaticais da construção causativa são o V(erbo) predador *construir*; o SUJ(eito), que realiza o AGENTE; e o OBJ(eto), ligado ao PACIENTE.

Figura 1 – Construção transitiva causativa e herança de instanciação com *construir*.



Fonte: figura elaborada pelo autor.

O processo de “fusão” de um verbo a uma construção se refere ao atendimento mútuo e simultâneo de restrições semânticas entre papéis participantes e argumentais. Os papéis são compatíveis para fusão quando um pode ser categorizado como instância do outro e vice-versa (“princípio de coerência semântica”)⁴. O verbo *construir*, ao fundir-se com a construção causativa, especificaria a construção por instanciação, o que é indicado por H₁ na linha que liga as caixas na Figura 1. Logo, a frase inventada “Os pedreiros construíram a casa bem rápido” seria gerada pela fusão entre a construção causativa e o frame CONSTRUIR, tendo o verbo *construir* na relação

⁴ Na Figura 1, o princípio de coerência é representado graficamente pela linha vertical negritada entre a linha Sem e a linha R. Se o papel for contribuição da construção, mas não do verbo, a linha é pontilhada. Os papéis colocados em posição de figura são marcados pelo negrito nas glosas, deixando sem negrito os não perfilados. A linha R serve para indicar qual o tipo de relação que o verbo estabelece para integrar-se à construção.

de predicador; o CONSTRUTOR “Os pedreiros” como sujeito fundido ao papel argumental AGENTE; e o CONSTRUTO “a casa” como objeto fundido ao papel PACIENTE.

Assumindo essa visão de gramática, existem duas alternativas teóricas principais para descrever o que o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] realiza. A primeira possibilidade é afirmar que *construir* se funde a uma construção causativa e que o padrão realiza o objeto do verbo, com adjunção incidindo sobre o objeto. Isto é, o objeto é realizado por outra construção que forma um sintagma nominal. Essa interpretação está graficamente representada na caixa superior da Figura 2, adiante, e correspondente a análises possíveis dos exemplos (12) e (13):

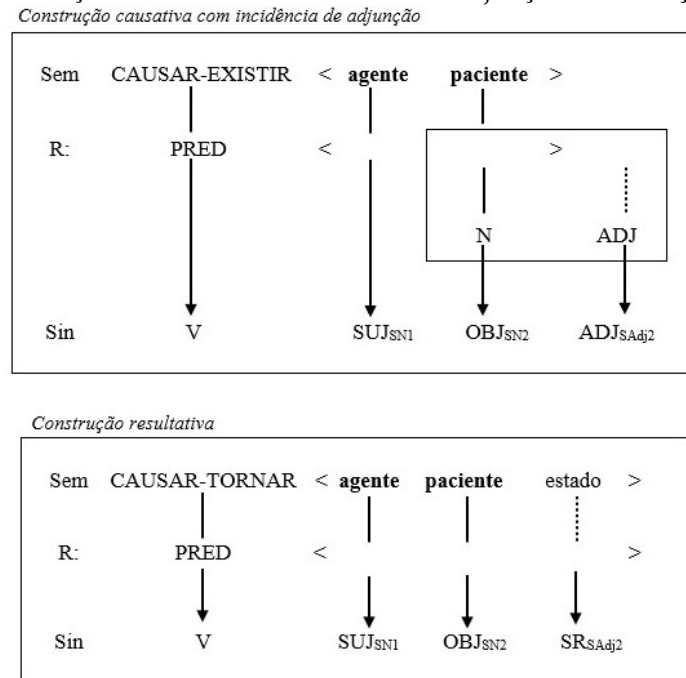
(12) “... as eleições não podem terminar com a celebração dos vencedores e o desânimo dos vencidos, mas, sim, com a renovação da confiança de todos, irmanados pela vontade de *construir* [[um País_N] [melhor, mais justo e mais feliz_{ADJ}] OBJ].” (Fernando Collor, 1990)

(13) “Chega de construir [[escolas_N] [faraônicas_{ADJ}] OBJ] e depois enchê-las de professores mal pagos e mal preparados, junto com estudantes desmotivados e sem condições materiais e psicológicas para terem um bom aproveitamento.” (Fernando Henrique Cardoso, 1995)

Nesse raciocínio, os ADJ “melhor, mais justo e mais feliz” e “faraônicas” nos exemplos instanciam o elemento DESCRIÇÃO do frame CONSTRUIR, de maneira que tanto o enunciado metafórico (12) quanto o enunciado literal (13) vêm da mesma construção gramatical. A interpretação de que o trecho (12) expressa a metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR ocorreria em outro plano conceptual. Seria a partir do conhecimento evocado pelo verbo e pelos demais itens lexicais que ocupam as posições de predicador (“construir”), de CONSTRUTO (“um País”) e DESCRIÇÃO (“melhor, mais justo e mais feliz”), os quais o falante categoriza em domínios

conceptuais e temporais distintos⁵. Assim, nessa explicação, a construção participa da metáfora de maneira delimitada. A construção organiza gramaticalmente os participantes da metáfora, mas a indicação de que o ADJ (“melhor, mais justo e mais feliz”) é resultado de uma transformação não está presente na construção em si.

Figura 2 – Construção causativa com incidência de adjunção e construção resultativa.



Fonte: figura elaborada pelo autor.

A segunda explicação possível é afirmar que o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode realizar duas construções. A primeira seria a construção causativa com incidência de adjunção descrita até o momento, correspondente aos usos literais e metafóricos em que o adjetivo não indica resultado de modificação, como em “construir uma casa nova”, “construir escolas faraônicas” e “construir um organismo humano”. Por sua vez, expressões metafóricas de MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, como “construir um País melhor”, seriam estruturadas por

⁵ O que caracteriza uma metáfora é justamente o fato de os falantes categorizarem esses elementos em domínios conceito-experienciais distintos e realizarem mapeamentos e projeções entre eles.

uma construção resultativa ou análoga à resultativa, que está graficamente representada na caixa inferior da Figura 2. As construções resultativas tradicionalmente se caracterizam por ter os papéis argumentais de AGENTE, PACIENTE e ESTADO, numa relação em que o AGENTE causa o PACIENTE a adquirir determinado ESTADO. Esses papéis argumentais, indicados na linha “Sem”, são realizados respectivamente pelas funções gramaticais sujeito, objeto e sintagma resultativo, indicados na linha “Sin”.

Com isso, a análise do exemplo (12) seria refeita na forma (12') a seguir. “Um País” passa a ser o objeto, que realiza o papel participante CONSTRUTO e o papel argumental PACIENTE. “Melhor, mais justo e mais feliz” passa a ser um sintagma resultativo, que realiza o papel participante DESCRIÇÃO e o papel argumental ESTADO. Nessa segunda explicação, a construção não só organiza gramaticalmente os participantes da metáfora, mas também indica que o adjetivo ou sintagma adjetival deve ser interpretado como resultado de transformação. A construção gramatical e os processos conceptuais metafóricos evocados pelos itens lexicais forneceriam informação dupla na metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR. Já os enunciados literais e os metafóricos do tipo CRIAR É CONSTRUIR seriam estruturados por construções causativas.

(12') “... as eleições não podem terminar com a celebração dos vencedores e o desânimo dos vencidos, mas, sim, com a renovação da confiança de todos, irmanados pela vontade de *construir* [um País OBJ] [melhor, mais justo e mais feliz SR].”

No entanto, existe um longo debate em várias correntes teóricas dos estudos sintáticos (por exemplo, FOLTRAN, 1999; LOBATO, 2004; MARCELINO; OLIVEIRA, 2015; RECH, 2007; RIBEIRO, 2015) sobre a existência de construções resultativas no português brasileiro. O que chamei de construção resultativa parece ser o que se chama de “falsa resultativa”, pois as “resultativas verdadeiras” semelhantes às encontradas

em outras línguas, como o inglês, têm baixa aceitabilidade por falantes do português brasileiro (MARCELINO; OLIVEIRA, 2015; RIBEIRO, 2015). Estabelecer ou rejeitar a existência dessa construção tal qual descrita pelos autores extrapola meu objetivo neste artigo. Os enunciados analisados aqui são ocorrências autênticas do português brasileiro atestadas em corpus, portanto, sua aceitabilidade não está em questão. As possíveis explicações dadas para as estruturas gramaticais dos usos reais de *construir* dependem, é claro, da existência das construções apresentadas, mesmo que uma delas não seja denominada “resultativa”.

Qualquer que seja a explicação que se prove adequada no futuro, a Gramática de Construções permite afirmar que ocorrências literais e metafóricas de *construir* com o bloco [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo] têm o caráter de padrão construcional semifixo. Por terem a mesma sequência formal, a distinção entre os usos tende a ser feita observando como se interpreta e emprega o adjetivo presente ali. Em modelos baseados no uso, a repetição tem papel importante na convencionalização de sequências gramaticais (BYBEE, 2013). Analisar a frequência de uso pode dar indícios da estrutura linguística e, por conseguinte, de processos conceituais. Este estudo se valeu de algumas ferramentas básicas da Linguística de Corpus para verificar de maneira exploratória a frequência das expressões literais e metafóricas do verbo *construir* com a sequência formal; do valor do adjetivo no enunciado e das correlações com situações de uso.

4 Procedimentos metodológicos para levantamento em corpus

Stefanowitsch e Gries (2003, 2009) argumentaram que, ao tratar a construção como todo estruturado, com graus de idiomaticidade, a Gramática de Construções aproximou a análise da gramática ao estudo do léxico. Conseqüentemente, a gramática se tornou mais acessível à investigação com os recursos de que a Linguística de Corpus dispõe. O uso de linguagem de consulta em corpus (*corpus query language*, CQL) e de

expressões regulares permite buscar sequências definidas com um lema e ainda eliminar construções intervenientes ou palavras gramaticais que não sejam diretamente relevantes para a análise. Cognitivamente, a frequência de token pode informar estudos sobre o grau de entrenchamento (GRIES, 2012) de um mapeamento metafórico ou de motivação do gênero textual e da situação para a metáfora e para a fusão de um verbo a uma construção.

O Corpus Brasileiro (SARDINHA, 2014; SARDINHA *et al.*, 2010) corresponde às possibilidades e às necessidades por ser um corpus de referência do português brasileiro, estar lematizado e etiquetado por classe de palavra e conter aproximadamente 871 mil palavras, 1,1 bilhão de tokens e 3,6 milhões de lemas. O Corpus Brasileiro está disponível na plataforma e ferramenta multicorpora privada SketchEngine (LEXICAL COMPUTING, 2019) e integra majoritariamente textos escritos (92,4%), divididos em cinco subcorpora de temas políticos, jornalísticos, acadêmicos, literários e religiosos. A pesquisa se restringiu aos subcorpora político, jornalístico e acadêmico. Os textos literários e religiosos não foram investigados porque cada um corresponde a menos de 1% do Corpus Brasileiro, o que viesaria a comparação com as demais seções. Além disso, embora o “impulso alegórico” humano (GIBBS JR, 2011) possa se expressar quotidianamente em várias situações (GIBBS JR; OKONSKI, 2018), textos literários e religiosos parecem ter maior probabilidade *a priori* de operar no campo da alegoria, o que acrescentaria um plano de análise fora do objetivo exploratório do estudo.

Nesse escopo, o primeiro procedimento foi levantar as frequências absoluta e normalizada do verbo *construir* em cada segmento do Corpus Brasileiro, usando o comando de CQL [lemma="construir"] na aba “Concordance” da plataforma SketchEngine. A etapa seguinte consistiu da elaboração de uma linha de consulta CQL precisa, correspondente ao padrão de classes de palavra que realiza as funções gramaticais das construções abordadas na seção anterior deste artigo. Cada classe de

palavra das funções foi codificada para gerar a CQL obedecendo ao conjunto de etiquetas (*tagset*) do Corpus Brasileiro no SketchEngine (JAKUBÍČEK *et al.*, 2010), como mostrado no Quadro 2. Observe-se que esse comando CQL busca ocorrências apenas com o verbo *construir*; sem especificação do sujeito; com ou sem determinante antes do substantivo; e exclui os casos de sintagmas oracionais na função de adjunto (ADJ) ou sintagma resultativo (SR).

Quadro 2 – Linha de comando CQL usada para busca do padrão com construir.

Função gramatical	Exemplo de uso	Classes de palavra correspondentes		Codificação CQL
V	<i>construir</i>	verbo	→	[lemma="construir"&tag="V"]
OBJ	<i>um</i>	determinante	→	[tag="DET"]?
	<i>país</i>	substantivo	→	[tag="NOM"]
ADJ / SR	<i>melhor</i>	adjetivo	→	[tag="ADJ"]

Linha de comando completa: [lemma="construir"&tag="V"] [tag="DET"]? [tag="NOM"] [tag="ADJ"]

Fonte: elaborado pelo autor.

A linha de comando CQL completa foi utilizada para levantar as frequências absoluta e normalizada de *construir* com o padrão gramatical nos subcorpora acadêmico, jornalístico e político. Como será mostrado na seção 5, o número absoluto de ocorrências dessa etapa foi alto, inviabilizando uma inspeção humana completa. A decisão tomada foi obter amostras aleatórias pequenas, de 50 ocorrências do alvo, em cada subcorpus, utilizando as ferramentas disponíveis no SketchEngine⁶. As amostras

⁶ Recentemente, o SketchEngine introduziu recursos que visam a reprodutibilidade das pesquisas com amostras aleatórias. Ao solicitar uma amostra aleatória, o usuário recebe uma explicação sobre amostragens seguida do aviso: “Uma amostra aleatória com o mesmo número de linhas geradas a partir da mesma concordância sempre produzirá exatamente as mesmas linhas de concordância. Esse comportamento é intencional, para que diferentes usuários (p. ex. alunos) possam seguir os mesmos passos e chegar ao mesmo resultado. Para gerar uma amostra diferente, um número diferente deve ser usado. Estabelecer o valor para 201 ao invés de 200 gerará uma amostra completamente diferente.” (LEXICAL COMPUTING, 2019, tradução minha).

de cada subcorpus foram salvas em planilhas de formato .xls e anotadas manualmente com base em critérios binários: (a) se a expressão era literal ou metafórica; e (b) se o adjetivo podia ou não ser semanticamente interpretado como resultado da transformação do objeto.

Realizada a leitura e análise das linhas de ocorrência, os dados foram quantificados. Os números foram tabulados e a tabulação foi usada para gerar gráficos comparativos. Usando a calculadora online UCREL (HARDIE, s.d.), a significância estatística foi medida por meio do teste exato de Fisher. Ao contrário do teste χ^2 (qui-quadrado), o teste de Fisher é exato por não recorrer a uma tabela de referência para afirmar a significância. Para Stefanowitsch e Gries (2003), por ser menos suscetível a células com baixa frequência numa tabela de contingência, o teste abarca uma gama maior de resultados, sendo que o valor p não deve ser considerado em termos absolutos, mas como indicador da importância relativa. Então, os dados foram reunidos e interpretados em vistas do objetivo do estudo.

5 Correlações de uso do padrão com o verbo *construir*

Ao seguir esses passos, verifiquei que, no Corpus Brasileiro, o verbo *construir* tem frequência absoluta maior no subcorpus acadêmico (N=41.231) do que nos subcorpora jornalístico (N=14.809) e político (N=9.979). As frequências absolutas e normalizadas por milhão dadas pelo SketchEngine estão dispostas na Tabela 1. A ordem decrescente de frequência absoluta do item lexical nos subcorpora é idêntica à ordem decrescente de tamanho dos subcorpora do Corpus Brasileiro: acadêmico (53,23%); jornalístico (23,45%) e político (7,64%). Porém, a frequência normalizada por milhão evidencia o uso acentuado do verbo *construir* nos gêneros textuais-discursivos da esfera política, evidenciando algumas observações feitas na seção 2 sobre o domínio CONSTRUÇÃO.

Tabela 1 – Frequência absoluta e normalizada do verbo *construir* em cada subcorpus.

Frequência \ Subcorpus	Político	Acadêmico	Jornalístico
Absoluta	9.979	41.231	14.809
Normalizada (milhão)	115	68	56

Fonte: elaborada pelo autor com os resultados dados pela ferramenta SketchEngine para a busca com a CQL [lemma="construir"].

A linha de CQL completa foi aplicada a cada subcorpus para verificar as frequências do verbo com o padrão [substantivo + (determinante) + substantivo + adjetivo]. Os resultados dessa segunda etapa refletem parcialmente a busca geral pelo verbo no Corpus Brasileiro. Por frequência normalizada, o padrão gramatical alvo com *construir* ocorre mais no subcorpus político (NN=14) do que no acadêmico (NN=7) e no jornalístico (NN=5), como a Tabela 2 permite verificar. Isso significa que, dos usos gerais do verbo *construir*, 12,5% no subcorpus político, 10,2% no acadêmico e 8,8% no jornalístico têm exatamente o padrão buscado, que é restritivo e elimina estruturas intervenientes. Esses dados também permitem supor que o ambiente político favorece a evocação do domínio de CONSTRUÇÃO e CONSTRUIR, reforçando a percepção de que o domínio é ligado às relações sociais complexas e a bens coletivamente almejados.

Tabela 2 – Frequência absoluta e normalizada do padrão gramatical com *construir*.

Frequência \ Subcorpus	Político	Acadêmico	Jornalístico
Absoluta	1.250	4.206	1.318
Normalizada (milhão)	14	7	5

Fonte: elaborada pelo autor com os resultados dados pela ferramenta SketchEngine para a busca com o comando CQL completo.

Quantos desses usos são metafóricos e em quantos o adjetivo é semanticamente resultativo? As amostras aleatórias de 50 linhas de concordância para cada subcorpus foram anotadas em planilhas .xls primeiramente por metaforicidade (se o enunciado

era literal ou metafórico). A distinção foi feita considerando se os elementos na posição de objeto podem ser categorizados estritamente fora ou dentro do domínio de construção, como apresentei anteriormente. Exemplos de ocorrências consideradas literais incluem “construir um assentamento judaico” e “construirmos escolas novas”; enquanto as metafóricas englobam “construir esse tempo novo” e “parasse de construir labirintos conceituais”.

Os resultados do levantamento de metaforicidade atenuam de alguma forma as suposições feitas até agora. Das 150 linhas de concordância analisadas, 114 ocorrências foram classificadas como metafóricas e 36 como literais, o que equivale a 76% de enunciados metafóricos e 24% literais. O subcorpus com a maior presença de ocorrências metafóricas⁷ foi o de textos acadêmicos (86%; N=43), seguido dos políticos (76%; N=38) e dos jornalísticos (66%; N=33), como se depreende da Tabela 3. O gênero textual-discursivo se mostrou um fator relativamente significativo para a proporção de uso metafórico ou não, pois os dados da Tabela 3 submetidos ao teste exato de Fisher apresentaram $p=0,07562574$.

Tabela 3 – Distribuição de metaforicidade de *construir* com o padrão por subcorpus.

Subcorpus Metaforicidade	Político	Acadêmico	Jornalístico
Metafórico	38 (76%)	43 (86%)	33 (66%)
Literal	12 (24%)	7 (14%)	17 (34%)

Fonte: elaborada pelo autor com resultados da anotação de metaforicidade nas amostras do corpus com a linha de comando CQL completa. Em parênteses, encontra-se a porcentagem das ocorrências.

Na etapa seguinte, as amostras foram anotadas considerando se o adjetivo da construção poderia ou não ser interpretado como indicando a transformação de uma característica do CONSTRUTO. “[V]ão construir um mundo novo” e “construiu um país

⁷ Os dados foram analisados e tabulados sem necessidade de normalização, porque as amostras aleatórias de cada subcorpus tinham todas o mesmo tamanho (cinquenta linhas de concordância).

grande” ilustram ocorrências classificadas como resultativas, enquanto “construir um avião comercial” e “construir vantagem competitiva” como não resultativas. Note-se que, quando o adjetivo indica transformação, está teoricamente pressuposta a metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, porque, como afirmei anteriormente, a expectativa de nível básico é o verbo *construir* evocar um esquema de causatividade mais diretamente afinado com metáforas do tipo CRIAR É CONSTRUIR e RELACIONAR É CONSTRUIR. Conseqüentemente, havendo duas construções para explicar o padrão, se o adjetivo é “não resultativo”, a construção correspondente será a causativa.

Das 150 ocorrências analisadas, o adjetivo foi tratado como “resultativo” em 40 delas e como “não resultativo” em 110, o que equivale a 26,7% de adjetivos “resultativos” e 73,3% “não resultativos”. O subcorpus com a maior presença de adjetivos interpretados como resultativos foi o político (38%; N=19), uma vez que nos outros dois subcorpora os resultados foram próximos, respectivamente 20% (N=10) no acadêmico e 22% (N=11) no jornalístico, como se infere da Tabela 4. A significância desses dados segundo o teste exato de Fisher é de $p=0,09599225$.

Tabela 4 – Distribuição de resultatividade do adjetivo no padrão com *construir*.

Subcorpus Resultatividade	Político	Acadêmico	Jornalístico
Resultativo	19 (38%)	10 (20%)	11 (22%)
Não resultativo	31 (62%)	40 (80%)	39 (78%)

Fonte: elaborada pelo autor com resultados da anotação de resultatividade nas amostras. Números em parênteses são a porcentagem das ocorrências no subcorpus.

Ficam mais claras as questões de significado construcional envolvidas nos usos metafóricos e não metafóricos de *construir* com o padrão gramatical se combinamos os dois achados anteriores. A Tabela 5 abaixo apresenta a correlação da contagem de ocorrências com base nas informações linguístico-cognitivas (“variáveis internas”) e no gênero textual-discursivo (“variáveis externas”), seguidos de exemplo prototípico

em cada caso. A proporção dos cruzamentos dessas características em cada subcorpus é mais bem visualizada no Gráfico 1. A significância estatística desse cruzamento não pôde ser medida, porque a calculadora UCREL (HARDIE, s.d.) não responde a dados com uma linha ou coluna inteira de 0 ocorrências, pois a realização do teste exato de Fisher depende da existência de observações válidas para cada grupo – e aqui não há observações consideradas válidas para um deles.

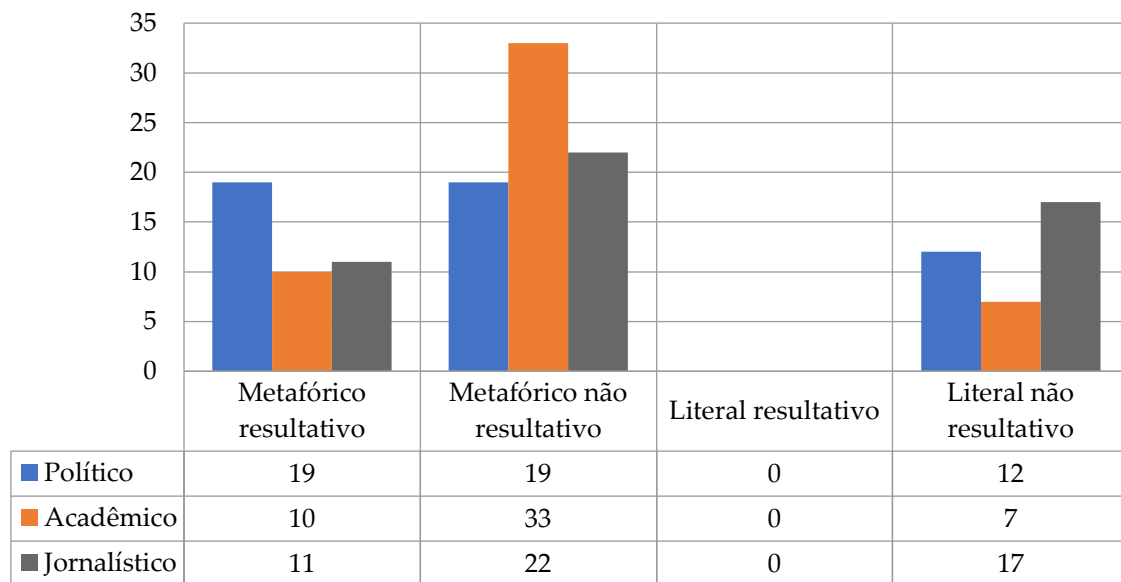
Tabela 5 – Correlação entre metaforicidade de *construir*, resultatividade do adjetivo e subcorpus

Variáveis internas		Variáveis externas			Exemplos prototípicos
Metaforicidade	Resultatividade	Político	Acadêmico	Jornalístico	
Metafórico	Resultativo	19 (38%)	10 (20%)	11 (22%)	<i>construir um país melhor</i> (MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR)
	Não resultativo	19 (38%)	33 (66%)	22 (44%)	<i>construir um organismo humano</i> (CRIAR É CONSTRUIR)
Literal	Resultativo	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	–
	Não resultativo	12 (24%)	7 (14%)	17 (34%)	<i>construir uma escola nova</i>

Fonte: elaborada pelo autor com resultados das anotações de metaforicidade e resultatividade do adjetivo nas amostras. Números em parênteses são a porcentagem das ocorrências no subcorpus.

Salientam-se as diferenças de proporção dos usos de *construir* com o padrão construcional nos contextos representados pelos gêneros textuais-discursivos dos subcorpora. O verbo se funde à(s) construção(ões) com adjetivo de valor resultativo com mais frequência no subcorpus político (38%) do que nos subcorpora acadêmico (20%) e jornalístico (22%). Esse uso se refere a instâncias da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, como “podemos efetivamente construir um mundo melhor”. Por isso sua prevalência no discurso político não surpreende, pois, de longa data, a sociologia argumenta que poder e ser capaz de transformar a realidade estão no coração da vida política coletiva (ARENDDT, 1958; GEUSS, 2010).

Gráfico 1 – Proporções entre metafóricidade de construir, resultatividade do adjetivo e subcorpus.



Fonte: elaborado pelo autor.

Já os usos metafóricos não resultativos são relativos às metáforas RELACIONAR É CONSTRUIR (“construir relacionamentos amorosos”) e CRIAR É CONSTRUIR (“construir modelos empíricos”), nos quais *construir* é evocado causativamente. Eles foram mais prevalentes no subcorpus acadêmico (66%) do que nos subcorpora jornalístico (44%) e político (38%), o que se explica pelos CONSTRUTOS serem discutivelmente mais abstratos em textos acadêmicos, requerendo metaforização como recurso conceptualizador: “proposta interdisciplinar”, “identidade nacional”, “moral completa”, “modelos matemáticos” entre outros. Isso se adiciona ao senso comum de que os discursos acadêmicos e jornalísticos devam ser mais explícitos sobre a causação de eventos e sobre a definição de sobre o quê se age, de modo que a construção causativa usada nessas ocorrências está em sintonia com a metáfora empregada. Por sua vez, os usos literais não resultativos (“construir o porto interno de Suape”, “construir trecho novo de 50 km”) se valem do frame CONSTRUIR em nível básico e são mais frequentes nos textos jornalísticos (34%) e políticos (24%) do que nos acadêmicos (14%).

Importante destacar que não encontrei nos dados ocorrências de *construir* que pudessem ser qualificadas como “literais” nas quais o adjetivo indique resultatividade

semântica. Por exemplo, se digo “construir uma escola nova”, *nova* não é interpretado como a característica adquirida pela escola devido a uma transformação causada pelo AGENTE / CONSTRUTOR. Por quê? Os usos literais de *construir* evocam o domínio de CONSTRUIR em nível básico de causatividade, que é incompatível com a resultatividade tanto da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR quanto de uma construção resultativa (cf. as diferenças nas linhas “Sem” das caixas nas Figuras 1 e 2). Embora tenha apenas a ausência de evidência e não a evidência de ausência, pressuponho que haja restrições cognitivas que inviabilizam esse tipo de ocorrência de modo geral. Esse conjunto de dados traz indicações sobre o papel da construção gramatical na metáfora e sobre eventuais perguntas ao conhecimento existente.

6 Considerações finais

O verbo *construir* fundido ao padrão [verbo + (determinante) + substantivo + adjetivo] pode estar relacionado a uma ou duas construções gramaticais, dependendo se se admite a existência de construções causativas e resultativas ou apenas de causativas, para instanciar enunciados literais e metafóricos. Argumentei acima que essas ocorrências estão num gradiente que vai da evocação literal do frame CONSTRUIR até a metaforicidade respectivamente crescente de CRIAR É CONSTRUIR, RELACIONAR É CONSTRUIR e MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR. Nesse sentido, observe-se que as expressões metafóricas exibem o mesmo caráter idiomático de semifixidez postulado para as construções gramaticais. Essa característica incorpora a expectativa de uso em determinados contextos, como atestam as proporções de ocorrência nos diferentes gêneros textuais-discursivos nos subcorpora do Corpus Brasileiro. Por exemplo, o padrão “construir um [X] melhor” se associa mnemonicamente ao contexto político.

Se um mesmo padrão construcional realiza estruturações conceituais distintas, uma das problemáticas que orientou o estudo foi como o adjetivo presente na construção é interpretado. Não foram encontradas ocorrências literais de *construir*

naquele padrão com adjetivos de semântica resultativa ou com adjetivos que instanciam parte de uma construção resultativa. Esse uso parece ser impossibilitado por restrições semânticas mútuas. Os demais usos literais de *construir* e as metáforas CRIAR É CONSTRUIR e RELACIONAR É CONSTRUIR são fundidas a construções causativas com adjunção incidindo sobre o objeto. O caso complexo é o da metáfora MODIFICAR ENTIDADE É CONSTRUIR, em que o ADJ pode ser explicado como elemento de uma construção resultativa à qual a metáfora se funde ou como sendo uma adjunção de uma construção causativa. Aceita apenas a existência da construção causativa, uma alternativa é postular que apenas a metáfora indica ao falante como o adjetivo deve ser interpretado nessas situações, limitando o papel da construção nisso. Esta é uma pergunta em aberto e os dados não permitem afirmar nenhuma das opções.

Por outro lado, os dados são coerentes com as duas principais teses propostas por Sullivan (2013) sobre a relação entre construções gramaticais e metáforas. Segundo a autora, “as palavras devem ocorrer em um contexto gramatical específico a fim de serem interpretadas metaforicamente” (SULLIVAN, 2013, p. 3, tradução minha), haja vista que as “construções contingenciam quais palavras nesses sintagmas ou orações podem vir do domínio fonte de uma dada metáfora, e quais do domínio alvo da metáfora” (*ibidem*, p. 6, tradução minha). O verbo *construir* serve como evocador do domínio fonte, enquanto os adjetivos encontrados neste estudo se restringem ao domínio alvo da metáfora e sua importância está em permitir aos falantes conceptualizar mudanças enquanto construções e enfatizar avaliações do CONSTRUTO direcionando a atenção dos interlocutores nas ações conjuntas. No entanto, as lacunas explicativas que apresentei anteriormente permitem inferir que a relação entre metáfora e construção é menos trivial do que as teses de Sullivan (2013) dão a entender à primeira vista.

Apesar de as interpretações apresentadas serem de natureza empírica e virem de usos autênticos do português, elas se limitam a um método dependente da

introspecção de um único avaliador (*single rater*) sobre amostras pequenas extraídas de gêneros textuais-discursivos formais escritos, por isso, reafirmo que o estudo teve um caráter exploratório e que os seus resultados ensejam pesquisas complementares. Nesse sentido, a literatura ainda carece de mais estudos robustos sobre a interação entre metáforas e construções e sobre os limites dessa interação. Como se pressupõe que ambas têm realidade cognitiva, estudos experimentais também serão importantes para esclarecer *como* se processa a interação entre elas na produção e na recepção.

Agradecimentos

Sou grato à Sueli Maria Coelho e à Heliana Ribeiro de Mello pelos comentários sobre minhas primeiras pesquisas no assunto. Agradeço à Lacey Okonski pelo *feedback* valioso sobre uma versão anterior deste artigo. Mesmo que os dados e o texto tenham sido totalmente revisados e aumentados depois desses comentários, é válido o aviso costumeiro de que o estudo é da minha inteira responsabilidade. Devo também agradecimento ao Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) pelos afastamentos remunerados em que fiz a pesquisa e escrevi o texto (Processos nº 23503.000753/2018-97 e n.º 23503.000948/2018-37).

Referências Bibliográficas

AMARAL, L. L.; CANÇADO, M. Verbos de criação do português brasileiro: classificação e representação lexical. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 51-73, 2014.

ARENDDT, H. **The human condition**. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 52-66. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0004>

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. DOI <https://doi.org/10.1057/9780230000612>

CHILTON, P. **Security metaphors: Cold War discourse from containment to common house**. New York: Peter Lang, 1996.

COSTA, V. C. **A palavra Brasil em discursos de posse presidencial da Nova República: panorama sociocognitivo (1990-2011)**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras; Teoria literária e crítica da cultura) – Programa de Mestrado em Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, 2015. DOI <https://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.27541.78561>

COSTA, V. C. A cultura das metáforas e frames de construção em discursos de posse presidencial brasileiros. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO*, 6., 2017, Salvador. **Caderno de Resumos do [...]**. Salvador: UESB, UFBA, UNEB, 2017, p. 35.

CROFT, W. Construction Grammar. *In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. *In: HOGAN, P. (ed.). The Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 1-11.

DEIGNAN, A. A gramática das metáforas linguísticas. *In: SHEPHERD, T.; SARDINHA, T. B.; PINTO, M. V. (org.). Caminhos da Linguística de Corpus*. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 65-86.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, p. 149-165, 2010.

FOLTRAN, M. **As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos**. 1999. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GEUSS, R. **Politics and imagination**. Princeton, NJ: Princeton University Press.

GIBBS JR, R. The allegorical impulse. **Metaphor and Symbol**, v. 26, n. 2, p. 121-130, 2011. DOI <https://doi.org/10.1080/10508406.2011.556498>

GIBBS JR, R.; OKONSKI, L. Cognitive poetics of allegorical experience. *In*: CSÁBI, S. (ed.). **Expressive minds and artistic creations: studies in Cognitive Poetics**. New York: Oxford University Press, 2018. p. 33-53. DOI <https://doi.org/10.1093/oso/9780190457747.003.0003>

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GRIES, S. Corpus Linguistics, theoretical linguistics, and cognitive / psycholinguistics: towards more and more fruitful exchanges. *In*: MURKHERJEE, J.; HUBER, M. (ed.). **Corpus Linguistics and variation in English**. Amsterdam: Rodolpi, 2012. p. 41-63. DOI https://doi.org/10.1163/9789401207713_006

HARDIE, A. **UCREL Significance Test System**. Disponível em: <http://corpora.lancs.ac.uk/sigtest/>. Acesso em: maio 2019.

HELLÍN-GARCÍA, M. J. Legitimization and delegitimization strategies on terrorism: a corpus-based analysis of building metaphors. **Pragmatics**, v. 23, n. 2, p. 301-330, 2013. DOI <https://doi.org/10.1075/prag.23.2.05hel>

JAKUBÍČEK, M.; KILGARRIFF, A.; MCCARTHY, D.; RYCHLÝ, P. Fast syntactic searching in very large corpora for many languages. *In*: PACIFIC ASIA CONFERENCE ON LANGUAGE, INFORMATION AND COMPUTATION, 24, 2010. Sendai. **Proceedings of the [...]**. [s.l.]: Institute of Digital Enhancement of Cognitive Processing, Waseda University, 2010. p. 741-747. Disponível em: <https://www.aclweb.org/anthology/Y10-1086>. Acesso em: dez. 2018.

KÖVECSES, Z. Levels of metaphor. **Cognitive Linguistics**, v. 28, n. 2, p. 321-347, 2017. DOI <https://doi.org/10.1515/cog-2016-0052>

KÖVECSES, Z. **Metaphor: an introduction**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LEDERER, J. Lexico-grammatical alignment in metaphor construal. **Cognitive Linguistics**, v. 30, n. 1, p. 165-203, 2019. DOI <https://doi.org/10.1515/cog-2017-0135>

LEXICAL COMPUTING. **SketchEngine**. Plataforma multicorpora e ferramenta de análise de textos. Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>. Acesso em: maio 2019.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? *In*: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. de. (org.). **Sentido e Significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 142-179.

LU, L.W.; AHRENS, K. Ideological influence on BUILDING metaphors in Taiwanese presidential speeches. **Discourse and Society**, v. 19, n. 3, p. 383-408, 2008. DOI <https://doi.org/10.1177/0957926508088966>

MARCELINO, M.; OLIVEIRA, C. S. F. A construção resultativa verdadeira em português brasileiro. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 47, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i47.40>

RECH, N. A formação de construções resultativas no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 49, n. 1, p. 79-100, 2007. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v49i1.8637248>

RIBEIRO, R. M. P. As construções resultativas nas línguas românicas: um estudo com base na Gramática Cognitiva de Construções. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 95-113, 2015. DOI <http://dx.doi.org/10.17851/2238-3824.20.2.95-113>

SARDINHA, T. B. Looking at collocations in Brazilian Portuguese through the Brazilian Corpus. *In*: SARDINHA, T. B.; FERREIRA, T. (ed.). **Working with Portuguese Corpora**. London: Bloomsbury, 2014, p. 9-32.

SARDINHA, T. B.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBER, E. **Manual do Corpus Brasileiro**. São Paulo: Fapesp, 2010. Disponível em: www.linguateca.pt/Repositorio/manual_cb.pdf. Acesso em: 25 nov. 2019.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Collostructions: investigating the interaction of words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, v. 8, n. 2, p. 209-243, 2003. DOI <https://doi.org/10.1075/ijcl.8.2.03ste>

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, S. Corpora and grammar. *In*: LÜDELING, A.; KYTÖ, M. (ed.). **Corpus Linguistics: an international handbook**. v. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 2009, p. 27-51. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110213881.2>

SULLIVAN, K. **Frames and constructions in metaphoric language**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.14>

Artigo recebido em: 31.10.2020

Artigo aprovado em: 05.12.2020



Da categorização radial à representação construcional: como a Gramática de Construções pode explicar efeitos de prototipicidade

From radial categories to constructional representation: how construction grammar might explain prototype effects

*Jéssica Cassemiro MUNIZ**

*Diogo PINHEIRO***

RESUMO: Com base nos resultados de um experimento psicolinguístico, Muniz (2019) argumenta que os verbos “cortar”, “quebrar” e “rasgar” do português brasileiro definem categorias semânticas com estrutura radial. Neste artigo, investigamos se esses resultados podem ser atribuídos à existência de níveis construcionais redundantes na representação do conhecimento linguístico, tal como advogado pela Gramática de Construções Baseada no Uso. A fim de verificar essa hipótese, foi realizado um experimento de produção induzida no qual os participantes deveriam fornecer descrições orais de vídeos em que eram encenados eventos de separação. Os resultados forneceram evidências favoráveis à nossa hipótese, sugerindo que pode ser promissora a aproximação entre os estudos sobre categorização radial, de um lado, e as pesquisas em Gramática de Construções, de outro.

ABSTRACT: Drawing on the results of a psycholinguistic experiment, Muniz (2019) argues that the Brazilian Portuguese verbs “cortar” (‘cut’), “quebrar” (‘break’) e “rasgar” (‘tear’) define prototype-based semantic categories. In this paper, we investigate whether these results can be ultimately linked to the usage-based construction grammar claim that constructional knowledge displays redundant representation. In order to test this hypothesis, an induced-production experiment was carried out whereby participants were asked to provide oral descriptions to scenes displaying events of separation. The results provided evidence in favor of our construction-based hypothesis, thus suggesting a promising way of bringing together radial categorization studies and research in the field of construction grammar research.

* Mestre em Linguística, UFRJ. cassemiromuniz@hotmail.com

** Doutor em Linguística, UFRJ. diogopinheiro@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9619-4441>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

PALAVRAS-CHAVE: Categoriais radiais. Protótipo. Gramática de Construções Baseada no Uso. Representação redundante.	KEYWORDS: Radial categories. Prototype. Usage-based construction grammar. Redundant representation.
---	--

1 Introdução

Como se sabe, a Linguística Cognitiva é conhecida pelo questionamento ao ideal aristotélico de definibilidade clássica, segundo o qual categorias seriam definíveis em termos de propriedades necessárias e suficientes. A fim de verificar empiricamente a validade desse questionamento, Muniz (2019), desenvolveu um experimento de produção induzida no qual os participantes deveriam descrever oralmente “eventos de separação” (BOHNMEYER *et alii.*, 2001) representados em vídeos curtos (por exemplo, alguém rasgando um tecido com uma tesoura ou alguém fatiando uma cenoura com um facão). O objetivo era avaliar de que maneira os participantes empregariam os verbos “cortar”, “quebrar” e “rasgar” na descrição desses estímulos.

Os resultados forneceram evidências convincentes em favor da crítica cognitivista ao ideal de definibilidade clássica: de maneira geral, as descrições fornecidas pelos participantes se revelaram inconsistentes com a representação da semântica verbal sob a forma de categorias clássicas¹. De fato, tomando como base essas descrições, Muniz (2019) sugeriu que as diferenças semânticas entre os três verbos podem ser apropriadamente capturadas em termos de diferenças na organização interna de categorias radiais. A título de exemplo: embora tanto “quebrar” quanto “cortar” possam ser usados para evocar um *frame* no qual um objeto rígido tem suas partes separadas de forma imprecisa e sem a ajuda de um objeto

¹ O *caveat* “de maneira geral” fica por conta do fato de que os resultados revelaram a existência de forte variação individual no que diz respeito à representação semântica de cada verbo. Esse ponto será tratado na próxima seção.

cortante, esse uso pertence ao núcleo prototípico do primeiro verbal e à periferia categorial do segundo.

Embora esse experimento tenha permitido *atestar* a validade da crítica cognitivista ao ideal de definibilidade clássica, ele não ofereceu qualquer *explicação* para os efeitos de prototipicidade encontrados. Mais especificamente, ele não ofereceu uma resposta para a seguinte questão: *por que* falantes empregam uma determinada forma (no exemplo acima, o verbo “cortar”) de modo não-prototípico quando eles teriam a opção de recorrer ao emprego prototípico de uma forma alternativa (no exemplo acima, o verbo “quebrar”)?

Discussões sobre a fonte dos efeitos de prototipicidade não são uma novidade na literatura em linguística cognitiva e em psicologia cognitiva (GEERAERTS, 2006; 1988; ROSCH; MERVIN, 1975). Neste artigo, porém, abordamos esse problema a partir de um ponto de vista pouco usual, qual seja, o da Gramática de Construções Baseada no Uso² (GCBU; DIESSEL, 2019; 2015; CROFT, 2012; LANGACKER, 1988). Especificamente, argumentaremos aqui que arquitetura da gramática advogada pela GCBU, segundo a qual o conhecimento linguístico do falante é capturado por meio de uma rede construcional simultaneamente hierárquica e redundante³, pode ser apontado como a fonte última das categoriais radiais inferíveis do uso concreto. Nesse sentido, este artigo procura flagrar uma vinculação aparentemente insuspeita entre, de um lado, os estudos sobre categorização e Teoria dos Protótipos e, de outro, a abordagem construcionista e baseada-no-uso para a arquitetura do conhecimento linguístico.

² Em linha com muitos outros autores (PEREK, 2015; DIESSEL, 2015; LEITE DE OLIVEIRA, 2019), usamos aqui o rótulo “Gramática de Construções Baseada no Uso” para fazer referência a um arquimodelo que corresponde à variante cognitivo-funcional da Gramática de Construções.

³ Para a Gramática de Construções Baseada no Uso, a possibilidade de redundância na representação construcional está ligada, fundamentalmente, a efeitos de frequência. Trataremos desse ponto na seção 3.

A fim de investigar a hipótese de que a representação construcional redundante é uma das fontes da prototipicidade, realizamos um novo experimento baseado na descrição oral de “eventos de separação” encenados em vídeos curtos. Desta vez, porém, os vídeos foram especificamente manipulados com o objetivo de avaliar se escolhas lexicais divergentes poderiam ser motivadas pela existência de níveis redundantes de representação na rede construcional do falante. Como se verá, os resultados forneceram evidências em favor dessa ideia: com base nas escolhas lexicais dos participantes, foi possível associar os usos mais ou menos prototípicos das formas verbais aos diferentes níveis de esquematicidade / generalidade da representação construcional.

O artigo está organizado como segue. Na seção 2, resumimos o experimento original de Muniz (2019) e identificamos seus limites explicativos. Na seção 3, procedemos a uma breve apresentação da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Na seção 4, apresentamos as hipóteses de base construcionista formuladas com o objetivo de explicar os efeitos de prototipicidade. Em seguida (seção 5), descrevemos nosso experimento de produção induzida e discutimos seus resultados. Por fim, a última seção sintetiza as principais descobertas.

2 O experimento original (e seus limites)

Muniz (2019) desenvolveu um experimento de produção induzida com o objetivo de descrever a estrutura semântica dos verbos “cortar”, “rasgar” e “quebrar” do português brasileiro. Nesse experimento, 49 participantes foram expostos a 61 vídeos curtos (cinco a 30 segundos). Nesses vídeos, que foram desenvolvidos pelo Departamento de Linguagem e Cognição do *Max Planck Institute for Psycholinguistics* (Nijmegen, Holanda) no âmbito do Projeto *Cut & Break*,⁴ são encenados eventos de

⁴ Mais sobre o projeto aqui: <https://www.mpi.nl/departments/other-research/research-projects/categories/subprojects/cut-and-break>.

separação ou afastamento usuais (como rasgar um tecido utilizando apenas as mãos ou uma tesoura) e não usuais (como partir um tecido martelando-o ou fatiar uma cenoura com um facão).

Os vídeos foram concebidos de maneira que diversos parâmetros de diferenciação semântica no campo dos eventos de separação pudessem ser reconhecidos e discriminados de forma sistemática. Especificamente, os parâmetros semânticos controlados foram os seguintes: MODO DE REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE (calmamente ou furiosamente); TIPO DE MUDANÇA SOFRIDA PELO OBJETO (de um estado de integridade para um estado de separação ou destruição do material); TIPO DE OBJETO UTILIZADO (rígido como uma cenoura ou um vaso de barro ou flexível como uma corda ou um tecido); TIPO DE INSTRUMENTO UTILIZADO (martelos, machados, facas, serras, tesouras e até mesmo as mãos); e PRESENÇA OU AUSÊNCIA DE AGENTE (ação provocada diretamente por um agente humano ou ação espontânea, sem agente identificável).

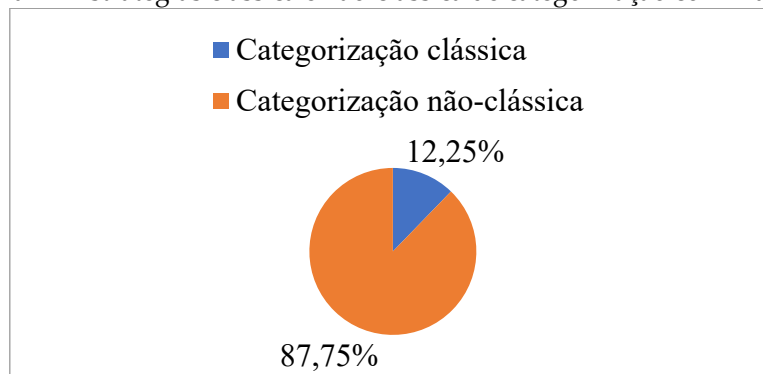
A tarefa requerida dos participantes foi uma descrição oral das cenas representadas. Para isso, cada sujeito foi exposto, individualmente, aos 61 vídeos, sempre na mesma sequência. A lógica do experimento é a de que, por meio das respostas dos participantes, é possível inferir como se estruturam, para cada um deles, as categorias semânticas associadas aos verbos “cortar”, “rasgar” e “quebrar”. A previsão era a de que não seria encontrado um conjunto de propriedades semânticas que fossem, ao mesmo tempo, necessárias e suficientes para definir cada uma das três categorias verbais.

Dado o objetivo de descrever a estrutura semântica dos verbos “cortar”, “rasgar” e “quebrar”, a autora optou por levar em conta, especificamente, três dos parâmetros semânticos manipulados nos 61 vídeos originais; a saber: grau de flexibilidade do objeto (*rígido* ou *flexível*); instrumento cortante (*presença* ou *ausência*); e tipo de separação (*precisa* ou *imprecisa*). Esses parâmetros foram selecionados em função do seu potencial para distinguir entre os eventos designados pelos verbos “cortar”,

“quebrar” e “rasgar”, enquadrando-os em categorias disjuntas (isto é, definidas a partir de propriedades necessárias e suficientes). Feita essa escolha, configurou-se uma situação em que cada verbo poderia, potencialmente, designar oito tipos distintos de eventos: (i) rígido + preciso + presença; (ii) rígido + preciso + ausência; (iii) rígido + impreciso + presença; (iv) rígido + impreciso + ausência; (v) flexível + preciso + presença; (vi) flexível + preciso + ausência; (vii) flexível + impreciso + presença; e (viii) flexível + impreciso + ausência.

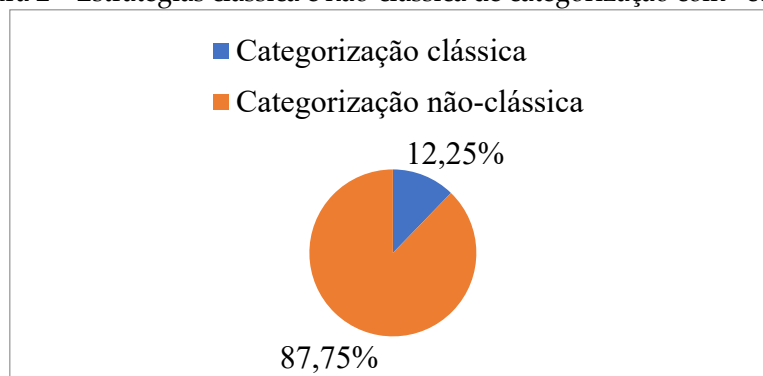
A partir das descrições fornecidas pelos sujeitos experimentais, foi possível avaliar se, para cada verbo/participante, era possível identificar um conjunto de propriedades necessárias e suficientes. Isto é: se um dado verbo, para um determinado participante, estava associado sempre um determinado conjunto de atributos (propriedades necessárias) e se, ao mesmo tempo, esse conjunto de atributos permitia individualizar esse verbo em relação aos demais (propriedades suficientes), assumia-se que o verbo em questão definia, para esse participante, uma categoria semântica com estrutura clássica; caso contrário, assumia-se que se tratava de categorização não-clássica. Como resultado, obtiveram-se 147 categorias (3 verbos X 49 participantes). Os resultados referentes às estratégias de categorização (clássica *versus* não-clássica) evidenciadas pelas respostas dos participantes estão sintetizados nos gráficos abaixo:

Figura 1 – Estratégias clássica e não-clássica de categorização com “rasgar”.



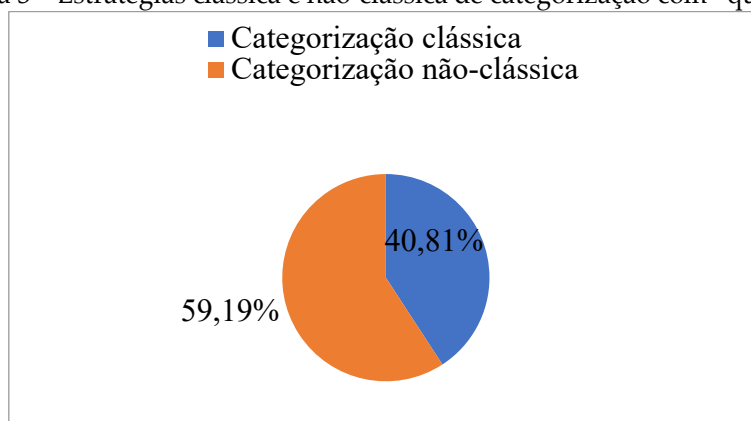
Fonte: Muniz (2019).

Figura 2 – Estratégias clássica e não-clássica de categorização com “cortar”.



Fonte Muniz (2019).

Figura 3 – Estratégias clássica e não-clássica de categorização com “quebrar”.



Fonte: Muniz (2019).

Embora, como mostram os gráficos acima, não tenha sido possível associar qualquer um dos três verbos, de modo categórico, a um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, a análise das respostas mostrou que havia preferências claras de cada verbo por certos grupos de propriedades. Dito de outra maneira, os verbos pareciam se distribuir, em alguma medida (ainda que de modo algum categoricamente), de maneira complementar. A tabela abaixo mostra essa distribuição⁵:

⁵ Os conjuntos de traços que não aparecem na tabela estão associados a vídeos para os quais não foi fornecida nenhuma descrição com qualquer um dos três verbos investigados.

Tabela 1 – Distribuição dos verbos por grupo de propriedades, com todos os participantes somados.

	RASGAR	CORTAR	QUEBRAR
Rígido + Preciso + Presença	0	275	6
Flexível + Impreciso + Presença	21	200	4
Flexível + Impreciso + Ausência	128	145	0
Flexível + Preciso + Presença	0	131	0
Rígido + Impreciso + Presença	0	128	261
Rígido + Impreciso + Ausência	0	60	23

Fonte: Muniz (2019).

Diante desses resultados, a autora procurou verificar, dentre os grupos de atributos semânticos identificados nos vídeos, quais deles motivaram mais – e menos – o uso de cada um dos verbos sob análise. Para chegar a uma resposta, ela elaborou, para cada verbo, um ranqueamento, em ordem decrescente de frequência, dos grupos de propriedades associados a cada categoria verbal. Os resultados, calculados em termos de porcentagem de incidência de cada grupo no emprego de cada verbo, são mostrados a seguir:

Tabela 2 – Incidência de conjuntos de traços do verbo “cortar”.

1º	Flexível + Preciso + Presença	89,11%
2º	Flexível + Impreciso + Presença	81,63%
3º	Rígido + Preciso + Presença	62,36%
4º	Rígido + Impreciso + Presença	52,24%
5º	Flexível + Impreciso + Ausência	26,76%
6º	Rígido + Impreciso + Ausência	10,20%

Fonte: Muniz (2019).

Tabela 3 – Incidência de conjuntos de traços do verbo “quebrar”.

1º	Rígido + Impreciso + Ausência	44,39%
2º	Rígido + Impreciso + Presença	9,36%
3º	Rígido + Preciso + Presença	1,36%
4º	Flexível + Impreciso + Presença	0,74%

Fonte: Muniz (2019).

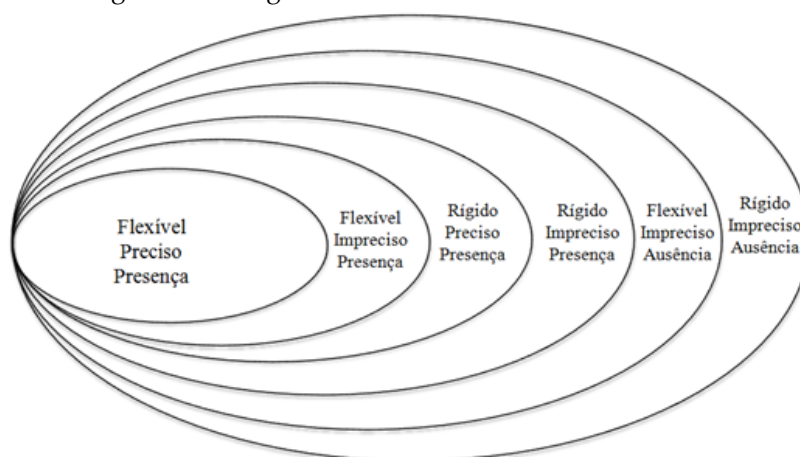
Tabela 4 – Incidência de conjuntos de traços do verbo “rasgar”.

1º	Flexível + Impreciso + Ausência	23,76%
2º	Flexível + Impreciso + Presença	8,57%

Fonte: Muniz (2019).

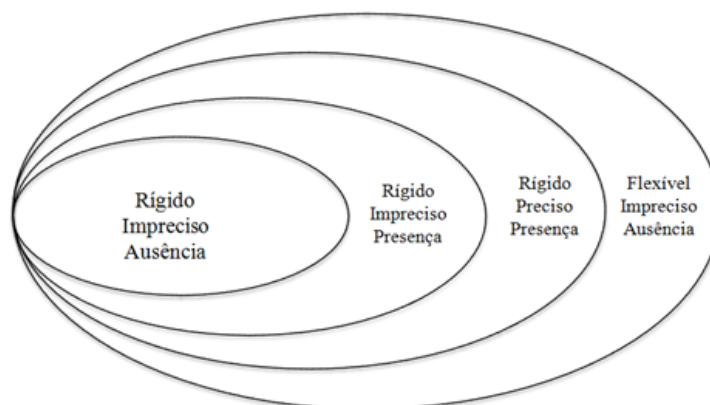
Por fim, com base nesses ranqueamentos, foi apresentada uma proposta de representação, em termos de categorias radiais, da estrutura semântica dos três verbos em questão. Para isso, assumiu-se que o tipo de situação que mais frequentemente motiva o uso de um dado verbo corresponde ao seu significado prototípico, o segundo tipo de situação que mais frequentemente motiva o uso desse mesmo verbo corresponde a um significado um pouco menos prototípico, e assim sucessivamente. Aplicando-se essa lógica a cada um dos três verbos, chegou-se às seguintes categorias radiais:

Figura 4 – Categoria radial associada ao verbo “cortar”.



Fonte: Muniz (2019).

Figura 5 – Categoria radial associada ao verbo “quebrar”.



Fonte: Muniz (2019).

Figura 6 – Categoria radial associada ao verbo “rasgar”.



Fonte: Muniz (2019).

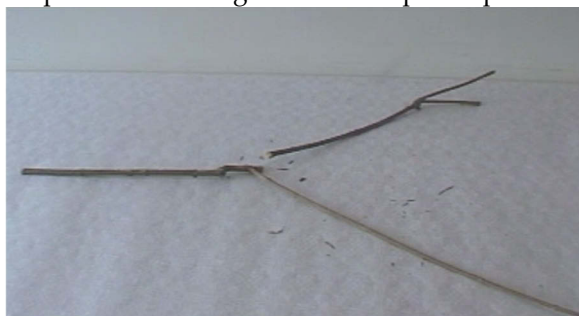
Como mostra a Figura 4, o sentido prototípico do verbo “cortar” envolve uma cena na qual um objeto flexível tem sua integridade afetada por meio de uma separação precisa realizada com auxílio de um instrumento cortante. Ao mesmo tempo, o sentido menos prototípico desse verbo é aquele em que um objeto rígido tem suas partes separadas de maneira imprecisa sem o auxílio de um objeto cortante. As imagens abaixo, retiradas dos estímulos que compuseram o experimento, ilustram, respectivamente, esses dois tipos de cenas:

Figura 7 – Cena que ilustra o significado prototípico do verbo “cortar”.



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

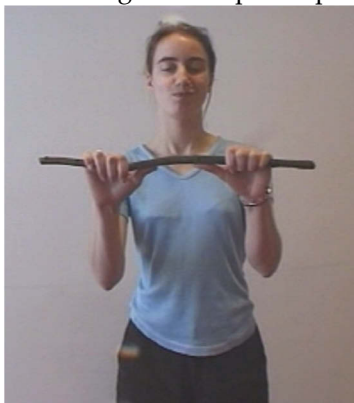
Figura 8 – Cena que ilustra um significado não-prototípico do verbo “cortar”



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

No que diz respeito ao verbo “quebrar”, a Figura 5 sugere que ele está prototipicamente associado a um tipo de cena no qual um objeto rígido tem sua integridade afetada por meio de uma separação imprecisa realizada sem o auxílio de um instrumento cortante. Ao mesmo tempo, o tipo de cena menos prototipicamente associado ao item é aquele no qual um objeto flexível tem suas partes separadas de forma imprecisa sem o auxílio de um instrumento cortante. Mais uma vez, as imagens abaixo ilustram, respectivamente, essas duas situações:

Figura 9 – Cena que ilustra o significado prototípico do verbo “quebrar”.



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

Figura 10 – Cena que ilustra um significado não-prototípico do verbo “quebrar”.



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

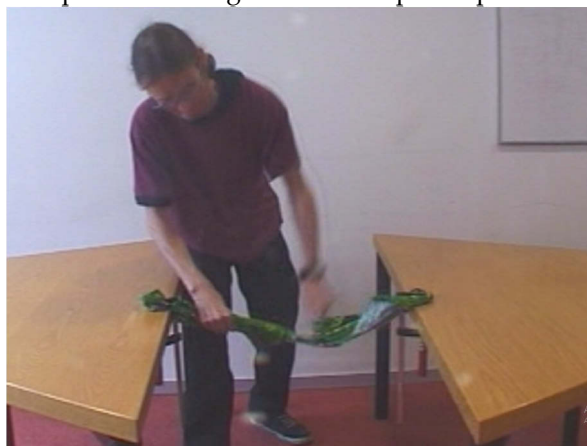
Por fim, a Figura 6 mostra que o sentido prototípico do verbo envolve uma cena na qual um objeto flexível tem sua integridade afetada de modo impreciso sem o auxílio de um objeto cortante. A Figura mostra ainda que esse item exibe apenas um sentido não prototípico, o qual está associado a situações nas quais um objeto flexível tem suas partes separadas de forma imprecisa com o auxílio de um objeto cortante. Esses dois tipos de situações estão ilustrados, respectivamente, pelas imagens a seguir:

Figura 11 – Cena que ilustra o significado prototípico do verbo “rasgar”.



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

Figura 12 – Cena que ilustra o significado não-prototípico do verbo “rasgar”.



Fonte: Bohmeyer, Bowerman e Brown (2001).

Em resumo, o experimento permitiu flagrar, no uso linguístico dos sujeitos experimentais, efeitos de prototipicidade, isto é, usos mais prototípicos e usos mais periféricos de cada um dos três verbos analisados. De maneira geral, portanto, o experimento não apenas ajuda a confirmar empiricamente a rejeição cognitivista ao modelo clássico de categorização como fornece elementos para a caracterização da estrutura semântica dos verbos investigados (em termos de categorias radiais).

Embora este sejam resultados interessantes, eles também levantam um questionamento, que pode ser formulado assim: dado que, em muitos casos, o falante

poderia recorrer ao uso prototípico de um dado verbo para descrever uma determinada cena, o que o levou a optar pelo uso não-prototípico de um *outro* verbo?

A título de exemplo, tome-se o vídeo no qual o ator partia uma cenoura com as mãos. Parte dos sujeitos do experimento optou por descrever essa cena empregando o verbo “cortar”. Isso sugere, de forma talvez contraintuitiva, que as propriedades *instrumento cortante* e *separação precisa* não são *necessárias* para o emprego de “cortar”. Em outras palavras, esse tipo de resposta sugere que o verbo “cortar” admite usos não-prototípicos nos quais não se manifestam certas propriedades que se fazem presentes nos usos prototípicos. Diante disso, o questionamento que emerge é o seguinte: por que o falante opta por usar um verbo como “cortar” de forma não-prototípica, abrindo mão das propriedades como *instrumento cortante* e *separação precisa*, quando ele tem à disposição um verbo como “quebrar”, cujo uso prototípico inclui precisamente essas duas propriedades? Ou, de forma mais concisa, o que motiva os efeitos de prototipicidade identificados por meio do experimento descrito acima?

Nossa hipótese é a de que a ocorrência de usos não-prototípicos é o resultado da maneira como o conhecimento linguístico do falante está organizado na rede construcional, de acordo com a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Para desenvolver essa hipótese, portanto, é necessário, antes, descrever os princípios gerais da GCBU. É para essa tarefa que nos voltamos na próxima seção.

3 A Gramática de Construções Baseada no Uso: princípios básicos

A Gramática de Construções é uma teoria gramatical que vem ganhando espaço no campo dos estudos linguísticos desde o seu surgimento, nos anos 80 do século passado (LAKOFF, 1987; FILLMORE *et alii*, 1988; dentre outros). A ideia fundamental da GC é a de que as construções gramaticais devem ser tomadas como a unidade básica de análise linguística.

A definição hegemônica de construção gramatical na literatura construcionista é aquela segundo a qual construções são o resultado do pareamento direto e convencional de dois polos, isto é, dois tipos de informação: de um lado, informações relativas à forma e, de outro, informações relativas ao significado.

À luz dessa definição, podemos tomar como ponto de partida a afirmação de que toda palavra será uma construção gramatical. Observemos, a título de exemplo, a palavra “cadeira”: ela tem, no seu polo formal, a sequência fonológica /kadeira/ e, no polo do significado, o conceito de *peça de mobília composta de um assento individual e de um encosto, com ou sem braços*. Esse, porém, é apenas um exemplo dos muitos tipos de construções existentes. Em consonância com a maioria dos trabalhos da área, podemos nos referir à construção “cadeira” como uma construção lexical.

É certo, no entanto, que o conhecimento linguístico dos falantes vai muito além de uma mera lista de palavras, o que significa que muitos outros tipos de construções devem ser reconhecidos. Semelhantes às palavras, no sentido de serem inteiramente fechados (isto é, sem possibilidade de alteração de alguma parte), são certos ditados populares como “em terra de cego quem tem um olho é rei” ou “olho por olho, dente por dente”. Por serem inteiramente preenchidos fonologicamente, tanto palavras quanto ditados populares são tidos como construções gramaticais maximamente concretas.

Outras construções gramaticais, porém, não são totalmente preenchidas, e sim semipreenchidas. Trata-se, portanto, de construções que apresentam alguns *slots* abertos. Como observa Hoffmann (2017, p. 285), “construções que contêm esses *slots* são chamadas de esquemáticas e possibilitam o uso de uma linguagem criativa,

permitindo ao falante preencher esses modelos com o material linguístico apropriado”⁶ sem que a construção perca o seu significado original.

Como mostra Pinheiro (2016), a expressão QUE MANÉ X⁷ apresenta um *slot X* que pode ser preenchido de diversas formas sem alterar o seu significado de *rejeição a uma ideia previamente estabelecida*. Nessa construção, podemos notar que é possível preencher o slot X com diversos substantivos (“Que mané férias!”, “Que mané viagem!”) ou mesmo com predicados completos (“Que mané ficar em casa lendo livro!”, “Que mané escrever dissertação nas férias!”).

O conceito de construção gramatical também se aplica ao nível morfológico. A partir de palavras como “desfazer”, “desconstruir” e “desarrumar”, por exemplo, é possível identificar um padrão morfológico claro (DES + VERBO), que indica algo como o ‘evento de retomada de um estado anterior’. Daí se conclui que, neste caso, temos um polo formal representado pela estrutura DES + VERBO e um polo do significado que especifica a informação de ‘retorno ao estado anterior’. Dessa maneira, o padrão DES + VERBO se qualifica como um pareamento de forma e significado, isto é, uma construção gramatical.

Até este ponto, apresentamos construções que, de alguma maneira, exibiam algum nível de concretude. Entretanto, o modelo não inclui apenas esses tipos de estruturas. Por exemplo, todo falante de língua portuguesa consegue reconhecer o padrão sintático canônico das orações transitivas da língua, que contém um verbo e dois argumentos (um sujeito e um complemento). Isso porque a língua portuguesa apresenta um padrão sintático abstrato SUJEITO VERBO OBJETO (SVO). A partir desse padrão, o falante é capaz de criar uma infinidade de sentenças inéditas.

⁶ Tradução própria. No original: “Constructions that contain such slots are said to be schematic and enable creative language use by allowing speakers to fill these templates with appropriate linguistic material.”

⁷ A letra X representa as inúmeras possibilidades de preenchimento da construção QUE MANÉ X.

Tendo visto que o conceito de construção gramatical pode ser aplicado a todos os níveis do conhecimento linguístico do falante, podemos afirmar que formam um *continuum*. Esse *continuum*, que é recorrentemente referido na literatura construcionista como *continuum léxico-sintaxe*, compreende desde construções mais concretas (como palavras ou ditados populares) até construções totalmente abstratas / esquemáticas (como o padrão sintático SVO), passando por construções semiabstratas, ou semipreenchidas (como QUE MANÉ X ou o padrão morfológico DES + VERBO). Vale pontuar, no entanto, que não existe diferença de importância entre as construções: elas se diferenciam apenas quanto ao seu grau de preenchimento interno (e, portanto, de abstração / esquematicidade).

Como consequência do fato de que o conceito de construção gramatical é capaz de abarcar a totalidade do conhecimento linguístico do falante (conhecimento fonológico, prosódico, morfológico, sintático e semântico-pragmático), o modelo da GC abre mão de mecanismos como *regras sintáticas* ou *operações derivacionais* (que são, evidentemente, caros à tradição gerativa). Assim, em vez de compreender o conhecimento linguístico como um sistema computacional (gramática) cujas operações se aplicam a um inventário de itens armazenados individualmente (léxico), a GC entende que esse conhecimento pode ser mais bem caracterizado simplesmente como um *inventário de construções gramaticais*. Esse inventário é frequentemente referido na literatura construcionista como *constructicon*.⁸

É preciso destacar, no entanto, que o *constructicon* não é uma simples lista desestruturada de construções. Na verdade, estudos experimentais acerca da sua representação mental demonstram que as construções gramaticais se conectam por

⁸ *Constructicon*: cruzamento vocabular de duas palavras inglesas, *construction* e *lexicon*. Ou seja, designa um léxico de construções.

meio de diferentes tipos de links⁹ (DIESEL, 2015; PEREK, 2012; GOLDBERG, 2006). Como explica Hoffman (2017, p. 313),

O constructicon não é visto como uma lista não estruturada de construções. Em vez disso, todas as vertentes da gramática de construções concordam que as construções de uma língua formam um inventário estruturado, que pode ser representado por redes (taxonômicas)¹⁰.

Dessa maneira, é possível compreender que o *continuum* léxico-sintaxe não é uma lista de construções gramaticais; em vez disso, assume-se as construções se organizam na forma de uma enorme rede de unidades que se conectam (voltaremos a esse ponto mais adiante).

O último ponto fundamental aos estudos em GC é o princípio da *integração* entre as construções. Mais acima, demos como exemplos de construções a palavra “cadeira”, ditados populares como “olho por olho, dente por dente”, o padrão morfológico DES + VERBO, o padrão sintático QUE MANÉ X e a estrutura sintática abstrata SVO. O que vamos acrescentar aqui é como diferentes construções são integradas a fim de licenciar enunciados concretos.

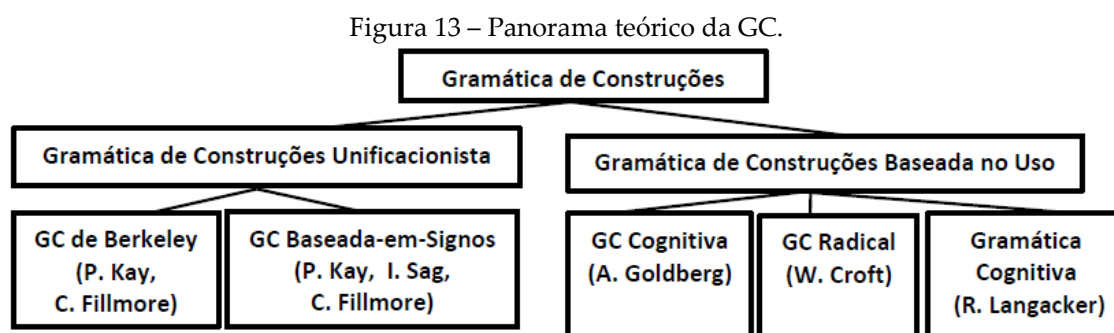
Neste ponto, o que deve ser ressaltado é que essa integração não é aleatória, na medida em que deve atender ao seguinte princípio: só podem ser combinadas construções que apresentem compatibilidade em relação às suas propriedades gramaticais. Em Pinheiro (2016), por exemplo, encontramos o seguinte exemplo de uma sentença malformada: **Meu vermelho carro*. Segundo o autor, essa má-formação se dá porque a construção ADJETIVO + NOME especifica uma semântica mais subjetiva, ao passo que o adjetivo “vermelho” é semanticamente objetivo. Ao mesmo tempo,

⁹ Para uma proposta de tipologia desses diferentes tipos de links, ver Diessel (2015).

¹⁰ Tradução própria. No original: “The constructicon is not seen as an unstructured list of constructions. Instead, all versions of construction grammars agree that the constructions of a language form a structured inventory, which can be represented by (taxonomic) networks.”

quando a construção ADJETIVO + NOME é preenchida com um adjetivo subjetivo como “bela” (por exemplo, “bela paisagem”), não se verifica nenhum estranhamento. Isso acontece porque existe compatibilidade gramatical entre as construções a serem combinadas, e é graças a isso que produzimos enunciados bem-formados.

A apresentação feita até aqui diz respeito a todas as vertentes da Gramática de Construções. No entanto, este é um campo heterogêneo, na medida em que abrange diversos modelos teóricos distintos. Segundo Pinheiro (2016), esse campo pode ser organizado em duas grandes linhagens: a vertente unificacionista, alinhada à tradição formalista, e a vertente da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), que se alinha à tradição funcional-cognitiva. Em resumo, o panorama teórico da GC foi representado assim em Pinheiro (2016):



Fonte: Pinheiro (2016).

Este trabalho, conforme antecipado na introdução, se insere no quadro teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (em inglês, *Usage-Based Construction Grammar*), uma espécie de arquimodelo teórico que, como ilustrado pela figura acima, abrange uma série de modelos particulares.¹¹

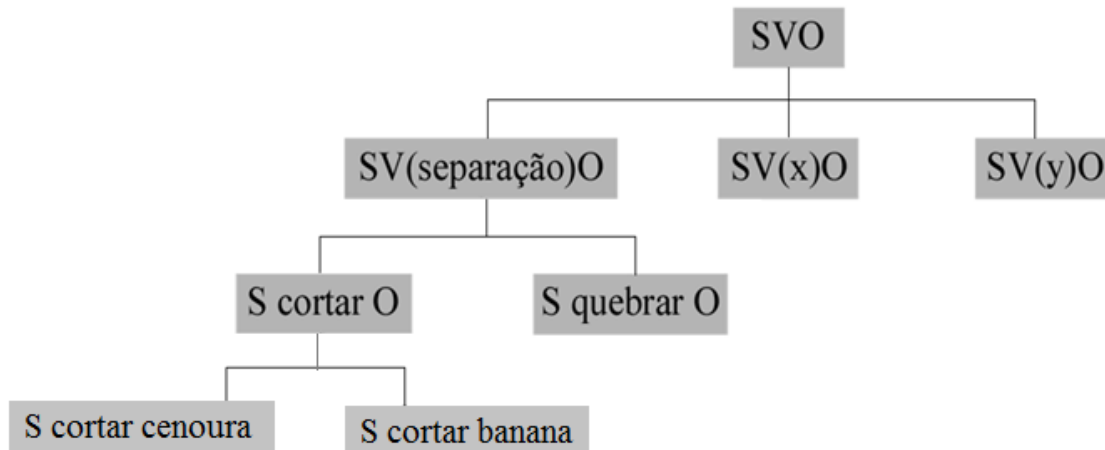
O principal ponto em comum entre os diferentes modelos que se alinham à GCBU é a premissa de que toda a experiência linguística do falante – isto é, o uso

¹¹ Os modelos particulares representados na figura 5 têm função apenas ilustrativa; há outros modelos construcionais baseados-no-uso disponíveis no mercado teórico contemporâneo, como a *Embodied Construction Grammar* e a *Fluid Construction Grammar*.

concreto da língua em situações comunicativas particulares – afeta o conhecimento linguístico subjacente. Dois pontos merecem destaque aqui: (i) todo o conhecimento linguístico do falante é construído a partir do *input*, visto que nenhum conhecimento sintático é inato, e (ii) o conhecimento linguístico é moldado ao longo de toda a vida do falante – e não apenas durante um determinado “período crítico” –, e isso acontece de acordo com as experiências que ele vier a ter com o *input* linguístico.

A ideia de que a experiência linguística afeta a representação subjacente traz implicações relativas à estrutura do *constructicon*, isto é, da rede construcional que constitui o conhecimento linguístico do falante. Especificamente, essa ideia implica a possibilidade de que essa rede construcional seja redundante. A título de exemplificação, esse ponto pode ser ilustrado pela rede abaixo:

Figura 14 – Rede hipotética da construção SVO.



Fonte: elaborado pelos autores.

Segundo a GCBU, a aquisição da linguagem se dá por meio de um processo *bottom-up*, de maneira que o bebê/criança parte das construções mais concretas para gradualmente formar progressivamente construções mais abstratas. Na rede construcional acima, as construções mais concretas, referidas por Croft (2012) como “verb-and-object-specific constructions”, são aquelas que especificam tanto um item verbal particular quanto um objeto sintático específico, isto é, S CORTAR CENOURA e S

CORTAR BANANA. Ao identificar a similaridade entre essas construções, o falante pode construir um padrão mais abstrato, aqui representado como S CORTAR O, configurando um nível hierárquico da rede construcional a que Croft (2012) se refere como “verb-specific construction”, e que é mais abstrato que o anterior por ser não-marcado quanto ao objeto. Naturalmente, uma construção como S QUEBRAR O pertence a esse mesmo nível, e também só pode ser obtida via abstração de sequências mais concretas que contenham o verbo “quebrar” e algum objeto direto particular. Na rede acima, essas sequências mais concretas não estão representadas apenas por razões de clareza visual.

Estabelecido o nível das “verb-specific constructions”, o falante pode, pelo mesmo processo de analogia e indução, chegar a um nível ainda mais abstrato, aqui ilustrado pelo padrão S $V_{\text{separação}}$ O. Esse tipo de construção, referido por Croft (2012) como “verb-class-specific construction”, é mais abstrato que os dois anteriores porque não especifica um verbo particular, e sim uma classe verbal (no exemplo acima, verbos de separação).¹² Por fim, a comparação entre diferentes “verb-class-specific constructions” pode levar a uma generalização de nível ainda mais alto: a construção inteiramente esquemática (isto é, abstrata) SVO. Como se observa, essa construção não especifica nenhuma classe semântica particular, mas apenas, genericamente, a categoria VERBO.

De um ponto de vista estritamente descritivo, quando uma representação mais abstrata é construída, as representações mais concretas nas quais ela se baseou frequentemente se tornam dispensáveis. Por exemplo, a partir do momento em que o falante constrói o padrão S $V_{\text{separação}}$ O, torna-se redundante armazenar as construções S CORTAR O e S QUEBRAR O. No entanto, segundo a GCBU, o falante não descarta (ou seja, não apaga da memória) essas construções mais concretas; em vez disso, ele as

¹² Na mesma linha, as variáveis “x” e “y” indicam outras possíveis classes semânticas, abstraídas a partir de outras possíveis construções transitivas particulares.

preserva na sua rede construcional (CROFT, 2012; LANGACKER, 1991). Como resultado, configura-se uma rede construcional redundante.¹³

Essa mesma ideia explica a existência, como construções independentes, de sequências inteiramente preenchidas do tipo “como vai você?” e “eu te amo”. Devido à frequência de exposição, elas são mantidas no *constructicon* do falante, embora, em termos estritamente descritivos, não sejam necessárias (já que é possível produzir o enunciado “Eu te amo”, por exemplo, integrando os itens “Eu”, “te” e “amo” à construção SVO abstrata).¹⁴

A montagem cumulativa de uma rede construcional, descrita nos parágrafos anteriores, ilustra outra premissa fundamental da GCBU: a ideia, tributária da tradição da Linguística Cognitiva, de que o conhecimento linguístico pode ser explicado por meio de processos cognitivos de domínio geral (isto é, não especificamente linguísticos). Como se viu, o armazenamento de construções gramaticais envolve processos cognitivos gerais como analogia (comparação entre duas construções de mesmo nível, a fim de se identificarem suas similaridades), indução ou esquematização (formação de um padrão mais abstrato, a partir das similaridades identificadas) e categorização (agrupamento das construções de nível mais baixo em uma mesma classe, definida pela construção de nível mais alta vinculada a elas). A GC se distingue dos modelos formalistas de Gramática de Construções por investir na ideia de que mecanismos psicológicos como estes, embora não estejam ligados exclusivamente à cognição linguística, são fundamentais para explicar o funcionamento da linguagem.

¹³ Para Langacker (1991, p. 265), os esquemas mais abstratos são acessados somente quando se trata de produzir ou compreender enunciados inéditos. Assim, segundo o autor, os esquemas mais altos da rede construcional exibem mais uma “função organizacional” do que uma “função computacional ativa”.

¹⁴ Esse fenômeno exemplifica um tipo de *efeito de frequência* que atua sobre o conhecimento linguístico subjacente. Ao enfatizar esse tipo de efeito, a GCBU se coloca em clara contraposição a modelos que valorizam a economia descritiva, como o modelo gerativista. Como o objetivo da GCBU é descrever o que realmente existe na mente do falante, as representações linguísticas redundantes não podem ser deixadas de fora por violarem princípios de economia descritiva.

Em suma, a GCBU se apresenta hoje como um modelo teórico que enfatiza a experiência concreta de uso da língua por parte do falante e se pauta fortemente em processos cognitivos de domínio geral. Embora, como dissemos, o rótulo GCBU seja uma abstração formada a partir de diferentes modelos teóricos particulares, neste trabalho as especificidades desses modelos não serão levadas em conta: seguindo a opção de outros autores – como Diessel (2015), Perek (2015) e Leite de Oliveira (2019) –, filiamo-nos aqui à GC funcional-cognitiva de modo geral (isto é, à GCBU), e não a algum modelo construcionista específico.

4 Da categorização radial à representação construcional (I): formulando hipóteses

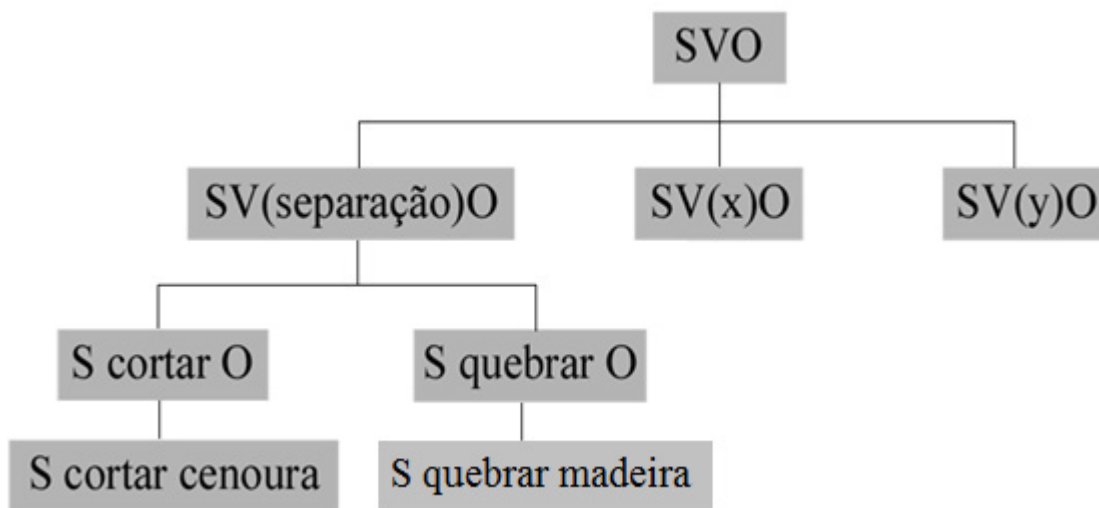
Como vimos, o experimento sintetizado na seção 2 deste artigo facultou a identificação de usos mais e menos prototípicos dos três verbos investigados (“cortar”, “quebrar” e “rasgar”). Entretanto, conforme já discutimos, aquele experimento não ofereceu uma *explicação* para os usos não-prototípicos de certos itens verbais – o que é particularmente enigmático nos casos em que estaria disponível o uso prototípico de uma forma verbal alternativa. Nesta seção, apresentamos uma hipótese para explicar esse tipo de ocorrência.

Em linhas gerais, a ideia a ser explorada aqui é a de que a radialidade categorial é um subproduto da maneira como o conhecimento linguístico está representado na mente do falante. Em outras palavras, acreditamos que efeitos de prototipicidade podem ser observados no uso linguístico concreto – como de fato o foram no experimento apresentado anteriormente – pelo fato de que, conforme defendido pela GCBU, o conhecimento gramatical do falante é representado em uma rede construcional hierárquica de natureza redundante.

Conforme discutido na seção anterior, Croft (2012) assume que a rede construcional do falante inclui tanto "verb-specific constructions" quanto "verb-and-object-specific constructions". Aplicando essa ideia ao nosso objeto, hipotetizamos que

o falante do PB terá, como parte do seu conhecimento linguístico implícito, uma rede construcional mais ou menos como a seguinte:

Figura 15 – Rede hipotética de construção SVO.



Fonte: elaborado pelo autor.

Essa rede apresenta quatro níveis taxonômicos. No nível mais alto, vê-se a construção mais esquemática: o padrão inteiramente aberto SVO. No segundo nível, podemos ver três construções semipreenchidas do tipo “verb-class-specific constructions” (CROFT, 2012). Nesse nível, marcamos as duas mais à direita com as incógnitas (x) e (y), para representar quaisquer classes verbais possíveis. Já a da esquerda é especificada quanto ao fato de que o verbo deve pertencer à classe semântica dos verbos de separação

Na sequência, as construções do penúltimo nível correspondem às “verb-specific constructions” de Croft (2012), visto que exibem um verbo fixo. A primeira, mais à esquerda, inclui o verbo “cortar”, ao passo que a outra apresenta o verbo “quebrar”. Por fim, as construções do último nível são do tipo “verb-and-object-specific constructions” (CROFT, 2012), já que especificam tanto um verbo quanto um objeto direto. Como vimos na seção anterior, o que de fato define quais são os verbos que terão uma construção própria – tanto no penúltimo quanto no último nível da rede

– é a frequência com a qual o falante é exposto a eles, nessas construções, ao longo de sua vida.

Nessa rede, assumimos que as "verb-specific constructions" SUJ CORTAR OBJ e SUJ QUEBRAR OBJ incluem, no seu polo do significado, o frame semântico correspondente apenas ao uso prototípico dos verbos respectivos (conforme descrito na seção 2). Isto é, a construção SUJ CORTAR OBJ específica, no seu polo semântico, um cenário em que um agente usa um instrumento cortante para partir de forma precisa um objeto rígido. De maneira análoga, a construção SUJ QUEBRAR OBJ específica, no seu polo semântico, um cenário em que um agente parte de forma imprecisa, e sem o emprego de um instrumento cortante, um objeto rígido.

Já as "verb-and-object-specific constructions" são, evidentemente, mais específicas. Assim, uma construção como, por exemplo, SUJ CORTAR CENOURA específica, adicionalmente, qual objeto rígido particular tem sua integridade afetada pelo uso de um instrumento cortante; ao mesmo tempo, uma construção como, por exemplo, SUJ QUEBRAR MADEIRA, específica, adicionalmente, qual objeto rígido tem sua integridade afetada sem emprego de instrumento cortante.

Delineada essa rede construcional, podemos apresentar com clareza nossa hipótese. Em linhas gerais, a ideia pode ser formulada como segue. Diante da tarefa de descrever uma cena em que, por exemplo, um ser humano fatia uma cenoura com uma faca, o falante tem a possibilidade de acessar uma construção quase pré-fabricada, pronta para o uso: a "verb-and-object-specific construction" SUJ CORTAR CENOURA. Da mesma forma, diante de uma cena em que um ser humano divide um pedaço de madeira utilizando apenas as mãos, o falante também tem uma construção semipronta à disposição: a "verb-and-object-specific construction" SUJ QUEBRAR MADEIRA.¹⁵ No

¹⁵ Lembramos que a existência dessas construções pré-fabricadas é postulada com base em uma possível alta frequência de ocorrência das sequências de palavras que as compõem. Evidentemente, antes de alguma confirmação experimental, isso é apenas uma hipótese.

entanto, caso precise fazer referência a um evento de separação pouco usual – por exemplo, alguém cortando um grafite de lapiseira com uma faca –, o falante não terá à disposição uma "verb-and-object-specific construction", já que, por hipótese, a fato de o evento ser incomum fará com que ele não seja descrito de forma recorrente, o que reduz a probabilidade de que exista uma representação mental específica para a sequência verbo + objeto que seria empregada para descrevê-lo.

Diante da indisponibilidade dessa "verb-and-object-specific construction" exata (isto é, algo como SUJ CORTAR GRAFITE ou SUJ CORTAR PONTA), e dada a natureza hierárquica e redundante da sua rede construcional, o sujeito parece ter duas opções para descrever eventos pouco usuais. Uma opção é recorrer a um nível mais abstrato, isto é, a uma "verb-specific construction". Assim, no caso, por exemplo, da cena em que alguém corta um grafite com uma faca, ele poderia recorrer à construção SUJ CORTAR OBJ, a qual especifica, como propusemos acima, uma cena genérica de corte com um instrumento cortante, sem especificar a identidade do agente e do paciente. Alternativamente, porém, ele poderia recorrer a uma "verb-and-object-specific construction" que contivesse o nome GRAFITE (ou PONTA), ainda que não o verbo "cortar" – por exemplo, a construção SUJ QUEBRAR GRAFITE ou SUJ QUEBRAR PONTA. Caso optasse pela primeira alternativa, esse falante estaria empregando o verbo "cortar" de forma prototípica; no entanto, ao escolher a segunda alternativa, ele está recorrendo ao que foi considerado, a partir do experimento de Muniz (2019), como um uso não-prototípico do verbo "quebrar".

Como se observa, essa proposta tem potencial para explicar por que se verificam efeitos de prototipicidade no *uso linguístico* sem que, com isso, seja necessário postular, na *representação mental subjacente*, uma categoria com estrutura radial. Em vez disso, entende-se que os efeitos de prototipicidade são um subproduto de dois fatores combinados: (i) a indisponibilidade, em certos casos, de construções que coincidam perfeitamente com o evento a ser descrito (por exemplo, SUJ CORTAR

PONTA / GRAFITE), devido ao caráter pouco ou nada usual do evento e, conseqüentemente, à baixa frequência de uma determinada sequência específica de palavras e (ii) a disponibilidade de construções que coincidam parcialmente com o evento a ser descrito (por exemplo, SUJ QUEBRAR GRAFITE / PONTA). Dadas essas duas condições, o falante pode violar as especificações do frame de um determinado verbo (como "cortar"), usando-o, assim, para descrever um evento cujos atributos não correspondem a essas especificações. Praticar essa "violação" equivale a empregar o verbo de forma não-prototípica.

Uma implicação dessa proposta é a de que a escolha do verbo a ser usado pode ser motivada por dois fatores: de um lado, a compatibilidade entre o evento a ser descrito e o *processo* especificado no *frame* da "verb-specific construction"; de outro, a compatibilidade entre o evento a ser descrito e a *entidade* especificada como tema no *frame* da "verb-and-object-specific construction". Tome-se, a título de exemplo, novamente, a cena pouco usual de alguém partindo um grafite com uma faca. Como o processo que se verifica nessa cena coincide com o processo especificado na "verb-specific construction" SUJ CORTAR OBJ, o primeiro fator pode levar a um uso como "Ele cortou o grafite". No entanto, como uma entidade envolvida no evento coincide com a entidade especificada no frame da "verb-and-object-specific construction" SUJ QUEBRAR PONTA / GRAFITE, também é possível que o falante opte por um uso como "Ele quebrou o grafite". Essas duas opções (complementares, e não excludentes) quanto aos fatores que podem motivar a seleção de um verbo pelo falante podem ser resumidas sob a forma de duas hipóteses teóricas:

Hipótese 1 - A coincidência entre o *processo* especificado no frame semântico de uma "verb-specific construction" e o evento a ser descrito motiva o emprego do verbo especificado nessa construção para descrever o evento em pauta.

Hipótese 2 - A coincidência entre a *entidade* especificada como paciente no frame semântico de uma "verb-and-object specific construction" e o evento a ser descrito motiva o emprego do verbo especificado nessa construção para descrever o evento em pauta.

É importante delinear com precisão a natureza da relação entre essas hipóteses e a busca, que nos propusemos a empreender, por uma explicação para os efeitos de prototipicidade identificados em Muniz (2019). Fundamentalmente, as duas hipóteses acima apontam dois caminhos por meio dos quais o falante pode selecionar uma construção para descrever uma dada cena. Como procuramos mostrar, o primeiro caminho (isto é, o da Hipótese 1) envolve a opção por uma "verb-specific construction" e conduz a um uso prototípico do verbo em questão. Já o segundo caminho (isto é, o da Hipótese 2) envolve a opção por uma "verb-and-object specific construction" e conduz a um uso não-prototípico. Logo, se pudermos comprovar que esses dois caminhos estão disponíveis para o falante, estaremos em condições de sugerir que a radialidade verificada nos usos concretos (por exemplo, usos de "cortar" com e sem instrumento cortante) é um subproduto da organização hierárquica da rede construcional, que contém construções redundantes em diferentes graus de esquematicidade.

Diante disso, propusemo-nos a verificar a validade das hipóteses 1 e 2 acima. Para isso, desenvolvemos um novo experimento de produção induzida, para o qual nos voltamos na próxima seção.

5 Da categorização radial à representação construcional (II): testando hipóteses

Para verificar a validade das hipóteses enunciadas na seção anterior, foi desenvolvido um experimento de produção induzida no qual os participantes deveriam assistir a vídeos curtos em que se encenavam eventos de separação e, na

sequência, descrever oralmente as cenas assistidas. As próximas subseções se voltam para a descrição desse experimento (5.1 a 5.6) e para a apresentação e discussão dos seus resultados (5.7).

5.1 Visão geral: variáveis, condições experimentais e previsões

O experimento desenvolvido incluiu apenas cenas que refletissem eventos prototípicos de CORTE ou de QUEBRA (conforme descrição apresentada na seção 2). Correspondentemente, embora o paradigma experimental adotado permitisse que os participantes escolhessem livremente qualquer verbo para suas descrições, somente as respostas com “cortar” e “quebrar” foram contabilizadas separadamente; todas os demais verbos foram reunidos sob o rótulo “Outros”. Nesse sentido, nossa variável dependente foi a incidência de uso de cada verbo.

As variáveis independentes (VIs) manipuladas foram duas: *tipo de evento* e *tipo de objeto afetado*. Dada a decisão de abarcar apenas eventos prototípicos de CORTE e de QUEBRA, os níveis definidos para essas variáveis foram os seguintes: para *tipo de evento*, evento com instrumento cortante e com separação precisa (isto é, evento de CORTE) *versus* evento sem instrumento cortante e sem separação precisa (isto é, evento de QUEBRA); para *tipo de objeto afetado*, objeto usualmente cortado *versus* usualmente quebrado. Isso está sintetizado abaixo:

VI 1 –Tipo de evento: com instrumento cortante e com separação precisa (isto é, evento de CORTE) *versus* sem instrumento cortante e sem separação precisa (isto é, evento de QUEBRA)

VI 2 – Tipo de objeto afetado: usualmente cortado *versus* usualmente quebrado

A combinação dos dois níveis das duas variáveis independentes resulta em quatro condições experimentais: (i) evento de corte com objeto usualmente cortado (por exemplo, alguém separando as partes de uma cenoura com uma faca); (ii) evento

de corte com objeto usualmente quebrado (por exemplo, alguém separando um lápis com uma faca); (iii) evento de quebra com objeto usualmente quebrado (por exemplo, alguém separando um lápis em duas partes com as mãos); e (iv) evento de quebra com objeto usualmente cortado (por exemplo, alguém partindo uma cenoura com as mãos). Na prática, essas quatro condições correspondem aos quatro tipos de situações em que os estímulos experimentais – isto é, os vídeos com cenas de separação – foram distribuídos¹⁶.

Essa distribuição dos estímulos pode ser visualizada no Quadro abaixo:

Quadro 1 – Distribuição dos estímulos experimentais.

Variáveis	Descrição	Exemplo
VI 1 Tipo de evento	Evento de corte com objeto usualmente cortado	Alguém separando as partes de uma cenoura com uma faca
	Evento de corte com objeto usualmente quebrado	Alguém separando um lápis com uma faca
VI 2 Tipo de objeto afetado	Evento de quebra com objeto usualmente quebrado	Alguém separando um lápis em duas partes com as mãos
	Evento de quebra com objeto usualmente cortado	Alguém partindo uma cenoura com as mãos

Fonte: elaborado pelos autores.

Na seção anterior, sugerimos que a escolha do verbo pode ser motivada por dois fatores: compatibilidade entre evento e frame semântico da “verb-specific construction” e compatibilidade entre entidade participante do evento e frame semântico da “verb-and-object-specific construction”. As variáveis independentes manipuladas permitem, precisamente, avaliar a validade dessas duas hipóteses, na

¹⁶ No Apêndice deste artigo, são apresentadas imagens (capturas de tela) correspondentes aos estímulos críticos de todas as quatro condições experimentais. A justificativa para a escolha dos objetos utilizados na confecção dos vídeos é fornecida na seção 5.2 (“Confecção dos estímulos”).

medida em que permitem testar, para cada uma delas, uma previsão experimental distinta. Isso pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 2 – Relação entre hipóteses e previsões.

HIPÓTESE	PREVISÃO EXPERIMENTAL
A coincidência entre o processo especificado no frame semântico de uma "verb-specific construction" e o evento a ser descrito motiva o emprego do verbo especificado nessa construção para descrever o evento em pauta.	O verbo "cortar" será mais usado que "quebrar" nas condições de evento de CORTE; o verbo "quebrar" será mais usado que "cortar" nas condições de evento de QUEBRA.
A coincidência entre a <i>entidade</i> especificada como paciente no frame semântico de uma "verb-and-object specific construction" e o evento a ser descrito motiva o emprego do verbo especificado nessa construção para descrever o evento em pauta.	O verbo "cortar" será mais usado que "quebrar" nas condições com objeto tipicamente cortado; o verbo "quebrar" será mais usado que "cortar" nas condições com objeto tipicamente quebrado.

Fonte: elaborado pelos autores.

Como mostra o quadro acima, a primeira previsão deriva da primeira hipótese. Isto é, se for verdade que o falante pode escolher o verbo a ser empregado com base na compatibilidade a cena e o processo especificado no frame da "verb-specific construction" (hipótese 1), então é de se esperar que o verbo "cortar" seja empregado com mais frequência em cenas compatíveis com o frame da "verb-specific construction" SUJ CORTAR OBJ, e que o verbo "quebrar" seja escolhido mais frequentemente em cenas compatíveis com o frame da "verb-specific construction" SUJ QUEBRAR OBJ (previsão 1). Ao mesmo tempo, se é verdade que o falante pode escolher o verbo a ser empregado com base na compatibilidade entre a cena e a entidade especificada no frame da "verb-and-object specific construction" (hipótese 2), então é de se esperar que o verbo "cortar" seja empregado com mais frequência em cenas que exibam objetos tipicamente cortados e que o verbo "quebrar" seja empregado mais

frequentemente para descrever cenas que incluam objetos tipicamente quebrados (previsão 2).

Em resumo, o experimento foi montado de modo a manipular duas variáveis independentes, cada qual com dois níveis, resultando em quatro condições experimentais. Se, nas duas condições ligadas ao evento de corte, o uso de “cortar” for significativamente maior que o de “quebrar”, e nas duas condições ligadas ao evento de “quebra” o uso de “quebrar” for maior que o de “cortar”, isso fornecerá evidências de que o falante pode selecionar uma “verb-specific construction” a fim de descrever uma dada cena (assim confirmando a hipótese 1). Ao mesmo tempo, se, nas duas condições com objetos tipicamente cortados, o uso de “cortar” for significativamente maior que o de “quebrar”, e nas duas condições com objetos tipicamente quebrados o uso de “quebrar” for significativamente maior que o de “cortar”, isso fornecerá evidências de que o falante pode selecionar uma “verb-and-object specific construction” para descrever uma dada cena (assim confirmando a hipótese 2).

5.2 Confeção dos estímulos

Os estímulos deste experimento consistem em um conjunto de 32 vídeos curtos (cinco a 22 segundos), que foram gravados por nós. Destes, 24 são estímulos distratores e oito correspondem a estímulos críticos.

Para definir quais objetos seriam utilizados nos vídeos críticos, era preciso identificar nomes que tipicamente coocorressem com “quebrar” (mas não com “cortar”) e nomes que tipicamente coocorressem com “cortar” (mas não com “quebrar”). Lembramos que o experimento buscava verificar a possibilidade de os falantes recorrerem tanto a “verb-specific constructions” quanto a “verb-and-object-specific constructions”, e que, segundo a GCBU, apenas sequências particularmente frequentes são armazenadas como construções independentes. Assim, a identificação de sequências frequentes com cada verbo (“cortar” e “quebrar”) permite postular a

existência de “verb-and-object-specific constructions” com o verbo respectivo. Ao mesmo tempo, a verificação de que uma dada sequência de *verbo + nome* apresenta baixa frequência de ocorrência permite assumir que essa sequência *não está* representada no *constructicon* sob a forma de uma construção independente. Uma vez identificadas essas sequências, portanto, seria possível selecionar os objetos físicos a serem empregados nos vídeos do experimento, a fim de manipular a evocação ou não de uma “verb-and-object-specific construction” por parte dos participantes.

Para identificar sequências de alta e baixa frequência, recorreremos à ferramenta de busca Google, uma vez que os *corpora* disponíveis em plataformas *online* apresentaram limitação na quantidade de dados. A estratégia adotada consistiu em realizar uma pré-seleção de itens que designassem objetos concretos¹⁷ e que, de acordo com a nossa intuição, coocorreriam frequentemente com cada um dos verbos (“cortar” ou “quebrar”) e não com o outro. Os itens pré-selecionados foram “cenoura”, “banana”, “lápiz” e “grafite”. Supusemos que os dois primeiros seriam frequentes com “cortar” (mas não com “quebrar”) e que os dois últimos seriam frequentes com “quebrar” (mas não com “cortar”)

Em seguida, recorreremos à busca do Google para validar essa intuição e verificar se de fato os itens pré-selecionados discrepavam em termos de frequência de co-ocorrência com cada verbo. Por isso, foram feitas ao todo oito buscas, todas elas com o comando entre aspas e utilizando a forma verbal no infinitivo: “cortar cenoura”, “quebrar cenoura”, “cortar banana”, “quebrar banana”, “cortar lápis”, “quebrar lápis”, “cortar grafite” e “quebrar grafite”. A tabela a seguir exhibe o resultado de cada busca:

¹⁷ Era importante que os itens designassem objetos concretos porque as entidades denotadas por eles seriam utilizadas na confecção dos vídeos. Assim, sequências que expressassem usos figurativos, como “quebrar promessa”, por exemplo, não poderiam ser levadas em conta.

Tabela 5 – Frequência de co-ocorrência dos substantivos associados aos verbos “cortar” e “quebrar”.

NOME	Ocorrências com “cortar”	Ocorrências com “quebrar”
Cenoura	22.900	50
Banana	6.970	47
Grafite	45	15.900
Lápis	845	1750

Fonte: elaborado pelos autores.

Como dissemos anteriormente, só podemos supor a existência de uma “verb-and-object-specific construction” quando um determinado objeto é particularmente frequente com um dado verbo. Diante dos números que se observam na tabela acima, faz sentido supor que exista no *constructicon*, por exemplo, uma construção SUJ CORTAR CENOURA, mas não uma construção SUJ QUEBRAR CENOURA. Assim, a partir dessa verificação da frequência de co-ocorrência, tomamos esses substantivos como base para a confecção dos vídeos, isto é, optamos por utilizar nos vídeos os objetos nomeados pelos quatro substantivos cuja frequência de co-ocorrência com “cortar” e “quebrar” foi verificada via mecanismo de busca Google.

5.3 Materiais e procedimentos

Para a aplicação do experimento, utilizamos dois softwares: *OpenSesame* para a exibição dos 32 vídeos e *Audacity* para a gravação das respostas fornecidas pelos sujeitos.

Em um primeiro momento, o aplicador explicava para o participante voluntário que não se tratava de um teste das suas habilidades e sim de um experimento para fins acadêmicos, e que nenhum dado pessoal seria exposto. O aplicador perguntava se poderia iniciar a gravação e, após o consentimento do voluntário, o experimento era iniciado. As duas primeiras telas eram destinadas a uma explicação de como o

participante deveria proceder à descrição dos vídeos, bem como da finalidade do experimento. Na primeira tela a informação era: “Você vai participar de um experimento linguístico no qual não existem respostas certas ou erradas”. Na segunda tela: “Você vai assistir a alguns vídeos e, de maneira mais natural possível, vai descrever as cenas que forem representadas. Lembre-se de que não precisa de muitos detalhes.”

No passo seguinte, o aplicador passava o controle do experimento para o voluntário e explicava que os três primeiros vídeos eram apenas para treinamento. Para sanar dúvidas que eventualmente surgissem nessa etapa, o aplicador permanecia na sala nesse momento. A terceira tela continha a seguinte informação: “Os três primeiros vídeos vão ser de treinamento. Qualquer dúvida, pergunte ao aplicador”. Nesse primeiro momento, caso o voluntário tivesse qualquer dúvida, fosse para usar o software ou para fornecer uma descrição das cenas, o aplicador poderia ajudar. Sendo assim, o começo do experimento era guiado pelo aplicador.

Ao final dos três vídeos de treinamento, aparecia uma tela com a seguinte mensagem: “Se não tem nenhuma dúvida, vamos começar”. Nesse momento, o aplicador saía da sala para que o voluntário pudesse ficar mais à vontade e o experimento pudesse capturar respostas mais espontâneas. Todo o experimento foi pensado, desde as frases de instrução até as cenas contidas nos vídeos, para criar um ambiente informal e assim capturar respostas menos monitoradas por parte dos voluntários.

5.4 Participantes

Participaram do experimento 25 sujeitos, todos falantes nativos do português brasileiro, naturais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (incluindo o município do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, Niterói e São Gonçalo). Todos os sujeitos

estavam cursando a primeira graduação, tinham no mínimo 18 anos e receberam certificado para cômputo de horas de atividades extracurriculares.

5.5 Transcrição dos dados

As descrições orais dos participantes foram gravadas utilizando o software *Audacity* e, posteriormente, foram transcritas. Nos casos de respostas inaudíveis ou não gravadas devido a erro experimental, todas as respostas do participante respectivo foram descartadas, de modo que fosse possível calcular de forma igualitária todas as outras descrições advindas dos sujeitos restantes.

5.6 Procedimento de análise

As descrições dos 24 vídeos distratores não foram transcritas. Três participantes foram excluídos em função de erro experimental. Assim, obtivemos um total de oito vídeos para cada um dos 22 participantes, isto é, 176 respostas críticas, devidamente transcritas. Para cada um dos participantes, foi gerada uma planilha, como no exemplo a seguir:

Quadro 3 – Transcrição das respostas obtidas no experimento.

	Descrição genérica do vídeo	Descrição fornecida pelo informante	Verbo obtido
Crítico 1	Uma pessoa divide um lapis em duas partes usando as maos		
Crítico 2	Uma pessoa divide uma cenoura em quatro partes usando uma faca		
Crítico 3	Com o auxilio de uma faca, uma pessoa divide dois grafites de lapiseira em duas partes cada		
Crítico 4	Uma pessoa divide uma banana descascada em tres partes usando apenas as maos		
Crítico 5	Uma pessoa divide uma cenoura em duas partes usando apenas as maos		
Crítico 6	uma pessoa retira duas rodela de chuchu com o auxilio de uma faca		
Crítico 7	Ao escrever, o grafite de uma lapiseira se parte		
Crítico 8	Uma pessoa divide um lapis ao meio usando uma faca		

Fonte: elaborado pelos autores.

Ao final das transcrições das respostas completas de todos os participantes, preenchemos a última coluna dos quadros, onde registramos especificamente o verbo selecionado por cada um, a fim de que se pudesse, posteriormente, calcular a frequência de uso de “quebrar” e de “cortar”. Do total de 200 possibilidades de usar um dos dois verbos, identificamos que os participantes, juntos, utilizaram os verbos “cortar” e “quebrar” 144 vezes, sendo 93 vezes o primeiro e 51 vezes o segundo. As outras 32 descrições dos eventos encenados nos vídeos foram feitas usando outros verbos.

Para uma melhor compreensão, apresentaremos a seguir um quadro preenchido com as respostas do participante 9.

Quadro 4 – Transcrição das respostas do participante 9.

	Descrição genérica do vídeo	Descrição fornecida pelo participante	Verbo obtido
Crítico 1	Uma pessoa divide um lápis em duas partes usando as mãos	Tem uma moça quebrando um lápis	QUEBRAR
Crítico 2	Uma pessoa divide uma cenoura em quatro partes usando uma faca	Mulher cortando uma cenoura	CORTAR
Crítico 3	Com o auxílio de uma faca, uma pessoa divide dois grafites de lapiseira em duas partes cada	Alguém cortando ao meio pontas de lapiseira	CORTAR
Crítico 4	Uma pessoa divide uma banana descascada em três partes usando apenas as mãos	Uma mulher cortando uma banana em três partes	CORTAR
Crítico 5	Uma pessoa divide uma cenoura em duas partes usando apenas as mãos	Uma mulher dividindo uma cenoura ao meio	
Crítico 6	Uma pessoa retira duas rodela de chuchu com o auxílio de uma faca	Uma moça cortando um chuchu	CORTAR
Crítico 7	Ao escrever, o grafite de uma lapiseira se parte	Alguém riscando um pontinho em uma folha branca	
Crítico 8	Uma pessoa corta um lápis ao meio usando uma faca	Uma moça dividindo um lápis de escrever com uma faca	

Fonte: elaborado pelos autores.

Como podemos observar, o participante 9, no vídeo *crítico 4*, descreveu a cena de uma banana sendo dividida em três partes utilizando o verbo “cortar” (embora não tenha sido utilizado nenhum instrumento de corte). Nos vídeos *crítico 5*, *crítico 7* e *crítico 8*, o mesmo participante não utilizou nenhum dos dois verbos considerados para este experimento; por isso, os espaços referentes a “verbo obtido” estão em branco e as respostas respectivas não foram computadas.

5.7 Resultados e discussão

Passamos agora para a apresentação e discussão dos resultados da análise. Começaremos com a apresentação de duas tabelas com os valores totais das respostas de todos os sujeitos experimentais. Cada tabela corresponde a uma das duas variáveis independentes (VI 1 e VI 2) que foram controladas nesse experimento: tipo de evento (CORTE ou QUEBRA) e tipo de objeto afetado (usualmente cortado e usualmente quebrado).

Tabela 6 – Resultados referentes à variável independente TIPO DE EVENTO.

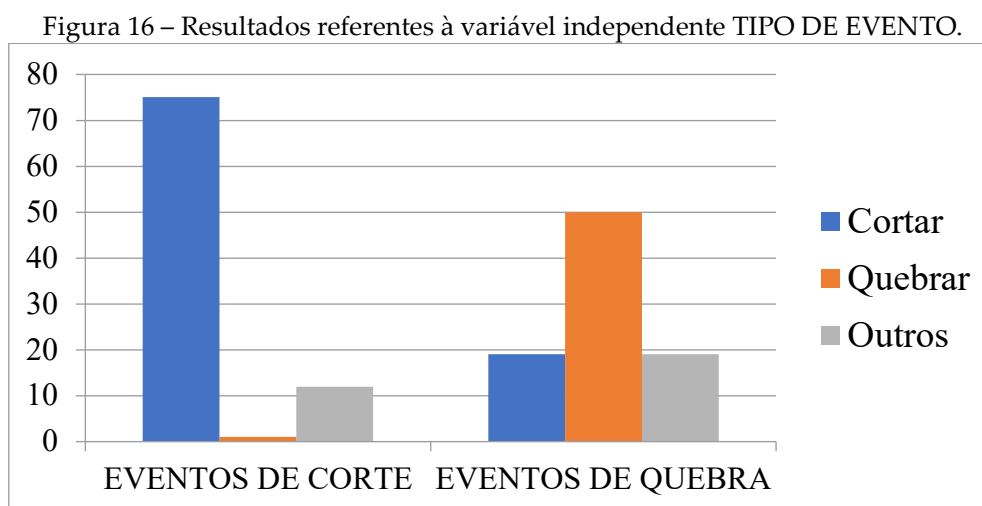
	Evento de CORTE	Evento de QUEBRA
Cortar	75	19
Quebrar	1	50
Outros	12	19

Fonte: elaborada pelos autores.

Como se pode observar na tabela acima, os resultados confirmaram as expectativas. Quando os vídeos apresentavam cenas em que eram representados eventos de corte, isto é, eventos de separação precisa com uso de instrumento cortante, pudemos contabilizar 75 ocorrências do verbo “cortar” contra apenas uma do verbo “quebrar” e 12 de outros verbos. Já quando se representavam eventos de quebra, isto é, eventos de separação imprecisa sem instrumento cortante, identificamos um uso um

pouco mais heterogêneo, visto que os números foram os seguintes: 50 descrições utilizando o verbo “quebrar” e 38 utilizando “cortar”, além de 19 descrições com outros verbos.

Para uma melhor visualização, podemos observar no gráfico a seguir as diferenças dos usos de cada um dos verbos em cada condição.



Fonte: elaborada pelos autores.

Como se observa, no primeiro trio de barras do gráfico acima, referente aos vídeos com eventos de corte, atestamos uma frequência acentuadamente mais elevada do verbo “cortar”, ao passo que, no segundo trio de barras, referente aos vídeos com eventos de quebra, podemos observar um uso mais frequente do verbo “quebrar”. Além disso, e crucialmente, a diferença na distribuição dos verbos em cada condição foi significativamente diferente ($p < 0.001$). Isso significa que o tipo de evento representado interfere de fato na escolha do verbo. Em outras palavras, esse resultado é compatível com a nossa hipótese 1, segundo a qual a coincidência entre o *processo* especificado no frame semântico de uma "verb-specific construction" e o evento a ser descrito motiva o emprego do verbo especificado nessa construção para descrever o evento em pauta.

Passemos agora aos dados referentes à nossa segunda variável independente, isto é, tipo de objeto afetado (usualmente cortado *versus* usualmente quebrado).

Tabela 7 – Resultados referentes à variável independente TIPO DE OBJETO

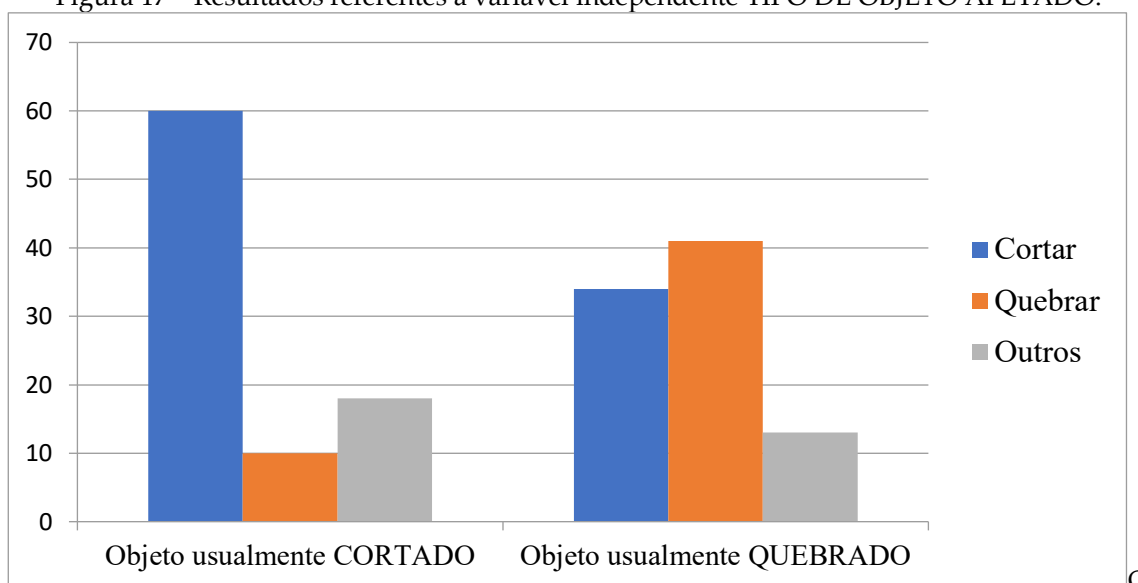
	Objeto usualmente CORTADO	Objeto usualmente QUEBRADO
Cortar	60	34
Quebrar	10	41
Outros	18	13

Fonte: elaborada pelos autores.

Nesta tabela, podemos observar que os números variaram um pouco mais do que na primeira. No conjunto de vídeos das condições com objeto usualmente cortado, foram contabilizadas 60 descrições utilizando o verbo “cortar” contra 10 utilizando o verbo “quebrar” (e, além disso, 18 com outros verbos). Já nos vídeos das condições com objeto usualmente quebrado, contabilizamos um número muito próximo dos dois verbos: 34 descrições utilizando o verbo “cortar” e 41 utilizando o verbo “quebrar”.

Aqui também apresentamos um gráfico para uma melhor visualização:

Figura 17 – Resultados referentes à variável independente TIPO DE OBJETO AFETADO.



Fonte: elaborada pelos autores.

Assim como no gráfico anterior, as respostas estão agrupadas em dois trios de barras, sendo o primeiro trio referente aos vídeos que mostravam um objeto que tipicamente é cortado e o segundo trio referente aos vídeos que mostravam um objeto que tipicamente é quebrado. Como se observa, no caso dos vídeos com objeto tipicamente cortado, o verbo “cortar” foi mais frequente que “quebrar”, ao passo que, no caso dos vídeos com objeto tipicamente quebrado, essa relação se inverteu, com o verbo “quebrar” sendo mais frequente que “cortar” (apesar de a diferença, neste segundo caso, ser visivelmente menor). Além disso, e o mais importante, foi possível verificar que a incidência do uso dos verbos analisados em cada condição é significativamente diferente ($p < 0.001$), sugerindo que o tipo de objeto representado efetivamente interfere na escolha do verbo.

Como já foi dito, nossa interpretação para esse resultado é a de que o falante tem disponível, em seu *constructicon*, as chamadas “verb-and-object-specific constructions”. Isso explica por que objetos usualmente cortados induzem o falante a usar o verbo “cortar” – e objetos usualmente quebrados induzem o falante a usar o verbo “quebrar” – *mesmo nos casos em que a cena representada é incongruente com o frame do verbo selecionado*. A ideia é a de que, por conta da frequência de co-ocorrência, o falante já dispõe de uma “verb-object-specific construction” como *SUJ CORTAR CENOURA*, mas não possui algo como *SUJ QUEBRAR CENOURA*.

Ao final da seção 2, levantamos a seguinte questão: por que o falante recorre ao uso não-prototípico de um dado verbo em contextos nos quais ele teria à disposição o uso prototípico de um outro verbo? Em outras palavras, de onde vêm os efeitos de prototipicidade identificados no uso linguístico? Os resultados deste experimento permitem oferecer uma resposta: usos não-prototípicos resultam da existência, no *constructicon*, de “verb-and-object-specific constructions”, que são redundantes em relação às mais abstratas / esquemáticas “verb-specific constructions”. Dada essa disponibilidade, o falante tem a possibilidade selecionar a construção a ser empregada

com base na coincidência entre a entidade participante do evento e o referente do *objeto sintático* da construção. Assim, quando não existe uma “verb-and-object specific construction” com o verbo inteiramente apropriado para o evento em pauta, pode-se recorrer a uma construção em que a compatibilidade esteja apenas na entidade, e não no processo. Como resultado, emerge um uso verbal não-prototípico.

6 Considerações finais

Ao flagrar efeitos de prototipicidade no uso linguístico concreto, um experimento relatado em Muniz (2019) forneceu evidências em favor da alegação, cara à tradição da Linguística Cognitiva, de que categorias linguísticas tipicamente não exibem estrutura clássica. Esse mesmo experimento, porém, não forneceu elementos que permitissem *explicar*, ou motivar, a ocorrência de efeitos de prototipicidade.

Com a finalidade de compreender tais motivações, desenvolvemos, então, um experimento de produção induzida. Esse experimento partiu da premissa de que a radialidade categorial é resultado da existência, na mente do falante, de uma rede construcional hierárquica de natureza redundante. Essa organização hierárquica é amplamente reconhecida pelos estudos em Gramática de Construções Baseada no Uso, e está por trás da ideia de que a rede construcional pode incluir tanto “verb-specific constructions” quanto “verb-and-object-specific constructions” (CROFT, 2012).

Diante disso, assumimos que a rede construcional do falante incluiria tanto construções como SUJ CORTAR OBJ e SUJ QUEBRAR OBJ (isto é, “verb-specific constructions”), cujo polo semântico especificaria apenas o *frame* associado ao uso prototípico do verbo respectivo, quanto construções do tipo SUJ CORTAR CENOURA e SUJ QUEBRAR LÁPIS, cujo polo semântico seria necessariamente mais detalhado e específico. Diante dessa configuração, os efeitos de prototipicidade verificados no uso concreto poderiam decorrer do fato de o falante optar por selecionar a construção com base no objeto afetado, e não no processo verbal.

Os resultados do nosso experimento forneceram evidências em favor dessa hipótese, na medida em que as duas variáveis testadas – *tipo de evento (corte ou quebra)* e *tipo de objeto afetado (usualmente cortado ou usualmente quebrado)* – se mostraram relevantes. Em outras palavras, o experimento mostrou que, para selecionar a construção a ser empregada para descrever uma cena, o falante pode se basear em dois fatores: a compatibilidade entre o evento presenciado e o processo verbal ou a identidade entre o objeto presenciado e o objeto especificado pela construção. Isso sugere que usos não-prototípicos podem ser explicados, pelo menos nos casos investigados aqui, não com base na existência de representações mentais de categorias com estrutura radial, mas com base na possibilidade de o falante selecionar, no *constructicon*, sequências particularmente frequentes de verbo + objeto (isto é, sequências em alguma medida pré-fabricadas).

Dito de outra maneira, nossos resultados corroboraram a ideia de que os efeitos de prototipicidade identificados em Muniz (2019) são resultado do armazenamento construcional redundante reconhecido na literatura em GCBU. Afinal, se o falante não armazenasse sequências específicas de verbos e complementos, não seria possível explicar por que eles estariam dispostos, quando diante de situações não-usuais, a desconsiderar as propriedades semânticas dos verbos empregados.

Por um lado, esse resultado é relevante por fornecer evidências em favor do tipo de representação construcional advogado pela GCBU, a variante cognitivo-funcional da GC (como observamos na seção 2, os modelos formalistas rejeitam a postulação de níveis hierárquicos redundantes). Mas, para além dessa contribuição, gostaríamos que este trabalho fosse visto como um primeiro passo no sentido de se construir uma ponte entre, de um lado, os estudos cognitivistas sobre categorização radial e, de outro, a preocupação com a arquitetura do conhecimento linguístico, própria dos pesquisadores que atuam no campo da Gramática de Construções.

Referências

BOHNEMEYER, J., BOWERMAN, M.; BROWN, P. Cut and break clips. *In*: LEVINSON, S. C.; ENFIELD, N. J. (ed.). **Manual for the field season 2001**. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2001.

CROFT, W. **Verbs: aspect and causal structure**. Oxford: University Press, 2012. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199248582.001.0001>

DIESEL, H. **The grammar network: How linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1017/9781108671040>

DIESEL, H. Usage-based Construction Grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DAGMAR, D. (ed.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*. **Language**, v. 63, n. 3, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

GEERAERTS, D. Where does prototypicality come from? *In*: RUDZA-OSTIN, B. (ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.50.09gee>

GEERAERTS, D. Prospects and problems of prototype theory. *In*: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive Linguistics: Basic readings**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2006. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110199901>

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Cambridge: University Press, 2006.

HOFFMANN, T. From constructions to construction grammar. *In*: DANCYGIER, B. (ed.) **The Cambridge Handbook of Cognitive Linguistics**. Cambridge: University Press, 2017.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LANGACKER, R. A usage-based model. *In*: RUDZKA-OSTYN, B. (ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. DOI <https://doi.org/10.1075/cilt.50.06lan>

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar – Vol. II: Descriptive application*. Stanford: University Press, 1991.

LEITE DE OLIVEIRA, D. Foco sentencial em russo sob uma perspectiva construcionista baseada no uso: a construção com o marcador *éto*. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 61, n. 1, 2019. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v61i1.8654200>

PEREK, F. **Argument structure in Usage-Based Construction Grammar**. Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2015. DOI <https://doi.org/10.1075/cal.17>

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. **Cognitive Linguistics**, v. 23, n. 3, 2012. DOI <https://doi.org/10.1515/cog-2012-0018>

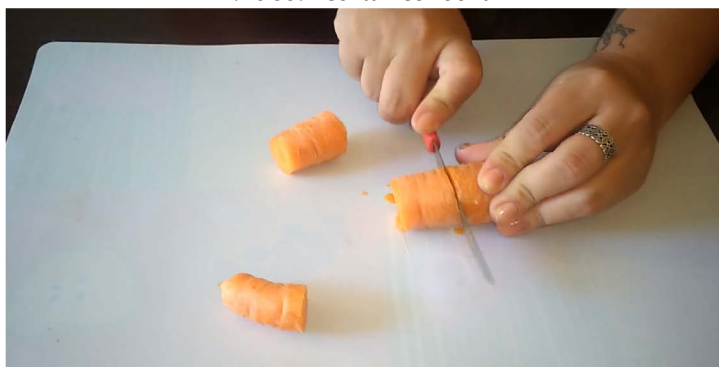
PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In*: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). **Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente**. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: Studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7, n. 4, 1975. DOI [https://doi.org/10.1016/0010-0285\(75\)90024-9](https://doi.org/10.1016/0010-0285(75)90024-9)

Apêndice

Condição 1 – Situação usual de corte

Vídeo: “cortar cenoura”

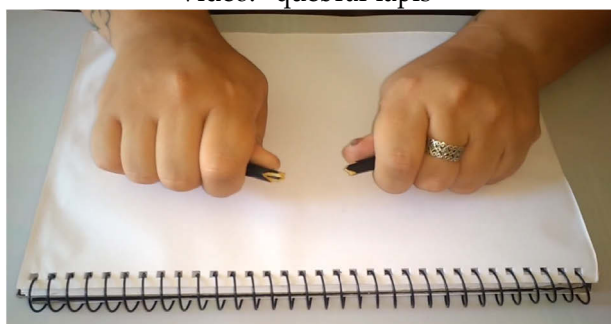


Vídeo: "cortar chuchu"



Condição 2 – Situação usual de quebra

Vídeo: "quebrar lápis"

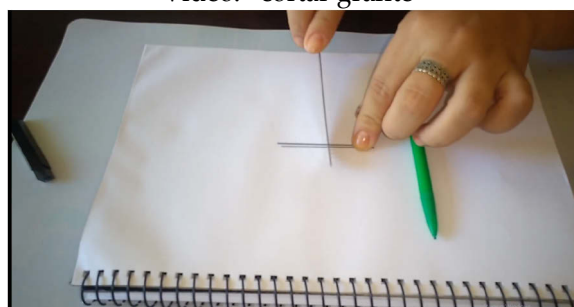


Vídeo: "quebrar grafite"



Condição 3 – Situação não-usual de corte

Vídeo: "cortar grafite"



Vídeo: "cortar lápis"

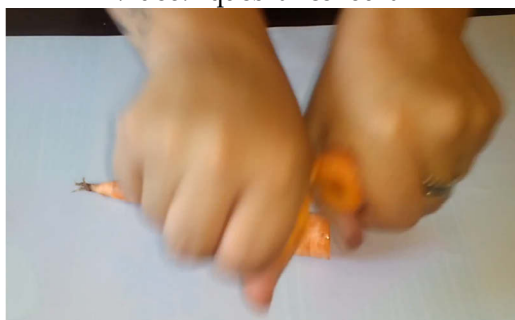


Condição 4 – Situação não-usual de quebra

Vídeo: "quebrar banana"



Vídeo: "quebrar cenoura"



Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 01.03.2021



[*Because X*] sob a perspectiva da Gramática de Construções: uma análise baseada em *corpus*

Understanding [*because X*] in Construction Grammar: a corpus-based analysis

Wellington Araujo MENDES JUNIOR*

Elisa MATTOS**

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise da construção [*because X*] com base nos preceitos teóricos da Gramática de Construções (FILLMORE *et al.*, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2016) e na Linguística de Corpus (McENERY; HARDIE, 2013; SINCLAIR, 2005) como metodologia. Os dados foram coletados com um código computacional no *corpus EnTenTen* (JAKUBÍČEK *et al.* 2013), de acordo com padrões lexicogramaticais de *because*. Os resultados indicam forte preferência da construção [*because X*] por substantivos, adjetivos e interjeições em [X], muitas vezes se comportando como [*because + sintagma preposicional*]. Com base nos parâmetros de Fillmore *et al.* (1988), [*because X*] pode ser vista como construção aberta, codificável, formal e extragramatical. Sugerimos que [*because X*] é usada principalmente em contextos informais, favorecendo a brevidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de Construções. *Because*. Linguística de Corpus.

ABSTRACT: This paper analyzes the construction [*because X*] as based on the Construction Grammar framework (cf. FILLMORE *et al.*, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; BYBEE, 2016), in association with the methodological tools of Corpus Linguistics (McENERY; HARDIE, 2013; SINCLAIR, 2005). Data was collected by means of a special computational code designed for use in the *EnTenTen* corpus (JAKUBÍČEK *et al.*, 2013), to search for lexical-grammatical patterns attested in *because*. Our analysis shows that the construction [*because X*] heavily favors nouns, adjectives, and interjections in the [X] position, often behaving similarly to the prepositional *because*. Following Fillmore *et al.* (1988), [*because X*] can be understood as codable, formal, extragrammatical. We suggest that [*because X*] is mainly used in more informal contexts, favoring brevity.

KEYWORDS: Construction grammar. *Because*. Corpus Linguistics.

* Doutorando e Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1459-4183>. wellington@cefetmg.br.

** Doutoranda e Mestra em Estudos Linguísticos (UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4787-1837>. elisamattos@ufmg.br.

1 Introdução

O item lexical *because* tem sido convencionalmente empregado de dois modos no inglês moderno: (i) como conjunção, para introduzir uma oração finita (*he did this because he was bored*) e (ii) como elemento de preposição composta, para introduzir um sintagma preposicional iniciado por *of* (*I can't go out because of the rain*), segundo Quirk *et al.* (1985) e Pullum e Huddleston (2002). Em Biber *et al.* (1999) e Aarts (2011), *because* é considerada conjunção subordinada e *because of* é categorizada como uma preposição complexa¹, analisada à parte.

Esta pesquisa, no entanto, volta-se para uma construção aparentemente menos convencional: [*because X*], em que [X] representa uma posição lexicalmente aberta, podendo ser preenchida por uma série de itens de diferentes categorias gramaticais. A título de ilustração, listamos os exemplos (1-5) a seguir, retirados do *microblog* Twitter:

1. *I love graduation parties because food*
2. *Is it Sunday, guys? Because wow*
3. *If you like me, tell me. Because seriously*
4. *Going to bed way early because exhausted :/*
5. *School because studying. Studying because school*

Nos exemplos (1-5) a posição [X] – que parece funcionar como complemento de *because* – é preenchida por substantivo em (1), por interjeição em (2), por advérbio em (3) e por adjetivo seguido de um *emoticon* em (4), no qual a pontuação² faz parte do sentido expressado pela complementação de *because*. (5), por sua vez, tem um verbo e um substantivo na posição complementar.

¹ Segundo Bohmann (2016) e Pullum e Huddleston (2002), a divisão de Biber *et al.* (1999) e Aarts (2011) não se sustenta analiticamente, razão pela qual nesta pesquisa escolhemos seguir as categorizações de Quirk *et al.* (1985) e Pullum e Huddleston (2002).

² Os exemplos apresentados neste artigo foram incluídos respeitando-se a grafia original, tal como foram encontrados no Twitter e no *corpus* usado para análise.

Até o momento, esse uso do item *because* parece não ter sido reconhecido por gramáticas normativas ou descritivas de língua inglesa, que registram apenas as construções típicas [*because* + *oração finita*] e [*because of* + *sintagma preposicional*], uma ausência possivelmente explicada pelo caráter ainda emergente da realização linguística [*because X*].

Este artigo organiza-se da seguinte maneira: após a descrição dos padrões de frequência e uso de *because* e [*because X*], a seção 2 apresenta brevemente as premissas da Gramática de Construções (GxC) e os preceitos básicos da Linguística de Corpus (LC). A seção 3 descreve a metodologia adotada na pesquisa e a seção 4 volta-se para a análise e discussão dos dados coletados no *corpus* EnTenTen, baseada nos aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos de [*because X*] e em sua classificação segundo os parâmetros de Fillmore *et al.* (1988). A seção 5 então traz considerações finais acerca do tema pesquisado.

1.1 A conjunção *because*

1.1.1 Etimologia

Etimologicamente, *because* tem suas origens no inglês médio do século XIV, na expressão *bi cause* (HARPER, 2020; MOOSBACH, 2020), em que *bi* vem da preposição *by*, do inglês antigo *bi* (perto, ao redor, sobre), enquanto *cause* vem do francês antigo *par cause* (HARPER, 2020), *cause* naturalmente originada no latim *causa* (razão, causa), segundo Moosbach (2020). *Because*, portanto, é resultado de contato linguístico, em que *cause* passou a ser usada no lugar de *sake* (causa, razão, motivo) do inglês médio, por sua vez proveniente do inglês antigo *sacu* (causa, reivindicação, disputa), vindo do proto-germânico **sakō* (MOOSBACH, 2020).

No decorrer do tempo, como se pode notar, *because* reteve suas propriedades semânticas, mas passou por alterações de grafia, variando entre *bycause*, *be cause* e *bi cause*, em que *be* e *bi* atuavam como variante da preposição *by* (HOAD, 2003), até esta

ser padronizada. No inglês moderno, a grafia de *because* também apresenta variações, como *'cause*, *cuz*, *'cos* e *bc*, entre outros (MOOSBACH, 2020), não por falta de padrão, mas pelas possibilidades da comunicação pós-moderna, principalmente nos espaços digitais, que privilegiam brevidade e rapidez, principalmente por faixas etárias mais jovens (BARON, 2000, 2008, 2013; McCULLOCH, 2019).

1.1.2 Frequência e uso

Because apresenta 1.345.844 ocorrências no *Corpus of Contemporary American English – COCA* (DAVIES, 2020a) e um total de 9.783.339 ocorrências no *Corpus of the English Web* (EnTenTen), da família TenTen de *corpora* (JAKUBÍČEK; KILGARRIFF; KOVÁŘ; RYCHLÝ; SUCHOMEL, 2013). Considerando o tamanho desses *corpora*, com mais de 1 bilhão e de 10 bilhões de palavras, respectivamente, *because* pode ser entendida como relativamente frequente, figurando entre as 220 mil palavras mais frequentes do COCA (DAVIES, 2020c), por exemplo.

Quanto à variação diamésica, *because* é usada principalmente na fala (286.062 *tokens*) e na escrita virtual, particularmente em blogues (218.269 *tokens*) e na internet de modo geral (187.261 *tokens*), segundo o COCA. Comparativamente, em registros tradicionalmente escritos, como em gêneros acadêmicos e jornalísticos, *because* tem uso reduzido. A figura 1, a seguir, ilustra as ocorrências de *because* por registro.

Figura 1 – Captura de tela dos resultados de *because* por registro.

SECTION	ALL	BLOG	WEB	TV/M	SPOK	FIC	MAG	NEWS	ACAD
FREQ	1345883	218269	187261	152099	286062	102958	135426	136821	126987
WORDS (M)	993	128.6	124.3	128.1	126.1	118.3	126.1	121.7	119.8
PER MIL	1,355.34	1,697.10	1,507.09	1,187.58	2,267.89	870.15	1,074.03	1,123.86	1,060.08
SEE ALL SUB-SECTIONS AT ONCE									

Fonte: COCA (DAVIES, 2020a).

Em termos de variação diacrônica, tal como registrada no *Corpus of Historical American English* – COHA (DAVIES, 2020b), para a modalidade escrita, *because* tem crescimento gradual da década de 1830 aos anos 2000 (figura 2). A partir de 1990 (até 2019), *because* mantém-se estável no uso falado e escrito no inglês americano (figura 3), segundo dados do COCA (DAVIES, 2020a).

Figura 2 – Captura de tela do número de ocorrências de *because* 1810-1900.

1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900
379	2476	4761	5535	6233	7531	8423	9692	9875	12503

Fonte: COHA (DAVIES, 2020b).

Figura 3 – Captura de tela do número de ocorrências de *because* 1990-2019.

1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	2015-19
147030	159563	155437	156031	161574	160718
139.1	147.8	146.6	144.9	145.3	144.7
1,057.32	1,079.77	1,060.50	1,076.48	1,112.29	1,110.39

Fonte: COCA (DAVIES, 2020a).

Quanto aos padrões lexicogramaticais, dados do COCA indicam preferência por complementos nominais na forma de nomes próprios (*Obama, America, Clinton*), como visto na figura 4. Advérbios são o segundo padrão léxico-gramatical preferido, com variabilidade baixa (apenas quatro *types*), mas de frequência relativamente alta (figura 4).

Figura 4 – Captura de tela do número dos complementos mais frequentes de *because*.

2987	3.43	obama
2258	3.38	us
1844	6.02	america
1262	3.44	romney
1024	8.20	clinton
959	4.83	john
766	3.05	china
740	6.68	washington
739	5.97	jesus
716	8.69	iraq
697	6.91	israel
616	8.34	george
542	6.10	california
524	2.92	anonymity
524	7.00	paul

5380	3.41	part
4208	4.01	partly
2869	3.12	precisely
2075	2.77	mainly

Fonte: COCA (DAVIES, 2020a).

Figura 5 – Captura de tela do número de complementos mais frequentes de *because*.

PARTLY	2907
SIMPLY	2904
LARGELY	1002
PRECISELY	689
MAINLY	590
SOLELY	301
SECONDLY	183
SHORTAGE	173
FORSOOTH	115
DISCRIMINATED	26
INELIGIBLE	20
PEEVED	16
FIRSTLY	15
ADVISEDLY	12
TOLERATES	12

Fonte: COHA (DAVIES, 2020b).

Já no COHA, há predominância de advérbios como complemento para *because* (figura 5), o que possivelmente é explicado pela modalidade do *corpus*, que se volta

exclusivamente para o registro escrito, organizado nos domínios ficção, não ficção, revista e jornal, não contemplando gêneros orais. Dos dez colocados mais recorrentes para *because*, sete são advérbios.

No que diz respeito a características semântico-pragmáticas, *because* apresenta nuances de informalidade e é usada para expressar explicações, razões ou raciocínios breves, segundo Davies (2020a,b). Essa acepção se mantém no uso de [because X], mas a “nova” construção ganha nuances de humor/ironia em diversos contextos.

1.2 [Because X]

1.2.1 Histórico de uso

A fim de verificar o histórico de uso da construção [because X], realizamos buscas no COHA e constatamos que, apesar da recente adoção, [because X] aparece em textos acadêmicos e literários no século XIX, na *North American Review* (“*it would be unwise, because unnecessary*” [1820]) e no século XX, na *Atlantic Monthly* (“*for white soldiers discharged from the army because mentally incompetent*” [1923]), na *Times Magazine* (“*Professor Einstein holds that perception is generally false because relative*” [1929]) e em Aldous Huxley (“*no track because infinity-track*” [1940]), entre outros.

É no século XXI, no entanto, que [because X] passa a ganhar mais visibilidade, após internautas ilustrarem o suposto “novo” uso de *because* em “because reasons”, a partir de 2012, chamando a atenção de linguistas (BAILEY, 2012; LIBERMAN, 2012; McCULLOCH, 2012, 2013; CAREY, 2013; GARBER, 2013; WHITMAN, 2013). [Because X] tornou-se tão popular na internet – e fora dela – que *because* foi eleita “palavra do ano” pela *American Dialect Society* em 2013. As figuras 6, 7, 8 e 9 são exemplos. Já a figura 10 é uma releitura de um quadrinho em que a expressão *because of reasons* é usada.

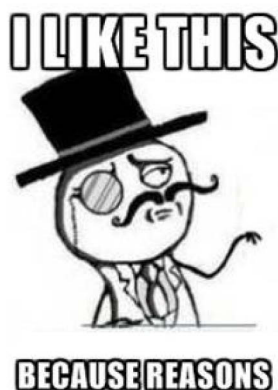
Figuras 6, 7 e 8 – *because reasons* em memes.

Fonte: <https://memegenerator.net/instance/56362802/spongebob-rainbow-because-reasons>,
<https://memegenerator.net/instance/61837740/dr-evil-meme-because-reasons> e
<http://www.quickmeme.com/meme/3pi24w>.

Figura 9 – *because reasons* em um post.

Tumblr, because reasons

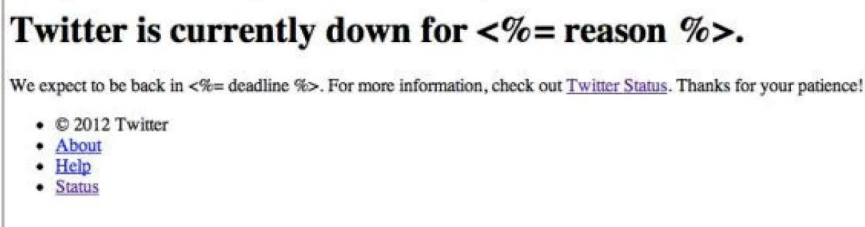
Fonte: <https://onsizzle.com/t/because-reasons>.

Figura 10 – *because reasons* em um meme.

Fonte: <https://lenta.ru/news/2013/11/20/because/>

Os *memes* em questão parecem ter sido impulsionados por uma mensagem do Twitter explicando a razão do não funcionamento temporário do *microblog* (figura 11) – ou melhor, não explicando a razão, já que a mensagem contém um erro e a razão para o não funcionamento acabou não sendo comunicada. O que apareceu no texto foi `<%=reason %>`, no lugar do motivo. A mensagem foi relatada por Oremus (2012) em *Why Was Twitter Down? According to Twitter, It Was Because “Reason”* como forma de tangenciar um questionamento ou indagação, já que nem representantes oficiais do Twitter sabiam por que o *microblog* estava fora do ar.

Figura 11 – mensagem do Twitter “explicando” o serviço fora do ar.



Fonte: <https://slate.com/technology/2012/07/twitter-down-error-message-says-twitter-is-down-for-reason-will-be-back-up-in-deadline.html>.

A mensagem do Twitter “viralizou” e internautas falantes de inglês passaram a usar *because reasons* como forma de responder/justificar alguma coisa ironicamente³, ampliando o uso de *because reasons* para outras palavras. Por exemplo, na matéria “Are Men Going Extinct?”⁴ encontramos *because logic*, e no tuíte indicado na figura 12, *because Obama*, em tom de ironia. Já no tuíte ilustrado na figura 13, [because X] parece não expressar ironia/sarcasmo.

Figura 12 – [because X] em um tuíte.



9:16 PM · Nov 11, 2013 · Twitter Web Client

Fonte: <https://twitter.com/TheDailyEdge/status/400039278949830657>.

Figura 13 – [because X] em um tuíte



Fonte: <https://stancarey.wordpress.com/2013/11/13/because-has-become-a-preposition-because-grammar/>.

³ O *Urban Dictionary* lista *because reasons* como substituição de uma justificativa que deveria ser dada em resposta a perguntas ou muito complexas ou tão simples que não exigem demais explicações. Mais informações:

<https://www.urbandictionary.com/define.php?term=because%20reasons>.

⁴ <https://jezebel.com/are-men-going-extinct-i-fucking-hope-not-5924934>.

Apesar do uso irônico ter aparentemente impulsionado [*because X*], linguistas logo notaram que a expressão, inicialmente entendida como *because NOUN* (BAILEY, 2012; LIBERMAN, 2012; McCULLOCH, 2012) ou como uma preposição (LIBERMAN, 2012; CAREY, 2013; WHITMAN, 2013)⁵, também encontrava-se em uso em notícias online, sem efeitos de sentido irônicos ou sarcásticos, como em “But Iowa still wants to sell eggs to California, **because money**”⁶, “Louisiana GOP Bigot Changes Mind on School Vouchers **Because Muslims**”⁷ e “We assume he is going to win, **because R-Oklahoma.**”⁸, já em 2012, sem relação aparente com *because reasons*.

De modo semelhante, [*because X*] já havia sido usada em mensagens online em 2008 (“[M]arket capitalism leads to political liberalism because... well, **because FREEDOM**, that’s why!”⁹) e 2009 (“Then they were all over 2000 **because, hey, new millennium and all that.**”¹⁰), bem como em um anúncio no sítio *Craigslist* (figura 14) em 2011, que gerou *memes* (figuras 15 e 16). Isso sugere que, embora *because reasons* aparentemente tenha popularizado [*because X*], o uso não irônico de [*because X*] em contextos online já podia ser observado.¹¹

⁵ Quando [*because X*] começou a ganhar notoriedade, muitos a entenderam como *because NOUN*, por ocorrer frequentemente com substantivos, e estudiosos como Garber (2013) e Pullum (2014) sugeriram que *because* estaria adquirindo traços de preposição. No entanto, essa categorização se mostrou muito restritiva e caiu em desuso na literatura, já que pesquisas subsequentes revelaram *because* precedendo outros complementos, como interjeições e adjetivos (cf. WALLA, 2016).

⁶ <https://www.wonkette.com/will-this-republican-state-senate-candidate-beat-his-opponent-from-jail-probably-it-is-oklahoma>.

⁷ http://littlegreenfootballs.com/article/40580_Louisiana_GOP_Bigot_Changes_Mind_on_School_Vouchers_Because_Muslims.

⁸ <https://www.dailykos.com/stories/2012/07/14/1109675/-Iowa-s-Steve-King-finally-plucks-the-chicken>.

⁹ <https://www.crikey.com.au/2008/08/08/essayette-capitalist-autocracy-is-a-corruption-not-the-future/>.

¹⁰ <https://answers.yahoo.com/question/index?qid=20090902011429AAWyc5>.

¹¹ Este trabalho considera que [*because X*] é tipicamente associada a usos sarcásticos, embora a ausência desse efeito de sentido também possa ser associada à construção (cf. WHITMAN, 2013; BOHMANN, 2016). Adicionalmente, Whitman (2013) argumenta que [*because X*] pode ter surgido de “because, hey” nos anos 2000, como em “If life gives you lemons, keep them, **because, hey**, free lemon”. Optamos por não seguir essa hipótese, por haver poucas evidências e por não sabermos a origem das sentenças mencionadas.

Figura 14 – anúncio online com a expressão *because race car*.**1992 Mazda MX3 GS - \$300 (Lawrence)**

Date: 2011-01-26, 2:21PM CST

Reply to: sale-y7drw-2181614004@craigslist.org [Errors when replying to ads?]

[prohibited](#)
[spam/overpost](#)
[best of craigslist](#)

1992 Mazda MX3 GS for sale. Does not run, needs motor. Completely stripped inside because race car. Battery box in the hatchback. 5 speed manual-short shift. Around 135,000 on body. 1.5L V6. Project car. Comes with brand new headers and down pipe, rest of exhaust already installed. Red and Black race car seats in car. 80% tread on tires. Only selling due to already having other project cars. Turquoise with black primer colored. Comes with cold air intake. \$300

Fonte: <https://i.kym-cdn.com/photos/images/original/000/158/068/Untitled.png>.

Figuras 15 e 16 – memes baseados no anúncio, com a expressão *because racecar*.

Fonte: <https://i.kym-cdn.com/entries/icons/original/000/006/512/WHY-Because-Racecar.jpg> e <https://stancarey.files.wordpress.com/2013/11/why-upside-down-because-race-car-meme.jpg>.

Ademais, na mídia televisiva, há exemplos de falas de personagens¹² de séries hollywoodianas e em programas de entrevista, como “And of course, that was last thing in the world she would do **because publicity**”, no Larry King Show em 2001, segundo o COCA, sugerindo que a construção [*because X*] é recorrente na oralidade, de maneira bastante informal, tal como ocorre na internet.

1.2.2 Aspectos semântico-pragmáticos

Em relação aos aspectos semântico-pragmáticos de [*because X*], Walla (2016) afirma que a construção evoca ideias de humor, crítica ou sarcasmo, nuance

¹² “I don’t even get how we made that guy, **because, wow, advanced!**” (Buffy, a caça-vampiros), “**Because gross**” (How I met Your Mother), “We didn’t have fathers, because **divorce**” (Brooklyn Nine-Nine) e “**Because demons, that’s why**” (Supernatural), entre outros exemplos retirados do COCA.

parcialmente identificada em nossos dados. O aspecto humorístico, como também verificamos, parece advir do não dito, baseado na presumida experiência compartilhada entre os interlocutores, o que tende a criar uma percepção de que longas explicações não são cabíveis ou necessárias (cf. LIBERMAN, 2012; McWHORTER, 2014), criando uma ruptura nas expectativas do interlocutor, que, ao ler “because”, tipicamente espera uma explicação. É exatamente a ruptura que causa o humor (ROSS, 1998; NIELSEN; NIELSEN, 2018).

Uma inspeção mais cuidadosa, no entanto, indica que [*because X*] pode ser e é usada de modo não irônico/humorístico, como evidenciado nos exemplos da seção anterior e como será ilustrado na discussão dos resultados de nossa pesquisa. Esse aspecto semântico-pragmático ainda é disputado na literatura. Por exemplo, para autores como Garber (2013), [*because X*] é uma construção inerentemente irônica. Já Whitman (2013) e Bohmann (2016) notam que a construção pode apresentar tanto usos sarcásticos quanto não sarcásticos, enfatizando a necessidade de mais estudos quantitativos para melhor verificação.

Para verificar o grau de aceitabilidade da construção [*because X*], Walla (2016) realizou um estudo sociolinguístico em Michigan, Estados Unidos. Como reportado na tabela 1, há maior familiaridade e aceitabilidade de [*because X*] por participantes do sexo feminino, especialmente no que diz respeito ao uso da construção, resultado que não é surpreendente, já que, sociolinguisticamente, as mulheres tendem a incorporar mais rapidamente mudanças linguísticas não estigmatizadas (cf. SILVA; PAIVA, 1996). Essa tendência também é observada por Schnoebelen (2014).

Tabela 1 – Índices de familiaridade/aceitação da construção [*because X*] por sexo.

Situação	Feminino	Masculino
Participante utiliza ou consideraria utilizar a construção	54,9%	43,7%
Participante conhece a construção, mas não a utiliza e não consideraria utilizá-la	24,5%	20,8%
Participante não conhece e nem consideraria utilizar a construção	20,6%	35,4%
Total	100	100

Fonte: Walla (2016).

Além disso, parece haver consenso de que [*because X*] é usada para abreviar a comunicação, especialmente em contextos mais informais online, em que a expressão é favorecida por sua brevidade, por não demandar explicações ou informações mais explícitas (McWHORTER, 2014; SCHNOEBELEN, 2014; BOHMANN, 2016; WALLA, 2016).

2. Pressupostos teóricos

2.1 Gramática de Construções

O termo *Gramática de Construções* (GxC) compreende várias teorias e modelos gramaticais que têm a *construção* como principal unidade de análise. Para a GxC, as línguas são compostas por conjuntos de características convencionais de natureza sintática, pragmática, semântica, prosódica etc., que se repetem como associações indivisíveis entre forma e significado, como parte de um *continuum* léxico-gramatical (HOFFMAN; TROUSDALE, 2013). Desse modo, a GxC nega a existência de restrições derivacionais morfológicas ou sintáticas e, por essa visão, a gramática não apresenta módulo para a sintaxe separado da semântica e de outros componentes da língua, como teoriza a Gramática Gerativa (cf. BYBEE, 2016).

Assim, a “forma” em construções pode se referir a qualquer combinação de características sintáticas, morfológicas ou prosódicas. Isso quer dizer que mesmo a

fonologia pode ser representada a partir de esquemas de construções. Pela GxC, o pareamento significado/forma é entendido em sentido amplo, que inclui referência à semântica lexical, estrutura de evento, diátese, pragmática e estrutura do discurso, o que sugere uma visão mais holística dos fenômenos da linguagem.

O modelo de GxC adotado neste trabalho ancora-se nas reflexões de Goldberg (1995, 2006) e nas categorizações de Fillmore *et al.* (1988). A construção gramatical, por se fundamentar no pareamento forma/significado em estrutura sequencial, pode incluir posições mais fixas ou mais abertas, que fazem parte do repertório conceitual do falante de uma língua.

Para Goldberg (1995), as construções carregam significados próprios, que, por vezes, ocorrem de modo independente dos itens lexicais de uma estrutura. Considere os exemplos de Goldberg (1995, p. 2) em (6a) e (6b), a seguir. Enquanto (6a) sugere que abelhas estejam presentes em apenas uma parte do jardim, (6b) sugere que todo o jardim esteja cheio de abelhas. Embora contenham itens lexicais muito semelhantes, esses exemplos indicam que há diferenças semânticas significativas entre enunciados que contêm as mesmas palavras, mas compondo construções diferentes, ainda que de ligeira distinção.

6 a. *Bees are swarming in the garden.*

6 b. *The garden is swarming with bees.*

Considerando que as línguas naturais estão em constante mudança, diferentes construções passam a incorporar o repertório gramatical dos falantes ao longo do tempo. Segundo Goldberg (*op. cit.*), uma construção passa a existir se uma ou mais de suas propriedades não são total ou estritamente previsíveis a partir do conhecimento de outras construções já existentes na língua. Isso não quer dizer, no entanto, que as construções não apresentam regularidades. Construções linguísticas frequentemente

apresentam estruturas prototípicas e formam redes de associações hierárquicas entre si (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2016).

Para a GxC, portanto, o léxico e os componentes gramaticais atuam de forma dinâmica na implementação de fenômenos de variação e mudança linguística, como argumenta Bybee (2016). No caso de [*because X*], é possível que determinados itens lexicais tenham atuado como atratores para a emergência da construção, permitindo que a comunidade linguística se familiarizasse com “novos” parâmetros sintáticos, morfológicos e pragmáticos associados ao conector.

2.2 Linguística de *Corpus*

A Linguística de Corpus (LC) é um campo de investigação versátil, guiado por princípios teóricos e metodológicos da língua em uso e orientado pela coleta e análise criteriosa de dados linguísticos, isto é, voltado para o exame linguístico com base em evidências empíricas materializadas em grandes conjuntos de textos escritos, falados, ou mesmo multimodais, passíveis de processamento computacional e quantificação estatística (MEYER, 2002; LEECH, 2005; SINCLAIR, 2005; McENERY; XIAO; TONO, 2006; GRIES, 2009; McENERY; HARDIE, 2012).

Como uma teoria, abordagem ou metodologia (cf. LEECH, 1992; LÉON, 2006; TAYLOR, 2008; GRIES, 2009), investigações no âmbito da LC têm gerado resultados materiais e produtivos em diversas áreas. Por exemplo, gramáticas e dicionários em inglês¹³ dificilmente são elaborados sem uso de *corpora* na atualidade, que também

¹³ A *Longman Grammar of Spoken and Written English* (BIBER *et al.*, 1999) baseia-se no *Longman Corpus*, e a *Cambridge Grammar of English* (McCARTHY; CARTER, 2006), no *Cambridge Corpus* (DURKIN, 2019). A versão online do dicionário *Collins Cobuild*, por exemplo, usa os próprios *corpora* através do *Collins WordBanks Online*. <https://www.collinsdictionary.com/wordbanks/>.

servem de insumo para exemplificações em livros didáticos em língua estrangeira,¹⁴ distanciando-se de exemplos artificiais, fabricados por introspecção.

No âmbito da GxC, investigações baseadas na LC pautam-se, sobretudo, em abordagens experimentais e quantitativas para apresentar evidências empíricas que permitem avaliar tanto construções emergentes (DE PAULA, 2015; HUGOU, 2017) quanto estáveis (HOLLMANN; SIEWIERSKA, 2007; YILMAZ, RÖMER; 2020). Além disso, conforme aponta Ellis (2019), estudos da GxC pautados na LC frequentemente avaliam efeitos de frequência de ocorrência por meio de consultas em *corpora* aliados a desenhos experimentais e múltiplos testes estatísticos.

Considerando essa versatilidade, a LC pode ser protagonista ou coadjuvante em análises e/ou descrições linguísticas que privilegiem o uso de dados autênticos da língua, como em muitos dos estudos realizados no âmbito da GxC, evitando análises tendenciosas ou baseadas puramente na introspecção do linguista. Além disso, a LC tende a facilitar a localização e o mapeamento de itens lexicais recorrentes e/ou raros, por meio de ferramentas computacionais de compilação e busca (GRIES, 2009), o que ajuda o linguista a traçar um panorama de uso da língua.

2.3 Justificativa

Na literatura especializada, a construção [*because X*] foi inicialmente abordada em Bailey (2012), Liberman (2012), Carey (2013), Garber (2013), McCulloch (2013, 2014), Whitman (2013), McWhorter (2014), Pullum (2014) e Rehn (2014). De maneira mais sistematizada, isto é, com dados quantitativos, há as investigações de Schnoebelen (2014), Bohmann (2016), Kanetani (2016) e Walla (2016), mas apenas Bohmann (2016) realizou uma análise fundamentando-se na metodologia da Linguística de Corpus

¹⁴ A série *Touchstone* (McCARTHY, McCARTEN; SANDIFORD, 2006) foi uma das primeiras a utilizar dados de corpora em manuais didáticos de língua inglesa, com base no *Cambridge English Corpus* (cf. DURKIN, 2019).

(LC) em associação à sociolinguística variacionista, concentrando-se exclusivamente em dados extraídos do Twitter. Nosso estudo diferencia-se por considerar dados de várias fontes consolidados em um *corpus* online.

Além disso, de nosso conhecimento, somente Kanetani (2016) tratou [*because X*] sob a ótica da GxC, associando esse quadro teórico à noção de *private expression* (cf. HIROSE, 1995, 2000)¹⁵. Por essas razões, entendemos que nosso trabalho busca agregar mais informações sobre essa construção no âmbito da Linguística Cognitiva e da análise linguística, de modo geral.

Assim, nosso objetivo é investigar o uso de [*because X*] à luz da GxC, fazendo uso da metodologia da Linguística de Corpus (LC). Nossa hipótese é que [*because X*] difere-se das demais realizações de *because* por apresentar propriedades sintáticas e pragmáticas distintas dos usos mais convencionais da conjunção *because*, retendo a acepção básica de causalidade.

3. Metodologia

3.1 Coleta dos dados

Para a análise, coletamos ocorrências da construção [*because X*] no *EnTenTen*, um *corpus* de inglês escrito extraído da internet e disponibilizado na plataforma *Sketch Engine* (KILGARRIFF, 2014), com cerca de 10 bilhões de palavras. A geração de listas de frequência e linhas de concordância, como um procedimento padrão na LC (cf.

¹⁵ Segundo Hirose (1995, 2000), os falantes de uma língua possuem dois "selves": o "private self", que se refere ao falante como um indivíduo conceptualizador, que mentaliza conceitos, e o "public self", que corresponde ao falante como comunicador, um indivíduo que verbaliza ideias e intenções. A principal diferença entre os dois "selves", explica Hirose, é que enquanto o público se define em relação ao seu interlocutor, o privado se constitui sem referência ao ouvinte. Assim, para Hirose (1995), a produção linguística pode ser tanto público quanto privado, a depender do papel que o falante exerce em determinada situação interacional. Isso quer dizer que as "private expressions" são materializações linguísticas referentes ao "private self", pois correspondem ao papel privado que o falante desempenha, não apresentando uma intenção comunicativa. Um exemplo são as interjeições, frequentemente usadas como "self-expression" (cf. KONNO, 2015).

SINCLAIR, 2005) guiou nossas buscas e nos concentramos nessas funcionalidades do *Sketch Engine*, utilizando a função *concordance* para gerar frequências e fazer buscas por [because X]. Assim, lançamos mão de um código computacional próprio do *Sketch Engine*: o *Corpus Query Language* (CQL), para buscas por padrões lexicogramaticais mais complexos.

Na ferramenta de linha de concordância, a palavra *because* foi inserida seguida de etiqueta morfossintática correspondente à categoria gramatical do item seguinte na posição do complemento [X] da construção, adicionada da etiqueta de pontuação utilizada no *Sketch Engine*¹⁶. Por exemplo, para *because* + *substantivo*, criamos o código: [word = "because"] [tag = "N.*"] [tag = "SENT"] em que a etiqueta N.* representa *noun* e SENT corresponde a qualquer pontuação final. A etiqueta SENT foi a alternativa que encontramos para restringir o contexto imediato a um item lexical após *because*. Isso evitou resultados em que *because* é seguido de orações finitas – estrutura que não se encontra no nosso foco de pesquisa. Ainda assim, orações finitas apareceram nos resultados devido a erros dos textos compilados ou por interferência de linguagem computacional, como discutido a seguir. Seguindo esse código, geramos códigos semelhantes para as demais classes gramaticais de conteúdo: adjetivos, advérbios e verbos.

Para esta pesquisa, optamos por não investigar classes gramaticais funcionais, como preposições e pronomes, pois não encontramos instâncias válidas no *corpus*. As buscas que realizamos, adaptando os códigos já gerados, retornaram resultados que se referiam a erros de digitação ou a interferências de linguagem computacional, como em *Doesn't matter if you're living in Australia or in the United States, this kind of signage is so popular, because it? s quite successful*, em que *it?* corresponde à contração *it's*.

¹⁶ As etiquetas morfossintáticas empregadas nas buscas do *Sketch Engine* encontram-se listadas em: <https://www.sketchengine.eu/tagsets/english-part-of-speech-tagset/>.

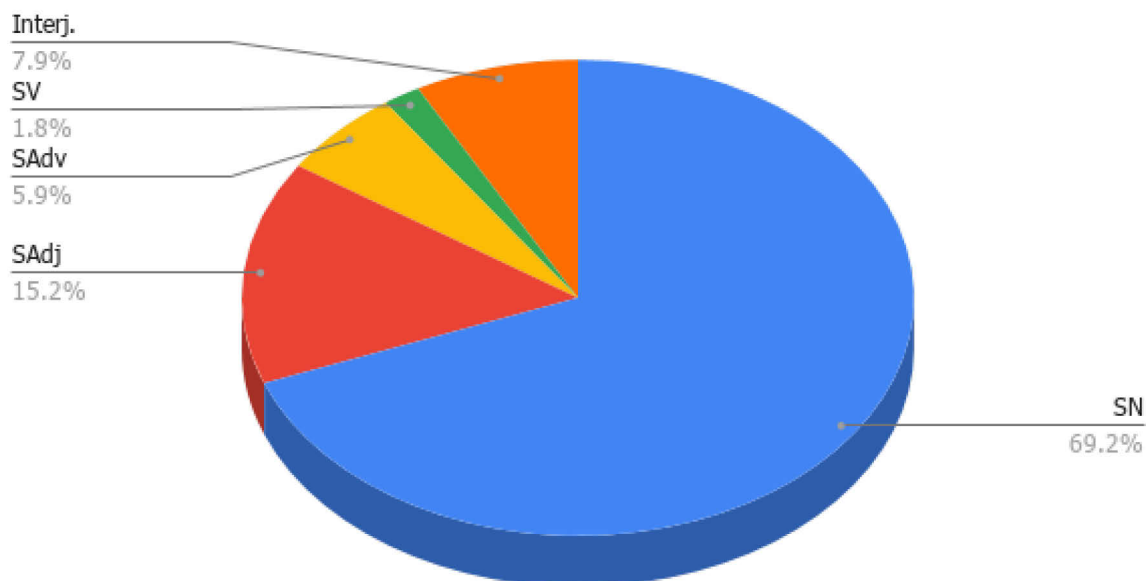
Ademais, instâncias de [*because X*] seguidas por palavras gramaticais também não foram identificadas na literatura. Isso ocorre possivelmente porque palavras gramaticais não possuem conteúdo semântico robusto o suficiente para se manifestar nesse tipo de construção. [*because X*] seria demasiadamente sucinta para conter esse tipo de item lexical.

3.2 Tratamento dos dados

O *corpus EnTenTen* retornou um total de 5.011 ocorrências de [*because X*], que foram filtradas e categorizadas. A limpeza foi realizada manualmente, pois foi necessário verificar cada resultado para identificar erros, interferências e instâncias indesejadas, como orações finitas (tais procedimentos são retomados nas subseções da discussão dos resultados). Assim, essas ocorrências foram descartadas por não atenderem aos critérios de nosso estudo: entender o uso de [*because X*], em que [X] é preenchida por palavras de conteúdo, isto é, substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, e não pelos complementos convencionais de *because*, como orações finitas.

Essa limpeza reduziu o número de ocorrências para análise a 1.887 *tokens*, o que, embora não impossibilite o estudo, é indicativo que *corpora* online resultantes de *webcrawling* devem ser cuidadosamente verificados na etapa de tratamento de dados, como fizemos. Após a limpeza, o total de ocorrências de [*because X*] foi distribuído entre *because* seguida de substantivo, adjetivo, advérbio e verbo, como ilustrado na tabela 2. Os resultados indicam forte preferência por substantivo (69,2%) na posição [X], seguida por adjetivo (15,2%), advérbio (5,9%) e, então, verbo (1,8%), alinhando-se aos resultados dos estudos quantitativos de Schnoebelen (2014) e Bohmann (2016).

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências de [because X].



Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Base de dados da pesquisa.

Construções [because X]	N	%
<i>because</i> + substantivo	1305	69,2
<i>because</i> + adjetivo	287	15,2
<i>because</i> + advérbio	112	5,9
<i>because</i> + verbo	34	1,8
<i>because</i> + interjeição	149	7,9
Total de tokens	1.887	100

Fonte: elaboração própria.

Como se pode observar, a tabela 2 também reporta ocorrências de interjeições. Embora não tenhamos criado um código de busca para essa categoria e nem o *Sketch Engine* possua essa opção, identificamos interjeições em todas as buscas realizadas e, por isso, decidimos incluir essa categoria em nossa análise, visto que as interjeições somaram 149 *tokens* e assumiram terceiro maior índice de frequência nos dados após limpeza e etiquetagem.

4. Resultados

Esta seção apresenta uma descrição dos padrões de uso de [*because X*], conforme os dados extraídos do *corpus EnTenTen*, após a limpeza e a etiquetagem. Em seguida, discutimos a construção segundo os parâmetros de Fillmore *et al.* (1988), utilizando exemplos retirados dos dados tratados.

4.1 [*Because X*]: padrões de uso no *corpus*

Embora [*because X*] pareça ser uma construção coloquial que apresenta ampla gama de complementos que podem preencher a posição de [X], há restrições aplicadas a essa estrutura. Para estabelecer generalizações pertinentes à construção, primeiramente apresentamos os dados quantitativos dos resultados de nossas buscas, organizadas em substantivos, adjetivos, advérbios, verbos e interjeições, para, então, tecermos comentários de natureza qualitativa em cada subtópico a seguir.

4.1.1 *Because* + substantivos

Em nossa busca por substantivos, encontramos instâncias da posição [X] preenchida por substantivos no singular, (7) e (8), e no plural (9) e (10), e por nomes próprios, (11) e (12), totalizando 1.305 ocorrências, nas quais já consideramos os substantivos identificados nas buscas por outras classes gramaticais. Além disso, identificamos 08 substantivos encabeçados por *hashtag*, que foram descartados¹⁷.

7. *I'm a part-time student and work full-time, but I'm around way more than I should probably be because procrastination!*

¹⁷ As ocorrências de [*because X*] precedidas por *hashtag* serão analisadas futuramente. No entanto, uma rápida análise indica orações finitas (@SenatorIsakson *must make sure that #ESEA provides students of color with support to close gaps because #AllKidsMatter*), palavras de conteúdo, como adjetivos ("He is such a nerd," Kara *drawls, and I laugh forever because #accurate*) e acrônimos (*And he is into all things nature and adventure because #YOLO*, em que YOLO significa *You Only Live Once* e representa uma oração).

8. *I was planning to see both **Interstellar** and **Mockingjay** this weekend. I saw neither **because laziness**.*
9. *I will be taking off **Thanksgiving & Christmas**, **because Holidays!***
10. *They extended the school day, without compensation to the teachers, **because charters!***
11. *Russia is always allowed to disappoint, **because Russia**.*
12. *Politicians play their games that results in Canadians suffering because, well, **because Trudeau?***

Os exemplos ilustrados em (7-12) demonstram que uma grande variedade de substantivos pode aparecer na posição [X] em [because X], desde nomes próprios, como em [because Russia], a substantivos concretos e abstratos, como visto em [because charters] e [because procrastination]. Além disso, os substantivos (assim como outras classes de palavras identificadas no *corpus*) podem ser seguidos por ponto final ou ponto de exclamação ou interrogação¹⁸.

Em nossas buscas no *corpus EnTenTen*, os substantivos mais frequentes foram *reasons* (13), *people* (14), *death* (15), *God* (16) e *survival* (17). Em relação a *reasons*, esse resultado não é totalmente surpreendente, já que a expressão *because reasons* tornou-se bastante popular nas interações online. Desse modo, considerando que os dados são advindos da internet, era provável que a expressão fosse aparecer com bastante frequência.

13. *Today we'll be doing a club playthrough of "My Girlfriend is an Alpaca" **because reasons**.*
14. *[...] and filled with excellent people who I want to talk to and good food and a lot of booze and I was very excited to go, **because people!** Conversation!*
15. *and visions and easy humor, laurel chooses Kurt Cobain, **because death**.*

¹⁸ Neste artigo, não apresentaremos a categorização das ocorrências da construção [because X] de acordo com a pontuação final, que compõe uma das próximas etapas de nossa investigação, na qual faremos uma análise da relação entre a pontuação, a classe gramatical e o conteúdo proposicional do item na posição [X] nas ocorrências mapeadas, em associação com *because*.

16. *There are always new roads, different plans, dreams we never thought possible... because God*

17. *She ripped through one-eyed mahlon blaine illustrations because survival.*

Vale ressaltar que, como indicado na subseção 3.1, o código desenvolvido para nossas buscas no *corpus EnTenTen* as restringia a um item entre *because* e a pontuação final. Isso quer dizer que, nos resultados das buscas, construções sintaticamente mais complexas, como sintagmas nominais compostos por pronome e substantivo (ex: *my people*), não foram contempladas. Essa ausência, no entanto, não compromete nosso estudo, já que, como explicitado em McCulloch (2012, 2014), Schnoebelen (2014) e Kanetani (2016), a construção [*because X*] tende a não comportar o padrão [*because + noun phrase*]¹⁹ com o sintagma composto por [*pronome/determinante + substantivo*], ou mesmo sintagmas nominais complexos formados por mais de um substantivo.

Em relação ao conteúdo proposicional das construções [*because substantivo*] mais frequentes, identificamos nuances de humor ou sarcasmo em todas as instâncias de [*because reasons*] mapeadas no *corpus*. Nos quatro pareamentos seguintes, os dois tipos de ocorrência foram identificados, isto é, há usos de [*because + substantivo*] com e sem humor/sarcasmo, como em (16) para uso não cômico. Destacamos que outros efeitos de sentido podem ser observados. Em (14), por exemplo, [*because people*] não comunica humor/ sarcasmo, como em (13), mas evoca animação ou entusiasmo. Esse efeito é previsto em McWhorter (2014) e observado também em [*because + interjeição*] e [*because + advérbio*], principalmente.

¹⁹ Embora esses autores sejam categóricos ao dizer que [*because X*] aceita apenas o núcleo do sintagma nominal, nos casos de [*because + substantivo*], optamos por relativizar tal afirmação, tendo identificado duas instâncias que se desviam desse padrão: “Because the Internet”, nome do álbum de Childish Gambino, um rapper americano, e “Straight Outta Money Because, My Jeep”, arte gráfica em roupas da loja online *ViralStyle* (<https://viralstyle.com/>). No entanto, de todos os estudos listados neste artigo, essas foram as únicas instâncias encontradas.

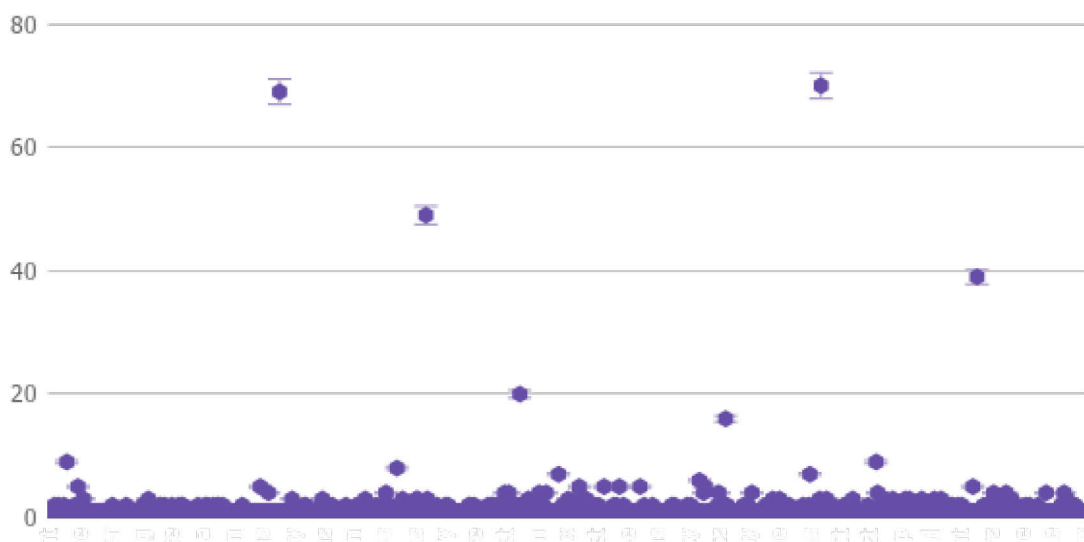
Como indicado na tabela 3, os cinco substantivos mais frequentes totalizaram 246 *tokens* (~18%), refletindo boa variabilidade lexical de [*because* + *substantivo*] nos resultados, como também ilustra o gráfico 2 a seguir.

Tabela 3 – Cinco substantivos mais frequentes nos dados.

Substantivos	N	%
<i>Reasons</i>	70	28,5
<i>Death</i>	69	28,1
<i>God</i>	49	20,0
<i>Survival</i>	39	15,9
<i>People</i>	20	7,3
Total de <i>tokens</i>	246	100

Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2 – Representação gráfica da variabilidade lexical das ocorrências de [*because* + *substantivo*].



Fonte: elaboração própria.

No gráfico 2, acima, os pontos isolados na faixa de 60-80 indicam as ocorrências de [*because reasons*] e [*because death*], com 70 e 69 *tokens*, respectivamente. Na faixa de 40-60 há apenas uma construção, [*because God*], seguida de [*because survival*], a primeira com 49 ocorrências e a segunda, 39 *tokens*. Como se pode notar, no gráfico 2 a maior

parte das ocorrências de [*because + substantivo*] encontra-se na faixa 1-5 *tokens*. Isso quer dizer que a maioria das instâncias de [*because + substantivo*] no *corpus* ocorre entre 1 a 5 vezes, o que indica boa densidade lexical.

4.1.2 *Because + adjetivo*

Após os substantivos, os adjetivos configuram como o segundo item mais frequente na posição [X], inicialmente com 227 ocorrências válidas, às quais foram somados 37 adjetivos identificados na busca por substantivos, 19 provindos da busca por verbos e 04 mapeados nos advérbios, totalizando 287 ocorrências de [*because + adjetivo*] após esse remanejamento dos resultados. Considerando o total de dados, os adjetivos mais recorrentes foram *awesome* e *gross*, com quatro *tokens* cada, e *awkward*, *cute*, *lazy*, *invisible*, *pregnant* e *unseen*, três *tokens* cada, como indicado nos exemplos (18–25) abaixo.

18. *All of this just makes the two of us want to go even more desperately, because AWESOME.*
19. *...the game crashed. And, quite frankly, I was relieved it did, because gross!*
20. *Dean's out the damn door before he even pays for the ink because awkward.*
21. *She found a witch in chapter one and I'm planning on having her become a witch one day because cute!*
22. *...thus confirming the idea which states that translation is a marginal art, because invisible.*
23. *So this will be nice and short I think. No pics because lazy.*
24. *...we work through lunch and leave at 4 instead at 5, but I can't do that anymore because pregnant.*
25. *American democracy, a kind of subtle, psychological and spiritual conditioning—eminently tyrannical because unseen.*

Ainda que reduzidos em número, esses resultados evidenciam uma tendência da posição [X] ser preenchida por conteúdos semântico-proposicionais mais informais, especialmente quando observamos o contexto imediato e o assunto das ocorrências

mais frequentes, como visto nos exemplos ilustrados. Essa constatação alinha-se a resultados obtidos em outros estudos, particularmente em Bohmann (2016).

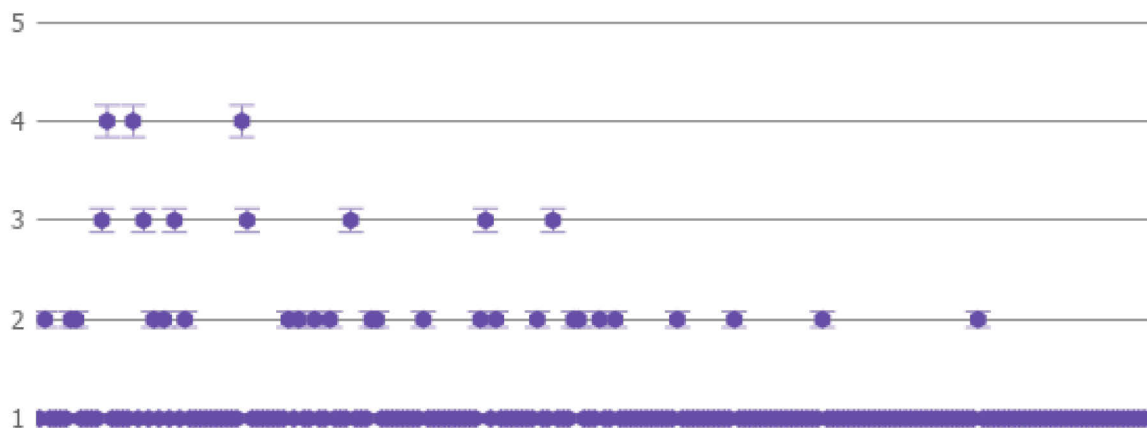
Como procedimento padrão, os resultados da busca por adjetivo foram então cuidadosamente inspecionados. Identificamos erros de categorização, em que o item na posição [X] referia-se a nomes próprios em forma de adjetivo (26), orações finitas encabeçadas por adjetivo (27) ou interjeições (28). As instâncias foram quantificadas, etiquetadas e remanejadas para suas respectivas classes gramaticais, ou descartadas. Isso quer dizer que ocorrências como (28) foram somadas ao conjunto de interjeições, e que (26) e (27) foram descartadas.

26. *Or maybe it's **because MAGIC!** have found their way to your PlayStation!*

27. *Note that **because other** . internet languages don't attach the same significance to the Out() credit...*

28. *We're breaking up **because whatever**.*

Os adjetivos apresentam boa variabilidade lexical. Do total de 287 adjetivos válidos, 203 são ocorrências únicas (~86%). Como indicado no gráfico 3, a seguir, há três itens lexicais que se repetem quatro vezes e sete que se repetem três vezes, com a grande maioria ocorrendo apenas uma vez nos resultados tratados na faixa do número 1. Os agrupamentos em ocorrências únicas são tantos que quase formam uma linha sólida, evidenciando a alta variabilidade.

Gráfico 3 – Representação gráfica da variabilidade lexical das ocorrências de [*because* + adjetivo].

Fonte: elaboração própria.

Além disso, com base nas ocorrências analisadas, parece ser preferível, embora não obrigatório, que o adjetivo referencie o que está diretamente na oração principal ou no substantivo imediatamente antes de [*because* X]. Considere os exemplos (29) e (30), a seguir.

29. *This was my church outfit and I didn't want to change out of it **because COMFY**.*

30. *Another koala sleepyhead **because cute**.*

Em (29), “*because COMFY*” refere-se ao pronome *it* que, por sua vez, refere-se a “*my church outfit*”. Já em (30), “*because cute*” refere-se a todo o sintagma anterior à construção [*because* X]. A cadeia anafórica nesses exemplos mostra-se clara, contudo, uma característica típica de [*because* X] parece ser a ambiguidade, como argumenta Walla (2016). Assim, a compreensão de usos de [*because* X] pode mudar com base no fornecimento de contexto maior, de um entendimento prévio entre os interlocutores, de observações etc.

4.1.3 *Because* + advérbios

Para [*because* X] seguida por advérbios, a busca retornou 359 *tokens*. Contudo, após cuidadoso exame, notamos que várias ocorrências ou continham erros de digitação ou interferência de linguagem computacional, ou não eram de fato advérbios, ou ambos, reduzindo esse número a 112 ocorrências válidas. As principais questões referentes a esses erros são apresentadas a seguir.

Por exemplo, “*because there?*” em (31) corresponde a “*because there’s*” e o ponto de interrogação na verdade refere-se à apóstrofe da contração entre “*there*” e “*is*”, que forma uma oração finita. Por outro lado, em (32), *because* é seguida por um advérbio, mas o item que o acompanha não é pontuação final, possivelmente indicando erro de digitação.

31. *I think most artists do, and it?s frustrating **because there?** s only one answer: Just make art.*

32. *This is **because sometimes** ! ArcLink will not be able to merge all individual files anymore.*

Ocorrências em que o complemento de *because* formalmente não corresponde a um advérbio foram recategorizadas. A maioria refere-se a interjeições (33), mas há alguns exemplos de outras classes gramaticais, como adjetivos (34), além de um caso em que o advérbio em forma corresponde a um nome próprio, que descartamos do *corpus* por se referir a uma oração, como ilustrado em (35) abaixo.

33. *However, when I saw this crazy good restaurant, I had to include it **because yeah**.*

34. *Nnh– nine years of pain, aching and hurting, but strong **because alone**.*

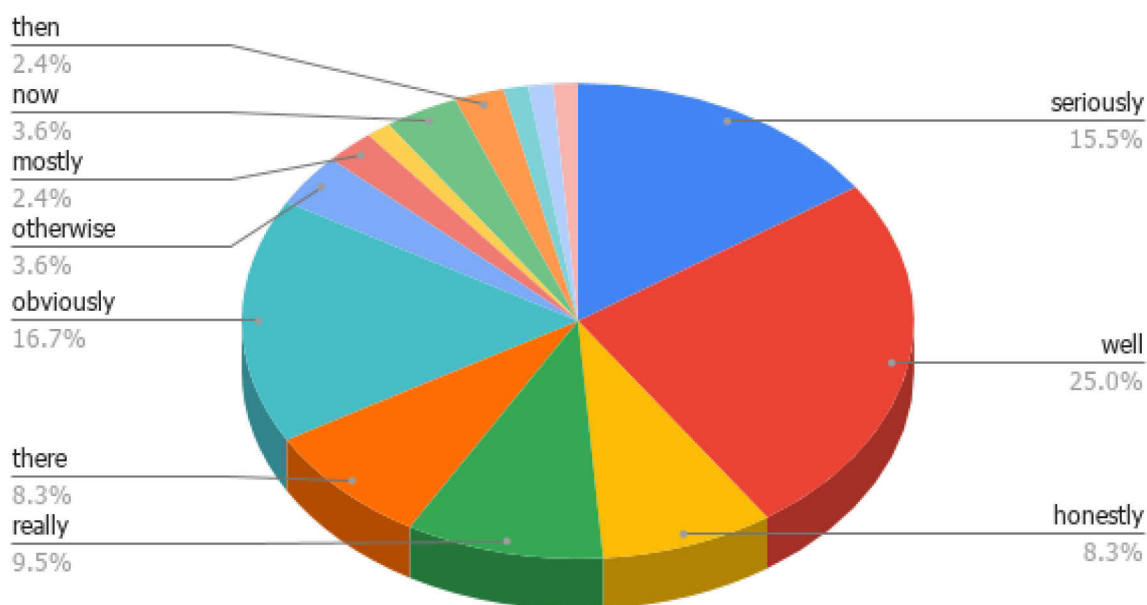
35. *Which is fine, **because OFF!** is still better than every band currently rehashing the same scene.*

Comparativamente, [*because* X] com advérbios como complemento apresentou baixa variabilidade lexical em nossa pesquisa. Os itens *obviously*, *seriously*, *really*,

honestly e *well* foram mais frequentes, com *well* representando 25% dos dados válidos, seguido por *obviously* (16.7%) e *seriously* (15.6%), indicando uma clara preferência de [because X] por conteúdos semântico-proposicionais mais informais. O gráfico 4 a seguir ilustra as porcentagens dos advérbios mais frequentes identificados em nossos dados.

Nesse sentido, é importante ressaltar que embora tais itens geralmente sejam categorizados como advérbios, eles podem se comportar como interjeição (WALLA, 2016). Com efeito, apenas 8 dos 112 advérbios mapeados de fato comportam-se assim (36). As outras 84 ocorrências adverbiais correspondem a interjeições, como indicado nos exemplos (37) e (38).

Gráfico 4 – Distribuição das ocorrências de [because + advérbio].



Fonte: elaboração própria.

36. ...to the pan as necessary throughout cooking. Serve warm with more cinnamon sugar and maple syrup. Bacon too... **because always**.

37. What's not to like? (editor's note: I put this in big quotes **because obviously**)

38. As for the villain reveal—let's talk after you see the movie, **because seriously?**

É interessante notar que todas as ocorrências de *well* (39) no *corpus* referem-se ao uso desse item como marcador discursivo, não exatamente como advérbio de modo. Essas ocorrências não foram recategorizadas, mas receberam a etiqueta “func. inter”, pois essa é a função que esses itens exercem na construção, como visto nos exemplos (39) a (42), em que *well* parece introduzir a oração seguinte, embora formalmente não faça parte dela. Nos dados coletados, portanto, *well* funciona como interjeição e atua de forma similar a um marcador discursivo conversacional.

39. *This caused the fatality price to drop considerably **because well**. The process of a civil lawsuit can take up to several years to resolve.*

40. *Regular message [sic] not merely reduces physical strain, it reduces emotional stress **because well**. The body, mind and spirit go together in everything we do.*

41. *If you wish to climb the steps, you can also view the famous bell, something i have not done **because well**. There's 387 steps.*

42. *We always know namely women are passionate nearly fashion nevertheless men also tend to long for fashion clothes **because well**. Nowadays fashion clothing for men are available within a broad diversity of colors*

4.1.4 *Because* + verbos

As buscas por verbos na posição [X] retornaram uma quantidade muito reduzida de ocorrências. Apenas 34 ocorrências válidas foram identificadas. A maior parte foi remanejada para o conjunto de dados de adjetivos, somando 19 *tokens* a estes. Uma explicação para essas categorizações errôneas são os finais *ed* e *ing*, que podem se referir tanto a verbos quanto a adjetivos, como em *bored* (43) e *depressing* (44).

43. *Also if you catch me in the right mood, I might battle just to do it **because bored**.*

44. *Let's skip the veneration of the cross, **because depressing!***

Em relação às ocorrências que de fato correspondem a verbos na posição [X], identificamos orações reduzidas (45) e instâncias em que pronome e verbo foram claramente omitidos, como nos exemplos (46) e (47). Há também um caso de verbo que

atua como marcador discursivo (48). Além disso, assim como nas buscas específicas das outras categorias, nesta identificamos nomes próprios categorizados, nesse caso, como verbos (49).

45. *this idea is opposed to the practices that accept as valuable what is big just because it is big and what is established **because established**.*

46. *Excellent condition, low mileage. Only selling **because relocating**. No accidents
The car is in mint condition.*

47. *Carl wants to know what she's doing out here and she runs off **because flirting?** If you're caught up on the comics you might see where this is going.*

48. *...it's making him sputter and he's hungry and yet I can't seem to feed him correctly, I almost fall apart **because see?** Suck, sucky, suck. Something really awful is going to happen to one of my kids.*

49. *Perplexed by punch bowls? Don't worry, **because Uncorked!** is here to teach you everything you ever wanted to know about early American drinking traditions*

Embora reduzidos em número, os resultados dessa categoria também sugerem o uso de [because X] como informal, seja pelo conteúdo proposicional das construções ou pelos contextos interacionais onde ocorrem, ou ambos.

4.1.5 Because + interjeições

A busca por *because* seguida de substantivos retornou um total de 137 interjeições, enquanto *because* seguida de adjetivos apontou 3 ocorrências e a busca por advérbios retornou 9 exemplares, muito provavelmente devido a classificações errôneas no *corpus*. Embora nossa pesquisa inicialmente não considerasse essa classe, o número de interjeições se mostrou significativo quando comparado aos demais dados e, por isso, decidimos considerá-las para a análise de dados.

Desse modo, as interjeições correspondem ao terceiro índice de ocorrência na posição [X], totalizando 149 *tokens*. As mais frequentes na construção, de acordo com o *corpus*, foram *duh* (50), com 25 ocorrências, *ew* (51), com 10 *tokens*, *yum* (52) com 6, *damn* (53) com 5 ocorrências e *wow* (54), com 4 instâncias. Para essa contabilização, as

variantes das interjeições foram consideradas. Por exemplo, *DUH!* é entendida como variante de *duh*, enquanto *ewwwwww* foi categorizada como variante de *ew*, e *YUM!* como variante de *yum*, como indicam os exemplos (55-57).

50. *Those of us who support abortion rights and access to birth control already know this, **because duh**. Those who don't aren't subscribing to reality anyway.*

51. *A human can combine foreskin and grapes to create fun and whimsy. Unless it involves turning those grapes into raisins, **because ew**.*

52. *I recommend pairing your pasta with some cheesy garlic bread, **because yum**.*

53. *Back down there, Tails FIRES THE MAIN CANNON on the steel wall (of doom, probably, **because damn!**) and manages to break it.*

54. *While not strictly fan fiction, I felt it deserved a mention, **because wow!** Isn't that a great poem?? I love it! Well done, Latrone!*

55. *We jumped, we slid, we played in the corn, we took 886 pictures (**because DUH!**), we saw the pig races, and we made sure to catch a hayride at sunset.*

56. *its bold move to include lesbian couples in its various stills of couples in the city. But not guys though, **because ewwwwww**.*

57. *There was also toffee fudge in that box that I hope she's been able to enjoy by now **because YUM!***

No entanto, se considerarmos que a maioria dos advérbios que seguem *because* funcionam como interjeições, o número total aumenta para 223 *tokens*, ainda que não apresentem o mesmo nível de informalidade que as interjeições propriamente ditas, como grafia manipulada para criar intensidade ou mesmo as nuances semânticas que um item como *damn* pode evocar. Mesmo assim, salientamos novamente o aspecto informal dos itens lexicais associados a [*because X*].

4.2 [*Because X*] segundo os parâmetros de Fillmore *et al.* (1988)

Com o intuito de melhor compreender a construção [*because X*], optamos por buscar ocorrências cotidianas da língua inglesa, para analisá-las à luz de Fillmore *et al.* (1988) considerando os parâmetros descritos a seguir.

Segundo Fillmore *et al.* (1988), as construções de uma língua podem ser: 1) **codificáveis**: pareamentos forma/significado que não exigem instrução ou experiência prévia, como *answer the door* e *wide awake* (p. 505), ou **decodificáveis**: pareamentos que exigem instrução ou experiência prévia, como *kick the bucket* e *pull a fast one* (p. 505); 2) **gramaticais**: os constituintes da construção preenchem estruturas gramaticais que obedecem às regras internas próprias da gramática daquela língua, como *spill the beans* e *blow one's nose* (p. 505), por exemplo, ou **extragramaticais**: a combinação de constituintes inicialmente não segue as regras internas da língua, como *by and large*, *first off* e *sight unseen* (p. 505); e 3) **substantivas**: a construção expressa constituintes fixos, que são representados no léxico como unidade cristalizada, como *let alone* e *all of a sudden* (p. 508), ou **formais**: são lexicalmente abertas com posições constituintes vazias, que podem ser preenchidas de acordo com regras da construção, como *the bigger they come, the harder they fall* e *now watch me drop it* (p. 510).

Referente ao primeiro parâmetro, sugerimos que [*because X*] é uma construção codificável: é um pareamento forma/significado que o usuário da língua consegue entender sem experiência e instrução prévia. Conforme demonstrado na Seção 4.1, além de manter a sua relação causal, a construção [*because X*] possui uma estrutura sintática muito semelhante à construção *Because + Sintagma Preposicional* e, por esse motivo, dificilmente seria ininteligível. Considere os exemplos (58) e (59) a seguir:

58. *I have a friend like that, who can eat anything and not gain any weight, but still has to exercise **because cholesterol**.*

59. *The Land that Time Forgot was one of my favorite movies when I was a kid... **because DINOSAURS!***

No entanto, é necessário considerar que [*because X*] tem efeitos de sentido que dificilmente seriam possíveis a partir de estruturas mais convencionais como *Because + Sintagma Preposicional*. Por exemplo, [*because X*] pode ser utilizada para sentidos de humor, sarcasmo ou crítica, como vimos nos *memes* e nos exemplos discutidos nesta

seção. “Because reasons” e “because of reasons” são diferentes não apenas na forma, mas na reação que buscam incitar no interlocutor. Enquanto o primeiro parece fazer com que as razões sejam irrelevantes, o segundo parece funcionar como uma evasão, como se o falante não quisesse explicar quais são as razões. Ainda assim, é provável que tais funções pragmáticas sejam inferidas a partir do contexto, sem a necessidade de instruções prévias e formais. Sugerimos, nesse sentido, que [*because X*] é uma construção tipicamente codificável.

Quanto ao segundo parâmetro, sugerimos que [*because X*] seja vista como uma construção extragramatical, por entendermos que [*because X*] apresenta constituintes que a gramática da língua inglesa não conseguiria explicar num primeiro momento. Por exemplo, considere as ocorrências a seguir (60-62).

60. *I have just over 1000 words written for Yuletide. I really need to finish before I fly back to the US on Saturday, **because jetlag.***

61. *“He is such a nerd”, Kara drawls, and I laugh forever **because accurate***

62. *I recommend pairing your pasta with some cheesy garlic bread, **because YUM!***

Os exemplos (60), (61) e (62) exibem *because* seguida por um substantivo, um adjetivo e uma exclamação, respectivamente, ainda que a gramática da língua inglesa prediga que a conjunção anteceda uma oração finita ou um sintagma preposicional iniciado por *of*. Ademais, embora [*because X*] não seja uma construção completamente nova, a presença de substantivos, adjetivos e exclamações na posição [X] é um fenômeno ainda incipiente no inglês (PULLUM, 2014; WALLA, 2016), que pode estar passando por gramaticalização (MENDES JUNIOR, 2018). Por essas razões, isto é, por atuar com padrões de sequências altamente específicas à própria construção, consideramos que [*because X*] possa ser melhor compreendida como uma construção extragramatical.

Por fim, em relação ao terceiro parâmetro, entendemos [*because X*] como uma construção formal, já que, segundo Fillmore *et al.* (1988), as construções formais são

lexicalmente abertas, apresentando posições constituintes vazias, as quais podem ser preenchidas de acordo com regras específicas da construção. Conforme demonstrado na seção anterior, o componente [X] da construção [*because X*] é lexicalmente aberto, uma vez que pode ser preenchido por diversos itens lexicais de diferentes categorias gramaticais. Desse modo, entendemos [*because X*] como uma construção de potencial altamente produtivo na língua inglesa.

5. Considerações finais

O principal objetivo deste artigo foi investigar os padrões de uso de [*because X*] sob o enfoque da Linguística Cognitiva, especificamente da Gramática de Construções (FILLMORE *et al.*, 1988; GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2016), fazendo uso da Linguística de *Corpus* (MEYER, 2002; LEECH, 2005; SINCLAIR, 2005; McENERY; XIAO; TONO, 2006; GRIES, 2009; McENERY; HARDIE, 2012) como metodologia. A hipótese inicial de nossa pesquisa considerava a construção [*because X*] como distinta das construções [*because + oração finita*] e [*because + sintagma preposicional*], por [*because X*] apresentar características especiais de forma e de efeitos de sentido.

Quanto aos efeitos de sentido, [*because X*] diferencia-se das outras construções reconhecidas pelas gramáticas normativas e/ou descritivas e pode apresentar nuance enfática e/ou humorística, ocorrendo em contextos comunicativos mais informais, especialmente na escrita em redes sociais, nas quais a brevidade é privilegiada. Tais efeitos de sentido parecem advir justamente da ausência de informações explícitas. Ao empregar a construção [*because X*], o locutor se mostra excessivamente breve, possivelmente com uma das seguintes intenções: (1) transmitir a ideia de que o elemento em [X] é tão óbvio que não requer demais explicações ou informações mais explícitas, ou (2) estabelecer um senso de entendimento mútuo. Assim, ao responder a pergunta “Why are you working out?” com “I’m working out because fitness”, o falante implica que o ouvinte sabe do que o assunto se trata e, por isso, julga

desnecessário fornecer uma resposta mais bem elaborada – estando sob o risco de não ser claro e informativo.

Considerando os padrões de forma, demonstramos que a posição [X] pode ser preenchida por itens lexicais de diferentes categorias. Resultados extraídos do *corpus EnTenTen* indicam que a frequência de ocorrência das categorias em [X] ocorre, em ordem decrescente, da seguinte forma: (1) substantivos, (2) adjetivos, (3) interjeições, (4) advérbios e (5) verbos. Adicionalmente, notamos que, devido à brevidade típica de [because X], o item lexical que preenche a posição [X] deve ser semanticamente relevante e pertinente ao conteúdo introduzido no enunciado antes do *because*. Parece ser por esse motivo pelo qual palavras funcionais sofrem restrição em [X].

Ao avaliarmos nosso objeto de estudo segundo os parâmetros de Fillmore *et al.* (1988), concluímos que [because X] pode ser considerada uma construção codificável, extragramatical e formal. A expressão é tipicamente codificável porque mantém sua função causal original, podendo ser entendida sem instrução/experiência prévia. É extragramatical por não apresentar um padrão gramatical previsível no inglês; a sua estrutura sintática parece ser particular à própria construção. É formal porque um de seus constituintes, [X], é lexicalmente aberto, podendo ser preenchido de acordo com regras específicas da construção.

Sugerimos que [because X] difere-se das construções convencionais [because + oração finita] e, em menor ênfase, [because + sintagma preposicional], por apresentar características sintático-pragmáticas particulares, confirmando nossa hipótese inicial. Investigações futuras podem examinar a frequência de ocorrência dos itens lexicais em [X], verificando se [X] é fator relevante para que esta construção se manifeste. Esse pareamento também pode ser investigado, comparado e contrastado com realizações correspondentes em línguas românicas, como o português e o espanhol. Essas possibilidades de pesquisa podem acrescentar informações complementares e igualmente relevantes para os estudos da GxC.

Referências Bibliográficas

AARTS, B. **Oxford Modern English Grammar**. Oxford: OUP, 2011.

BAILEY, L. Because reasons. **LinguistLaura**. 12 jul. 2012. [blogue] Disponível em: <https://linguistlaura.blogspot.com/2012/07/because-reasons.html>. Acesso: 10 jul. 2018.

BARON, N. **Alphabet to Email: How Written English Evolved and Where It's Heading**. Routledge: London, 2000.

BARON, N. **Always On: Language in an Online and Mobile World**. Oxford: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195313055.001.0001>

BARON, N. Do mobile technologies reshape speaking, writing, or reading? **Mobile Media & Communication**, n. 1, v. 1, p. 134-140, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/2050157912459739>

BIBER, D. *et al.* **Longman Grammar of Spoken and Written English**. Essex: Pearson Education Ltd, 1999.

BOHMANN, A. Language change because Twitter? Factors motivating innovative uses of because across English-speaking Twittersphere. *In*: SQUIRES, L. (ed.). **English in Computer-Mediated Communication: Variation, Representation, and Change**. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016. p. 149-178. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110490817-008>

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CAREY, S. 'Because' has become a preposition, because grammar. **Sentence First**. 2013. [blogue] Disponível em: <https://stancarey.wordpress.com/2013/11/13/because-has-become-a-preposition-because-grammar/>. Acesso: 05 jun. 2018.

DAVIES, M. **Corpus of Contemporary American English (COCA)**. 2020a. Disponível em <https://corpus.byu.edu/coha/>. Acesso: 05 jun. 2018.

DAVIES, M. **Corpus of Historical American English (COHA)**. 2020b. Disponível em <https://corpus.byu.edu/coha/>. Acesso: 05 jun. 2018.

DAVIES, M. Samples from COCA. **Word Frequency Data**. 2020c. Disponível em <https://www.wordfrequency.info/intro.asp>. Acesso: 05 jun. 2018.

DE PAULA, T. F. [V1danar + (se) + (prep) + V2infinitivo] à luz da Gramática de Construções e da Gramática Cognitiva. **Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, v. 9, p. 1-13, 2015. DOI <https://doi.org/10.17851/2317-4242.9.0.1-13>

DURKIN, S. Cambridge English Corpus available for academic use. **Cambridge Language Sciences**. Interdisciplinary Research Centre. Fev. 2019. Disponível em: <https://www.languagesciences.cam.ac.uk/news/cambridge-english-corpus-available-academic-use>. Acesso: 20 fev. 2021.

ELLIS, N. C. Usage-based theories of Construction Grammar: Triangulating corpus linguistics and psycholinguistics. In: BAKER, P.; EGBERT, J. (ed.) **Using Corpus Methods to Triangulate Linguistic Analysis**. Routledge, 2019, p. 239-267. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315112466-10>

FILLMORE, C. J. *et al.* Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

GARBER, M. English has a new preposition, because Internet. **The Atlantic**. 2013. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2013/11/english-has-a-new-preposition-because-internet/281601/>. Acesso: 05 jun. 2018.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRIES, S. What is Corpus Linguistics? **Language and Linguistics Compass**, v. 3, n. 5, p. 1225-1241, 2009. DOI <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2009.00149.x>

HARPER, D. **Etymonline: the Online Etymology Dictionary**. [*website*] Disponível em: <https://www.etymonline.com/>. Acesso: 05 jun. 2018.

HIROSE, Y. Direct and indirect speech as quotations of public and private expression. **Lingua**, v. 95, p. 223-238, 1995. DOI [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(94\)00006-8](https://doi.org/10.1016/0024-3841(94)00006-8)

HIROSE, Y. Public and Private Self as Two Aspects of the Speaker: A Contrastive Study of Japanese and English. **Journal of Pragmatics**, v. 32, p. 1623-1656, 2000. DOI [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00111-3](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00111-3)

HOAD, T. F. **Oxford Concise Dictionary of English Etymology**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HOLLMANN, W.; SIEWIERSKA, A. A construction grammar account of possessive constructions in Lancashire dialect: some advantages and challenges. **English Language and Linguistics**, v. 11, n. 2, p. 407, 2007. DOI <https://doi.org/10.1017/S1360674307002304>

HUGOU, V. The WHX construction (what the hell...?) and intensity. A corpus-based study. **Lexis - Journal in English Lexicology**, n. 10, 2017. DOI <https://doi.org/10.4000/lexis.1103>

JAKUBÍČEK; M.; KILGARRIFF, A.; KOVÁŘ; V.; RYCHLÝ, P.; SUCHOMEL, V. The TenTen corpus family. **7th International Corpus Linguistics Conference CL**, 2013.

KANETANI, M. A Note on the Because X Construction: With Special Reference to the X-Element. **Studies in language and literature**, n. 70, p. 67-79, 2016.

KILGARRIFF, A. *et al.* The Sketch Engine: ten years on. **Lexicography**, v. 1, p. 7-36, 2014. DOI <https://doi.org/10.1007/s40607-014-0009-9>

KONNO, H. The grammatical significance of private expression and its implications for the three-tier model of language use. **English Linguistics**, v. 32, p. 139-155, 2015. DOI https://doi.org/10.9793/elsj.32.1_139

LEECH, G. Corpora and theories of linguistic performance. Directions in corpus linguistics. In: SVARTVIK, J. (ed.) **Proceedings of Nobel Symposium**, n. 82. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1992. p. 105-22.

LEECH, G. Adding linguistic annotation. In WYNNE, M. (ed.) **Developing linguistic corpora: a guide to good practice**. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 17-29. Disponível em: <http://ahds.ac.uk/linguistic-corpora/>.

LÉON, J. A Lingüística de Corpus: história, problemas, legitimidade. **Filologia e Linguística Portuguesa**. Universidade de São Paulo, n. 8, p. 51-81, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59745/62854>. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i8p51-81>

LIBERMAN, M. Because NOUN. **Language Log**. 2012. [blogue] Disponível em: <https://languagelog ldc.upenn.edu/nll/?p=4068>. Acesso: 05 jun 2018.

McCARTHY, M.; CARTER R. **Cambridge Grammar of English: A comprehensive guide**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

McCARTHY, M.; McCARTEN, J.; SANDIFORD, H. **Touchstone**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

McCULLOCH, G. **Because Reasons**. All Things Linguistic, 2012. [blogue] Disponível em: <https://allthingslinguistic.com/post/26522214342/because-reasons>. Acesso: 02 dez. 2018.

McCULLOCH, G. Where “because noun” probably came from. 2013. [blogue] Disponível em: <https://allthingslinguistic.com/post/67507311833/where-because-noun-probably-came-from>. Acesso: 05 dez. 2018.

McCULLOCH, G. **Because Internet: Understanding the New Rules of Language**. New York: Penguin Random House, 2019.

McENERY, T.; HARDIE, A. **Corpus linguistics: method, theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511981395>

McENERY, T.; XIAO, R.; TONO; Y. **Corpus-based language studies: an advanced resource book**. London, New York: Routledge, 2006.

McWHORTER, J. **Like, degrading the language? No way**. New York Times, 2014. Disponível em http://www.nytimes.com/2014/04/06/opinion/sunday/like-degrading-the-language-no-way.html?_r=0. Acesso: 15 dez. 2020.

MENDES JUNIOR, W. A. Índícios de gramaticalização do item *because*: a mudança na língua inglesa. In: COELHO, S. M. (org.) **Gramaticalização e mudança linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018, p. 171-189.

MEYER, C. F. **English corpus linguistics: An introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511606311>

MOOSBACH, D. Because. **WordSense.eu Dictionary**. 2020. [website] Disponível em: <https://www.wordsense.eu/because/>. Acesso: 15 dez. 2020.

NIELSEN, A. P.; NIELSEN, D. L. F. **The Language of Humor: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

OREMUS, W. Why Was Twitter Down? According to Twitter, It Was Because “Reason”. **Slate**. 2012. Disponível em: <https://slate.com/technology/2012/07/twitter->

[down-error-message-says-twitter-is-down-for-reason-will-be-back-up-in-deadline.html](#).

PULLUM, G. **Because syntax**. Language Log. 2014. [blogue] Disponível em: <http://languagelog.ldc.upenn.edu/nll/?p=9494>. Acesso: 05 jun. 2018.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH G.; SVARTVIK, J. **A Comprehensive grammar of the English language**. New York: Longman, 1985.

REHN, A. **Because Meaning: Language Change through Iconicity in Internet Speak. SURF Conference Proceedings**. California, 2014.

ROSS, A. **The Language of Humor**. London, New York: Routledge, 1998.

SILVA, G. M.; PAIVA, M. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões Sociolinguísticos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

SINCLAIR, J. Corpus and text-basic principles. In: WYNNE, M. (ed.) **Developing linguistic corpora: A guide to good practice**. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 1-16.

TAYLOR, C. What is corpus linguistics? What the data says. **ICAME Journal**, n. 32, p. 179–200, 2008. Disponível em: <http://sro.sussex.ac.uk/id/eprint/53389/>.

TURNBULL, J. *et al.* **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. International Student Edition. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WHITMAN, N. **Because as a Preposition**. QDT: Quick and Dirty Tips, 18 out. 2013. Disponível em: <https://www.quickanddirtytips.com/education/grammar/because-as-a-preposition?page=1>. Acesso: 05 jan. 2019.

YILMAZ, S.; RÖMER, U. A corpus-based exploration of constructions in written academic English as a lingua franca. **Advances in Corpus-based Research on Academic Writing: Effects of discipline, register, and writer expertise**, v. 95, p. 59, 2020. DOI <https://doi.org/10.1075/scl.95.03yil>

Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 18.03.2021



A expressão variável do imperativo no português brasileiro: uma análise sob o viés construcional

The imperative variable expression in Brazilian Portuguese: an analysis under a constructional bias

Luiz Fernando de CARVALHO*

RESUMO: O imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro pode ser visto como uma construção com propriedades específicas nos termos de Goldberg (1995, 2006) bem como de Traugott e Trousdale (2013). Essa construção expressa-se por meio três instâncias construcionais: o imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*), o imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) e o *imperativo abraçoleirado* (*indicativo + você*), conforme Scherre (2007), Paredes Silva *et al.* (2000) e Carvalho (2020). Neste artigo, com o intuito de estabelecer relações entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística, discutem-se as interações entre essas construções com base na Teoria da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), bem como a produtividade das formas imperativas na língua à luz da Teoria Baseada no Uso, de Bybee (2013). Nesse sentido, é possível entender que o *imperativo abraçoleirado* tenha se originado a partir de um processo de mesclagem entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo e se espreado no território nacional ao longo do tempo como uma construção típica do português brasileiro.

ABSTRACT: The singular 2nd person imperative in Brazilian Portuguese may be seen as a construction with specific properties in Goldberg (1995, 2006) as well as Traugott and Trousdale (2013) terms. This construction expresses itself through three constructional instances: the true imperative (*indicative + tu*), the suppletive imperative (*subjunctive + você*) and the *Brazilian imperative* (*indicative + você*), according to Scherre (2007), Paredes Silva *et al.* (2000) and Carvalho (2020). In this paper, in order to establish relations between Cognitive Linguistics and Sociolinguistics, the interactions between these constructions are discussed based on the Conceptual Blending Theory by Fauconnier and Turner (2012), as well as imperative forms productivity in language in light of Bybee's Usage-based Theory (2013). In this sense, it is possible to understand that the *Brazilian imperative* originated from a merging process between the true imperative and the suppletive imperative and spread throughout the national territory over time as a typical construction of Brazilian Portuguese.

* Mestre (Poslin-UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7582-7438>. lufecarva@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Modo imperativo. Variação linguística. Gramática de Construções. Mesclagem. Teoria Baseada no Uso.	KEYWORDS: Imperative mood. Linguistic variation. Construction Grammar. Blending. Usage-based Theory.
---	---

1 Considerações iniciais

O imperativo, marcado pragmaticamente pelo ato ilocutório diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA 2006, p. 73-74), é produtivo em situações de interlocução que exprimem um pedido, uma ordem, uma súplica. Esse modo verbal manifesta-se por duas polaridades (afirmativa e negativa) com formas verdadeiras e supletivas, nos termos de Scherre (2007). Segundo a tradição gramatical (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009), enquanto as formas verdadeiras, advindas do presente do indicativo com perda do morfe número-pessoal [-s], são utilizadas em contextos pronominais de *tu* e *vós* do imperativo afirmativo; as formas supletivas, emprestadas do presente do subjuntivo, são usadas para os contextos de *você*, *nós* e *vocês* do imperativo afirmativo e para *tu*, *você*, *nós*, *vós* e *vocês* do imperativo negativo. Desse modo, a gramática normativa prescreve que, em contexto de 2ª pessoa do singular (doravante 2SG), o imperativo se expresse, em sua modalidade afirmativa, como imperativo verdadeiro, em contexto de *tu-sujeito*, ou como imperativo supletivo, em contexto de *você-sujeito*.

Todavia o avanço do *você* sobre os espaços funcionais do *tu* no uso da língua promoveu uma reorganização do quadro pronominal do português brasileiro (doravante PB) (LOPES, 2007; LOPES; CAVALCANTE, 2011), reconfigurando o imperativo de 2SG (PAREDES SILVA *et al.*, 2000; SCHERRE *et al.*, 2000, 2014; SCHERRE, 2007, 2012; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020). Em decorrência desse processo, as construções imperativas têm evidenciado um potencial variável no que se refere à realização associada às formas verdadeiras (*indicativo*) e supletivas (*subjuntivo*), uma vez que a identidade semântica entre *tu* e *você*, como formas pronominais de referência ao sujeito de 2SG, alcançou as construções

imperativas associadas ao indicativo em contexto de *você-sujeito*. Esse fenômeno deu origem ao denominado *imperativo abraçileirado*, cf. Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), uma construção comum no PB, como no slogan *Vem pra Caixa você também! Vem!*¹.

Posto esse cenário, a manifestação de imperativo de 2SG no PB constitui um fenômeno variável que se expressa por construções compostas por uma forma verbal (*indicativa* ou *subjuntiva*) e pela referência a um sujeito de 2SG (*tu* ou *você*), marcadas basicamente pelo sentido do pedido, da ordem ou da súplica. A depender dos elementos que as compõem, essas construções podem ser abonadas pela tradição (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009), como no caso do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abra/dá/diz/vai* em contexto de *tu-sujeito*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá* em contexto de *você-sujeito*), ou não, haja vista a existência peculiar no PB do *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abra/dá/diz/vai* em contexto de *você-sujeito*)². A seguir, de (01) a (03) são ilustradas ocorrências dessa variação construcional com base em dados de Carvalho (2020, p. 120-124) transcritos de cartas pessoais mineiras dos séculos XIX e XX.³

(01) Não fôras tu, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! *deixa*, minha Helena, *deixa* que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento (JP. Rio de Janeiro, 14.02.1891) – *imperativo verdadeiro*

(02) Caso Você não queira falar-lhe, *provoque* um encontro d'elle com o Baêta, deixando-os a sós para que o Baêta lhe fale novamente. (AR. Belo Horizonte, 06.06.1936) – *imperativo supletivo*

(03) João disse que você pode repetir o remédio, que não tem inconvinete. Espero breve uma cartinha com as novidades [...] Como vai passando

¹ Slogan de uma conhecida campanha publicitária da Caixa Econômica Federal que pode ser verificada no endereço <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/intencionalidade-linguagem-publicitaria.htm>.

² Na perspectiva normativista (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009), o *imperativo abraçileirado* (forma indicativa em contexto de *você-sujeito*) representaria uma discordância formal, na medida em que, ao considerar o *você* como uma forma de 3ª e não de 2ª pessoa, a tradição gramatical concebe esse imperativo como uma “mistura de pessoas do discurso” (BAGNO, 2010, p. 268).

³ Nos excertos deste artigo, utilizados para ilustrar o fenômeno variável do imperativo de 2SG, optou-se por marcar as formas imperativas em itálico e a referência ao sujeito de 2SG com um grifo.

Alaide Lourenço e a criançada? Benedito tem desempenhado bem o trabalho? *Lembra* seu Pae que no dia 28 acabou o mez della. Saudades a Uzica e familia. Abraços dos manos e sobrinhos para você e seu Pae. (MRVL. s/ local, 02.02.1946) – *imperativo abrazeirado*

Tendo em vista a existência da expressão variável desse fenômeno no PB, neste artigo argumenta-se a favor de uma abordagem construcional do imperativo de 2SG, tomando, como base teórico-metodológica, a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013), a Teoria da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e a Teoria Baseada no Uso (BYBEE, 2013). A pesquisa, de natureza qualitativa, será feita a partir da análise e da interpretação do fenômeno à luz de dados de pesquisas sociolinguísticas sobre o tema (SCHERRE, 2007; DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020) que ratificam a produtividade da construção imperativa de 2SG no sistema linguístico.

Essa análise do ponto de vista construcional se torna factível ao resgatar o conceito de construção proposto por Fillmore (1988) e Goldberg (1995, 2006) e aplicá-lo ao imperativo de 2SG. Segundo esses autores, uma construção consiste em um pareamento de forma e função ao qual se atribui um conjunto de funções convencionais utilizadas na língua em contextos específicos com propriedades específicas. Nesse sentido, o imperativo de 2SG poderia ser entendido como uma construção que se manifesta por uma forma verbal imperativa aliada a um sujeito de 2SG que tem como função estabelecer um pedido, uma ordem ou uma súplica por meio de uma força ilocucionária. À luz dessa visão construcional, busca-se evidenciar, portanto, as contribuições trazidas pela Linguística Cognitiva para o entendimento de processos de variação e mudança linguística labovianas (LABOV, 1972, 1994), especificamente em relação ao estatuto variável do imperativo de 2SG na língua.

Assim, tendo em mente essas considerações em busca de uma abordagem construcional do imperativo de 2SG, questiona-se: de que maneira o surgimento do *imperativo abrazeirado* (forma imperativa indicativa em contexto de *você-sujeito*, cf.

PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121) pode ser vinculada à existência das construções do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* em contexto de *tu-sujeito*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá* em contexto de *você-sujeito*) no PB?

A hipótese é a de que a construção do *imperativo abrasileirado* (*indicativo + você*) tenha sido gerada conceptualmente a partir da conjugação das construções do imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*) e do imperativo supletivo (*subjuntivo + você*). Essa emergência provavelmente aconteceu em decorrência do processo de mesclagem conceptual, de Fauconnier e Turner (2002), que se fundamenta na Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1994, 1997). Assim, tendo em vista a Teoria Baseada no Uso, à luz de Bybee (2013), o *imperativo abrasileirado* passou a ser empregado continuamente ao longo do tempo em distribuição diatópica no PB. A fim de atestar o espraiamento do *imperativo abrasileirado* no PB, são utilizados dados oriundos de pesquisas quantitativas de natureza sociolinguística realizadas Scherre (2007) sobre a expressão variável.

Dadas a questão e a hipótese que nortearão a análise, a partir das considerações iniciais sobre as formas imperativas de 2SG e suas inter-relações com a Linguística Cognitiva, abordam-se, na seção 2, os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam este artigo. Em seguida, na seção 3, analisa-se o imperativo de 2SG em uma perspectiva construcional tendo em vista o surgimento e a difusão das formas imperativas em variação no PB. Por fim, nas considerações finais, tecem-se observações sobre a interface entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística para o entendimento dos processos de variação e mudança linguística.

2 Fundamentação teórico-metodológica

Esta seção é dedicada à abordagem dos princípios metodológicos que fundamentam a análise do imperativo sob um viés cognitivo. Assim, discutem-se o conceito de construção (FILLMORE, 1988; GOLBERG, 1995) e suas propriedades

(TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), bem como a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) e da Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Por fim, também são abordados alguns conceitos da Teoria Baseada no Uso (BYBEE, 2013) considerados relevantes para a análise do imperativo de 2SG.

2.1 A construção e suas propriedades

A tradição gerativa, segundo Salomão (2002), considera que o significado é construído de maneira composicional (o significado do todo advém da soma do significado das partes), delegando ao plano das irregularidades determinadas expressões cujo significado se dá de maneira indissociável ao todo⁴. Na visão de Fillmore (1988), entretanto, muitas expressões, comumente empregadas nas línguas, escapam dessa visão composicional do significado. Idiomatismos, como os em (04), (05) e (06), retirados *Dicionário de expressões idiomáticas* proposto por Riva (2008), são alguns dos vastos exemplos de termos cujo significado não ocorre a partir das partes e sim a partir do todo.

(04) *jogado às traças* (RIVA, 2008, p. 110)

(05) *dançar conforme a música* (RIVA, 2008, p. 111)

(06) *aparar as arestas* (RIVA, 2008, p. 116)

Nesse contexto, a fim de abarcar essas ocorrências muito comuns, mas até então relegadas a um papel coadjuvante pela Linguística, surge o conceito de construção. Segundo Fillmore (1988), construção gramatical é qualquer padrão sintático ao qual se atribui um conjunto de funções na língua, utilizadas em determinados contextos com propriedades específicas. Esse conceito fica evidente em sua análise da expressão *let*

⁴ No gerativismo, uma teoria de natureza composicional, a relação simbólica entre a forma linguística e seu significado é realizada externamente entre o componente sintático e o componente semântico, que apresentam, de maneira independente, informações diferentes sobre a estrutura linguística (SOUZA, 2010).

alone, em inglês, que, embora tradicionalmente tratada como uma conjunção coordenativa, funciona como um idiomatismo que evoca uma construção com propriedades funcionais singulares.

Embora Fillmore (1988) pareça ter limitado o conceito de construção às expressões idiomáticas, Goldberg (1995) tende a dilatar essa concepção, considerando construção qualquer unidade de pareamento entre forma e sentido. Em termos formais, Goldberg (1995, p. 4) entende que

C é uma construção se C é um par forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$ de tal forma que algum aspecto de F_i , ou algum aspecto de S_i não é estritamente previsível das partes componentes de C's ou de outras construções previamente estabelecidas (GOLDBERG, 1995, p. 4, tradução própria)⁵.

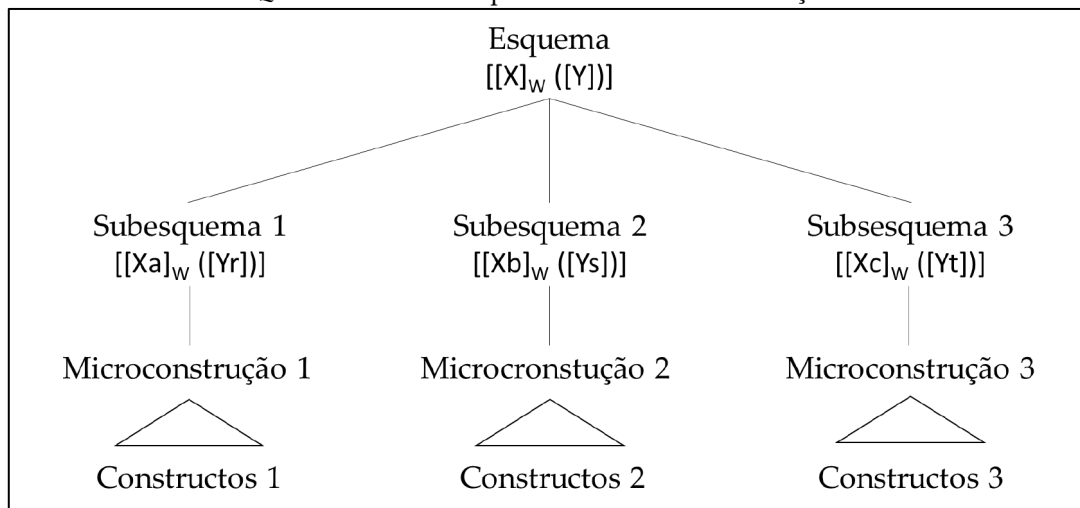
Desse modo, uma construção consistiria em um padrão linguístico em que estrutura e sentido estão imbricados de modo que o significado das partes que a compõe não possa ser destituído do sentido do todo que a integra. Nessa perspectiva, à luz de Goldberg (2006, p. 5), o sentido de uma construção não pode ser apreendido composicionalmente, uma vez que, se o pareamento entre a estrutura e a função é indissociável, o significado não adviria das partes, mas sim do todo. Goldberg (1995, 2006) salienta que uma construção apresenta aspectos do significado e da forma como componentes que não podem ser previstos externamente à estrutura linguística, na medida em que cada construção teria, portanto, sua forma e seu sentido específico manifestos internamente na estrutura da língua.

A fim de analisar a construção imperativa de 2SG proposta neste artigo, além de levar em consideração o conceito de construção proposto por Goldberg (1995, 2006),

⁵ No original: C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions". (GOLDBERG, 1995, p. 4)

é importante ressaltar, em conformidade com Traugott e Trousdale (2013), as propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade relacionadas às construções. Segundo os autores, a esquematicidade consiste nos graus que apontam a generalidade, abstração e especificidade de uma construção; a produtividade refere-se às condições que permitem uma construção licenciar outras a ela vinculadas; e a composicionalidade está relacionada ao grau de transparência e de analisabilidade da construção tendo em vista seu emparelhamento entre forma e sentido. Essas propriedades são importantes na medida em que permitem analisar até que ponto uma construção se relaciona hierarquicamente a suas instanciações por meio de uma rede construcional composta por esquema, subesquemas, microconstruções e constructos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), como se observa no quadro (01).

Quadro 1 – Rede esquemática de uma construção.



Fonte: produzido pelo autor com base em Traugott e Trousdale (2013).

A partir dessa rede esquemática, é possível perceber que, enquanto o esquema, localizado hierarquicamente no topo da rede, representa o grau máximo de abstração (e mínimo de concretude) de uma construção, o subesquema, em uma instância subordinada a ele, é mais específico e, portanto, menos abstrato do que o esquema. Já a microconstrução, que na hierarquia se encontra abaixo do subesquema, representa,

por sua vez, uma instanciação deste, consistindo em um elemento ainda mais especificado e menos abstrato. Por fim, o constructo, subordinado às microconstruções, representa a realização efetiva de uma construção em uma situação de uso real da língua, sendo, assim, o item de maior grau de especificação e de concretude da construção. Neste trabalho, procura-se analisar a construção imperativa de 2SG levando em consideração o esquema e os subesquemas dessa construção. As microconstruções e os constructos serão apresentados, porém não constituirão o foco em discussão no artigo.

Dessa maneira, conclui-se a abordagem do conceito de construção (GOLBERG, 1995, 2006) bem como de algumas de suas propriedades (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Esses conceitos serão relevantes para a análise do imperativo de 2SG em uso PB sob uma perspectiva construcional, levando em consideração suas instanciações: o imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*), o imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) e o imperativo abrigado (*indicativo + você*). Assim, visando apresentar o aporte teórico necessário para o entendimento das relações entre essas instâncias, segue-se às considerações sobre a Teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem.

2.2 Os espaços mentais e a mesclagem

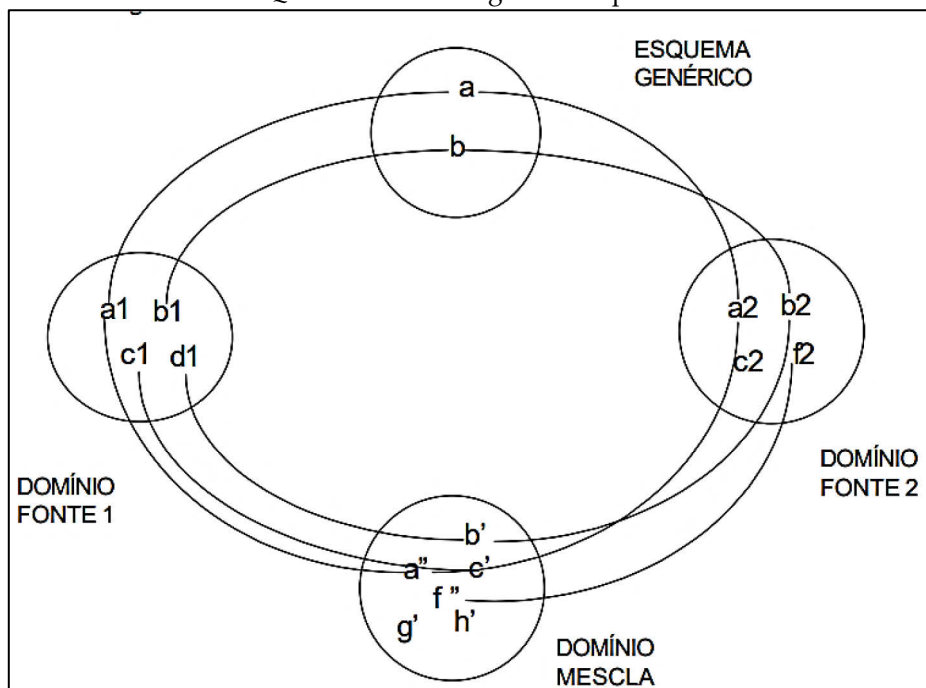
A Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1994, 1997), e mais especificamente a Teoria da Integração Conceptual ou Mesclagem, de Fauconnier e Turner (2002), fornecem subsídios para entender o processamento cognitivo das expressões na mente humana. Segundo a teoria, a mente humana é dotada de um espaço mental, denominado zona de processamento do discurso, que permite a ativação de uma rede de projeções entre domínios conceptuais para a emergência de construções.

Os espaços mentais são regidos por princípios simples e gerais que podem ser aplicados de maneira universal a todas as línguas. Nesse sentido, Fauconnier (1994, p.

18) salienta o potencial de produtividade ilimitado desses espaços na elaboração de construções em diferentes contextos pragmáticos e culturais. De fato, a Teoria dos Espaços Mentais traz contribuições significativas para a compreensão dos processamentos cognitivos na mente, comuns a todos os seres humanos, independentemente da língua ou cultura em que estão inseridos.

A noção de espaço mental tem importante aplicação no processo de integração conceptual, denominado mesclagem (*blending*), proposto por Fauconnier e Turner (2002, p. 20). Esse processo, também chamado de combinação conceptual, está na base das operações mentais, desde as mais simples às mais complexas, podendo ser empregado para a análise de associações metafóricas e de padrões construcionais. Na mesclagem, uma expressão é processada a partir de uma projeção entre quatro domínios do espaço mental: dois domínios-fonte, um esquema genérico e um espaço-mescla. No quadro (02), de acordo com adaptação realizada por Salomão (2002, p. 155) com base em Fauconnier e Turner (2002), pode-se verificar esse processamento.

Quadro 2 – Mesclagem conceptual.



Fonte: Salomão (2002, p. 155).

Conforme o diagrama exposto no quadro (02), o processamento de uma expressão ocorre a partir de um espaço genérico, onde se encontram as informações gerais (a e b), que retroalimentam os domínios fonte 1 e fonte 2. Essas informações são projetadas parcialmente entre os dois domínios fonte ($a1, b1, c1; a2, b2, c2$) a partir das necessidades comunicativas do falante, representadas, nesse caso, pela trajetória dos traços (*links*) presentes no diagrama. Durante esse processo, para atender a essas necessidades, nem todas as informações de um domínio ($d1$) se encontram obrigatoriamente respaldadas no outro ($f2$). As informações interdomínios são projetadas no domínio mescla, promovendo o surgimento de uma estrutura emergente (a'', b', c', f''), que não é dada pelos domínios fonte, mas originada de suas projeções. Nesse espaço também podem ser observadas informações não relacionadas aos domínios fonte (g', h') que se originam de projeções aleatórias.

A mesclagem pode ser utilizada para análises tanto de processos metafóricos quanto de emergências construcionais na língua. Ferrari (2010), por exemplo, em uma análise da sentença “*Paris é o coração da França*” explica como a associação metafórica ocorre por meio dos espaços mentais. Nesse sentido, no espaço genérico constariam informações relacionadas a *idades* e *países* bem como ao *corpo humano*, que ativam, no domínio fonte 1, as *idades francesas* e, no domínio fonte 2, os *órgãos* do ser humano. A conjunção desses domínios leva à emergência, no domínio mescla, dos elementos *Paris* e *coração* que consolidam a metáfora de vitalidade baseada na ideia de que *Paris* está para *França* assim como o *coração* está para o *corpo humano*.

Ao recrutar a mesclagem para analisar as construções, Fauconnier e Turner (2002 *apud* FERRARI, 2010) utilizam, para explorar esse processamento, as construções de movimento causado ([SUJ V OBJ OBL])⁶ propostas por Goldberg (1995). A teoria

⁶ Ferrari (2010, p. 160) explica que a construção de movimento causado ([SUJ V OBJ OBL]), cujo pareamento forma e significado consiste associação entre os papéis argumentais agente, tema, alvo e a semântica da ação “causar-mover”, pode ser ilustrada com sentenças como *Patrícia colocou a cenoura na*

pode ser usada, por exemplo, para a concepção dessa construção na sentença “O jogador cabeceou a bola para o gol” (FERRARI, 2010, p. 163). Nesse caso, elementos relacionados à construção de movimento causado e à sequência de eventos na sentença são ativados do espaço genérico nos domínios fonte 1 e 2, respectivamente. Assim, enquanto no domínio fonte 1, se encontrariam os papéis argumentais agente ([SUJ]), tema ([OBJ]), alvo ([OBL]) e a ação (“causar-mover”), no domínio fonte 2, estariam os elementos da sentença *Jogador, bola, para o gol, cabecear*. Desse modo, a relação interdomínios resultaria na emergência da construção no espaço mescla com o pareamento forma/função entre *jogador/agente, cabecear/“causar-mover”, bola/tema e para o gol/alvo*. A aplicação da mesclagem à concepção das construções tal como proposto por Fauconnier e Turner (2002 *apud* FERRARI, 2010) é relevante na medida em que essa análise servirá de base para o entendimento das relações estabelecidas entre as construções imperativas de 2SG em foco neste artigo.

Em síntese, a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994, 1997) contribui significativamente para o entendimento das projeções cognitivas realizadas durante o processamento da linguagem. De certo modo, ao evidenciar a operação de mesclagem conceptual por meio da conjugação entre os espaços mentais – aplicada seja a associações metafóricas, seja a emergências construcionais –, Fauconnier e Turner (2002) tornam mais objetivas as abstrações que ocorrem na mente humana e trazem maior clareza para o entendimento dos processamentos que envolvem o surgimento de expressões linguísticas.

Assim, tendo apresentado o conceito de espaços mentais e o processo de mesclagem, finaliza-se esta seção. Esses conceitos são importantes, uma vez que serão utilizados para o entendimento da emergência das construções imperativas de 2SG no

salada e O menino chutou a lata para o canto da rua. Essas instâncias da construção apresentam um sujeito agente (*Patrícia, O menino*) que causam o movimento (*colocou, chutou*), de um objeto (*a cenoura, a lata*) para algum lugar (*na salad, para o canto da rua*).

PB (imperativo verdadeiro, imperativo supletivo e, sobretudo, o *imperativo abraçeirado*), questão que norteia este artigo conforme proposto nas considerações iniciais. Desse modo, a fim de constituir uma base teórica mais sólida para essa análise, procede-se, na próxima subseção, à abordagem da Teoria Baseada no Uso.

2.3 As construções na Teoria Baseada no Uso

A Teoria Baseada no Uso, conforme Langacker (1987, 2000 *apud* BYBEE, 2013), está calcada na premissa de que a experiência com a linguagem cria e impacta as representações cognitivas das línguas. Nessa teoria, a gramática pode ser vista como a organização cognitiva de uma experiência com a linguagem (BYBEE, 2006, 2013), nas quais as construções são ordenadas e combinadas pela similaridade com representações construcionais existentes. Bybee (2013, p. 2) entende que nessa proposta a estrutura da língua é formada pela repetição de padrões linguísticos por meio de processos de categorização, entrincheiramento e esquematização. Nesse caso, a reincidência de uso de uma determinada expressão leva à convencionalização de categorias e associações, bem como à automação de sequências na cognição humana.

As construções, nessa perspectiva, podem ser vistas como unidades de processamento de forma e significado que foram usadas com frequência suficiente para serem acessadas juntas, abarcando no processo desde partes sequenciais de palavras (morfemas) até estruturas complexas (expressões). Nesse contexto, inserem-se os modelos exemplares, construções criadas por meio da experiência que contribuem para a composição da memória humana: cada experiência linguística tem um impacto na representação do armazenamento cognitivo que, quando acessado pelo falante, dependendo do uso realizado, pode causar alterações nos itens armazenados. Assim, a memória de cada indivíduo inclui informações detalhadas sobre os elementos que foram processados por meio dos modelos exemplares, delimitando seu

pareamento entre forma, os elementos componentes de sua estrutura, e função, as especificidades semântico-pragmáticas de seu contexto de uso.

Bybee (2013) afirma que os modelos de exemplares e as contagens de frequência – frequência do tipo (*type frequency*) e frequência do dado (*token frequency*)⁷ – interferem de modo significativo nos deslocamentos de sentido para a formação novas construções. As frequentes co-ocorrências de uma inferência associada a uma construção podem levar à incorporação de uma nova nuance de sentido que passa a ser entendida, então, como parte do significado da construção, a ponto de muitas vezes o novo significado inferido substituir o antigo significado original. Por esse motivo, um modelo exemplar torna-se altamente relevante, uma vez que serve de parâmetro para que as novas inferências realizadas no eixo do tempo se atrelem a esse modelo de modo que, dependendo da frequência do uso e do potencial de ocorrência de cada inferência, a construção tenha seu sentido convencionalmente alterado. Assim, conforme Bybee (2013), os falantes mudam a língua com base no uso frequente que fazem de uma construção com incorporação de novas acepções que são continuamente registradas na representação dos modelos exemplares.

Nesse sentido, a Teoria Baseada no Uso (BYBEE, 2013) exercerá papel significativo no entendimento de como as construções imperativas de 2SG (imperativo verdadeiro, imperativo supletivo e *imperativo abasileirado*) se distribuíram diacrônica e diatopicamente no PB. A fim de que essa análise possa ser adequadamente realizada, são trazidos à cena dados de pesquisas sociolinguísticas de natureza quantitativa realizadas por Scherre (2007) sobre o fenômeno variável que evidenciam a frequência de utilização das construções imperativas de 2SG no PB a partir de uma amostra de

⁷ A frequência do tipo (*type frequency*) consiste na ocorrência de um padrão linguístico específico, permitindo destacar a quantidade de itens diferentes (excluindo repetições) com que uma construção pode se expressar. A frequência do dado (*token frequency*) refere-se à ocorrência de uma determinada unidade linguística, evidenciando a quantidade de vezes (incluindo repetições) que um item específico pode se manifestar (BYBEE, 2013, p. 58).

revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*. Essa análise se pretende relevante na medida em que pode permitir o estabelecimento de um vínculo entre a Teoria do Uso e da Mesclagem Conceptual abordada na seção anterior, ratificando as relações entre as construções imperativas de 2SG em foco neste artigo.

Finda-se neste ponto a abordagem do quadro teórico-metodológico para nortear a análise do imperativo de 2SG no PB sob uma perspectiva construcional. Dessa maneira, visando aplicar essas discussões teóricas à expressão variável do imperativo de 2SG, procura-se apresentar, na próxima seção, esse modo verbal como construção cujas formas, inter-relacionadas em um processo de mesclagem, possuem elevado uso e produtividade na língua. Essa análise, realizada a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa, busca promover uma abordagem construcional do fenômeno por meio da interpretação de dados advindos de estudos sociolinguísticos sobre o estatuto variável do imperativo de 2SG (SCHERRE, 2007; DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020).

3 O imperativo de 2ª pessoa do singular do português brasileiro em uma abordagem construcional

Nesta seção, propõe-se uma investigação analítico-interpretativa, em que se pretende estabelecer um diálogo entre as teorias cognitivas abordadas na seção anterior e o modo imperativo. Inicialmente são apresentadas as construções imperativas de 2SG (imperativo verdadeiro, imperativo supletivo e *imperativo abraileirado*) para, posteriormente, analisar suas interações no espaço mescla e, finalmente, observar sua difusão diacrônica e diatópica no PB. Essa expansão será examinada por meio de dados de pesquisas sociolinguísticas realizadas por Scherre (2007) com base em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*.

3.1 A construção imperativa de 2SG e suas instanciações

O imperativo, modo do pedido, da ordem e da súplica, pode ser considerado uma construção, nos termos de Goldberg (1995, 2006), na medida em que apresenta um pareamento entre forma e função. Em termos pragmáticos, esse modo verbal é marcado por um ato ilocucionário diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA, 2006, p. 73-74) na interação entre falantes em uma situação comunicativa. Além disso, à luz da gramática normativa (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009), o imperativo apresenta basicamente formas advindas do modo indicativo e formas emprestadas do modo subjuntivo combinadas com um sujeito argumental a quem a força ilocucionária se dirige. Desse modo, o imperativo poderia ser tomado como construção, tendo em vista a existência de um emparelhamento entre forma (*indicativo* ou *subjuntivo* aliado a um sujeito argumental) e sentido (pedido, ordem ou súplica em um ato ilocucionário).

O imperativo apresenta, conforme Scherre (2007), formas verdadeiras, advindas do indicativo com apócope do morfema de número e pessoa *-s*, e formas supletivas, emprestadas do subjuntivo sem alteração mórfica. A tradição gramatical (CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 2010 [1972]; BECHARA, 2009) prescreve a utilização das formas verdadeiras em contexto de sujeito *tu* e *vós* na modalidade afirmativa e das formas supletivas nos demais contextos: *você*, *nós* e *vocês* em posição de sujeito na polaridade afirmativa; e *tu*, *você*, *nós*, *vós*, *vocês* em posição de sujeito na polaridade negativa. O quadro (03) sintetiza as formas verdadeiras e supletivas do imperativo do verbo *cantar* conforme a gramática normativa (BECHARA, 2009 [1961], p. 237).

Quadro 3 – O imperativo no português.

IMPERATIVO AFIRMATIVO	IMPERATIVO NEGATIVO
–	–
canta tu	não cantes tu
cante você, o senhor	não cante você, o senhor
cantemos nós	não cantemos nós
cantai vós	não canteis vós
cantem vocês, os senhores	não cantem vocês, os senhores

Fonte: Bechara ([1961] 2009, p. 237).

No quadro (03), enquanto as formas supletivas (*cantes, cante, cantemos, canteis, cantem*) não apresentam marcações, as formas verdadeiras (*canta, cantai*) foram propositalmente marcadas para destacá-las entre as outras. É importante notar que não existem formas imperativas para contextos de *eu-sujeito* e *ele/eles-sujeito*, uma vez que o imperativo, por ser de natureza interlocutória, restringe suas ocorrências às 2^{as} pessoas do singular e do plural, impedindo a existência de formas para a 1^a pessoa do singular e para as 3^{as} pessoas do singular e do plural⁸. A inclusão da 1^a pessoa do plural no paradigma de formas imperativas, conforme Rocha Lima (2010 [1972]), deve-se aos contextos em que o falante se inclui entre as pessoas a quem se dirige.

Restringindo-se às formas imperativas de 2SG que representam o foco em análise neste estudo, vê-se no PB um fenômeno peculiar em decorrência da inserção do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES; CAVALCANTE, 2011). Conforme atestam as pesquisas sociolinguísticas de Scherre *et al.* (2000, 2014), Scherre (2007, 2012), Rumeu (2016, 2019), Diniz (2018) e Carvalho (2020), o ingresso da antiga forma de tratamento *você* no paradigma dos pronomes pessoais foi responsável pela expressão variável das formas imperativas de 2SG, que deu origem, nos termos de Paredes Silva *et al.* (2000, p. 121), ao *imperativo abraçileirado*, forma imperativa advinda

⁸ Nesse contexto, assume-se que as formas *você* e *vocês*, embora formalmente relacionadas à 3^a pessoa, ocupam funcionalmente a 2SG, respectivamente, *tu* e *vós*, no sistema pronominal do PB (LOPES, 2007; LOPES e CAVALCANTE, 2011).

do indicativo em contexto de *você* em posição de sujeito (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*). Essa construção inovadora, não marcada socialmente, está difundida em letras de música popular, como em (07), e em poemas modernistas, como em (08), ratificando sua presença no PB.

(07) *Perdoa*, meu amor, *perdoa*
Perdoa, eu bem sei que errei
Perdoa, meu amor, *perdoa*
Perdoa se lhe magoei
 A minha vida era só melancolia
 Até você me aparecer um dia
 Como se fosse uma rosa fugidia
 Fez dos meus sonhos esta louca fantasia⁹

(08) Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
 Me *dá* um cigarro.¹⁰

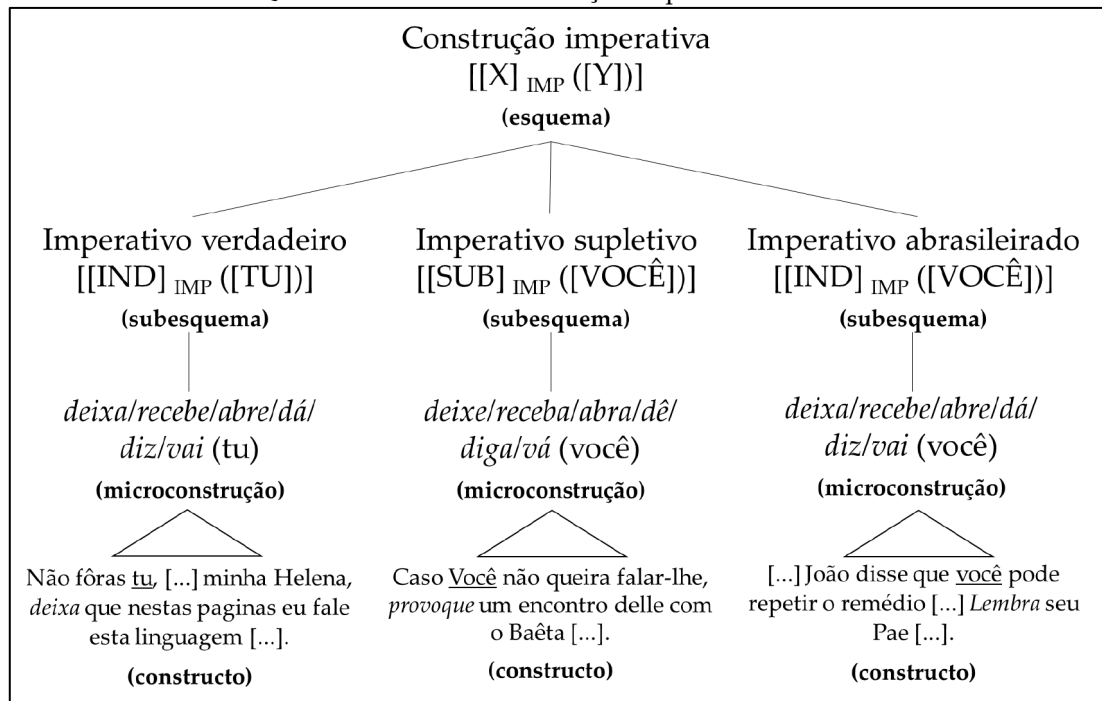
Desse modo, tendo em vista os estudos sociolinguísticos (SCHERRE *et al.*, 2000, 2014; SCHERRE, 2007, 2012; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020), o imperativo de 2SG no PB é uma construção de forma e função emparelhadas que pode se manifestar por meio de três instâncias construcionais diferentes: o imperativo verdadeiro, o imperativo supletivo e o *imperativo abraçado*. Essa expressão variável pode ser observada na rede construcional localizada no quadro (04), por meio da qual é possível analisar as propriedades de esquematicidade, produtividade e

⁹ Letra da música “Perdoa, meu amor”, de Asemiro Vieira, interpretada por Marisa Monte, que pode ser verificada no endereço <https://www.letras.mus.br/marisa-monte/515196/>.

¹⁰ Verso do famoso poema “Pronominais” de Oswald de Andrade, publicado em 1925, que pode ser averiguado no endereço <https://www.pensador.com/frase/NTU4NjA3/>.

composicionalidade da construção imperativa de 2SG. Na rede, em conformidade com a proposta de Traugott e Trousdale (2013), observa-se a representação dessa construção por meio de seu esquema bem como de seus subesquemas, suas microconstruções e seus constructos. A partir dessas informações, é possível afirmar que a construção imperativa pode ser analisada em quatro níveis de esquematicidade, do mais genérico e mais abstrato (representado pelo topo da hierarquia), ao mais específico e mais concreto (representado pela base da rede).

Quadro 4 – Rede da construção imperativa de 2SG.



Fonte: produzido pelo autor.

O esquema da construção imperativa de 2SG ([[X]_{IMP} ([Y])]), no maior nível de abstração da hierarquia, compõe-se de um verbo conjugado no modo imperativo que induz o sujeito de 2SG a cumprir uma ordem, pedido ou súplica tendo em vista a força ilocucionária típica desse modo verbal. Nesse ponto, é importante destacar que a construção imperativa de 2SG possui um elevado grau de composicionalidade, uma vez que, embora expresse a semântica própria do modo imperativo em todos os níveis,

a transparência do seu significado está intimamente relacionada aos elementos que compõem a instância construcional analisada em cada um de seus níveis. Assim, a depender do verbo, por meio do qual se estrutura, bem como da presença de outros itens nos constructos, que fazem referência a situações comunicativas específicas, o significado da construção pode sofrer alterações dentro dos limites impostos pela semântica geral do modo imperativo (pedido, ordem ou súplica).

A construção imperativa expressa-se na 2SG do PB por meio de subesquemas que representam instanciações dessa construção, a saber, o imperativo verdadeiro ([[IND]_{IMP} ([TU]])], o imperativo supletivo ([[SUB]_{IMP} ([VOCÊ]])] e o *imperativo abraçado* ([[IND]_{IMP} ([VOCÊ]])]. Por esse motivo, é possível reconhecer a elevada produtividade dessa construção, haja vista a possibilidade de licenciar outras construções vinculadas a ela pelo sentido do pedido, da súplica e da ordem.

Em uma posição hierarquicamente inferior a esses subesquemas, situam-se as microconstruções, que manifestam, com maior grau especificidade, alguns exemplos de verbos – em uma lista não exaustiva – que podem ser encontrados nesse patamar da rede. A microconstrução do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + tu*) é formada por um verbo do indicativo (sem o morfe número-pessoal [-s]) em contexto de *tu-sujeito*. Já a microconstrução do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá + você*) é constituída de um verbo do subjuntivo em contexto de *você-sujeito*. E, por fim, a microconstrução inovadora do *imperativo abraçado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) é composta por um verbo do indicativo (também sem o morfe número-pessoal [-s]) em contexto de *você-sujeito*. Essas microconstruções se expressam na língua por meio de constructos, que, no quadro (03), estão representados pelos exemplos arrolados neste artigo nas considerações iniciais¹¹.

¹¹ Os constructos do imperativo verdadeiro, do imperativo supletivo e do *imperativo abraçado* presentes na rede são fragmentos que se referem aos exemplos (01), (02) e (03), respectivamente, que se encontram nas considerações iniciais.

Os constructos, hierarquicamente localizados na base da rede e subordinados às microconstruções, evidenciam o grau máximo de concretude e mínimo de abstração, sendo, portanto, os elementos mais especificados dessa cadeia. Os constructos representam a expressão da construção imperativa em situações comunicativas reais da língua, ratificando sua produtividade a partir da diversidade de elementos que comportam em sua estrutura, como observado no quadro (04). Outros constructos do imperativo de 2SG podem ser vistos, por exemplo, em dados de pesquisas sociolinguísticas, como de (09) a (14), transcritos de Diniz (2018) e de Carvalho (2020), com ocorrências do PB que remontam aos séculos XIX e XX¹².

(09) “[...] *Fazi* com que o teu marido e Pae não me mandem o carro sem animal de montaria porque temos logo no dia seguinte precisão de que os muares estejam vigorosos para conduzir nos. [...] Já encommendei as velas bentas que me pediste. [...]” (JPCF. RJ, 05.02.1877.) – *imperativo verdadeiro* (DINIZ, 2018, p. 81)

(10) Podes reformar o Directorio consulte o Dr Jose Pedro Araujo, consulte a quem quizer *ve* si o Sabino entra na rasã tudo combinado me-passe um telegramma pedindo as medidas communicando e Directorio criado. (JP. s/local, s/ data) – *imperativo verdadeiro* (CARVALHO, 2020, p. 122)

(11) “[...] Naotenho recebido letras suas, mas como Você tem podido ser mais frequente em a estimavel correspondencia com a vossa mãe e irmã [...] Nas suas orações ao Alto *recommende* sempre o Pae que é tam amigo seu [...]” (JPCF. RJ, 20.05.1886.) – *imperativo supletivo* (DINIZ, 2018, p. 81)

(12) Agora, não concordei, quando você assinou: - o velho Carlos. *Olhe*, Carlos, estou com tentação de parodiar uma carta que havia num livro manuscrito [...]. (RCAM. Belo Horizonte, 31.10.1978) – *imperativo supletivo* (CARVALHO, 2020, p. 121)

(13) “[...] Mano, se voce pudesse me arranjar um d’esse aparelho de ouvir melhor como Mãmãe deu a Amalia eu ficaria muito contente e nossa Madre pagaria a importancia. [...] Já imprimiram a terceira edição da beographia de Mamãe? se não *ve* se me arranja uns esemplares [...]” (MBPCAM. SP,

¹² Os dados de Diniz (2018) vieram da escrita de cartas cariocas dos séculos XIX e XX e os dados de Carvalho (2020) tem como origem missivas mineiras oitocentistas e novecentistas. Ambos autores pesquisaram o estatuto variável do imperativo de 2SG no PB à luz da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982).

28.12.1926.) – *imperativo abraçado* (DINIZ, 2018, p. 81)

(14) Mas, você a maior de nossas poetisas vivas, não precisa de crítica de um velho que [...] se empenhar bem na poesia... Beije em nome do Ciei e aos nossos, às irmãs de D. Sinhá e *recebe* abraço [...] ternalmente carinhoso de seu admirador Pedro Pinto. (PP. s/local, 14.05.1955) – *imperativo abraçado* (CARVALHO, 2020, p. 122)

Diante desses constructos de (09) a (14) expostos anteriormente, é importante apresentar duas ressalvas em relação a análise construcional proposta neste estudo. Em primeiro lugar, não é foco deste artigo analisar de maneira pormenorizada todos os níveis constantes na rede da construção imperativa de 2SG, tendo em vista a possibilidade da manifestação dos constructos na língua com outros elementos além da forma verbal (*indicativa* ou *subjuntiva*) e da referência de sujeito de 2SG (*tu* ou *você*). Desse modo, importa neste estudo a análise dos níveis máximos de esquematicidade dessa construção, levando em consideração a associação entre a forma imperativa e seu contexto de sujeito que levam à expressão do imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*), do imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) e do *imperativo abraçado* (*indicativo + você*). Em segundo lugar, é importante observar que, embora haja uma relativa diferença entre as formas constitutivas dessas construções, não há nenhuma evidência semântica ou pragmática que as diferencie nos níveis de esquematicidade descritos neste estudo, uma vez que o imperativo verdadeiro, o imperativo supletivo e o *imperativo abraçado* parecem ser usados indiscriminadamente em contextos de pedido, de ordem e de súplica, como um ato que pressupõe uma força ilocucionária. A diferença de sentido, nesse caso, decorre da utilização dos constructos em situações de uso real da língua, em que os elementos que os integram contribuem para alterar parcialmente o sentido dentro dos limites semânticos do modo imperativo.

Feitas essas ponderações e tendo exposto as construções imperativas de 2SG no PB e suas propriedades, assume-se, neste artigo, que a construção imperativa de 2SG expressa-se por meio do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + tu*), do

imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá + você*) e do *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) que se aproximam quanto ao sentido, mas que se diferem quanto à forma a depender da origem mórfica (*indicativo* ou *subjuntivo*) e do contexto de sujeito (*tu* ou *você*). Assim, uma vez que o sentido de cada construção imperativa permanece inalterado a despeito da diversidade formal, é necessário analisar as relações de estabelecidas entre essas instâncias construcionais. Para tanto, procede-se à discussão das interações entre essas construções no processo de mesclagem.

3.2 As construções imperativas no espaço mescla

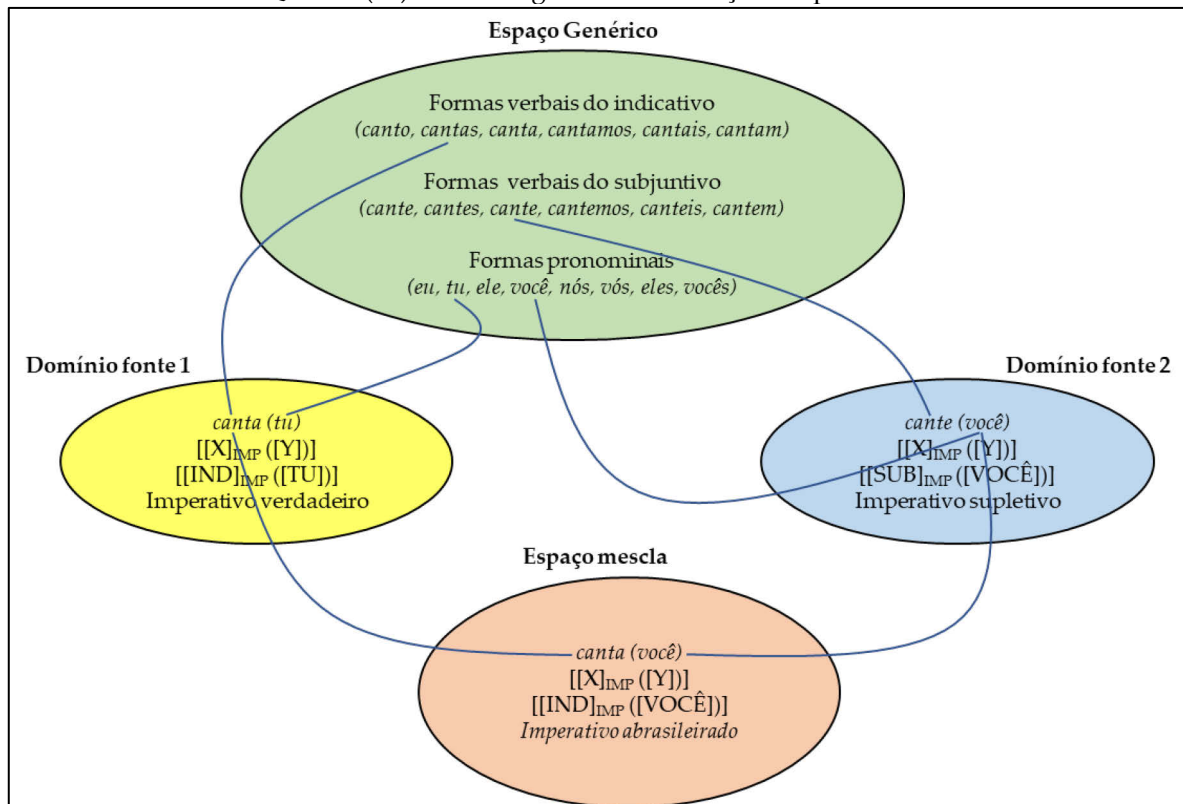
O processo de Integração Conceptual ou Mesclagem (FAUCONNIER; TURNER, 2002), desenvolvido a partir da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), pode fornecer subsídios para o entendimento do processamento cognitivo da construção imperativa de 2SG ($[[X]_{IMP} ([Y])]$). Essa construção, cujo pareamento entre forma e sentido consiste em um verbo no imperativo atrelado a um sujeito de 2SG pela semântica do pedido, da ordem ou da súplica em um ato ilocucionário, expressa-se no PB por três instanciações: o imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*), o imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) e o *imperativo abraçileirado* (*indicativo + você*).

Essas construções, unidas pelo sentido próprio do modo imperativo, apresentam alterações visíveis em suas estruturas a depender da origem da forma imperativa (*indicativa* ou *subjuntiva*) e da referência ao sujeito de 2ª pessoa (*tu* ou *você*). Uma vez que denunciam essa relativa diversidade na manifestação formal a despeito da manutenção da expressão semântica, o imperativo verdadeiro, o imperativo supletivo e o *imperativo abraçileirado* apresentam relações que demandam devida investigação. Assim, a fim de elucidar a associação entre essas instâncias da construção imperativa de 2SG, que constitui a questão norteadora deste artigo presente nas

considerações iniciais, toma-se, como instrumental de análise, o processo de integração entre os espaços mentais tal como proposto por Fauconnier e Turner (2002).

No quadro (05), pode-se analisar o processo de mesclagem, a partir de um exemplo com o verbo *cantar*, que já foi utilizado na descrição normativista (BECHARA, 2009 [1961]) do modo imperativo na seção anterior. Nesse processo, observam-se as operações cognitivas entre os espaços mentais (espaço genérico, dois domínios fonte e espaço mescla) que concorrem para dar origem às construções imperativas de 2SG.

Quadro (05) – Mesclagem das construções imperativas.



Fonte: produzido pelo autor.

No quadro (05), busca-se evidenciar o surgimento das construções imperativas de 2SG, sobretudo do *imperativo abrazeirado* ([[IND]IMP ([VOCÊ]])], a partir das necessidades comunicativas dos falantes representadas pela trajetória dos traços (*links*) no diagrama. No espaço genérico, encontram-se, entre elementos avulsos, formas verbais do indicativo e do subjuntivo bem como formas pronominais que

desempenham função argumental de sujeito.¹³ No domínio fonte 1, surge a construção do imperativo verdadeiro ([[IND]_{IMP} ([TU]])], com forma verbal do indicativo (sem o morfe número pessoal [-s]) e com *tu-sujeito*, advindos do espaço genérico (*canta tu*). No domínio fonte 2, surge a construção do imperativo supletivo ([[SUB]_{IMP} ([VOCÊ]])], com forma verbal do subjuntivo e com *você-sujeito*, advindos do espaço genérico (*cante você*). Finalmente no domínio da mescla, emerge a construção do *imperativo abraçileirado* ([[IND]_{IMP} ([VOCÊ]])] a partir da confluência entre da forma verbal do imperativo verdadeiro e a forma pronominal de sujeito do imperativo supletivo (*canta você*), elementos de construções anteriormente localizadas nos dois domínios-fonte.

Em uma perspectiva cognitiva, pode-se, então, associar o surgimento do *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121), cuja emergência está diretamente associada à inserção da forma pronominal *você* no quadro pronominal do PB (LOPES, 2007; LOPES *et* CAVALCANTE, 2011), às interações entre as construções do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + tu*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá + você*). Embora no quadro (05) a ênfase tenha recaído sobre a emergência da construção do *imperativo abraçileirado*, é importante observar que nos espaços mentais há sempre informações não diretamente utilizadas para a elaboração das construções. Dessa maneira, a depender das necessidades linguísticas dos falantes representadas figurativamente pelo percurso dos traços (*links*), a diversidade de elementos linguísticos disponíveis no espaço genérico poderia ser usada para a emergência outras construções. Nesse caso, tendo em vista a existência de formas verbais e pronominais no espaço genérico, tanto construções imperativas de outras pessoas discursivas como diferentes construções indicativas e subjuntivas poderiam surgir no

¹³ Embora se saiba que o espaço genérico abarque tantos elementos quantos possíveis para a experiência linguística do falante (FAUCONNIER; TURNER, 2002), optou-se, neste caso, por representar apenas formas verbais e pronominais ligadas à emergência do modo imperativo.

espaço mescla. Essa consideração é importante na medida em que ratifica, tal como previsto por Fauconnier (1994), o caráter abrangente da aplicação da teoria.

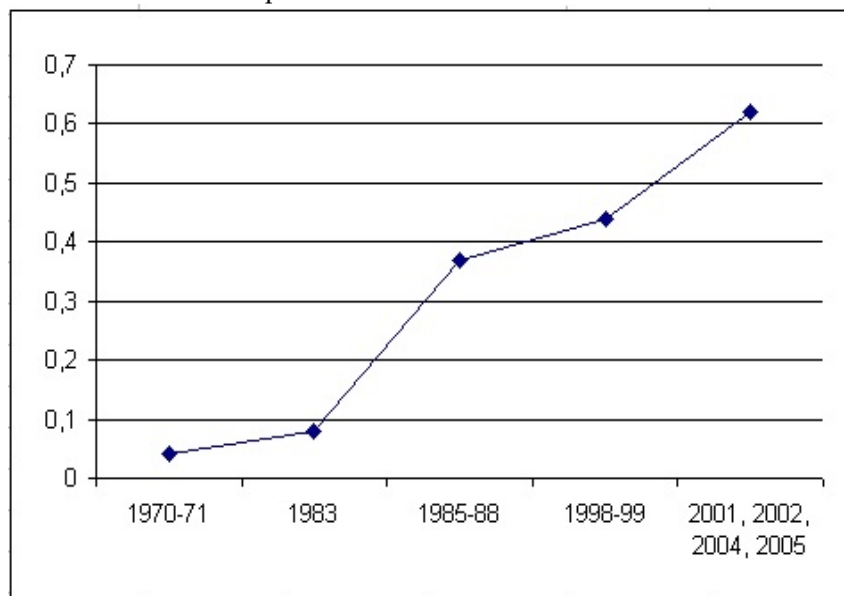
Desse modo, fica demonstrado o processamento de concepção da construção do *imperativo abraçileirado* (*indicativo + você*) por meio da confluência entre as construções do imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*) e do imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) na Teoria dos Espaços Mentais através da Mesclagem (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002). A demonstração desse processo é necessária, uma vez que auxilia a elaboração de uma resposta assertiva ao questionamento realizado nas considerações iniciais sobre as relações entre essas instanciações da construção imperativa de 2SG. Assim, com o objetivo de aprofundar a investigação dessas associações, ratificando a concepção do *imperativo abraçileirado* como fruto da conjunção entre o imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo, procede-se, então, à análise da expansão dessa inovadora construção do PB nos moldes da Teoria Baseada no Uso, à luz de Bybee (2013).

3.3 O imperativo abraçileirado em uso na língua

O *imperativo abraçileirado* (forma imperativa advinda do indicativo em contexto de *você* em posição de sujeito, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121) originou-se conceptualmente a partir da confluência entre o imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*) e o imperativo supletivo (*subjuntivo + você*) nos espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Essa construção tem mostrado alta produtividade que pode ser confirmada com base nos modelos exemplares da Teoria Baseada no Uso, cf. Bybee (2013). Essa frequência de uso vem sendo atestada em estudos de caráter sociolinguístico (LABOV, 1972, 1994) que analisam a distribuição das construções imperativas no PB (PAREDES SILVA *et al.*, 2000; SCHERRE *et al.*, 2000, 2014; SCHERRE, 2007, 2012; RUMEU, 2016, 2019; DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020).

Nesse contexto, cabe destacar a pesquisa de Scherre (2007) sobre a expressão variável do imperativo de 2SG com base em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica* publicadas entre 1970 e 2005. Nesse estudo em tempo real, a autora mapeou 3645 oco de imperativo de 2SG, sendo 2308 oco (63%) com forma indicativa e 1337 oco (37%) com forma subjuntiva. Os dados obtidos foram tratados estatisticamente no pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988), que gerou informações probabilísticas, em pesos relativos, sobre as construções imperativas presentes na amostra. Os números do gráfico (01), que representam as formas imperativas advindas do indicativo (2308 oco) distribuídas ao longo do tempo nas revistas pesquisadas, podem auxiliar a análise da inserção gradual do *imperativo abrasileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) no PB.

Gráfico 1 – Distribuição das formas imperativas do indicativo em pesos relativos nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica.



Fonte: Scherre (2007, p. 211).

Levando em consideração que, conforme Scherre (2007), as revistas da *Turma da Mônica* foram produzidas em contexto de *você* em posição de sujeito, através do gráfico (01), é possível acompanhar a predisposição gradativa da frequência de uso (BYBEE, 2013) da construção do *imperativo abrasileirado* (*indicativo + você*) no decorrer do tempo.

Na pesquisa que originou o gráfico, Scherre (2007, p. 211) apresenta alguns dados que indicam a fração de tempo pesquisada, acompanhada do total de ocorrências imperativas, bem como os pesos relativos relacionados ao *imperativo abraçileirado*, juntamente ao seu número de ocorrência e sua indicação percentual. Esses dados podem ser sintetizados da seguinte maneira: 1970-71 (162 oco) → 0,04 (11 oco, 7%); 1983 (84 oco) → 0,08 (15 oco, 18%); 1985-88 (490 oco) → 0,37 (279 oco, 57%); 1998-99 (637 oco) → 0,44 (361 oco, 57%) e 2001-05 (2272 oco) → 0,62 (1642 oco, 72%)¹⁴. Desse modo, mesmo não apresentando equanimidade na distribuição total das ocorrências em cada fração temporal, os pesos relativos e o número de ocorrências apresentados por Scherre (2007, p. 211), que culminaram na elaboração do gráfico (01), confirmam a alta probabilidade de uso dessa construção, sobretudo a partir de 2001 (0,62), em que o peso relativo é maior que 0,50¹⁵.

Nesse sentido, se, em sincronias passadas, o *imperativo abraçileirado* não parecia ser frequente tendo em vista a baixa probabilidade de sua ocorrência demonstrada por esses índices, é provável que antigamente o falante¹⁶ utilizasse, em seu lugar, o imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*) ou o imperativo supletivo (*subjuntivo + você*). Desse modo, seria possível confirmar no eixo diacrônico, a partir da Teoria do Uso (BYBEE, 2013), que a concepção do *imperativo abraçileirado* parece ter decorrido da relação entre o imperativo verdadeiro e o imperativo supletivo, construções que o

¹⁴ Esses dados devem ser lidos seguinte forma: De 1970 a 1971, das 162 ocorrências encontradas, 11 eram de *imperativo abraçileirado*, o que representa 7% do total, com um peso relativo de 0,004. Esse mesmo procedimento deve ser adotado para leitura das outras frações temporais desse fragmento.

¹⁵ Enquanto o peso relativo menor que 0,50 indica baixa probabilidade da ocorrência de uma construção em função do fator analisado, o peso relativo maior que 0,50 evidencia a alta probabilidade da manifestação dessa construção correlacionada ao fator em análise. Nesse caso, o fator em evidência é o tempo, distribuído nas frações que podem ser vistas no eixo horizontal do gráfico (01).

¹⁶ Embora o estudo de Scherre (2007) tome por base a fala de personagens é revistas em quadrinhos, neste artigo assume-se que os dados levantados pela autora seriam representativos, mesmo minimamente, do uso linguístico do imperativo no PB, tendo em vista a difusão e popularidade das revistas da *Turma da Mônica* no país bem como a magnitude da pesquisa (3645 dados distribuídos de 1970 a 2005).

antecederam no sistema linguístico do PB. Essa constatação é significativa, já que permite evidenciar um diálogo com o processo de mesclagem das construções imperativas de 2SG nos espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002), entendendo que, ao longo do tempo, gradativamente mais falantes parecem ter optado, em termos cognitivos, por essa construção inovadora na expressão do imperativo de 2SG.

Outra possível análise para a emergência do *imperativo abraçileirado* no sistema linguístico à luz da teoria do uso (BYBEE, 2013) consiste no processo de incorporação do *você* na língua ao longo do tempo. Nesse caso, a inserção do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES; CAVALCANTE, 2011) teria alterado o modelo exemplar de referência de 2SG anteriormente baseado no *tu*, promovendo, como consequência, a emergência da nova construção imperativa (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*)¹⁷. Assim, assumindo que as revistas da *Turma da Mônica* seriam representativas da fala dos brasileiros em geral¹⁸, é possível atestar que a produtividade do *imperativo abraçileirado* está relacionada à elevada frequência de uso dessa inovação no PB. Em (15) e (16), estão expostos dois exemplos obtidos por Scherre (2003, p. 178) nas revistas analisadas que manifestam essa construção inovadora do PB.

(15) É agora, Tonicão, *faz* o Gol! (Almanaque do Cebolinha - 54, Maurício de Souza, Editora Globo, dez/1999:75)

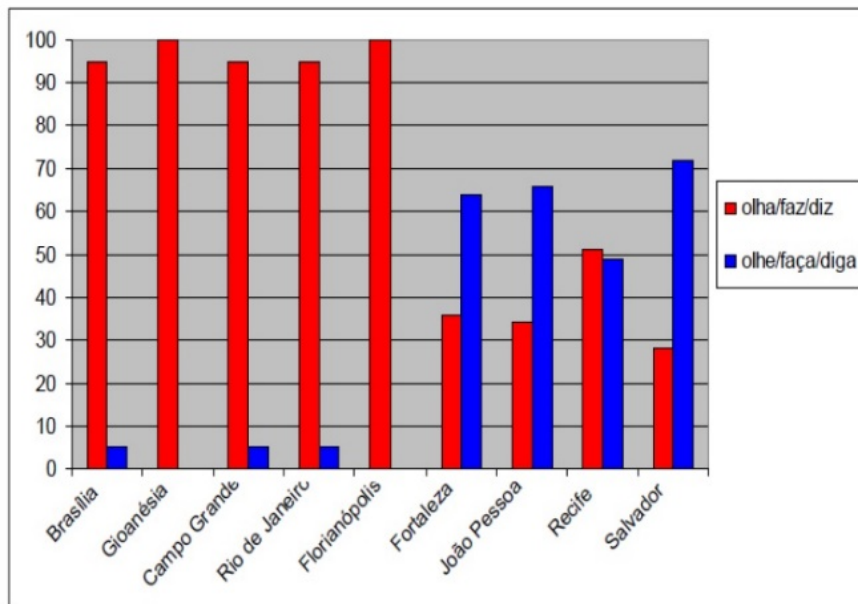
(16) Psst! Não *faz* escândalo, Cebolinha!! (Cebolinha - 141, Maurício de Souza, Editora Globo, ago/1998:7)

¹⁷ Um estudo mais aprofundado sobre a expressão variável do imperativo de 2SG ao longo do tempo pode ser visto em Rumeu (2019). Neste trabalho, com base em cartas cariocas oitocentistas e novecentistas, a autora associa as ocorrências de formas imperativas (*indicativas* ou *subjuntivas*) aos contextos de sujeito de 2SG (*tu* ou *você*) e demonstra que a inserção gradual do *você* no sistema pronominal da língua acompanha *pari passu* a distribuição das formas imperativas no *corpus* analisado.

¹⁸ Apesar das diferenças entre a fala e a escrita que não podem ser desprezadas, entender essas modalidades como um *continuum* (MARCUSCHI, 2001) possibilita perceber a proximidade que o gênero *histórias em quadrinhos* teria da oralidade, uma vez que, mesmo pertencendo à escrita, esse gênero é baseado em diálogos que buscam reproduzir a fala.

Neste ponto, uma vez analisada a inserção gradativa do *imperativo abraçileirado* no PB de modo geral, é relevante averiguar onde essa construção tem sido utilizada com mais vigor no território nacional. A distribuição diatópica do *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) pode ser observada no gráfico (02), retirado de Scherre (2007, p. 194), que aborda a expressão variável do imperativo de 2SG (*indicativo versus subjuntivo*) em algumas cidades brasileiras a partir de um compilado de estudos linguísticos que se voltaram para o tema.

Gráfico 2 — Distribuição do imperativo gramatical no eixo geográfico em diálogos de língua falada.



Fonte: Scherre (2007, p. 194).

Através dos dados do gráfico (02), em cotejo com a utilização das formas pronominais de sujeito *tu* e *você* pelos falantes brasileiros (a serem vistas posteriormente), é possível evidenciar a frequência de uso (BYBEE, 2013) das construções imperativas nas regiões do Brasil. Enquanto nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste (Florianópolis, Rio de Janeiro, Brasília, Campo Grande, Rio de Janeiro) predominam as formas imperativas do indicativo (*olha/faz/diz*), na região Nordeste (Fortaleza, João Pessoa, Recife, Salvador), apesar da concorrência acirrada entre as

formas, prevalecem as do imperativo advindas do subjuntivo (*olhe/faça/diga*). A fim de compreender a frequência de utilização da construção do *imperativo abraçileirado* (*indicativo + você*) no território nacional, é importante relacionar essa expressão variável à distribuição das formas pronominais de referência à 2SG (*tu* versus *você*) no eixo diatópico. Nesse sentido, Lopes e Cavalcante (2011, p. 39), à luz Scherre (2009), evidenciam, por meio do quadro (06), que, em cada uma das regiões brasileiras, podem ser encontrados um ou mais dos três subsistemas de utilização de *tu* e *você*.

Quadro 6 — Distribuição dos 3 subsistemas dos pronomes pessoais de 2ª pessoa pelas regiões brasileiras.

SUBSISTEMAS	CENTRO-OESTE	SUDESTE	SUL	NORDESTE	NORTE
(I) Você	✓	✓	✓	✓	
(II) Tu			✓	✓	✓
(III) Você/Tu	✓	✓	✓	✓	✓

Fonte: Lopes e Cavalcante (2011, p. 39).

De acordo com os dados do quadro (06), o subsistema I (*você-exclusivo*) pode ser encontrado em todas as regiões, excetuando a região Norte. Já o subsistema II (*tu-exclusivo*), pode ser visto apenas nas regiões Sul, Nordeste e Norte, dividindo espaço com os subsistemas de *você-exclusivo* e de *você* em alternância com *tu*. E, por fim, o subsistema III (*tu/você*) pode ser verificado em todas as regiões, coexistindo com outros subsistemas em alguns casos. Diante dessa distribuição, ao conjugar as formas imperativas (*indicativo* versus *subjuntivo*) constantes no gráfico (02) às formas pessoais de sujeito de 2SG (*tu* versus *você*) presentes no quadro (06), pode-se perceber que o *imperativo abraçileirado* (forma imperativa advinda do indicativo em contexto de *você* em posição de sujeito, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121), embora apresente rastros nas regiões Sul e Nordeste, parece se apresentar com uma frequência de uso vigorosa nas regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Em síntese, à luz da Teoria Baseada no Uso, conforme Bybee (2013), pode-se entender que, mesmo convivendo com as construções imperativas verdadeiras (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + tu*) e supletivas (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá + você*), o *imperativo abrasileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) tem se tornado gradativamente mais frequente no PB, sobretudo nas regiões Sudeste e Centro-Oeste que concentra grande parte dos brasileiros¹⁹. É razoável pensar que o falante conceba essa construção como um novo modelo exemplar que tem ocupado os espaços do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo no PB, evidenciando uma possível mudança em curso (LABOV, 1972, 1994). Provavelmente a construção do *imperativo abrasileirado* (*indicativo + você*) surgiu a partir de uma conjugação entre as construções do imperativo verdadeiro (*indicativo + tu*) e do imperativo supletivo (*subjuntivo + você*), conforme abordado na mesclagem entre os espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002), e, uma vez impulsionada pela inserção do inovador *você* na fala do brasileiro, alastrou-se no Brasil tornando-se muitas vezes mais frequente que as suas predecessoras.

Assim, tendo apresentado a frequência de uso da construção do *imperativo abrasileirado* (forma indicativa em contexto de *você-sujeito*, cf. Paredes Silva *et al.*, 2000, p. 121) ao longo do tempo no território brasileiro à luz da Teoria Baseada no Uso, estabelecendo o diálogo com a Teoria da Mesclagem Conceptual, passa-se, enfim, às considerações finais deste trabalho.

¹⁹ Segundo estimativas do IBGE (2013) para o ano 2020, a população da região Sudeste é de 88.601.482 pessoas e a da região Centro-Oeste é de 16.496.304 pessoas, reunindo 105.097.786 indivíduos de todo o Brasil cuja população estimada é de 212.077.375. Esses dados podem ser encontrados no site <https://www.inca.gov.br/estimativa/anexo-c-projecao-populacional-para-o-ano-de-2020-por-unidade-da-federacao-capital-e-brasil>.

4 Considerações finais

O imperativo de 2SG no PB consiste em uma construção cujo pareamento forma e sentido se manifesta por um verbo conjugado no imperativo associado a um sujeito argumental de 2SG com a semântica do pedido, da ordem e da súplica, em uma ação ilocucionária. Essa construção pode se realizar através de três instanciações, denominadas imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + tu*), com forma do indicativo com perda do morfe [-s] em contexto de *tu-sujeito*, imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá + você*), com forma do subjuntivo em contexto de *você-sujeito*, e *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*), também com forma de indicativo com perda do morfe [-s], porém em contexto de *você-sujeito*. Com base em Golberg (1995, 2006) bem como em Traugott e Trousdale (2013), cada uma desses padrões consiste em uma instância da construção imperativa de 2SG na medida em que, embora apresentem relativas distinções em relação à expressão formal, mantêm seu sentido unido pela semântica de ordem, súplica ou pedido, com uma força marcadamente ilocucionária.

Tendo em mente essas considerações sobre a construção imperativa, é possível responder assertivamente à questão proposta no início deste artigo: de que maneira o surgimento do *imperativo abraçileirado* (forma imperativa indicativa em contexto de *você-sujeito*, cf. PAREDES SILVA *et al.*, 2000, p. 121) pode ser vinculada à existência das construções do imperativo verdadeiro (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* em contexto de *tu-sujeito*) e do imperativo supletivo (*deixe/receba/abra/dê/diga/vá* em contexto de *você-sujeito*) no PB?

As relações entre as construções imperativas podem ser apreendidas pelo processo de mesclagem, conforme Fauconnier e Turner (2002), com base na Teoria dos Espaços Mentais, postulada por Fauconnier (1994, 1997). As construções do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo são concebidas cognitivamente em domínios-fonte, dependendo da ativação de elementos linguísticos localizados no espaço

genérico. Nesse sentido, infirmando a hipótese conjecturada nas considerações iniciais, o *imperativo abraçileirado* (*deixa/recebe/abre/dá/diz/vai + você*) emerge, assim, a partir de um processo de integração conceptual ou mesclagem, por meio da conjugação entre a forma verbal da construção do imperativo verdadeiro (*indicativo*) e a forma pronominal de sujeito da construção do imperativo supletivo (*você*). É dessa maneira, portanto, que a emergência da construção do *imperativo abraçileirado* está vinculada à existência das construções do imperativo verdadeiro e do imperativo supletivo no PB. Essa constatação pôde ser confirmada por meio da análise dessas instanciações à luz da Teoria Baseada no Uso (BYBEE, 2013). Nessa perspectiva, tendo em mente a interpretação dos dados de Scherre (2007) extraídos de revistinhas da *Turma da Mônica*, verificou-se que o *imperativo abraçileirado* tem apresentado alta produtividade na língua, provocando alterações no modelo exemplar da construção imperativa de 2SG anteriormente baseado no imperativo verdadeiro e no imperativo supletivo. Essa frequência de uso parece trazer indícios, nos termos de Labov (1972, 1974), de um processo de mudança linguística que ocorre de modo mais intenso em regiões com elevado uso do *você* como referência de 2SG, como no caso das regiões Sudeste e Centro-Oeste.

Todas essas considerações feitas, é imprescindível salientar as contribuições da Gramática de Construções, da Teoria da Mesclagem, e da Teoria Baseada no Uso para a realização da análise conceptual dos processos de variação e mudança linguística. Uma vez estabelecido o diálogo entre a Linguística Cognitiva e Sociolinguística neste trabalho, é inegável a necessidade de um maior estreitamento das relações entre as duas áreas para a compreensão de fenômenos, como o estatuto variável do imperativo de 2SG, que se impõem como fontes inesgotáveis para pesquisas linguísticas.

Referências

- BAGNO, M. É imperativo mudar de atitude! *In: Gramática, pra que te quero?* Curitiba: Aymara, 2010.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, J. L. Used-based Theory and Exemplar Representations of Construction. *In: HOFFMANN, T. H.; TROUSDALE, G. (org). The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0001>
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- CARVALHO, L. F. de. **O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras**: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX). Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- DINIZ, J. S. **A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro**: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- FARIA, I. H. O uso da linguagem. *In: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, M. Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. p. 55-84.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220>
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **Conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n. 41 p. 149-165, 2010.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**. vol. 64, n. 03, p. 501-538, sep., 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000-2060**. Revisão 2013.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford CA: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. vol II: Descriptive applications. Stanford CA: Stanford University Press, 1991.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. *In*: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-114.

LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. R. de O.. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Linguística**, v. 25, p. 30- 65, jun., 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M.; RIBEIRO, T. de O. Variação na 2ª pessoa: o Pronome sujeito e a forma do imperativo. **Gragoatá**, UFF, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs**. 1988.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010 [1972].

ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. New York: Cambridge University Press, 2010 [1982].

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. New York: OUP, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. (Tese em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RUMEU, M. C. de B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 19, n. 2, p. 310-41, 2016. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2016v19n2p310>

RUMEU, M. C. de B. A inserção do você no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. **Labor Histórico**, v. 5, n. Especial 1, p. 15-38, 2019. DOI <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.24395>

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, v. 6, n. 1, p. 63-64, jan./jun., 2002.

SCHERRE, M. M. P. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. In: SILVA, D. E. G. da; LARA, G. M. P.; MENEGAZZO, M. A. (org.). **Estudos de Linguagem: inter-relações e Perspectivas**. Campo Grande: Editora UFMS, 2003. p. 177-191.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**. n. 4, p. 01-32, jun., 2012.

SCHERRE, M. M. P.; FREITAS, V. A. de L.; DIAS, J. G.; JESUS, É. T. de; OLIVEIRA, H. R. de. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. In: **II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Linguístico**. Florianópolis, Taciro – Produção de Cds Multimídia, 2000. p.1333-1347.

SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; YACOVENCO, L. C. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. **Revista (Con)textos Linguísticos**, v. 8, n. 10.1, p. 87-106, 2014.

SEARLE, J. R. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge University Press, 1969. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SOUZA, A L. A gramática de construções. *In*: HERMONT, A. B.; ESPIRITO SANTO, R. S.; CAVALCANTE, S. M. S. (org.). **Linguagem e Cognição**: diferentes perspectivas – de cada lugar um outro olhar. 1. ed. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2010.

Artigo recebido em: 23.12.2020

Artigo aprovado em: 30.03.2021

Os nanopassos da mudança construcional: um estudo da gradualidade intracontextual na trajetória da microconstrução marcadora discursiva *calma aí*

The constructional change nano-steps: an intracontextual graduality in the path of the discourse marker micro-construction *calma aí* study

Flávia Saboya da Luz ROSA*

RESUMO: O principal objetivo do presente artigo é apresentar e aplicar a proposta de análise dos nanopassos (ROSA, 2019), isto é, alterações graduais, de forma ou conteúdo, ocorridas num mesmo contexto de mudança construcional. Para esse fim, o objeto de estudo selecionado é a microconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa *calma aí*. Inserido no âmbito da Língua Cognitivo-Funcional ou Linguística Funcional Centrada no Uso, tal tratamento tem como bases teóricas fundamentais a abordagem construcionalista (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e os princípios dos contextos de mudança linguística (DIEWALD, 2002, 2006; DIEWALD; SMIRNOVA, 2012). Por se tratar de um recorte de pesquisa panocrônica mais abrangente, este trabalho contém dados coletados no Diário do Congresso Nacional, com publicações dos séculos XX e XXI. Constata-se que as análises por meio do exame dos nanopassos proporcionam verificação mais acurada de processos, como

ABSTRACT: The main objective of this paper is to present and apply the proposal for the analysis of nanosteps (ROSA, 2019), that is, gradual changes, in form or content, that occurred in a same context of construction change. To this end, the object of study selected is the refraining argumentative discourse marker micro-construction *calma aí*. Inserted in the scope of Cognitive-Functional Linguistics or Usage-Based Functional Linguistics, such treatment has as its fundamental theoretical bases the constructionalist approach (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) and the principles of linguistic change contexts (DIEWALD, 2002, 2006; DIEWALD; SMIRNOVA, 2012). As this is part of a broader panchronic research, this work contains data collected in the Diário do Congresso Nacional, with publications from the 20th and 21st centuries. It appears that the analysis through the examination of nano-steps provides more accurate verification of processes, such as metonymization and metaphorization, which result in constructional change. In addition, it is possible to identify more

* Doutora em Estudos de Linguagem (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6149-265X>. flviasaboya@gmail.com.

metonimização e metaforização, que resultam em mudança construcional. Além disso, é possível flagrar de modo mais preciso as características da forma (sintática, morfológica e fonológica) e do conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) da construção em cada estágio de mudança.

precisely the characteristics of the form (syntactic, morphological and phonological) and the content (semantic, pragmatic and discursive) of the construction at each stage of change.

PALAVRAS-CHAVE: Construção. Mudança Construcional. Marcador Discursivo. Nanopassos. Gradualidade Intracontextual.

KEYWORDS: Construction. Constructional Change. Discourse Marker. Nano-steps. Intracontextual Graduality.

1 Introdução

No intuito de apresentar e aplicar a proposta dos nanopassos, formulada por Rosa (2019), elegemos a trajetória da microconstrução (cf. TRAUGOTT, 2008) marcadora discursiva refreador-argumentativa *calma aí* para apresentar as alterações graduais de forma ou conteúdo ocorridas num mesmo contexto de mudança. Nossa pesquisa fundamenta-se, principalmente, na abordagem construcionalista nos termos de Traugott e Trousdale (2013), nos princípios dos contextos de mudança linguística difundidos por Diewald (2002, 2006); Diewald e Smirnova (2012) e nas propriedades construcionais de Croft (2001). Os exemplos aqui expostos são provenientes do Diário do Congresso Nacional (<https://www.congressonacional.leg.br/>), que contém publicações dos séculos XX e XXI. Adiante, o artigo encontra-se dividido em quatro seções: 2. Pressupostos teóricos; 3. Metodologia; 4. Análise de dados e 5. Considerações finais.

2 Pressupostos teóricos

No que se refere aos estudos linguísticos mais recentes, conforme apontam Martelotta e Alonso (2012), a tendência adotada por alguns pesquisadores, tanto brasileiros como estrangeiros, tem sido unir propostas do funcionalismo com algumas

tradições teóricas da linguística cognitiva. Tal tendência tem sido chamada de Linguística Cognitivo-Funcional (TOMASELLO, 1998, 2003) ou Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2010). Esta última nomenclatura, de acordo com a autora, é, em certo sentido, um novo nome para o funcionalismo norte-americano, ao qual foi incorporada a abordagem construcionalista, procedente do cognitivismo. A comunidade de pesquisadores funcionalistas no Brasil, a começar pelo grupo de pesquisa em que nos inserimos, Discurso e Gramática (D&G), tem preferido acrescentar o termo funcional à denominação proposta por Bybee, adotando a expressão Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Para tratarmos das bases teóricas que fundamentam nosso estudo, esta seção se encontra distribuída do seguinte modo: 2.1 Construção; 2.2 Mudança construcional e construcionalização e 2.3 Contextos de Mudança.

2.1 Construção

Para realizar as análises da microconstrução em foco, lançamos mão da abordagem construcionalista da mudança linguística, tratada, sobretudo, por Traugott e Trousdale (2013). Para definir *construção*, os mencionados autores e vários pesquisadores cognitivistas, como Goldberg (2006) e Langacker (2008), utilizam a expressão “*form-meaning pairings*”, que tem sido traduzida por pareamentos forma-significado. Há ainda quem defenda a ideia de forma-função ou forma-sentido. Desde Rosa (2019), optamos pelo par forma-conteúdo, por considerarmos o termo mais abrangente e possibilitar especificações referentes à função, significado e sentido, conforme a proposta de Oliveira e Arena (2019). Sendo assim, entendemos que a microconstrução aqui abordada, *calma aí*, passa a ser empregada como unidade simbólica convencional. As construções são unidades no sentido de que o signo é arraigado como um pareamento forma-conteúdo na mente do usuário da língua, devido a aspectos de forte idiosincrasia ou grande frequência. Elas são simbólicas, pois são signos, associações de forma e conteúdo, e são convencionais, por serem

compartilhadas por um grupo de falantes. Conforme explicam Cunha e Lacerda (2017), constatamos a existência de uma construção sempre que há evidência de que os falantes não podem prever algum aspecto da forma, do conteúdo ou do uso desse elemento com base em outra construção pré-existente.

2.2 Mudança construcional e construcionalização

Para analisar as transformações linguísticas sofridas pela microconstrução *calma aí*, devemos levar em conta os dois principais tipos de mudanças apontados por Traugott e Trousdale (2013): mudança construcional e construcionalização. A mudança construcional é a mudança que afeta uma das dimensões internas de uma construção já existente, sem que ocorra a criação de nova construção. A alteração pode ser referente às propriedades da forma (sintática, morfológica, fonológica) ou relacionada às propriedades do conteúdo (semântico, pragmático, discursivo).

A construcionalização costuma ser precedida e sucedida por mudanças construcionais, isto é, por uma sucessão de passos incrementais convencionalizados. As mudanças construcionais, que, por hipótese, precedem e possibilitam a construcionalização, envolvem tipicamente, segundo os autores, expansão pragmática, semantização dessa pragmática, *mismatch* entre forma e conteúdo e algumas pequenas mudanças distributivas. Sendo assim, são chamadas de mudanças construcionais pré-construcionalização.

Por sua vez, a construcionalização pode possibilitar mudanças construcionais ulteriores. Tais mudanças construcionais pós-construcionalização envolvem, tipicamente, de acordo com os autores, expansão de arranjos sintáticos (*collocations*) e podem também envolver reduções morfológicas e fonológicas. A construcionalização é a criação de uma associação forma_{nova}-conteúdo_{novo}, ou seja, é o desenvolvimento de uma nova unidade ou signo. A construcionalização forma novos tipos de nós que têm nova sintaxe ou morfologia e novo conteúdo codificado na rede linguística de uma

população de falantes. É acompanhada de mudanças referentes à esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A construcionalização de esquemas (macroconstruções) sempre resulta de uma sucessão de micropassos, sendo, portanto, fruto de um processo gradual. Novas microconstruções podem ser criadas tanto de modo gradual quanto instantâneo. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser gramaticais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser lexicais. A construcionalização envolve, minimamente, neoanálise da forma morfossintática e do conteúdo semântico-pragmático.

Mudanças discursivas e fonológicas também podem ocorrer em vários estágios. Mudanças somente formais e mudanças somente de conteúdo não constituem construcionalização, tratando-se, sim, de mudanças construcionais. Traugott e Trousdale (2013) focam em dois tipos principais de construcionalização: a gramatical e a lexical. A construcionalização gramatical é o desenvolvimento, por meio de uma série de mudanças em micropassos, de um pareamento de forma_{nova}-conteúdo_{novo} que apresenta função principalmente procedural/gramatical. Um signo gramatical aponta como um falante conceptualiza relações entre referentes nas cláusulas e como um ouvinte as interpreta. Em muitos casos, a construcionalização gramatical envolve perda do conteúdo lexical, no entanto, a fonte pode não ser lexical. A construcionalização lexical é o desenvolvimento de um pareamento de forma_{nova}-conteúdo_{novo} que, no *continuum*, está mais relacionado ao polo lexical, isto é, que faz referência a entidades/eventos do mundo biossocial.

2.3 Contextos de mudança

O modelo que Diewald e Smirnova (2012) tomam como ponto de partida é baseado no trabalho apresentado por Diewald (2002, 2006). A hipótese básica que fundamenta esse modelo é que um processo de mudança gramatical pode ser

desmembrado em três estágios ou passos sucessivos relacionados a contextos específicos. Desses estágios, o segundo e o terceiro podem ser correlacionados com os tipos de construção sugeridos por Fillmore, Kay e O'Connor (1988). Diewald e Diewald e Smirnova (*ibidem*), ao tratarem de mudança gramatical, referem-se ao processo de gramaticalização. Em nossos trabalhos de pesquisa, por adotarmos a abordagem construcionalista e entendermos que a gramaticalização é abarcada pela construcionalização gramatical, optamos por utilizar apenas esse último termo, substituindo o primeiro.

Em seu plano principal, esse modelo é compatível com as sugestões feitas por Heine (2002) sobre contextos em mudança gramatical e com o conceito de Traugott e Dasher (2005) a respeito dos estágios de desenvolvimento de mudança semântica. No entanto, há alguns importantes aspectos em que esse modelo difere dos outros. Em primeiro lugar, em contraste com os outros modelos, esse não é projetado para tratar, exclusivamente de mudança semântica. Ele se destina a dar conta da trajetória que resulta em construcionalização gramatical, isto é, um processo complexo em que mudanças semânticas e estruturais interagem entre si. Em segundo lugar, os três estágios não são definidos exclusivamente por características semânticas ou implicaturas conversacionais, mas, sim, por combinações particulares de características semânticas e estruturais que, em conjunto, compõem os contextos relevantes para as respectivas construções. O terceiro ponto é que o modelo não foca em um único item submetido a mudanças, mas em construções de extensões variadas.

No primeiro estágio, as precondições do processo para a construcionalização gramatical se desenvolvem. A unidade lexical em questão mostra uma expansão inespecífica de sua distribuição nos contextos em que não havia sido usada anteriormente, isto é, em contextos atípicos. Contextos atípicos fazem uso de construções existentes que – por meio de implicaturas conversacionais – aparecem em

combinações de construções que são incomuns e, ao mesmo tempo, podem ser facilmente interpretadas devido à estrutura composicional dessas formas.

O segundo estágio marca o efetivo desencadeamento do processo que resulta em construcionalização gramatical. Ele está relacionado ao surgimento de um tipo muito específico de contexto, que é chamado contexto crítico. Ele é caracterizado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas e, assim, propicia muitas alternativas de interpretação, entre elas o novo significado gramatical. Nesse estágio, surgem novas construções que não podem ser reduzidas a uma combinação de construções conhecidas sem perda de informação. A característica definidora desse tipo de contexto é a sua ambiguidade complexa, múltipla, isto é, a opacidade semântica e estrutural é uma característica necessária nesse tipo de contexto. Além disso, esse tipo de construção tende a desaparecer no desenvolvimento posterior à construcionalização gramatical do elemento ou porque sua estrutura é perdida (ex.: por expansão para outros contextos) ou porque ela se desenvolve em uma estrutura não ambígua e, então, perde sua característica definidora, isto é, sua ambiguidade múltipla.

O estágio três mostra a consolidação do processo de construcionalização gramatical em que o novo sentido gramatical é isolado, como um sentido separado do mais antigo, que é mais lexical. Esse desenvolvimento pressupõe a existência de contextos isolados para cada leitura, isto é, contextos linguísticos específicos que favorecem a interpretação para a exclusão do outro. Assim que a oposição entre contextos isolados mutuamente exclusivos é estabelecida, pode-se dizer que o processo de construcionalização gramatical tenha alcançado um estágio avançado, já que não é reversível para um estágio anterior (ex.: para o *status* de várias implicaturas conversacionais possíveis).

As construções que produzem os contextos isolados assemelham-se apenas parcialmente a outras construções existentes e apresentam uma correspondência

forma-conteúdo única. Tais construções apresentam composicionalidade reduzida, isto é, no mínimo, alguma parte da sua correspondência forma-conteúdo tem de ser tratada holisticamente e não pode ser derivada em sua totalidade de outras construções ou de uma combinação de outras construções. Elas são completamente produtivas quando suas posições sintáticas não são preenchidas com itens fixados. A seguir, apresentamos exemplos, obtidos nos *corpora* desta pesquisa e outros complementares, que ilustram fases de integração da construção *calma aí*, desde o contexto fonte (de origem) até o isolado.

(1) Vai com **calma aí** nessa bicicletinha sem freio ôh... (Instagram. Disponível em: https://sometag.org/account/sil_cma/1925340443/).

(2) [...] O que houve? Nós fomos dispensados da função. Talvez você tenha pedido para substituir o adjunto, o Presidente não gostou e substituiu a nós quatro. Estamos indo embora. Fomos mandados de volta para casa". De volta. Dispensa da função. Nenhuma irregularidade nenhum problema, nenhuma apuração, nenhum processo. Eu tenho aqui as portarias. Então devolve fulano, fulano, fulano, fulano de volta para casa. Tem **calma aí**, que eu vou procurar saber o que se passa. (Diário do Senado Federal – Suplemento, 18 jul. 2006).

(3) [...] Espera aí... Espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, mas vai chegar o momento... Espera um pouquinho... Por que desviar? **Calma aí**, gente! Acalma aí! Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? (Soa a campanha.) O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado... O Sr. Presidente (Paulo Teixeira. PT – SP) – Eu peço a todos que prestem atenção e permitam que o orador... (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

(4) Sr. José Alexandre Resende: [...] Bom, com relação ao custo que o senhor mencionou, o transporte marítimo é um aparato, sem dúvida alguma, depois vem o ferroviário, o mais caro de todos é o rodoviário, isso de uma forma genérica. [...] Hoje o frete ferroviário é algo entre 27 e 25% menor do que o rodoviário [...], recentemente o Presidente da República me chamou:

“Como é que pode um negócio desse e tal?” “Presidente, tem duas coisas diferentes”. “Como é que é só 25, 27%?” “**Calma aí**. Se você pegar só o trecho ferroviário, comparar com o rodoviário, a diferença é muito maior”. Não tenho esse número de cabeça aqui, até porque não é assim que se negocia o frete ferroviário. Você negocia ele com tudo. É eu pegar a tua indústria, puxar no caminhão, estou te cobrando no frete esse caminhão, estou fazendo um tombo a mais, estou fazendo a ferrovia, faço um tombo no armazém e faço um tombo pra te entregar esse caminhão. Então quando eu faço isso tudo, a diferença fica entre 27 e 25% (Diário do Senado Federal – Suplemento “A”, 30 jun 2007).

No exemplo (1), constatamos inserção da sequência destacada em contexto fonte. A expressão “vai com calma” denota um conselho referente à velocidade do ciclista, ou seja, incide sobre uma ação praticada no mundo biossocial. O elemento *aí* atua na referenciação espacial, indicando o meio de transporte em que se encontra o interlocutor: a bicicleta. Os elementos da sequência apresentam, portanto, sentido mais concreto/original, referindo-se a entidades/eventos do mundo biossocial e situando-se, no *continuum* linguístico, junto ao polo lexical. Quanto à forma, a expressão “vai com calma” pode ser empregada de modo independente do item *aí*, havendo possibilidade de intercalação de outros elementos, por exemplo, “vai com calma e atenção aí”.

No trecho (2), verificamos que a sequência “tem calma aí” enquadra-se em contexto atípico. Nesse estágio, observa-se integração sintática de *calma* e *aí*, de modo que não há possibilidade de inserção de outros elementos entre eles. O elemento *aí* já não exprime referenciação espacial, exercendo papel de afixoide (cf. BOOIJ, 2013) junto ao núcleo *calma*. À fixação sintática vincula-se o significado global abstratizado, não mais voltado a atividades físicas, mais concretas, e sim relacionado ao universo psicoemocional do interlocutor.

No fragmento (3), a expressão *calma aí* é flagrada em contexto crítico. A ambiguidade desse estágio pode ser observada por meio de, minimamente, duas

interpretações. Na primeira delas, a expressão pode ser lida como um pedido de abrandamento de ânimos. Tal leitura é reforçada por conta do uso subsequente do verbo *acalmar*: “acalma aí”. A segunda interpretação aponta para o uso discursivo da expressão, com o propósito de tomada de turno. Concorre para essa perspectiva a cobrança do enunciador ao presidente da mesa de que fosse assegurada a sua palavra. Compreendemos que, nessa leitura, haja maior vinculação sintático-semântica entre os elementos da expressão, de modo que se perca o apontamento, ainda que abstratizado, para o interlocutor.

No exemplo (4), a expressão “calma aí” é empregada em contexto isolado. Assim, constata-se integração sintático-semântica, de tal modo que o significado do todo não corresponde à soma de significado das partes. No exemplo em questão, seu uso se dá em âmbito discursivo, em que o enunciador se posiciona diante da proposição implícita do interlocutor de que a diferença de valor do frete ferroviário para o rodoviário é pequena. Subsequente ao posicionamento, segue a ponderação argumentativa sobre o tema.

Objetivando dar conta das nuances ao longo da trajetória que envolve mudança construcional e construcionalização de nosso objeto de pesquisa, nos dedicamos ao refinamento da teoria difundida por Diewald (2002, 2006). Nesse intuito, propomos uma reflexão sobre a nitidez categórica nos estágios de mudança linguística, com cada um dos quais, comumente, se relaciona uma construção exemplar, conforme fizemos nas linhas anteriores. Apresentamos, portanto, a proposta da inserção de graus intracontextuais, que serão detalhados na seção de número quatro.

3 Metodologia

De modo geral, é praxe, em exposições de pesquisa científica, apresentar os dados prototípicos, aqueles que se enquadram de forma mais evidente à teoria. No entanto, devido à necessidade de lidar com dados não exemplares (periféricos ou em

transição intracontextual), decidimos aplicar uma divisão de graus internos (ROSA, 2019) aos contextos de mudança propostos por Diewald (2002, 2006). Conforme visto na seção 2.3, o contexto atípico é identificado pelo uso de elementos linguísticos existentes em arranjos incomuns, mas com caráter composicional; o contexto crítico é marcado por múltiplas ambiguidades estruturais e semânticas; e o contexto isolado é caracterizado pela não composicionalidade e pela função procedural, com sentido afastado do mais antigo, que é mais lexical.

Ao observarmos em nossos dados características marcantes que diferenciavam tipos de arranjos linguísticos ou de microconstruções em fases mais ou menos avançadas em um mesmo contexto, constatamos a necessidade desse esquadramento, em conformidade com a ideia de *continuum*. Sendo assim, sob a alcunha de *nanopassos*, tratamos da gradualidade presente em um mesmo contexto de mudança, seja ele fonte (contexto de origem), atípico, crítico ou isolado. Em nosso entendimento, os graus, em termos quantitativos e qualitativos, podem ser descritos pelo analista de acordo com a observação de seus dados. Logo, em princípio, não há critérios universais pré-definidos para sua classificação. No entanto, o estabelecimento de graus intracontextuais deve ser motivado pela necessidade de apontar nuances de mudança que diferenciem arranjos linguísticos ou microconstruções enquadrados num mesmo contexto, definido nos moldes de Diewald (2002, 2006). Tais nuances podem estar relacionadas à diminuição da composicionalidade, aumento de complexidade sintática, diminuição de vocábulos fonológicos, aumento da abstratização semântico-pragmática, entre outros. Na trajetória que resulta na construcionalização de *calma aí*, verificamos dois níveis de mudança no contexto fonte, (graus 1 e 2); quatro níveis de mudança no contexto atípico (graus 1, 2, 3 e 4) e dois níveis de mudança no contexto isolado (graus 1 e 2). Em virtude do dado único, não foi possível verificar mudança intracontextual no contexto crítico.

A busca de dados foi feita de modo integral nos *corpora* destinados ao estudo diacrônico do século XIII ao século XX (*Corpus* do Português, com aproximadamente 57.000 textos e 45 milhões de palavras, e *Corpus* Tycho Brahe, com 76 textos e 3.302.666 palavras), isto é, a partir da verificação de todos os possíveis registros da microconstrução em foco. Para a quantificação dos dados do Diário do Congresso Nacional, com publicações dos séculos XX e XXI, foi pré-estabelecido o limite de 200 ocorrências, por não se tratar de *corpus* finito, havendo inserção constante de novos textos para o acervo à medida que ocorrem as sessões do parlamento. Nos *corpora* selecionados, foram encontrados registros da microconstrução *calma aí* somente a partir do século XX¹, num total de 52 construtos.

Nesta pesquisa, assumimos que a construção é um pareamento de forma e conteúdo. Para a dedicação à análise qualitativa desses pareamentos, adotamos o modelo de representação construcional de Croft (2001), em que são relacionadas propriedades da forma: sintática, morfológica e fonológica, e do conteúdo: semântico, pragmático e discursivo. No quadro a seguir, relatamos os critérios utilizados para a descrição sintética de cada uma dessas propriedades. Embora Traugott e Trousdale (2013) tratem do nível de preenchimento dos esquemas construcionais a partir da propriedade da forma fonológica, consideramos ser um atributo misto, morfofonêmico, levando em conta as produções comunicativas orais e escritas. Por termos lidado com material gráfico nas análises de dados, realizamos os apontamentos sobre nível de preenchimento de esquemas relacionados à propriedade morfológica. Tais escolhas têm caráter didático, contudo, não se pode perder de vista as fortes vinculações existentes entre as propriedades apresentadas:

¹ Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior, em viés pancrônico, envolvendo os marcadores discursivos refreador-argumentativos formados por elemento indutor-refreador e afixoide locativo, como *alto lá*, *calma lá*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí*, *segura lá* e *para aí* (Cf. ROSA, 2019).

Quadro 1 – Critérios de análise das propriedades de forma e conteúdo das construções.

FORMA	Sintática (morfossintática)	Apontamento das relações de contiguidade ou não entre elementos (Traugott e Trousdale, 2013, p. 13): - atômica: elemento individualizado sem relação de contiguidade; - complexa: elementos individualizados com relação de contiguidade; - intermediária: elementos justapostos ou aglutinados.
	Morfológica (morfofonêmica)	Especificação do nível de preenchimento dos esquemas (Traugott e Trousdale, 2013, p. 13): - substancial (preenchida); - esquemática; - parcialmente esquemática. Destaque de formas reduzidas por aférese, crase etc.
	Fonológica	Indicação da quantidade de vocábulos fonológicos, segundo Câmara Jr. (1985). Para apresentar tal análise, nos valem do Alfabeto Fonético Internacional, com base na variedade do português falado em grande parte do estado do Rio de Janeiro.
CONTEÚDO	Semântico (semântico-pragmático)	Referência ao significado, no nível microconstrucional, e/ou ao sentido, no nível do construto. Também pode ser sinteticamente expresso pela subfunção mesoconstrucional.
	Pragmático (pragmático-discursivo)	Alusão à relação entre os entes envolvidos no evento discursivo interativo.
	Discursivo	Descrição do modo de organização discursiva, também relacionado ao gênero textual, com base em Charaudeau (1992), a serviço da função macroconstrucional.

Fonte: Rosa (2019, p. 78).

4 Análise de dados

Nesta seção, apresentamos a aplicação da análise dos nanopassos. Para ilustrar o exposto na seção de Metodologia e tratar dos diferentes tipos de construtos flagrados

na investigação de *calma aí* nos contextos propostos por Diewald (2002, 2006), retomamos exemplos anteriormente mencionados e acrescentamos outros.

- **Contexto fonte de grau um**

Como não foi encontrado registro em contexto fonte de grau um nos *corpora* investigados, recorreremos à Web para apresentar exemplos que possam ser comparados aos demais graus dos contextos de mudança. No primeiro grau do contexto fonte, verificamos perífrases oracionais indutoras envolvendo o substantivo *calma* e o pronome locativo *aí*.

(1) Vai com **calma aí** nessa bicicletinha sem freio ôh... (Instagram. Disponível em: https://sometag.org/account/sil_cma/1925340443/).

No dado (1), a expressão “vai com calma” exprime indução de abrandamento ou moderação na atividade de pedalar euforicamente, que, em se tratando de bicicleta sem freio, representa um risco. O pronome locativo *aí*, contíguo ao elemento *calma*, faz referência catafórica a “nessa bicicletinha sem freio”. Os elementos sequenciais *calma* e *aí* apresentam, conforme observado no exemplo, independência semântica e sintática e são empregados em referência ao mundo biossocial. Para que se faça um contraponto aos usos dos estágios posteriores, é importante destacar que o locativo *aí* aponta para um lugar concreto, em que se encontra o interlocutor: o meio de transporte *bicicleta*.

- **Contexto fonte de grau dois**

No segundo grau do contexto fonte, foi verificado um dado em que o substantivo *calma* é ainda empregado em uma perífrase oracional indutora, no entanto, o pronome locativo *aí* passa a referir-se a um elemento mais abstrato:

(5) O Sr. Roberto Saturnino - Eu espero que V. Ex^a nos traga esses esclarecimentos. Ouço o nobre Senador Virgílio Távora. O Sr. Virgílio Távora - Eminentíssimo Senador, vamos pôr um pouco de **calma aí** nesta discussão. Estamos fazendo um convite a V. Ex^a. Um homem é acusado, e V. Ex^a sabe das ligações de amizade que nos ligam ao Professor Montello. S. S^a é acusado justamente de falseamento de dados contra a grande parte, como diz V. Ex^a, da comunidade do IBGE. Vamos à prática? Traga-nos um exemplo desse falseamento de dados. (Diário do Congresso Nacional – Seção 11, 12 ago. 1983).

No exemplo (5), o parlamentar Roberto Saturnino emprega a expressão “vamos pôr um pouco de calma” para exprimir indução de abrandamento ou moderação aos envolvidos no debate. O pronome locativo *aí* faz referência catafórica a “nesta discussão”. Tal referência, diferentemente do que ocorre no grau anterior, não mais aponta para o lugar em que se encontra o interlocutor, passando a indicar um elemento mais abstrato: a discussão.

▪ Contexto atípico de grau um

No primeiro grau do contexto atípico, foi encontrado um registro em que ainda verificamos perífrase envolvendo o substantivo *calma*. No entanto, o elemento *aí* não mais desempenha referenciação explícita, passando a exercer o papel de afixoide junto à subparte nuclear *calma*. Retomemos o exemplo (2):

(2) Sr. Waldemir Freire Cardoso: Quando eu retornei das férias, lá no início do mês de agosto de 2001, eu me deparei então com meus quatro auxiliares, aqueles quatro que haviam sido designados, coordenadores da Diretoria Regional do Rio de Janeiro, uma grande Diretoria Regional, importante para o Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, eles estavam no aeroporto me esperando dizendo: “Olha, estamos indo embora. O que houve? Nós fomos dispensados da função. Talvez você tenha pedido para substituir o adjunto, o Presidente não gostou e substituiu a nós quatro. Estamos indo embora. Fomos mandados de volta para casa”. De volta. Dispensa da função. Nenhuma irregularidade nenhum problema, nenhuma

apuração, nenhum processo. Eu tenho aqui as portarias. Então devolve fulano, fulano, fulano, fulano de volta para casa. Tem **calma aí**, que eu vou procurar saber o que se passa. (Diário do Senado Federal – Suplemento, 18 jul. 2006).

No exemplo (2), o diretor regional dos Correios emprega a expressão “tem calma aí” para abrandar os ânimos de seus auxiliares, que haviam sido dispensados da função. Nesse estágio, observamos a vinculação sintático-semântica das subpartes *calma* e *aí*, integrando a expressão perifrástica de indução de abrandamento de ânimos/práticas do mundo biossocial (IAB_P).

▪ Contexto atípico de grau dois

No segundo grau do contexto atípico, já se encontra a forma elíptica, em que o substantivo *calma* é empregado como frase nominal. Nesse estágio, assim como no anterior, a subparte periférica *aí* mostra-se vinculada à subparte nuclear, *calma*, exercendo papel afixoide. Vejamos o exemplo a seguir:

(6) [...] no correr da conversa, em trabalhadores e salários, Silvestre deixou cair que, no seu entender, dada a carestia da vida, o trabalho de um homem de enxada não era de forma alguma bem pago. Mas disse-o sem um desejo de discórdia, facilmente, abertamente, com a mesma fatalidade clara de quem inspira e expira. Todavia, o Ramos, ferido de espora, atacou de cabeça baixa: - Que autoridade tem você para falar? Quem lhe encomendou o sermão? - Homem! clamava o Silvestre, de mão pacífica no ar. - **Calma aí**, se faz favor. Falei por falar. - E a dar-lhe. Burro sou eu em ligar-lhe importância. Sabe lá você o que é a vida, sabe lá nada. Não tem filhos em casa, não tem quebreiras de cabeça. Assim, também eu. - Faço o que posso desabafou o outro. - E eu a ligar-lhe. Realmente você é um pobre diabo, Silvestre. Quem é parvo é quem o ouve. Você é um bom, afinal. (*Corpus do Português: A Palavra Mágica*, de Vergílio Ferreira, 1998).

No exemplo (6), o personagem Silvestre faz uso da expressão *calma aí* para abrandar os ânimos de seu interlocutor, o Ramos. A rubrica “de mão pacífica no ar” contribui para a compreensão das intenções de Silvestre: desfazer o mal-entendido e acalmar Ramos, que se exaltara por conta de um comentário seu. No trecho, *calma aí* apresenta-se com *status* construcional, isto é, como um pareamento de forma e conteúdo. Assim, consideramos tratar-se de microconstrução indutora de abrandamento de ânimos/práticas do mundo biossocial (IAB).

- **Contexto atípico de grau três**

No terceiro grau do contexto atípico, observamos mudança semântica em relação ao estágio anterior, de modo que a microconstrução não mais exprime indução de abrandamento de ânimos ou práticas, e sim indução de expectativa sobre atividade do mundo biossocial (IEB). Observemos o próximo exemplo:

(7) Gleyb: então vai conectando e poe eles para ir para lá. Qual que você achar melhor, menos horário de vôo e poe eles, né. (conversa de fundo de Gleyb com Baltazar através de outro telefone). Rosalia: pode ser no vôo da manhã? (Gleyb telefone: eles estão indo amanhã.) Rosalia: pode ser no vôo de manhã? Gleyb: no vôo da manhã, eles chegam que horas? (Gleyb telefone: Balta eles chegam que horas? Eu acho que eles chegam... Balta só um minutinho que eu te ligo, que eu estou em outro telefone... **calma aí**). Gleyb: oi, como é que é Rosalia? (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

No exemplo (7), Gleyb tenta administrar duas conversas em telefonemas diferentes. Num deles, dialoga com Rosália, no outro, com Baltazar. Em certo momento, Gleyb desiste de manter a simultaneidade das conversas e pede que um de seus interlocutores espere pelo seu retorno: “Balta só um minutinho que eu te ligo, que eu estou em outro telefone... calma aí”. No trecho, o enunciador declara que ligará de volta para Baltazar em pouco tempo: “só um minutinho que eu te ligo” e emprega o

construto *calma aí* para induzi-lo a aguardar seu telefonema. A expressão, portanto, se caracteriza como microconstrução indutora de expectativa sobre atividade do mundo biossocial (IEB).

▪ **Contexto atípico de grau quatro**

No quarto grau do contexto atípico, observamos mudança semântica em relação ao estágio anterior, em que a microconstrução passa a exprimir indução de refreamento de atividade do mundo biossocial (IRB). Isto é, o propósito comunicativo do enunciador é impedir, interromper ou cessar uma atividade ou prática realizada pelo enunciatário. Analisemos o dado (8):

(8) “Olha”, diria o Ministro, “demos aqui uma analisada com calma e descobrimos que aqueles números estão ultrapassados, a realidade mudou, a safra expandiu-se, a pecuária renovou-se, o Lula está gostando, divisas entram no país, os empregos, pelo menos no campo, se expandem, por isso, **calma aí** companheiro, chega de invasão, vocês estão atrapalhando o país. Entendeu Stédile?!”. (Diário do Senado Federal: Vendeta na reforma agrária, de Xico Graziano, 14 abr. 2004).

No exemplo (8), o articulista Xico Graziano reproduz uma fala hipotética de um ministro se reportando a invasores de terras. No trecho, a expressão *calma aí* é empregada para convencer o interlocutor a cessar a prática da invasão, exprimindo indução de refreamento de atividade do mundo biossocial (IRB). Contribui para essa leitura o apelo “chega de invasão”. É válido mencionar a pertinência da microconstrução ao âmbito lexical não só por atuar no plano do conteúdo enunciativo (indução de cessação de atividade do mundo biossocial) como também por sua integração sintática à estrutura oracional, sendo, inclusive, articulada à porção textual precedente pela conjunção “por isso”.

- **Contexto crítico**

Em contexto crítico, foi verificado um registro da microconstrução *calma aí* nos *corpora* investigados. No exemplo (3), retomado a seguir, constata-se ambiguidade, propiciando interpretações referentes ao estágio atípico de grau dois: indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial (IAB) e ao estágio isolado de grau um: refreamento enunciativo (RE).

(3) Então, Sr. Presidente, eu entendo que a CPI está no rumo certo, não acabou nada; CPI do Cachoeira não acabou; agora nós estamos afinando. Na hora em que vai dar o bote, aí estão querendo agora desviar para a Delta nacional? Que história é essa de Delta nacional? O Sr. Rubens Bueno (PPS – PR) – E quem está botando dinheiro? O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Espera aí... Espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, espera um pouquinho... Está colocando dinheiro, mas vai chegar o momento... Espera um pouquinho... Por que desviar? **Calma aí**, gente! Acalma aí! Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? (Soa a campainha.) O Sr. Ronaldo Fonseca (PR – DF) – Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado... O Sr. Presidente (Paulo Teixeira. PT – SP) – Eu peço a todos que prestem atenção e permitam que o orador... (Diário do Senado Federal – Suplemento, 21 dez 2012).

Como dito anteriormente, o construto *calma aí* apresentado no exemplo (3) suscita ambiguidade, havendo, minimamente, duas leituras possíveis. A primeira a ser citada refere-se à indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial (IAB), característica do contexto atípico de grau dois. Embora o contexto atípico de grau um também se caracterize pela indução de abrandamento de ânimos ou práticas do mundo biossocial, a forma morfossintática da microconstrução verificada no exemplo (3) é equivalente àquela observada no contexto atípico de grau dois. O uso do verbo *acalmar*, posposto à expressão em foco, “Calma aí, gente! Acalma aí!”, contribui para a interpretação de que o propósito comunicativo do parlamentar

Ronaldo Fonseca é conter a exaltação de seus opositores, induzindo-os a moderar o comportamento.

A segunda leitura está relacionada ao refreamento enunciativo (RE), característica do contexto isolado de grau um. Os enunciados incompletos e o uso reiterado da expressão *espera (aí)* nos conduzem ao cenário de interrupção do pronunciamento do parlamentar, que pode ter empregado o construto *calma aí* para manter seu turno de fala. Contribui para esse entendimento o seu apelo ao dirigente da plenária: “Sr. Presidente, o senhor vai assegurar a minha palavra ou não? [...] Porque até o momento eu estou sentado nesta CPMI e ouvi a todos os oradores e ouvi calado...”. Desse modo, havendo, ao menos, duas interpretações possíveis sobre o uso de *calma aí* no exemplo (3) e sendo uma delas referente ao contexto isolado, concluímos que o construto apresentado se encontra em estágio crítico. O fato de haver apenas uma ocorrência nos *corpora* em contexto crítico pode justificar-se pela baixa frequência comum a esse estágio de mudança. Diewald (2002, 2006) destaca que a criticidade contextual é pouco produtiva, uma vez que se constitui em passo antecedente à efetiva mudança gramatical. Devido à ausência de outros dados comparativos, não foi possível observar nanomudanças intracontextuais no estágio crítico.

▪ Contexto isolado de grau um

No primeiro grau do contexto isolado, observamos o emprego da microconstrução *calma aí* em âmbito discursivo, exercendo função refreador-enunciativa (RE), mais especificamente, em (re)tomada e manutenção de turno, seguidas de comentário, questionamento ou retificação.

(9) O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Olha; eu ia propor uma pena em concurso material. Essa pena e a do outro crime. Agora, qual seria ela? O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Mas eu acho que aí tem que ter uma pena formalizada. Vinte a 30 anos. O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Tem que ter uma pena formalizada porque tem uma conduta ali que não tem

correspondente lá no Código Penal. Eu ia sugerir a pena, eu sugerir aqui de oito doze anos. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – **Calma aí**. Ele vai responder pelo homicídio e pelo genocídio? O Sr. Luiz Carlos Gonçalves – Exatamente. (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).

No exemplo (9), Luiz Carlos Gonçalves analisa a conduta de um réu ao praticar certos crimes e sugere o tempo da pena. Emanuel Messias Oliveira Cacho, então, emprega o construto *calma aí* para tomar o turno e realizar um questionamento ao seu interlocutor: “Calma aí. Ele vai responder pelo homicídio e pelo genocídio?”. A expressão *calma aí*, portanto, em vinculação sintático-semântica, é usada em função refreador-enunciativa (RE), impedindo o desenvolvimento analítico do enunciatário para que o enunciador fizesse uma pergunta pertinente ao caso.

▪ Contexto isolado de grau dois

No segundo grau do contexto isolado, foram constatados usos da microconstrução *calma aí* também em âmbito discursivo assim como o grau anterior, contudo, exercendo função refreador-argumentativa (RA). Nesse estágio, as expressões estão inseridas em estruturas discursivas mais complexas, constituídas pelos mecanismos da argumentação. Desse modo, o emprego das microconstruções RA está atrelado à existência de uma proposição ou tese, de um interlocutor que se posicione diante dessa proposição e do desenvolvimento de uma alegação. Observemos o exemplo:

(10) A Sra. Luiza Nagib Eluf – Onde é que está a anuência da vítima? [...] A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu acho que a vítima tem que concordar, porque... O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Luiza, é porque, como são ações tendencialmente públicas, incondicionadas, então, num certo sentido, o Ministério Público é reconhecido como representante legítimo da vítima. Tanto que não precisa da sua anuência. A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu sei, mas é uma atenção, uma satisfação à pessoa que foi lesada. Eu acho muito desagradável se a vítima sair se achando totalmente injustiçada no

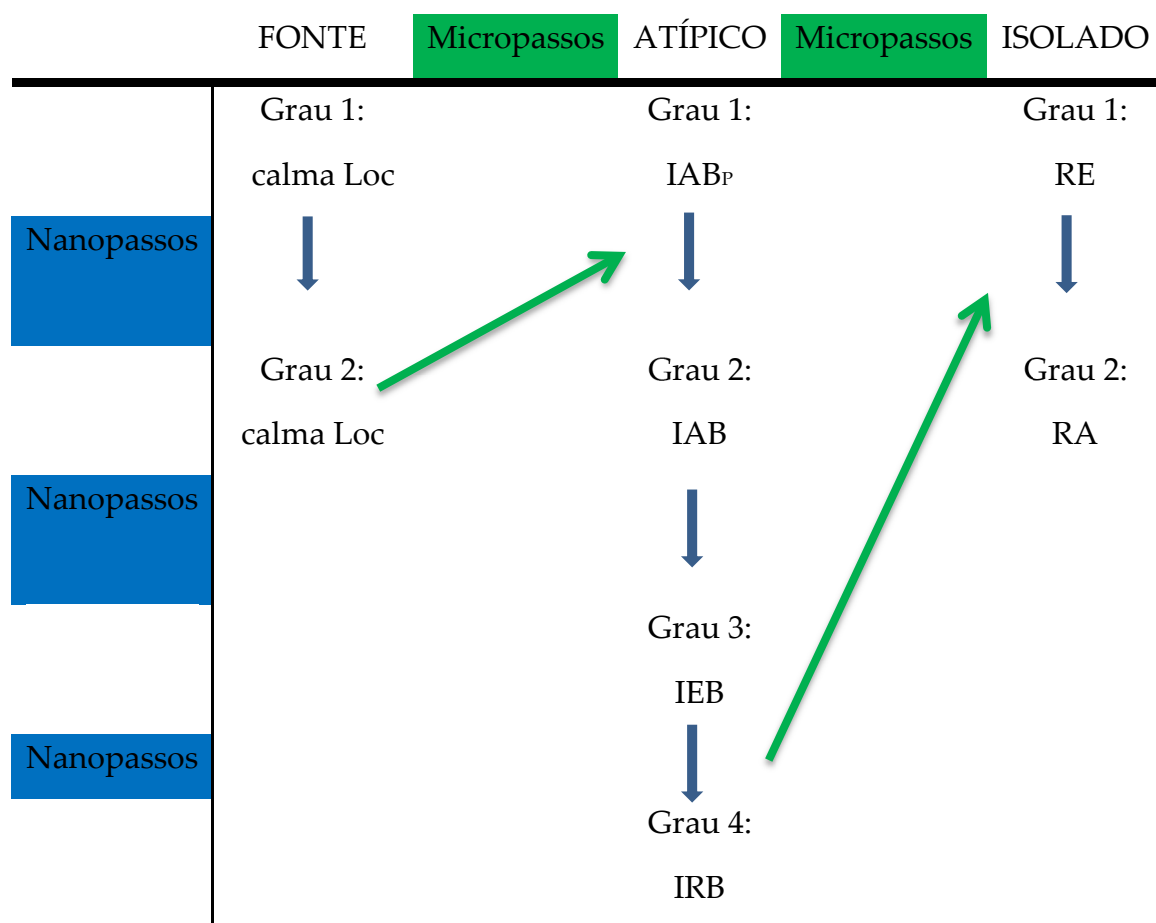
acordo. [...] O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Agora, em algumas coisas desse ponto aí, eu concordo com a Juliana. Eu acho que não pode depender da vítima para fechar acordo. É o Ministério. Ela tem que ser ouvida, mas não pode depender dela. Nessa fase do processo, não. [...] O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Se o réu aceitou fazer o acordo, ele fez uma confissão de que ele praticou o crime. Se ele já fez isso e confessou, e a vítima impede o acordo, amigo, ele está assumindo a culpa antecipadamente e o juiz tem todo o fundamento para condená-lo. Você está entendendo agora? Se o Ministério Público chama e o réu aceita sentar, e ele diz: “Eu sou culpado”, ele confessou, vai depender de homologar isso para, depois, o juiz julgar, ele já tendo confessado? **Calma aí**, é um embuste. Aí, é um embuste. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Entendi. Ô Luiza, eu acho que o Emanuel falou uma coisa muito... O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – É um embuste. Ofende a presunção de inocência. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – O Emanuel trouxe uma argumentação jurídica muito consistente. Eu concordo com ele. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Porque se ele senta... O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Reformando o meu entendimento, o acordo não pode ser uma armadilha. O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Não pode ser uma armadilha para o réu. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Para nenhuma das partes. Então, o Emanuel trouxe esse... Realmente, Luiza, vamos... (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).

No exemplo (10), a colocação de Luiza Nagib Eluf encerra a seguinte tese: é preciso que haja anuência da vítima sobre o acordo entre o réu e o Ministério Público para que não se sinta injustiçada. Emanuel Messias Oliveira Cacho posiciona-se contrariamente à proposição da parlamentar e apresenta sua refutação: não se pode depender da vítima para fechar acordo entre o réu e o Ministério Público, pois se o réu confessa o crime em prol de um acordo e a vítima impede esse acordo, o juiz terá fundamento para condená-lo em julgamento, o que constituiria uma armadilha para o réu. Ao finalizar a alegação, Emanuel emprega a expressão *calma aí*, marcando o posicionamento contrário à tese proposta e apoiando a conclusão de sua argumentação: “*Calma aí*, é um embuste. Aí, é um embuste”. O construto exemplificado, portanto, exerce função refreador-argumentativa (RA).

▪ **Processo e resultado da trajetória de mudança**

A seguir, apresentamos, por meio da Fig. 1, os processos e o resultado dos mecanismos de mudança, envolvendo nano e micropassos, na trajetória da sequência *calma* (frase nominal) *aí* (pronome locativo) até a microconstrução *calma aí*.

Figura 1 — Nanopassos e micropassos na trajetória de mudança de *calma aí*/[*calma aí*].



Fonte: Rosa (2019, p. 125).

▪ **Propriedades de forma e conteúdo do contexto fonte ao isolado**

Com base na análise da trajetória de mudança de *calma aí*, desenvolvida em Rosa (2019), apresentamos a seguir um quadro sinóptico das propriedades de forma e conteúdo (CROFT, 2001) das construções em cada um dos estágios anteriormente

expostos. O contexto crítico não consta do quadro a seguir, pois as características a ele referentes são similares – por conta da ambiguidade interpretativa – àquelas do contexto atípico de grau dois e do contexto isolado de grau um, já incluídas na exposição.

Quadro 2 – Propriedades de forma e conteúdo nos contextos de mudança de *calma Loc/AfixLoc*.

		Fonte grau um	Fonte grau dois	Atípico grau um	Atípico grau dois	Atípico grau três	Atípico grau quatro	Isolado grau um	Isolado grau dois
F O R M A	S	elementos atômicos: <i>calma; aí</i> em arranjos perifrásticos	elementos atômicos: <i>calma; aí</i> em arranjos perifrásticos	estrutura complexa [calma aí] em arranjos perifrásticos	complexas: [calma aí] _{IAB}	complexas: [calma aí] _{IEB}	complexas: [calma aí] _{IRB}	complexas: [calma aí] _{RE}	complexas: [calma aí] _{RA}
	M	elementos plenos: <i>calma; aí</i>	elementos plenos: <i>calma; aí</i>	plena: [calma aí]	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] _{IAB} , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] _{IEB} , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] _{IRB} , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] _{RE} , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>	parcialmente esquemática: [calma AfixLoc] _{RA} , instanciando <i>calma aí</i> e <i>calma lá</i>
	F	2 vocábulos fonológicos: [‘kawma] [a’i]	2 vocábulos fonológicos: [‘kawma] [a’i]	1 vocábulo fonológico: [kawma’i]	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];	1 vocábulo fonológico: [kawma’i];
C O N T E Ú D	S	abrandamento de ânimos/práticas em lugar especificado	abrandamento de ânimos/práticas em certa situação	abrandamento de ânimos/práticas no mundo biossocial	abrandamento de ânimos/práticas no mundo biossocial	indução de expectativa sobre atividade do mundo biossocial	refreamento sobre atividade do mundo biossocial	refreamento da enunciação discursiva	refreamento da argumentação discursiva

O	P	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de aconselhamento, em que o emissor induz o receptor a atuar com tranquilidade	ato de sugestão, em que o emissor induz o receptor a esperar um acontecimento	ato de injunção, em que o emissor induz o receptor a conter uma atividade	comunicação ao interlocutor de suspensão momentânea da enunciação ou de (re)tomada de turno	tomada de posição por parte de um dos atores do discurso diante da proposição do interlocutor
	D	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de aconselhamento, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de sugestão, do MOD enunciativo	ato alocutivo da modalidade de injunção, do MOD enunciativo	marcação discursiva, em MOD enunciativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo

Fonte: Rosa (2019, p. 126), estrutura baseada em Croft (2001). Legenda: forma S: sintática; forma M: morfológica; forma F: fonológica; conteúdo S: semântico; conteúdo P: pragmático; conteúdo D: discursivo.

▪ Resultado quantitativo

Na Tabela 1, a seguir, apresentamos o quantitativo de construtos encontrados nos *corpora*, enquadrados nos estágios de mudança propostos por Diewald (2002, 2006), desde a sequência de elementos mais independentes, *calma aí*, até o pareamento microconstrucional marcador discursivo refreador-argumentativo, [*calma aí*]_{RA}. Adiante, na tabela 2, são apresentados os números referentes a cada grau intracontextual, a partir do postulado dos nanopassos (ROSA, 2019).

Tabela 1 – Quantitativo de *calma aí*/[*calma aí*] nos contextos de mudança .

Contextos	Fonte		Atípico		Crítico		Isolado		Subtotal por século		Total
	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	XX	XXI	
Séculos em que se constatou ocorrência de <i>calma aí</i>											
Ocorrência por contexto e por século	01	-	01	14	-	01	-	35	02	50	52

Fonte: Rosa (2019, p. 110).

Tabela 2 – Quantitativo de *calma aí*/[*calma aí*] em gradualidade intracontextual.

Contextos	Fonte		Atípico				Crítico	Isolado		
	F1	F2	A1	A2	A3	A4	C	I1	I2	
Ocorrência por grau intracontextual	-	01	01	07	06	01	01	18	17	
Subtotal por contexto	01		15				01	35		
Total			52							

Fonte: Adaptado de Rosa (2019, p. 118 e p. 125).

A partir da análise das Tabelas 1 e 2, constatamos que houve considerável aumento de produtividade no uso de *calma aí* do século XX (2 ocorrências) para o século XXI (50 ocorrências). Como afirmam Traugott e Trousdale (2013, p.149), na construcionalização gramatical, há certa direcionalidade envolvida, em que as construções que desenvolvem uma função procedural (no caso deste estudo, a marcação discursiva) são tipicamente mais produtivas. É possível verificar que há crescente produtividade *token*² a cada contexto de mudança: uma ocorrência no contexto fonte, 15 ocorrências no contexto atípico e 35 no contexto isolado. A exceção está no contexto crítico, pois, conforme visto na seção 2.3, as construções desse estágio tendem a desaparecer no desenvolvimento posterior à mudança gramatical, seja por

² Construto em uso efetivo da língua.

perda da estrutura, seja por desambiguação. Sendo assim, o contexto crítico é, na maior parte dos casos, pouco produtivo, por representar uma fase de transição.

No que se refere aos graus intracontextuais, é possível verificar que tanto o grau 1 do contexto atípico (imediatamente posterior ao contexto fonte) quanto o grau 4 do contexto atípico (imediatamente anterior ao contexto crítico) apresentam baixa produtividade. Tal verificação nos conduz ao entendimento de que os graus limítrofes, em especial do contexto atípico, tendem a abarcar construções marginais, menos prototípicas e, portanto, menos frequentes.

- Metonimização e metaforização

Embora o significado construcional não corresponda à soma dos significados das subpartes envolvidas, cada subparte concorre para a instanciação da construção como um todo. Para fins meramente didáticos, apresentamos aqui quadros sintéticos separados para apontar os principais mecanismos de mudança semântica envolvendo cada subparte, como uma espécie de dissecação construcional. Contudo, reafirmamos que um dos fatores desencadeadores da mudança é justamente a contiguidade entre esses elementos, que se complementam e influenciam em vinculação gradativa na trajetória de construcionalização.

Quadro 3 – Metonimização do termo *calma* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Base da subparte nuclear	Significado em contexto fonte	Relações metonímicas	Mudança semântica
<i>calma</i>	tranquilidade de ânimos	➤ passividade > inércia > não ação > retenção de movimento/atividade	Refreamento

Fonte: Rosa (2019, p. 205).

Quadro 4 – Metaforização termo *calma* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Base da subparte nuclear	Domínio fonte (mais concreto)	Domínio alvo (mais abstrato)
<i>calma</i>	serenidade do mar/vento	Serenidade de humor de seres animados

Fonte: Rosa (2019, p. 205).

Quadro 5 – Metaforização do elemento *aí* na trajetória de mudança de *calma aí*.

Domínios Conceptuais:	Fonte	Alvo	Fonte	Alvo
	Espaço	Tempo		Discurso
<i>aí</i>	Local em que se encontra o interlocutor.	Momento experienciado pelo interlocutor (quase sempre também pelo locutor) no ato de produção/recepção ³ da enunciação.		Referência à enunciação do interlocutor (ou do próprio locutor quando fala a si próprio e acumula ambos os papéis).

Fonte: Rosa (2019, p. 206).

5 Considerações finais

As novas funções das expressões formadas por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa, a exemplo de *calma aí*, são resultados de processos de mudança construcional e consequente construcionalização. Nessa trajetória em micropassos, que vai do âmbito biossocial ao discursivo, as expressões exibem gradualidade transcontextual, fonte > atípico > crítico > isolado, segundo o modelo analítico de Diewald (2002, 2006). Ademais, em cada um dos contextos fonte, atípico e isolado, é possível observar gradualidade intracontextual, isto é, processos

³ A preocupação em destacar a possibilidade de não coincidência temporal entre a produção e a recepção dos textos, sejam orais ou escritos, baseia-se no frequente lapso de tempo interacional de gêneros textuais como carta, e-mail, gravação de áudio, gravação audiovisual, mensagens em redes sociais contemporâneas etc.

pormenorizados de mudança a que chamamos de nanopassos (ROSA, 2019). Desse modo, a investigação de diferentes graus em cada contexto permite, entre outros resultados, i) a análise de dados não exemplares (periféricos ou em transição intracontextual); ii) a verificação mais acurada de processos cognitivos, como metonimização e metaforização, que resultam em mudança construcional; iii) o exame mais preciso das características da forma (sintática, morfológica e fonológica) e do conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) da construção em cada estágio de mudança.

Referências Bibliográficas

BOOIJ, G. Et. Morphology in Construction Grammar. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: University Press, 2013. p. 255-273. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0014>

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette Éducation, 1992.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

CUNHA, M. A. F. da; LACERDA, P. F. A. da C. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. (org.). **Funcionalismo Linguístico: vertentes e diálogos**. Niterói: UFF, 2017.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.09die>

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. *In*: Special volume 1: **Constructions all over** – case studies and theoretical implications. Dusseldorf, 2006. Disponível em: www.constructions-online.de:009-4-6860. Acesso em: 10 de mar. 2019.

DIEWALD, G.; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al.* (ed.). **Grammaticalization and language change** – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131. DOI <https://doi.org/10.1075/slcs.130.05die>

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language**, n. 64, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

GOLDBERG, A. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (ed.). **New Reflections on Grammaticalization** [Typological Studies in Language 49], 83-101. Amsterdam: John Benjamins, 2002. DOI <https://doi.org/10.1075/tsl.49.08hei>

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. New York: Oxford University Press, 2008. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S.. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. *In*: SOUZA, E. R. de. (org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. São Paulo: Contexto, 2012. p. 87-106.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função < > forma na abordagem construcional da gramática. **Soletras**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 30-58, jan-jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.12957/soletras.2019.37628>

ROSA, F. S. da L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa**: uma análise cognitivo-funcional. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

TOMASELLO, M. Introduction: a cognitive-functional perspective on language structure. *In*: TOMASELLO, M. (ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: LEA, 1998. p. 7-23.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.-C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, Regine; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.). **Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E.-C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E.-C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 26.06.2021

Um estudo sobre a construção [por X tempo] à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso: sintaxe e aspecto

A study on the construction [por X tempo] in the light of Cognitive-Functional Linguistics: syntax and aspect

Monclar Guimarães LOPES*

Mara Cristina Machado Ladeira MARTINS**

RESUMO: Neste trabalho, temos como objetivo descrever as propriedades da forma e da função da construção [por X tempo], um subsquema em que X é um *slot* preenchido pelos pronomes indefinidos *tanto*, *muito*, *pouco* e *algum*. Nosso particular interesse por esse objeto está no seu valor aspectual imanente. Mesmo nas ocorrências em que temos um verbo télico, em tempo perfectivo, o emprego de [por X tempo] agrega-lhe uma trajetória cursiva e/ou iterativa, como podemos notar, por exemplo, na contraposição das frases: a) “Ele leu o livro” e “Ele leu o livro por muito tempo”; b) “Sonhei com isso” e “Sonhei com isso por muito tempo”. Para nosso estudo, selecionamos 400 ocorrências do *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org/now/) e analisamo-las à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013;

ABSTRACT: In this work, we aim to define the properties of form and meaning of the construction [por X tempo], a Brazilian Portuguese subschema in which X is a slot filled by the indefinite pronouns *tanto*, *muito*, *pouco* and *algum*. Our particular interest in this object has to do with its immanent aspectual value. Even in cases where the verb is telic and perfective, the use of [por X tempo] adds a cursive or iterative trajectory, as we can see, for example, when we compare the sentences a) “Ele leu o livro” (He read the book) and “Ele leu o livro por muito tempo” (He read the book for a long time); b) “Eu sonhei com isso” (I dreamt about it) and “Eu sonhei com isso por muito tempo” (I dreamt about it for a long time). For our research, we selected 400 tokens from *Corpus Now* (www.corpusdoportugues.org/now/) and analyzed them in the light of the theoretical assumptions of Cognitive-Functional Linguistics (OLIVEIRA;

* Doutor em Estudos da Linguagem (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6238-958X>. monclarlopes@id.uff.br.

** Mestre em Língua Portuguesa (UFF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5366-0350>. maramachado.20@hotmail.com.

TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; entre outros), também conhecida sob o rótulo Linguística Cognitivo-Funcional. Os resultados mostram-nos que a cursividade e a iteratividade devem ser interpretadas como categorias gradientes, em que as construções podem assumir valores aspectuais mais ou menos durativos/iterativos, dependentes de fatores de natureza diversa, dentre os quais destacamos: a) a semântica dos pronomes indefinidos que ocupam o *slot* X; b) as classes acionais dos verbos (que envolvem as noções da telicidade, da duratividade e da estaticidade); c) o contexto linguístico imediato em que o evento ocorre.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe e aspecto. Construção [por X tempo]. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ROSÁRIO, 2016; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; among others). The results show us that cursivity/iterativity should be interpreted as gradient categories, in which the constructions can assume a more or less durable/iterative aspectual value, depending mainly on the following factors: a) the semantic value of the indefinite pronouns that occupy the slot X; b) the actional classes of verbs (that involve the notions of telicity, durativity and staticity); the immediate linguistic context where the event occurs.

KEYWORDS: Syntax and aspect. [por X tempo] construction. Cognitive-Functional Linguistics.

1 Introdução

As primeiras descrições sobre aspecto são atribuídas a Varrão (séc. I a.C.)¹, quem descreveu a oposição entre evento conclusivo (perfeito) e inconclusivo (imperfeito) nas formas verbais latinas. Diferentemente do português, o latim continha morfemas aspectuais que distinguiam os dois tipos de evento. No perfeito, acrescia-se ao radical uma marca formal para indicar a conclusão de um evento antes dos constituintes flexionais de tempo e modo, como podemos observar na desinência -u- em *coluit* (cultivou), -s- em *scripsit* (escreveu), -cu- em *cucurrit* (correu), em oposição às formas do imperfeito, em que essas desinências inexistiam: *colit* (corria), *scribit* (escrevia) e *currit* (corria).

Embora, no português, o perfeito não apresente marcas aspectuais, mas apenas morfemas flexionais de tempo e modo, grande parte dos estudos sobre aspecto baseia-

¹ Cf. Câmara Jr (1985, p. 127).

se na mesma categorização de Varrão, isto é, na oposição entre tempo concluído (perfeito) e tempo não concluído ou ação habitual (imperfeito), sob o domínio da morfologia. Vejamos as considerações de alguns autores da tradição gramatical/linguística sobre esse tema:

Quadro 1 – A categoria aspecto na tradição gramatical e linguística.

Autor	Considerações sobre aspecto
M. Said Ali (2008 [1957], p. 146)	Na falta de designações melhores que diferenciem o aspecto verbal (...), podem nos servir os termos <i>perfectivo</i> e <i>imperfectivo</i> .
Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 100)	O pretérito (...), no eixo da noção de aspecto, opõe dois conjuntos de formas verbais: um assinala o processo inconcluso, ou imperfeito; outro, chamado “perfeito” (...).
Celso Pedro Luft (1986, p. 131)	Aspecto é a categoria verbal que exprime a oposição término/não-término ou acabado/não-acabado, a duração do processo.
Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 382)	O aspecto designa “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como <i>concluída</i> , isto é, observada em seu término, no resultado; ou pode considerá-la como <i>não concluída</i> , ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. É a clara distinção que se verifica em português entre as formas verbais classificadas como PERFEITAS ou MAIS-QUE-PERFEITAS, de um lado, e as IMPERFEITAS, de outro.

Fonte: elaborado pelos autores.

Tem sido consensual entre a grande maioria dos autores a percepção do aspecto como uma categoria dual, dividida em ação concluída *versus* não concluída². Não obstante, além dessa distinção básica, alguns estudiosos ampliam o conceito por meio

² Cabe frisar que há autores que divergem dessa classificação bipartida. Na próxima seção, veremos a perspectiva de Castilho (2014), que apresenta uma tipologia aspectual dividida em quatro categorias.

da inclusão de alguns valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto, como percebemos em Cunha e Cintra (2001, p. 382-383), a seguir:

1. **Aspecto pontual/Aspecto durativo.** A oposição aspectual caracteriza-se pela menor ou maior extensão de tempo ocupada pela ação verbal. Assim:

Aspecto pontual	Acabo de ler <i>Os lusíadas</i> .
Aspecto durativo	Continuo a ler <i>Os lusíadas</i> .

2. **Aspecto contínuo/Aspecto descontínuo.** Aqui a oposição aspectual incide sobre o processo de desenvolvimento da ação.

Aspecto contínuo	Vou lendo <i>Os lusíadas</i> .
Aspecto descontínuo	Voltei a ler <i>Os lusíadas</i> .

3. **Aspecto incoativo/Aspecto conclusivo.** O aspecto incoativo exprime um processo considerado em sua fase inicial; o aspecto conclusivo ou terminativo expressa um processo observado em sua fase final:

Aspecto incoativo	Comecei a ler <i>Os lusíadas</i> .
Aspecto conclusivo	Acabei de ler <i>Os lusíadas</i> .

Vale ressaltar que essa classificação aspectual mais recente não é uniforme entre os autores, na medida em que encontramos tanto terminologia quanto categorização distintas. Castilho (2014), por exemplo, emprega o nome “inceptivo” no lugar de “incoativo”, bem como “cursivo” no lugar de “contínuo”. Paralelamente, introduz algumas classificações diversas das de Cunha e Cintra (2001), como os aspectos resultativo – “aquilo **se torna** uma imposição” (*ibidem*, p. 425) – e iterativo³ – “eu **tenho ido** ao teatro” (*ibidem*, p. 426).

³ Trataremos melhor desse conceito na seção *pressupostos teóricos*.

A despeito das diferentes classificações, é quase consensual entre os estudiosos a designação do aspecto como um estudo pertencente à morfologia, tendo como escopo o verbo ou, no máximo, uma perífrase verbal (em que há a justaposição de dois verbos, encadeados ou não por uma preposição). Não obstante, há alguns outros que nos permitem perceber a atuação da sintaxe na expressão aspectual. Castilho (2014, p. 420), por exemplo, afirma que “os adjuntos adverbiais aspectualizadores têm igual importância na composição do tipo de aspecto obtido.” Paralelamente, Ilari e Basso (2014) mostram a atuação de adjuntos adverbiais, nos predicados, para a expressão da duratividade, como podemos observar nos seguintes exemplos (*ibidem*, p. 156):

(271) Eu gosto de ficar em lugares isolados *por algum tempo*, mas não *por muito tempo*. [D2 RJ 158]

(272) Eu estou brigado com o telefone porque eu estou *há um ano que eu me mudei* e, *até agora*, não consegui a transferência do telefone para minha casa. [D2 SP 255]

Em (271) e (272), notamos a presença de adjuntos que medem a duração de ações iterativas: *por algum tempo* e *por muito tempo* expressam uma duratividade menos precisa na primeira ocorrência; *há um ano que eu me mudei* e *até agora* expressam uma duratividade mais precisa na última. Em outras palavras, podemos atribuir aos respectivos enunciados dois aspectos: a) a iteração, observável nos sintagmas verbais “gosto de ficar” (repetição da ação) e “estou brigado” (manutenção da ação); b) a cursividade⁴, expressa/reforçada pela semântica durativa dos adjuntos adverbiais de tempo.

É exatamente a face sintática do aspecto que buscamos explorar neste trabalho. A construção [por x tempo] pode atribuir aos verbos das orações tanto uma

⁴ Por cursividade, entendemos a categoria aspectual. Por duratividade, a expressão temporal escalar admitida pelo aspecto cursivo.

cursividade, isto é, a percepção do desenvolvimento da ação, que pode ser percebida em uma perspectiva gradiente, que parte do menos para o mais durativo, quanto uma iteratividade, quando expressa a reiteração de uma ação. Abaixo, apresentamos cinco ocorrências de nosso *corpus*⁵, como ilustração:

- (01) Segundo a decisão da Justiça, Manvailer não cometeu o crime de cárcere privado pois as imagens de câmera de segurança mostram que “não houve intenção de cerceamento da liberdade de locomoção de Tatiane, [...] mas sim intenção de reter a vítima *por pouco tempo* e contra a sua vontade para que subisse ao apartamento⁶.
- (02) Nós recebemos praticamente metade dos africanos escravizados. Cada dia esses dados mudam, mas pelo site *Slave Voyages* são 12 milhões de africanos e africanas que deixaram o continente. Um pouco mais de 10 milhões chegaram às Américas e, desses, 4,8 milhões vieram para o Brasil. É um número muito avassalador. Por outro lado, tivemos escravizados no território inteiro e fomos o último país a abolir a escravidão mercantil. Não existe país democrático quando ele manteve a escravidão *por tanto tempo*⁷.
- (03) Ah, isso fui eu mesmo, eu sozinho, só eu. Sonhei com isso *por muito tempo*. Quando tentei dizer a Paulinha, Tom estava começando com os Dônicia e ficou claro que não era hora nem de se pensar nisso⁸.
- (04) O corpo do menino foi fotografado deitado com o rosto na areia de uma praia na Turquia. Vários integrantes de sua família morreram tentando chegar a uma ilha grega. A foto provocou revolta na Europa e levou a União Europeia a abrir, *por algum tempo*, suas

⁵ Todas as nossas ocorrências foram obtidas no *Corpus Now*, disponível no site *Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org).

⁶ <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2019/06/24/mp-pr-diz-que-imagens-de-cameras-de-seguranca-comprovam-que-manvailer-cometeu-o-crime-de-carcere-privado-contra-tatiane-spitzner.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/sempre-fomos-autoritarios-diz-lilia-schwarcz/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

⁸ Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/caetano-veloso-sobre-ofertorio-e-os-filhos-para-mim-e-tudo-so-felicidade-11056761.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

fronteiras para os refugiados sírios⁹.

- (05) Um dos grandes ensinamentos de Gêmeos é o foco, a parte disciplinadora. Portanto, use o foco, os objetivos como combustível para cuidar do dinheiro este mês – nada de entrar na livraria e sair com 3 livros, sendo que ficarão empilhados na estante *por algum tempo*¹⁰.

Em (01), *por pouco tempo* remete ao verbo “reter”, que pode ser interpretado como uma ação de resistência a uma força externa. Trata-se de um uso imperfectivo (não concluído) de um verbo de natureza atélica, sem término lógico, que tem sua duração relativamente definida por essa expressão adverbial (dizemos “relativamente” em virtude da natureza indefinida do pronome “pouco”). Dessa maneira, observamos que *por pouco tempo* colabora para a expressão da cursividade da ação, uma propriedade relativa a uma ação contínua do verbo. De maneira análoga, em (02), temos o verbo “manter”, também atélico e imperfectivo, ao qual atribuímos a ação de uma força contínua. Nesse caso, *por tanto tempo* reforça a natureza contínua do verbo. Sendo assim, quando contrapomos as construções adverbiais *por pouco tempo*, em (01), e *por tanto tempo*, em (02), notamos que o aspecto cursivo pode ser descrito numa perspectiva escalar, haja vista os diferentes graus de duratividade: há noções que partem do menos durativo (*por pouco tempo*) ao mais durativo (*por tanto tempo*).

Em (03), por sua vez, “sonhei” é télico – na medida em que é um evento que apresenta um fim – e apresenta-se no aspecto perfectivo. Diferentemente dos casos anteriores, a construção adverbial não atua na expressão do aspecto cursivo da ação, mas, sim, na sua reiteração. Isto é, não se trata aqui de um sonho de longa duração, mas de um sonho recorrente.

⁹ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/mundo/2019/06/familia-de-menino-sirio-fotografado-morto-se-opoe-a-filme-sobre-ele.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://blog.jovempam.com.br/mulheresdapan/as-energias-de-venus-em-gemeos-para-amor-e-dinheiro/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Em (04) e (05), por fim, a construção *por algum tempo* assume duratividade distinta. Ao compararmos as duas ocorrências, temos a impressão de que à primeira podemos atribuir um valor menos durativo e à segunda, um valor mais durativo. Sob essa ótica, sustentamos a ideia de que indefinição mais acentuada do pronome “algum” favoreça uma leitura mais dependente de questões pragmáticas, mais especificamente, do contexto linguístico imediato.

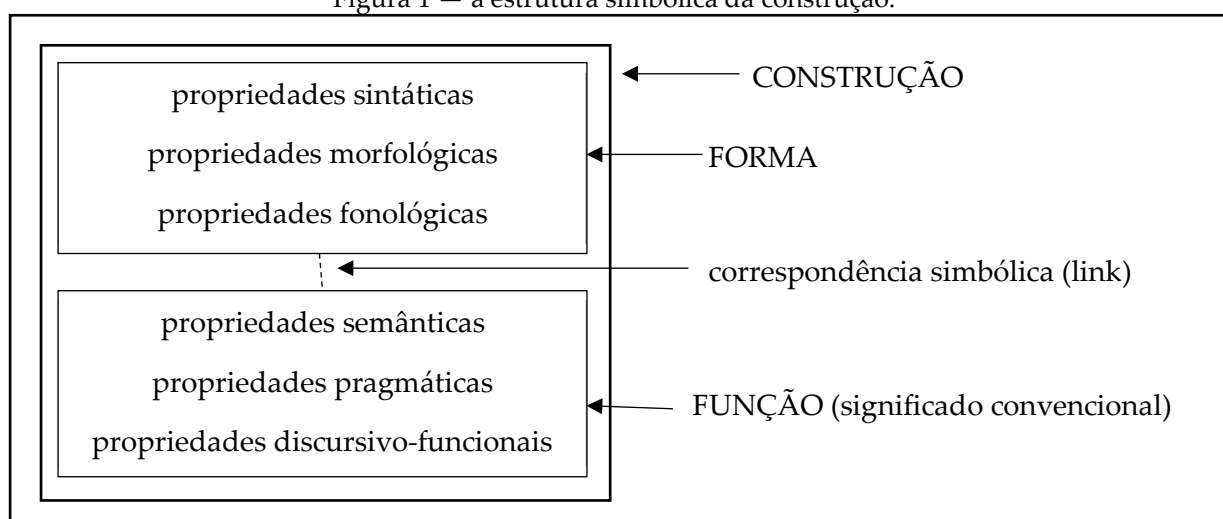
Como pudemos observar, por meio da apreciação das ocorrências (01) a (05), as construções [por x tempo] atuam na expressão aspectual do português, podendo contribuir tanto para a cursividade quanto para a reiteração dos eventos. A atribuição de um ou outro aspecto (cursividade e iteração) depende de fatores contextuais e podem ser tratados numa perspectiva escalar. Neste trabalho, temos como objetivo descrever as propriedades formais e funcionais dessas construções, com foco nas questões de natureza aspectual. Para tanto, à introdução deste texto, acrescentamos mais quatro seções, a saber: pressupostos teóricos, metodologia, resultados e considerações finais.

2 Pressupostos teóricos

Para esta investigação, empregamos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU – (cf. CUNHA *et al.*, 2013; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; entre outros), um modelo de análise linguística que concilia os princípios da Linguística Funcional de vertente norte-americana aos da Linguística Cognitiva, em especial aos da Gramática de Construções. Assim como as outras abordagens funcionalistas, a LFCU busca descrever a gramática a partir de dados empíricos do uso linguístico, pois a considera uma estrutura emergente, constantemente suscetível à variação e à mudança por pressões do uso. Dessa maneira, nunca dissocia as propriedades discursivo-pragmáticas das propriedades semânticas e estruturais.

Difere-se dos demais modelos funcionalistas por conceber a língua como um inventário de construções e por dar a mesma relevância ao estudo das propriedades da forma (fonológicas, morfológicas e sintáticas) e da função (semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) em suas análises. Além disso, sustenta a ideia de que forma e função estejam unidas por um elo simbólico, indissociável, em que uma pressuponha o outro – ponto de vista que dá origem à noção de construção como pareamento convencional de forma e função (cf. GOLDBERG, 1995). Podemos observar essa relação no modelo apresentado por Croft (2001, p. 18), logo abaixo:

Figura 1 – a estrutura simbólica da construção.



Fonte: Croft (2001, p. 18).

Sob essa perspectiva, a análise das construções linguísticas, com vistas à descrição dos diferentes usos em uma comunidade de falantes, deve buscar “mapear” todas essas propriedades. A inclusão dos aspectos pragmáticos e discursivo-funcionais, praticamente desconsiderados nas abordagens formalistas, tem se mostrado de extrema relevância aos estudos, haja vista que os usos linguísticos se vinculam a determinados gêneros e/ou sequências tipológicas, bem como alteram seu valor funcional por questões contextuais e/ou manifestam a relação (inter)subjativa dos interlocutores.

Paralelamente à LFCU, adotamos como referencial teórico uma série de estudos voltados para a descrição aspectual. Apresentamos, a seguir, tanto o conceito de aspecto com que trabalhamos quanto as categorias que empregamos como fatores de análise.

1. Conceito e descrição de aspecto

Castilho (2014, p. 417), também sob uma perspectiva funcionalista de análise linguística, define o aspecto como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. Apresenta uma visão distinta para as categorias aspectuais, que vão além da dicotomia *perfectividade* e *imperfectividade*. Abaixo, apresentamos um quadro com a proposta do autor (*ibidem*):

Quadro 2 – Tipologia do aspecto.

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

Fonte: Castilho (2014, p. 420).

Como podemos observar, Castilho (2014) divide o aspecto em duas macrocategorias, estando uma associada à face qualitativa e outra à face quantitativa do aspecto. Por uma questão de escopo da nossa pesquisa, exploraremos aqui apenas três aspectos, observáveis em nossos dados: a) imperfectivo cursivo; b) iterativo perfectivo; c) iterativo imperfectivo.

O imperfectivo cursivo “apresenta o estado de coisas em seu pleno curso, sem referência às fases inicial ou final” (*ibidem*, p. 421). Aparece em diferentes estruturas verbais, dentre as quais destacamos os verbos atélicos construídos com advérbios aspectualizadores durativos – por exemplo, “Há uma fase que **dura muitas décadas** nas Ciências Sociais.” (*ibidem*, p. 422), bem como os verbos télicos que podem ser

recategorizados semanticamente como atélcos com o emprego do mesmo tipo de advérbio – por exemplo, “Porque [o avião] chega depressa e [se] a gente vai morrer... morre de vez... eu não gosto de **morrer aos pedacinhos... aos poucos**” (*ibidem*, p. 422).

O iterativo perfectivo e o iterativo imperfectivo não trazem uma ideia de duração, mas, sim, de recorrência, repetição da ação. Também podem ocorrer com advérbios aspectualizadores durativos, como vimos na ocorrência (03) – “Sonhei com isso *por muito tempo*” – e no seguinte exemplo de Castilho (2014, p. 429): “Tem os amigos **às vezes** a gente **dá uma fugidinha** até a casa deles bater um papinho assim né?”.

2. Telicidade, atelicidade e detelicização

Segundo Basso (2007, p. 216), “um evento télico é um evento que tem um fim ou uma meta previsível a ser atingida e que pode ser considerado terminado quando este fim ou meta é alcançado”. Os eventos atélcos são, por sua vez, “aqueles que não têm um fim ou uma meta previsível a ser atingido e podem, devido a isso, continuar indefinidamente” (*idibem*, p. 217).

Ainda segundo o autor, a relação direta entre telicidade e perfectividade, que, por vezes, observamos na literatura é equivocada, uma vez que se podem identificar fenômenos diferentes que atuam uns sobre a telicidade e outros sobre a perfectividade, de maneira independente. Por isso, distingue de maneira rígida as noções aspectuais (perfectividade, imperfectividade, progressividade) das noções acionais (telicidade, duratividade, estatividade). Em síntese, perfectividade e telicidade se diferem nos seguintes termos, segundo Basso (2007, p. 219):

- a) Perfectividade= evento estar conclusivo ou acabado (tenho ou não um ponto final) – o evento em questão é veiculado sob uma perspectiva que indica que ele não continuará mais ou que se completou. Para explicitar melhor a intuição, tomemos a seguinte sentença: ‘João chegou em casa (1) e guardou o carro na garagem (2)’ – nesse caso, o

evento (2) segue o evento (1) justamente por (1) estar acabado: primeiro João chega em casa e depois ele guarda o carro na garagem;

- b) Telicidade= evento ter um final (estando ou não concluso ou acabado) – o evento em questão tem um término identificável, previsível a partir de seu significado. Ex.: ‘ler o livro’, tem como ponto final a leitura da última página do livro; ‘correr até o supermercado’ tem como ponto final chegar ao supermercado (correndo);
- c) Perfectividade + telicidade= evento terminado (evento tem um ponto final e o atinge (quando concluso)).

Além desses dois conceitos, o autor (*ibidem*) ainda apresenta um terceiro, bastante pertinente ao nosso objeto: a detelicização. Esse fenômeno ocorre quando um verbo télico, empregado com aspecto perfectivo, admite uma leitura imperfectiva. Na frase “João leu o livro por algum tempo”, por exemplo, embora “ler um livro” seja um evento tipicamente télico e esteja empregado no pretérito perfeito (aspecto perfectivo), o sintagma preposicional *por algum tempo* favorece uma leitura inconclusa da ação. Entendemos que, embora “ler um livro” tenha um ponto final previsto, é provável que ele não o tenha atingido nessa ocorrência. Segundo o autor (*ibidem*, p. 221), a detelicização é um fenômeno que também depende de considerações pragmáticas, uma vez que há ocorrências em que só um contexto mais amplo pode garantir se ela ocorre ou não num dado evento. Sob essa perspectiva, a (a)telicidade é uma propriedade da situação, e não propriamente do verbo.

3. Pontualidade e duratividade

Pontualidade e duratividade se referem ao tempo de duração de uma ação. Se o evento envolve uma ação momentânea, é pontual; se o evento envolve uma ação contínua, é durativo. Vale frisar que tais noções devem ser vistas como graduais, tendo

em vista que nenhum evento é completamente pontual. Um evento momentâneo como “cair”, por exemplo, embora breve, possui certa duração.

Embora possa parecer que, para nosso fenômeno, importe mais a noção da duratividade do que a da pontualidade – haja vista a própria semântica temporal admitida pela construção [por x tempo], que prevê uma trajetória temporal para a ação –, há casos em que essa construção remete a um verbo pontual e outros em que se refere a um verbo claramente durativo.

Numa frase como “cheguei a essa conclusão”, temos um verbo de noção télica, pontual, empregado no perfectivo. No entanto, se incluirmos a construção *por algum tempo* à frase – “cheguei a essa conclusão *por algum tempo*” – observaremos um efeito de sentido bastante distinto. A contradição entre pontualidade, de um lado, e duratividade de outro, leva-nos a atribuir um novo sentido à frase: a primeira conclusão estava equivocada e foi substituída por outra.

Por sua vez, numa frase como “nadei *por muito tempo*”, temos um verbo de noção télica, durativa, empregado no perfectivo. Nesse caso, a expressão adverbial pode tanto reforçar seu aspecto durativo, atribuindo-lhe uma ideia de longa duração, quanto pode atribuir-lhe uma aspectualização iterativa, isto é, a mesma frase pode significar a recorrência da ação durante um certo período de tempo. A atribuição de um sentido ou de outro dependerá de questões pragmáticas, muitas vezes resolvidas no contexto linguístico imediato, isto é, em uma análise mais global do texto.

4. Classes acionais

A divisão das classes acionais mais recorrente na linguística é baseada em Vendler (1967). A acionalidade está associada aos quatro diferentes esquemas temporais admitidos pelas expressões verbais: estados, atividades, processos culminados (*accomplishments*) e culminações (*achievements*). Apresentamos as

definições e alguns exemplos no quadro abaixo, cujas informações foram extraídas de Wachowicz e Foltran (2006):

Quadro 3 – Classes acionais segundo Vendler (1967).

Classe acional	Definição	Exemplo
Estados	Caracterizam-se por serem não agentivos e por não indicarem processos que se desenvolvem no tempo.	Eles sabem matemática.
Atividades	São processos que se desenvolvem no tempo, são agentivos e são homogêneos – pois todas as suas partes são da mesma natureza.	As crianças nadam.
Processos culminados	Envolvem uma ação que se desenvolve no tempo, que se encaminha para um ponto determinado.	Ele comeu duas maçãs no almoço.
Culminações	Apresentam as mesmas características do processo culminado, com a diferença de que são pontuais, isto é, referem-se a um tempo único.	Renata perdeu de vista a sua caneta.

Fonte: Wachowicz e Foltran (2006) – adaptado.

De acordo com Basso (2007, p. 217), as classes acionais apresentadas por Vendler (1967) estão diretamente associadas às noções de telicidade, duratividade e estatividade. Os *estados* são ações atélicas, durativas e estativas; as *atividades* são atélicas, durativas e não estativas; os *processos culminados* são téllicos, durativos e não estativos; as *culminações* são téllicas, não durativas e não estativas.

Observamos, no nosso objeto, que a classe acional dos verbos importa bastante na interpretação aspectual. Como ilustração, podemos incluir a expressão “por algum tempo” aos dois últimos exemplos do quadro 3 – “Ele comeu duas maçãs no almoço por algum tempo” e “Renata perdeu de vista a sua caneta por algum tempo”. Embora os exemplos estejam fora de contexto, é possível notar que o processo culminado possibilita uma leitura aspectual iterativa do verbo – temos a impressão de que, recorrentemente, o sujeito consumia duas maçãs no almoço –, ao passo que a culminação, ao contrapor a pontualidade do verbo à duratividade do advérbio – impõe

uma espécie de fechamento/conclusão da ação, que deve ser interpretada de modo distinto da perfectividade e da telicidade: embora “perdeu” seja um verbo télico e esteja no perfectivo, entendemos, na frase, que a fase da perda foi superada, isto é, Renata já recuperou a caneta.

3 Metodologia

Para esta pesquisa, levantamos os dados da construção [por x tempo] no *Corpus Now*, disponível no site *O Corpus do Português* (www.corpusdoportugues.org). Trata-se de um *corpus* atual, bastante extenso (contém aproximadamente 1,1 bilhão de palavras), constituído de textos da esfera jornalística entre o período de 2012 a 2019. Ao todo, selecionamos 400 dados, igualmente distribuídos pelos *types* investigados: [por algum tempo], [por pouco tempo], [por tanto tempo], [por muito tempo].

Na investigação, empregamos o método misto para a análise de dados, que é caracterizado pelo “equacionamento entre metodologia qualitativa e a quantitativa” (LACERDA, 2016, p. 85), sendo a primeira responsável pela análise interpretativa das ocorrências e a segunda pela identificação da produtividade/extensibilidade das construções, mensurável por meio do levantamento da frequência de uso. Inclusive, consideramos que a metodologia quantitativa complementa a metodologia qualitativa, pois, entre outros aspectos, possibilita-nos distinguir as propriedades construcionais intrínsecas – extensivamente observáveis nos dados – das idiossincráticas, isto é, particulares a certas ocorrências. Não obstante, por questões de escopo, decidimos, neste texto, trabalhar apenas com o resultado da análise qualitativa.

Para a interpretação dos dados, adotamos um conjunto de nove parâmetros, empregados sistematicamente na análise de cada ocorrência:

- (a) O tipo de aspecto envolvido no evento: se imperfectivo cursivo, iterativo perfectivo ou iterativo imperfectivo;
- (b) Telicidade e atelicidade das expressões verbais;
- (c) Atuação ou não de detelicização;
- (d) Pontualidade e duratividade na expressão verbal e na construção adverbial [por x tempo];
- (e) Classes acionais dos verbos;
- (f) Polaridade da oração em que ocorre [por x tempo];
- (g) Posição e escopo da construção [por x tempo];
- (h) Contexto semântico-pragmático;
- (i) Sequências tipológicas.

Uma vez que tratamos dos parâmetros (a) a (e) na seção anterior, na qual exploramos, inclusive, alguns exemplos, nesta seção, tomamos a liberdade de apresentar somente os quatro últimos fatores:

f) polaridade da oração em que ocorre [por x tempo]

A polaridade da oração pode afetar a duratividade de [por x tempo]. Embora, de um lado, *pouco* esteja semanticamente associado à noção *menos duratividade*; *muito e tanto*, à noção de mais duratividade, o sentido desses elementos se torna diametralmente oposto na negação. Vejamos dois exemplos:

- i) Maria afirmou que não ficaria aqui *por pouco tempo*.
- ii) Não vou falar *por muito tempo*.

Caso quiséssemos converter as duas frases supracitadas para a polaridade afirmativa, substituiríamos os pronomes indefinidos em [por x tempo] por seus antônimos, na tentativa de conseguir uma significação mais próxima à original

(porque não há total equivalência): i) Maria afirmou que ficaria aqui por muito tempo;
ii) Vou falar por pouco tempo.

g) posição e escopo da construção [por x tempo]:

Como sabemos, os advérbios se caracterizam por uma maior liberdade posicional, podendo estar antepostos ou pospostos aos elementos a que fazem referência – *João correu na lagoa por muito tempo vs por muito tempo, João correu na lagoa*¹¹. Além disso, podem referir-se a mais de um evento: *Ele comeu e bebeu por algum tempo*.

Esse critério se mostrou relevante porque: a) nem sempre a anteposição ou a posposição da construção é facultativa – pois pode impactar na significação do evento; b) a estrutura de coordenação não garante a distribuição da semântica do advérbio para dois ou mais eventos. Como ilustração, vejamos as frases abaixo:

- i) Ele chegou e bebeu por algum tempo;
- ii) Por algum tempo, ele chegou e bebeu.

Acima, temos dois eventos distintos: uma culminação (o verbo *chegar*) e um processo culminado (o verbo *beber*). Como vimos na seção anterior, a pontualidade do evento culminativo (que é não durativo) é paradoxal em relação à duratividade da expressão adverbial. Dessa maneira, tendemos a atribuir, em (i), a duratividade apenas ao segundo evento: o verbo *beber* – isto é, *bebeu por algum tempo*, mas não *chegou por algum tempo*. Em (ii), por sua vez, a distância entre a expressão adverbial e o verbo *beber* nos leva a relacionar o sentido durativo aos dois verbos. Nesse caso, tem-se um efeito de sentido diferente: o de que a pessoa não permaneceu no lugar em que chegou. Na

¹¹ Entendemos que as duas versões são ambíguas, podendo ter uma leitura durativa ou iterativa.

verdade, ficou por um curto período de tempo e, por isso, também bebeu por um curto período de tempo.

h) Contexto semântico-pragmático:

Indiretamente, já exploramos esse critério na apresentação dos pressupostos teóricos, quando afirmamos que algumas análises dependem de fatores de ordem contextual/pragmática. Cabe ressaltar que, na perspectiva funcionalista, usamos o termo pragmática não apenas para fazer referência às questões concernentes à situação de produção do discurso, como também para tratar do contexto linguístico imediato, que contribui para a significação¹². Sob esse ponto de vista, a descrição dos fenômenos linguísticos deve levar em consideração o entorno linguístico em que se apresenta – para além de outras questões.

Como vimos na seção anterior, existem casos em que a relação estabelecida entre a construção [por x tempo] e a classe acional do verbo é bastante relevante para a significação. Paralelamente, há situações em que a interpretação de um evento depende de uma análise mais global do texto. Uma frase como “Ele comeu uma maçã no almoço por algum tempo” é ambígua porque pode ter uma leitura aspectual cursiva ou iterativa. No entanto, normalmente, essa ambiguidade se desfaz quando ampliamos o contexto, isto é, quando levamos em consideração as outras informações disponíveis no texto.

i) Sequência tipológica:

Como sabemos, no que diz respeito à expressão do tempo, na dissertação, predomina o emprego do presente do indicativo. Há um caráter atemporal, em que não observamos o encadeamento de ações, em virtude da configuração temática e

¹² Consideramos, aqui, a significação como um ato referencial, situado, em oposição ao sentido – de natureza semântica e mais virtual.

geral dessas sequências tipológicas. O encadeamento textual, na dissertação, se dá por meio de conexões lógicas, e não cronológicas. Da mesma maneira, na descrição, há uma estaticidade, caracterizada pela suspensão do tempo. Essas sequências visam à apresentação de propriedades e qualidades de uma entidade e, comumente, atuam como pano de fundo para a narração.

Sendo assim, como podemos inferir por meio da apreciação das informações do parágrafo acima, a exposição, a argumentação e a descrição não favorecem – embora não impeçam – o emprego de expressões temporais durativas, como [por x tempo], por exemplo. Em contrapartida, em tese, tais construções são mais abundantemente empregadas em sequências narrativas ou injuntivas, porque são temporalmente situadas. Abaixo, dispomos um quadro elaborado por Santos, Riche e Teixeira (2015), em que estão descritas as características que nortearam nossa identificação das sequências tipológicas:

Quadro 4 – Tipologia textual: nomenclatura simplificada e adaptada.

Características tipológicas	Objetivo e temática	Marcas linguísticas de destaque
Descrição	Identificar, localizar e qualificar seres e objetos, lugares, apresentando características físicas ou “psicológicas”.	Substantivos, adjetivos e advérbios (modo e intensidade, principalmente); verbos no presente ou pretérito imperfeito do indicativo.
Narração	Relatar fatos, acontecimentos, ações, numa sequência temporal.	Verbos, advérbios e conjunções (tempo, lugar...); verbos no presente ou pretérito perfeito do indicativo.
Exposição	Discutir, informar ou expor um tema, numa organização lógica, mostrando relações de causa/efeito, contraposição etc.	Operadores discursivos (conjunções, preposições e expressões denotativas), modalizadores (ex.: talvez, sem dúvida, provavelmente etc.), verbos no presente do indicativo.
Argumentação	Defender ponto de vista, opinião, por meio de argumentos, numa organização lógica, mostrando relações de causa/efeito, contraposição etc.	Operadores discursivos (conjunções, preposições e expressões denotativas), modalizadores (ex.: talvez, sem dúvida, provavelmente etc.), verbos no presente do indicativo.

Injunção	Dar ordens, apresentar regras e procedimentos a serem seguidos.	Verbos com valor imperativo (mesmo que não estejam no modo imperativo, mas no infinitivo, por exemplo), pronomes (você, vocês).
----------	---	---

Fonte: Santos, Riche e Teixeira (2015, p. 36-37).

4 Resultados

Apresentamos os resultados de nossa pesquisa em cinco subseções, assim divididas: 4.1. Classes acionais e aspectualização em [por x tempo]; 4.2. Cursividade em uma perspectiva escalar: o menos e o mais durativo; 4.3. [por algum tempo]: type da expressão menos ou mais durativa?; 4.4. [por x tempo] e a polaridade da oração; 4.5. Propriedades construcionais de [por x tempo].

4.1 Classes acionais e aspectualização em [por x tempo]

Conforme apresentamos na seção *pressupostos teóricos*, Vendler (1967) divide as classes acionais em quatro categorias: estados, atividades, processos culminados (*accomplishments*) e culminações (*achievements*). Abaixo, mostramos como as construções [por x tempo] atuam nessas diferentes classes:

a) Estados e atividades:

Estados e atividades são duas classes acionais que favorecem a expressão da cursividade, em virtude de compartilharem os traços da atelicidade (a ação sem um fim definido) e da duratividade. Como vimos, os estados são atélicos, durativos e estativos; as atividades, atélicas, durativas e não estativas.

Inclusive, segundo Castilho (2014, p. 422), “verbos atélicos construídos com advérbios aspectualizadores durativos (...) codificam o esperado imperfectivo cursivo”. Abaixo, seguem algumas ocorrências como ilustração:

- (06) O Daniel tinha acabado de fazer 18 anos, era a primeira vez que ia à Baronneti. Meu filho morreu na hora. Mas eu não estava ali quando ele levou o tiro, nos segundos da partida, não vi o medo que ele sentiu. **Pensei nisso por muito tempo**. Depois, descobri que não era para estar¹³.
- (07) Todos que conheço encontram sua vocação ideal, sabem o que querem fazer da vida e o que querem ser, ou já sabiam desde crianças, já tinham um sonho de profissão... Eu nunca tive um sonho assim, nunca escolhi algo concreto, e quando decidi, **gostei por pouco tempo** e depois não quis mais... isso acontece com todas as escolhas de cursos que faço. Já comecei uma faculdade ano passado e parei porque não era pra mim. Agora estou em outra, e não estou mais gostando também¹⁴.

Em (06) e (07), temos dois eventos que são categorizados como estados (os verbos *pensar* e *gostar*). São assim considerados porque não possuem agentividade (o sujeito é experienciador, e não agente) e por não indicarem processos que se desenvolvem no tempo. Quando dizemos, por exemplo, “penso assim” ou “gosto de chocolate”, no presente do indicativo, fica evidente a ideia de atelicidade, duratividade e estatividade, afinal, os eventos relatados pressupõem uma atividade contínua, sem mudança e fim definido. Caso não haja a atuação de forças externas, há uma tendência natural para a permanência de uma mesma forma de pensar a realidade, bem como para a manutenção de um mesmo gosto.

Nas duas primeiras ocorrências – (06) e (07) –, no entanto, os verbos encontram-se no pretérito perfeito do indicativo, como ações concluídas, fato que parece afetar a face estativa e durativa desses verbos. A coerção do perfectivo impõe um término a uma ação que tende à permanência e, conseqüentemente, diminui a quantidade de sua

¹³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/daniela-duque-tivemos-que-nos-reinventar-8691371>. Acesso em: 17 nov. 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://br.mundopsicologos.com/perguntas/nao-consigo-achar-o-curso-e-profissao-certos-para-mim>. Acesso em: 17 nov. 2020.

duração. Mesmo assim, é possível observar que *por muito tempo*, em (06), e *por pouco tempo*, em (07), atuam na expressão da cursividade das ações, pois focalizam o desenvolvimento da ação, sua trajetória temporal. Vejamos, agora, dois exemplos de atividades:

- (08) E assim ficamos por longos minutos, até que foi legal, consegui me redimir e ainda ganhei sua amizade... **Andamos por tanto tempo**. Já escurecia quando me joguei no pé de uma árvore infeliz, com certeza Bill já estava dormindo de cansaço (sim, eu o apelidei de Bill, sem ele saber, claro)¹⁵.
- (09) Pouco tempo depois, eu comecei uma conversa com Raquel. **Conversamos por pouco tempo**, e eu perguntei se ela gostaria de ser incluída no meu newsletter. Ela disse que sim¹⁶.

Em (08) e (09), temos dois eventos que são categorizados como atividades (os verbos *andar* e *conversar*). São assim considerados porque são processos que se desenvolvem no tempo, são agentivos e são homogêneos (mantêm a mesma natureza durante todo o seu desenvolvimento). As atividades favorecem, naturalmente, o uso de advérbios aspectualizadores durativos, como ocorre em *por tanto tempo* em (08) e *por pouco tempo* em (09). A não estatividade dos verbos (aliada à atelicidade e à duratividade), com frequência, levam o falante a estabelecer a trajetória temporal dos eventos. Inclusive, nos nossos dados, as atividades são muito mais abundantes do que as outras classes acionais. A despeito de os processos culminados e as culminações também apresentarem, frequentemente, advérbios temporais, são mais comuns os de natureza pontual (e não durativa), como *ontem*, *hoje*, *amanhã*, *naquele dia*, etc.

¹⁵ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/712485/Em_Busca_das_Asas_de_Eros/capitulo/3/. Acesso em: 17 nov. 2020.

¹⁶ https://www.sdr.com.br/professores/MMiranda/Cartao_de_visita.htm. Acesso em: 17 nov. 2020.

c) Processos culminados e culminações:

Os processos culminados são télicos, durativos e não estativos. As culminações são télicas, não durativas e não estativas. Em virtude da telicidade, ambas as classes acionais favorecem o uso de advérbios temporais mais pontuais, conforme acabamos de afirmar no tópico anterior. Quando em contato com advérbios aspectualizadores durativos, produzem efeitos de sentido distintos, como podemos observar nos dados abaixo:

- (10) Cristina, que se desdobra entre a vida de empresária e mãe de dois filhos, Adolfo de 13 anos e Aurea de 5, **vendeu por muito tempo roupas em casa**, mas devido à necessidade de mais espaço, ela resolveu, em 2001, montar uma loja com o marido¹⁷.
- (11) É difícil acreditar, mas Chuck Palahniuk **escreveu, por algum tempo, manuais para manutenção de caminhões**. Na época, ele estava começando a desenvolver sua carreira no campo do jornalismo¹⁸.

Vender, em (10), e *escrever*, em (11), são processos culminados porque são ações desenvolvidas no tempo que se encaminham para um ponto determinado. Normalmente, esse tipo de verbo, no pretérito perfeito, faz referência a fatos pontuais, temporalmente situados, como quando dizemos, por exemplo, “vendi uma camisa ontem” ou “escrevi a redação na semana passada”. Não obstante, o uso de advérbios aspectualizadores durativos, como [por x tempo], “combinados com verbos télicos, suscitam a iteratividade” (CASTILHO, 2014, p. 420). Dessa maneira, quando dizemos “vendeu por muito tempo roupas em casa” ou “escreveu, por algum tempo, manuais para a manutenção de caminhões”, não estamos tratando de uma trajetória temporal

¹⁷ Disponível em: <http://www.acedltimoteo.com.br/minha-vida-sa/471/cristina-da-abc-variedades>. Acesso em: 17 nov. 2020.

¹⁸ Disponível em: <https://incrivel.club/creacion-arte/como-se-ven-los-escritores-cuyos-libros-fueron-la-base-de-peliculas-y-series-con-gran-audiencia-909210/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

da ação, mas, sim, de sua reiteração, repetição. Observamos que, em (10), Cristina vendeu roupas várias vezes; em (11), que Chuck Palahniuk escreveu, em diversas situações diferentes, manuais para a manutenção de caminhões.

Além do aspecto iterativo, observamos, extensivamente nos dados, a emergência de um outro significado, pragmaticamente construído. Os processos culminados, quando combinados com [por x tempo], no pretérito perfeito, referem-se a eventos passados recorrentes que já foram “superados”, na medida em que não mais ocorrem. Em (10) e (11), por exemplo, percebemos que nem Cristina vende mais roupas em casa, nem Chuck Palahniuk escreve manuais para a manutenção de caminhões. Vejamos, agora, duas ocorrências de culminações:

- (12) Docinhos, **no meu bairro a internet caiu por algum tempo**. Por isso, só estou conseguindo postar agora! Boa leitura¹⁹.
- (13) O garçom Ervino Plucinik (conhecido por Alex, por causa do antigo craque de futebol, com quem se parecia fisicamente) está na casa desde 1968. **Saiu por algum tempo**, mas retornou, recebendo hoje a terceira geração de clientes. Conta orgulhoso que, depois da primeira vieram a segunda, e agora são os netos que frequentam o estabelecimento e saboreiam os mesmos pratos pedidos pelos avós²⁰.

Cair e *Sair* são culminações porque são verbos de natureza pontual (referem-se a um “tempo único”). Dessa maneira, temos, nesses casos, a interação entre pontualidade (no verbo) e duratividade (no advérbio), que, embora pareçam paradoxais, ocorrem na língua e apontam para um duplo ato referencial, na medida em que associamos ao evento duas ações, uma explicitamente designada pelo verbo e outra inferida pragmaticamente no discurso ou disponível no contexto linguístico

¹⁹ Disponível em: <https://webfic.app/Ironica/o-playboy-e-a-marrenta/8-o-playboy-e-a-marrenta-7>. Acesso em: 17 nov. 2020.

²⁰ Disponível em: <https://bebelritzmann.com.br/2015-05-12-20-28-27/no-balcao-sem-frescura/item/a-feijoada-do-espanhol>. Acesso em: 17 dez. 2020.

imediatos. Como é possível observar, quando, em (12), se diz que “a internet caiu por algum tempo”, podemos inferir que ela voltou a funcionar; paralelamente, quando dizemos que o garçom “saiu por algum tempo, mas retornou”, encontramos, no próprio contexto linguístico, o “contrário” da ação (o retorno). Vale ressaltar que, mesmo que o retorno não fosse mencionado no texto, a expressão “saiu por algum tempo” já o pressupõe.

4.2. Cursividade em uma perspectiva escalar: o menos e o mais durativo

É consensual entre os estudiosos a identificação do aspecto cursivo (também conhecido como progressivo), que “indica o processo do desenrolar da ação” (CÂMARA, 1971, p. 142). No entanto, na literatura disponível, não há tratamento para a sua escalaridade. A própria semântica dos pronomes indefinidos que compõem a construção [por x tempo] – *algum, pouco, muito e tanto* – pressupõem uma leitura escalar, que parte do menos para o mais durativo, como podemos observar nas ocorrências abaixo:

- (14) Luana Piovani ainda falou sobre a tarefa de cuidar dos três filhos com Pedro Scooby sozinha. “Isso para mim é uma dádiva. Ele só que vem visitar. **Ele que vai ver e conviver *por pouco tempo***. Eu não encaro como ‘vítima’, eu encaro como um prazer”, disse²¹.
- (15) Apesar do medo que não podiam deixar de sentir, os rapazes procuraram manter-se quentes e o treinador, um antigo monge budista, ensinou-lhes técnicas de meditação, para os manter calmos e para que gastassem a menor quantidade possível de ar. Não tinham comida, mas tinham água potável, que caía de uma das paredes da gruta, **o que significava condições para sobreviver *por algum tempo***²².

²¹ Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/luana-piovani-descobre-namoro-de-anitta-com-ex-marido-de-forma-surpreendente-toma-atitude-radical-e-publico-reage/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

²² Disponível em: <https://zap.aeiou.pt/ha-um-ano-12-jovens-ficaram-presos-numa-264218>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Em (14) e (15), *por pouco tempo* e *por algum tempo* quantificam o tempo dos eventos a que se referem. Na primeira ocorrência (14), inclusive, podemos notar que a concepção da duração está associada à perspectiva do falante, e não à realidade por si mesma. Poderíamos considerar que um pai divorciado que visita regularmente seus filhos durante toda a infância conviverá com eles por muito tempo, e não por pouco tempo. Nesse caso, o advérbio aspectualizador durativo [por x tempo] mostra sua face (inter)subjativa (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2002). Percebemos que, para Luana Piovani, Pedro Scooby conviverá pouco com os filhos em comparação à própria Luana, que ficou com a guarda das crianças e, por isso, passará muito mais tempo com elas. Em (15), a associação de *por algum tempo* à cursividade menos durativa se dá por uma questão conceptual, recuperada de nosso conhecimento enciclopédico. Pela experiência que temos com o mundo biofísico social, sabemos que as condições descritas no texto possibilitam uma curta sobrevivência. Vejamos, abaixo, duas ocorrências em que ocorrem o padrão mais durativo:

- (16) As políticas públicas para o idoso, que ***por muito tempo estiveram em segundo plano***, hoje, ganham visibilidade por meio de ações inclusivas, que resultam em oportunidades e geram perspectivas de reinserção social²³.
- (17) Rubens Ewald Filho não deixa filhos. Reservado, o crítico não comentava sobre a família, mas chegou a revelar em entrevista concedida em 2016 que havia sido casado, mas a mulher morreu por conta de um erro médico. Desde então, ele não quis mais se envolver com ninguém. “Eu não planejei ficar sozinho, mas fiquei. As pessoas nem sabem porque (sic) eu nunca conto isso, mas eu fui casado. E ela faleceu de erro médico. Quer dizer, mais uma coisa desagradável da vida, uma coisa que te marca. Aí você não quer nada mais. É uma coisa triste, não vejo porque (sic) falar. Dá raiva, dá tudo, desperta **as emoções que você por tanto tempo controlou.**”, explicou ao site

²³ Disponível em: <https://www.portalsaudenoar.com.br/governo-faz-inclusao-digital-de-idosos/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Risca Faca²⁴.

Em (16) e (17), *por muito tempo* e *por tanto tempo* denotam uma grande quantidade de tempo dos eventos. Nos dois casos, notamos que a duração é de natureza intersubjetiva, porque revela a perspectiva do falante e convida os leitores para a adesão desse ponto de vista.

4.3. [por algum tempo]: *type*²⁵ de expressão menos ou mais durativa?

Os pronomes que preenchem o *slot X* de [por x tempo] são tradicionalmente classificados como indefinidos, haja vista seu caráter impreciso. Embora possamos associar *pouco* ao padrão menos durativo e *muito* e *tanto* ao mais durativo, temos uma quantificação imprecisa e subjetiva. Há uma estimativa de duração (muitas vezes associada à perspectiva do falante), e não um recorte temporal com limites relativamente precisos, como ocorrem em alguns advérbios de tempo, como *ontem*, *hoje*, *naquela semana*, por exemplo. Em se tratando do pronome *algum*, essa indefinição é ainda mais latente. Só é possível associar um sentido menos ou mais durativo a [por algum tempo] contextualmente. Vejamos, abaixo, três ocorrências:

- (18) Segundo o relato deles, eles entraram, amarraram a vítima e colocaram uma mordaça. Ela foi colocada no banheiro, conseguiu cuspir a mordaça e começou a clamar por socorro. Nesse momento, eles a esfaquearam e cortaram seus pulsos”, disse. Rodovalho pontuou que minutos depois, **após a vítima agonizar por algum tempo**, eles cobriram Thelma com um cobertor embebido com álcool e atearam fogo.

²⁴ Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/corpo-de-rubens-ewald-filho-sera-velado-na-cinemateca-brasileira-06102019>. Acesso em: 17 nov. 2020.

²⁵ O termo *type* faz referência a um dos padrões construcionais de [por x tempo], isto é, as situações em que X é preenchido por um pronome indefinido.

- (19) Miguel diz a Lupita que não pode prometer em quanto tempo solucionará seus problemas, mas diz que logo voltarão a estar juntos. Matilde diz a Ana Sofia, Leonardo e Frida que são dependentes de Miguel Ângelo e precisam pensar em arrumar trabalho. Alex passa a mansão para Minerva e Isabela. Jesus cobra de Ana Sofia o dinheiro da festa de casamento. Angustiada, ela fala de sua situação e Jesus pergunta por que não trabalham. Miguel fala com a família e diz que **vai se afastar por algum tempo** e pede a eles que comecem a pensar em arranjar um emprego²⁶.
- (20) Um dos grandes ensinamentos de Gêmeos é o foco, a parte disciplinadora. Portanto, use o foco, os objetivos como combustível para cuidar do dinheiro este mês – nada de entrar na livraria e sair com 3 livros, sendo **que ficarão empilhados na estante por algum tempo**²⁷.

Em (18), percebemos que *por algum tempo* faz referência a um evento de pouca duração. Esse sentido está relacionado ao conhecimento que temos sobre esse tipo de acontecimento. Trata-se de uma situação de assassinato, em que a vítima, após ter sido esfaqueada e ter seus pulsos cortados, não sobreviverá por muito tempo. Em (19), por sua vez, a construção remete a um tempo impreciso e altamente subjetivo, sendo bastante discutível se o afastamento de Miguel deve ser interpretado como curto ou longo. Na verdade, podemos, inclusive, admitir que o próprio Miguel não tenha ciência do tempo de seu afastamento, o que favorece o uso de “algum”, no lugar de “pouco” ou “muito”, por exemplo. Por fim, em (20), a construção favorece uma leitura mais durativa, em virtude do nosso conhecimento: os livros tendem a ficar nas estantes por um longo período. No entanto, embora favoreça esse tipo de leitura, há outra possibilidade de interpretação, em virtude do traço relativamente impreciso da ação. Contrariamente à situação descrita em (18), em que a morte não está sob o controle do

²⁶ Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/capitulo-da-novela/2018/09/que-pobres-taoricos-resumo-dos-capitulos-de-01-a-05-de-outubro-de-2018>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

²⁷ Disponível em: <https://blog.jovempain.com.br/mulheresdapan/as-energias-de-venus-em-gemeos-para-amor-e-dinheiro/>. Acesso em: 16 de nov. 2020.

desejo da vítima, em (20), há a possibilidade de os livros não ficarem muito tempo parados na estante antes de serem lidos. Em síntese, [por algum tempo] pode assumir contornos menos ou mais durativos de acordo com o contexto ou, ainda, permanecerem com sua duração indefinida, imprecisa.

4.4 [por x tempo] e a polaridade da oração

Normalmente, a polaridade negativa da oração acarreta o não acontecimento de um evento. Quando contrapomos, por exemplo, “beba leite” a “não beba leite”, observamos que, na segunda frase, o evento não ocorre.

No entanto, algumas estruturas adverbiais, como os advérbios aspectualizadores durativos, por exemplo, afetam o escopo da negação de duas maneiras distintas. De um lado, não há mais a negação da ação; de outro, altera-se a perspectiva da duração para uma intensidade diametralmente oposta. Vejamos, como ilustração, duas ocorrências:

- (21) Você precisa de um plano de ataque, o que significa a criação de um plano escrito para ganhar o cliente de volta. Coloque para fora referenciais e prazos para fazer um check-in com seu cliente. **E não espere por muito tempo.** Muitas vezes, as empresas cometem o erro de esperar 1 ano ou 2 antes de se reaproximar de um cliente perdido. E isso é um grande erro²⁸.
- (22) No início de seu discurso na 39ª reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), o chamado Conselhão, Guido Mantega, ministro da Fazenda, já adiantou que não trazia apenas notícias boas. “O cenário da economia mundial não melhorou”, disse. Segundo ele, os países avançados continuam “empurrando seus problemas com a barriga”. “**O cenário externo continuará ruim, e não por pouco tempo.** Os problemas não serão

²⁸ Disponível: <https://www.agendor.com.br/blog/como-recuperar-clientes-perdidos/?print=pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

resolvidos no curto prazo”, completou²⁹.

Em (21), temos a oração “e não espere por muito tempo”. Como podemos perceber, a negação não incide sobre a anulação do evento – isto é, o interlocutor, para quem a mensagem se dirige, ainda deve esperar –, mas, sim, sobre a sua duração, que passa a assumir um significado diametralmente oposto: o interlocutor pode até esperar, mas por pouco tempo. Em (22), por sua vez, a ação já está declarada afirmativamente no início do período, quando o entrevistado esclarece que “o cenário externo continuará ruim”. Na segunda oração desse mesmo período, em que o verbo está elíptico – “e não por pouco tempo” –, entendemos que a negação atua sobre a duração do evento. Poderíamos, inclusive, parafrasear o período do seguinte modo: “O cenário externo continuará ruim, e por muito tempo”.

4.5. Propriedades construcionais [por x tempo]

Nesta subseção, apresentamos, de forma sintética, as propriedades da forma e da função da construção [por x tempo], abstraídas a partir dos dados investigados.

Vejamos, no quadro a seguir, essas informações:

Quadro 5 – Propriedades construcionais [por x tempo].

FORMA	Propriedades morfológicas	- Composto pelos seguintes elementos: preposição “por” + pronome indefinido (algum, pouco, muito e nenhum) + substantivo abstrato “tempo”; - Assume função de advérbio (de tempo).
	Propriedades sintáticas	- Mobilidade posicional: pode antepor-se ou pospor-se ao verbo; - É um modificador do verbo, de caráter aspectual; - Nas estruturas coordenadas, pode fazer referência a um ou mais verbos (dependendo de questões de ordem semântica).

²⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/mantega-reconhece-impacto-de- crise-externa-em-emergentes/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FUNÇÃO	Propriedades semânticas	- contém uma ideia de trajetória temporal, o que promove a noção de cursividade à construção em uma perspectiva escalar: do menos ao mais durativo.
	Propriedades pragmáticas	- pode assumir uma expressão aspectual cursiva ou iterativa, quando associada à classe acional dos verbos de processo culminado; - pode significar a “superação” de um evento anterior, que não mais condiz com a realidade atual, quando em referência à classe acional do tipo processo culminado; - quando remete a classe acional do tipo culminação, admite um duplo ato referencial, pois associamos ao evento duas ações, uma explicitamente designada pelo verbo e outra inferida pragmaticamente no discurso (normalmente, de natureza antonímica) ou disponível no contexto linguístico imediato; - pode ter sua duratividade dependente de fatores contextuais de diferentes naturezas, como a polaridade da oração em que a construção ocorre e o frame temporal a que o verbo pertence.
	Propriedades discursivo-funcionais	- ocorre em todas as sequências textuais, mas são mais predominantes na narrativa.

Fonte: elaboração própria.

Para a apreciação desse quadro, gostaríamos, inicialmente, de ressaltar que, embora o modelo construcional com que trabalhamos preveja a descrição das propriedades fonológicas, optamos, neste trabalho, por desconsiderá-las. Justificamos nossa escolha com o fato de lidarmos apenas com dados da modalidade escrita, que nos parecem insuficientes para uma generalização dessa ordem. Além disso, gostaríamos de esclarecer que, uma vez que muitas dessas propriedades já foram tratadas nas subseções anteriores, não as descreveremos mais nesta subseção. Por isso, manteremos o foco nas informações que estão em negrito no quadro 5³⁰.

Nas propriedades sintáticas, reconhecemos que [por x tempo], nas estruturas de coordenação, pode fazer referência a um ou mais eventos expressos. Como

³⁰ Embora também não tenhamos explicado, ao longo do texto, as propriedades morfológicas citadas no quadro, não tratamos delas aqui, uma vez que as consideramos óbvias a quaisquer estudiosos da língua.

podemos observar em (23), logo abaixo, *por pouco tempo* refere-se tanto ao verbo “ver” quanto ao verbo “conviver”, ambos coordenados pela conjunção aditiva “e”. Por sua vez, em (24), *por algum tempo* remete-se apenas ao último verbo – “ficar” –, muito embora “ficar” esteja coordenado a “chegar” por meio do mesmo recurso sintático empregado em (23). Nesse caso, a restrição do sentido durativo do advérbio ao último verbo se dá em virtude das propriedades semânticas do primeiro, que é télico e não durativo (uma culminação).

- (23) Luana Piovani ainda falou sobre a tarefa de cuidar dos três filhos com Pedro Scooby sozinha. “Isso para mim é uma dádiva. Ele só que vem visitar. **Ele que vai ver e conviver por pouco tempo**. Eu não encaro como ‘vítima’, eu encaro como um prazer”, disse³¹.
- (24) Neste sábado o presidente do PSDB de Itabuna, José Adervan, almoçou com o vereador e pré-candidato a prefeito Wenceslay (PC do B). Durante o almoço o ex-prefeito Fernando Gomes (PMDB), **chegou e ficou por algum tempo na mesa**³².

Ainda sobre esse aspecto, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que a anteposição da construção [por x tempo] aos verbos de uma estrutura coordenada também pode impactar a significação. Como ilustração, observemos o dado (25):

- (25) Enquanto um xamã do meu povo, eu estava renegando o meu dom e os meus ancestrais! Com o meu dom eu ainda podia ajudar muita gente na minha comunidade e, se eu viesse embora, estava renegando esse dom. Ao pensar tudo isso, **sentei e chorei por algum tempo**, depois olhei para o céu e agradei a Deus e aos meus ancestrais e aos espíritos da Floresta por não me deixar desistir de lutar³³.

³¹ Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/luana-piovani-descobre-namoro-de-anitta-com-ex-marido-de-forma-surpreendente-toma-atitude-radical-e-publico-reage/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

³² Disponível em: <http://www.politicosdosuldaBahia.com.br/v1/2012/06/02/itabuna-o-almoco-de-adervan-e-wenceslau/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

³³ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/603934-arvores-centenarias-nao-tem-como-fugir-do-incendio>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Em (25), em “sentei e chorei por algum tempo”, remetemos a expressão adverbial somente ao último verbo, em virtude da natureza atélica e não durativa do verbo “sentar”: eu chorei por algum tempo, mas posso ter permanecido sentado depois de ter chorado, por exemplo. Caso deslocássemos *por algum tempo* para o início da oração “por algum tempo, sentei e chorei”, observaríamos a ação da expressão adverbial sobre os dois verbos. Apesar de “sentar” ser atélico e não durativo, sua proximidade a *por algum tempo* leva-nos à associação das duas formas. Sendo assim, diferentemente da ocorrência original, em que o enunciador pode ter permanecido sentado (ou não) após ter chorado, nesta nova versão, ele necessariamente não permaneceu sentado depois de chorar.

Apesar de o emprego de critérios formais não ser usual na pesquisa que desenvolvemos – pois nos identificamos com a empiria –, tomamos a liberdade de propor o deslocamento de *por algum tempo* acima porque não encontramos, nos nossos dados, um caso em que [por x tempo], em posição anteposta, fizesse referência a uma estrutura coordenada. Entendemos que, nesse caso, nossa intuição de usuário da língua seja suficiente para ilustrar que estamos diante de uma estrutura sintática e semanticamente composicional no português brasileiro e, por isso, mereça ser descrita.

Por fim, tratemos das propriedades discursivo-funcionais, mais especificamente, das sequências tipológicas em que encontramos a construção [por x tempo]. Mostraram-se muito mais recorrentes nas sequências narrativas – haja vista a própria natureza cronológica dessa sequência, que pressupõe a passagem do tempo –, mas também foram observáveis nos outros tipos de sequência. Como ilustração, vejamos as ocorrências (26) a (30):

- (26) Achei em plena Serra do Cipó (Lourinha e Sônia viram!) numa caminhada no meio do nada, uma moeda: de 1984, limpa e brilhante no mato. 50 cruzeiros, que eu não via há muitos anos e que com certeza **estava ali por muito tempo**. Afinal, quem carregaria pra uma caminhada ecológica uma moeda destas? Virou minha moeda da

sorte... pois a COINcidência foi grande demais pro meu gosto³⁴.

- (27) As políticas públicas para o idoso, que **por muito tempo estiveram em segundo plano**, hoje, ganham visibilidade por meio de ações inclusivas, que resultam em oportunidades e geram perspectivas de reinserção social³⁵.
- (28) Você precisa de um plano de ataque, o que significa a criação de um plano escrito para ganhar o cliente de volta. Coloque para fora referenciais e prazos para fazer um check-in com seu cliente. **E não espere por muito tempo**. Muitas vezes, as empresas cometem o erro de esperar 1 ano ou 2 antes de se reaproximar de um cliente perdido. E isso é um grande erro³⁶.
- (29) E assim ficamos por longos minutos, até que foi legal, consegui me redimir e ainda ganhei sua amizade... **Andamos por tanto tempo**. Já escurecia quando me joguei no pé de uma árvore infeliz, com certeza Bill já estava dormindo de cansaço (sim, eu o apelidei de Bill, sem ele saber, claro)³⁷.
- (30) Nós recebemos praticamente metade dos africanos escravizados. Cada dia esses dados mudam, mas pelo site *Slave Voyages* são 12 milhões de africanos e africanas que deixaram o continente. Um pouco mais de 10 milhões chegaram às Américas e, desses, 4,8 milhões vieram para o Brasil. É um número muito avassalador. Por outro lado, tivemos escravizados no território inteiro e fomos o último país a abolir a escravidão mercantil. Não existe país democrático quando **ele manteve a escravidão por tanto tempo**³⁸.

³⁴ Disponível em: <https://raphaelfraga.wordpress.com/2009/04/16/achado-nao-e-roubado/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

³⁵ Disponível em: <https://www.portalsaudenoar.com.br/governo-faz-inclusao-digital-de-idosos/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

³⁶ Disponível: <https://www.agendor.com.br/blog/como-recuperar-clientes-perdidos/?print=pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

³⁷ Disponível em: https://fanfiction.com.br/historia/712485/Em_Busca_das_Asas_de_Eros/capitulo/3/. Acesso em: 17 nov. 2020.

³⁸ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/sempre-fomos-autoritarios-diz-lilia-schwarcz/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

Em (26), temos uma sequência descritiva destacada de um evento narrativo. O narrador, ao achar uma moeda antiga durante a sua caminhada, a descreve: limpa e brilhante no mato; 50 cruzeiros; que estava ali *por muito tempo*. Durante a descrição, há uma suspensão da progressão da narrativa. *Por muito tempo* faz referência, inclusive, a um verbo de natureza estática, que não promove a progressão do tempo.

Em (27), temos uma sequência expositiva, em que o enunciador traz informações sobre um tema (políticas públicas para idosos), encadeadas por meio de relações lógicas. Nessa ocorrência, *por muito tempo* ocorre numa oração adjetiva que atua como um detalhamento do assunto.

Em (28), temos uma sequência injuntiva, caracterizada pela interpelação ao interlocutor. Quando o enunciador diz “não espere por muito tempo”, ele busca desencadear um novo comportamento, uma nova forma de agir, em seu interlocutor.

Em (29), temos uma sequência narrativa, caracterizada pela progressão temporal. Podemos observar uma relação de anteposição e posposição entre os eventos expressos no texto. Por fim, em (30), temos uma sequência argumentativa, em que podemos identificar o traço de opinião em “número muito avassalador” e inferir a expressão de um ponto de vista em “não existe país democrático quando ele manteve a escravidão por tanto tempo.”

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos descrever as propriedades formais e funcionais da construção [por x tempo], dando especial atenção às questões aspectuais. Como vimos, [por x tempo] é um recurso sintático para a expressão do aspecto cursivo e/ou iterativo no português.

A atribuição do aspecto cursivo e/ou iterativo depende da acionalidade do verbo. Embora a semântica de [por x tempo] seja de natureza cursiva – já que pressupõe um trajeto no tempo –, a interação entre seu valor durativo e o valor télico

do verbo suscita uma leitura iterativa, como pudemos observar em nossos dados. Outrossim, vimos que a cursividade deve ser tratada sob uma perspectiva escalar, que vai do menos ao mais durativo.

A interpretação da escalaridade da cursividade (do menos ao mais durativo), muitas vezes, depende de fatores contextuais. A elevada indefinição do pronome “algum”, por exemplo, em comparação aos pronomes *pouco*, *muito* e *tanto*, exige uma observação mais atenta do contexto para a identificação da quantidade de tempo. Há casos em que [por algum tempo] faz referência a ações menos durativas; outras, a mais durativas; outras, ainda, a situações em que a duração permanece imprecisa.

Na classe acional do tipo culminação, notamos que há um duplo ato referencial. [Por x tempo], uma estrutura de valor durativo, ao se referir a um verbo télico e não durativo, leva-nos a desdobrar um mesmo evento em duas ações, uma explicitamente designada pelo verbo e outra inferida pragmaticamente no discurso ou disponível no contexto linguístico imediato.

As construções [por x tempo], quando aparecem em orações de polaridade negativa, apresentam uma interpretação diametralmente oposta para o sentido do pronome indefinido. Sendo assim, dizer “não espere por muito tempo” pode ser interpretado como possuindo o mesmo valor referencial de “espere por pouco tempo” ou, ainda, “não espere”. Paralelamente, podem fazer referência a um ou mais verbos quando em estruturas coordenadas, bem como podem ser antepostas ou pospostas aos verbos. Além disso, apresentam-se nas diferentes sequências tipológicas, mas com predomínio na narrativa.

Referências Bibliográficas

ALI, M. S. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2008 [1957].

BASSO, R. M. Telicidade e detelicização. **Revista Letras**, Curitiba, n. 72, p. 215-232, 2007. DOI <https://doi.org/10.5380/rel.v72i0.7542>

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Vozes, 1970.

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

CÂMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Padrão, 1985.

CASTILHO, A. T. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. **A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: Chicago University Press, 1995.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O Verbo. *In*: ILARI, R. (org.). **Palavras de Classe Aberta**. Coleção Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

LACERDA, P. F. A. da C. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. **Revista Linguística**, volume Especial, p. 83-101, 2016.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.

OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. da C.. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2015.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, New York: Cornell, 1967. DOI <https://doi.org/10.7591/9781501743726>

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos Estudos da Linguagem**, Campinas, n. 48, v.2, p. 211-232, 2006. DOI <https://doi.org/10.20396/cel.v48i2.8637179>

Artigo recebido em: 29.11.2020

Artigo aprovado em: 30.08.2021



O uso da construção “#SóQueSim” no *Facebook*: uma análise semântico-cognitiva

The use of the “#SóQueSim” construction on Facebook: a semantic-cognitive analysis

Tharlles Lopes GERVASIO*

RESUMO: Neste trabalho, propomos uma análise acerca da construção “#SóQueSim”, recrutada como indicador de ironia em interações estabelecidas por meio de postagens escritas na difundida rede social *Facebook*, gênero digital multimodal. Na rede social em questão, podemos notar grande frequência de uso da construção tema de nosso artigo, principalmente sob a forma das *hashtags* “#SóQueSim” ou “#SQS”. Tomamos por base pressupostos teóricos ancorados na Linguística Cognitiva, sobretudo, a Gramática de Construções, de Goldberg (1995) e a Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002). Buscamos mostrar que as extensões de sentido veiculadoras da ironia – entendida segundo Coulson (2001; 2005) – são fornecidas pragmaticamente, a partir do contexto de uso dessa expressão. A ironia é um recurso linguístico muito utilizado nos mais variados textos da modalidade escrita e oral. A análise revelou que a real compreensão dos efeitos de sentido da construção “#SóQueSim” apenas se torna possível dentro de um dado contexto de

ABSTRACT: In this work, we propose an analysis about the “#SóQueSim” construction, recruited as an irony indicator in interactions established through written posts on the widespread social network *Facebook*, a multimodal digital genre. In this social network, we can notice a high frequency of use of the theme construction of our article, mainly in the form of the *hashtags* “#SóQueSim” or “#SQS”. We base it on theoretical assumptions anchored in Cognitive Linguistics, above all, the Construction Grammar, by Goldberg (1995) and the Conceptual Blending, by Fauconnier and Turner (2002). We also seek to show that the extensions of meaning that convey irony – understood according to Coulson (2001; 2005) – are provided pragmatically, from the context of use of this expression. Irony is a linguistic resource widely used in the most varied texts in the written and oral modality. The analysis revealed that the real understanding of the meaning effects of the construction “#SóQueSim” is only possible within a given context of use, which thus reiterates the importance

* Doutor em Estudos de Língua (UERJ). Professor integrante do Departamento de Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4355-1139>. tharllesloge@gmail.com.

uso, o que reforça, nesse sentido, a importância do cenário comunicativo. Constatamos, também, que “#SóQueSim”, além de marcar discursivamente o efeito de ironia, desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para reiteração das ideias apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Cognitiva. Linguagem Virtual. Gramática de Construções. Ironia. Mesclagem Conceptual.

of the communicative scenario. We also found that “#SóQueSim”, in addition to discursively marking the effect of irony, plays, in the textual portions in which it appears, the role of trigger for reiterating the ideas presented.

KEYWORDS: Cognitive Linguistics. Virtual Language. Construction Grammar. Irony. Conceptual Blending.

1 Considerações iniciais

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise acerca da construção “#SóQueSim”, também tratada como “#SQS”, em postagens extraídas da muito conhecida rede social *Facebook*. A construção em questão se faz presente, em geral, em textos informais e é muito utilizada pelos internautas para indicar não só ironia, mas também reiteração nos *posts*¹ em que aparece.

Com a intenção de melhor compreendermos as possibilidades de sentido dessa construção, que muito se aproxima da modalidade oral de uso da língua, escolhemos publicações que apresentavam “#SóQueSim” nos mais variados contextos discursivos. Assim, foi, também, nossa opção selecionar contextos os quais permitissem que o leitor lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos espaços de sua memória como usuário da língua, para que houvesse, assim, a devida apreensão do papel semântico-pragmático desempenhado pela construção.

Nossa proposta consiste em evidenciar a função desempenhada por “#SóQueSim” como gatilho para expressão de ironia e/ou humor e, ainda, de reiteração em postagens do *Facebook*. Nesse sentido, em razão da característica

¹ Termo, em inglês, amplamente utilizado nas redes sociais, equivalente a “postagem, publicação”.

interacional desse meio de comunicação, tomaremos as postagens como atos de fala que exprimem o posicionamento dos usuários dessa rede social sobre as mais diversas temáticas. Nesse cenário comunicativo, a construção “#SóQueSim” ativa *frames* que possibilitam a conceptualização dos pontos de vistas defendidos.

Esta pesquisa toma por base os princípios fundantes da Linguística Cognitiva. Nossa compreensão do termo “construção” está alinhada com a perspectiva exposta na Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), do mesmo modo que utilizamos os pressupostos teóricos que regem a Mesclagem/ Integração Conceptual, proposta por Fauconnier e Turner (2002). Para melhor entendermos o traço irônico do nosso objeto de estudo, ancoramos nosso trabalho de acordo com o que postula Coulson (2001; 2005) a respeito da ironia.

A fim de cumprirmos nossos objetivos, este artigo se constitui de seis partes. Ao término das nossas considerações iniciais, mostramos, brevemente, as assunções basilares da Linguística Cognitiva. Na sequência, tecemos uma breve discussão a respeito da Mesclagem Conceptual. Após, demonstramos os pilares metodológicos os quais balizam nosso estudo. Em seguida, considerando que os *posts* levantados podem ser compreendidos como atos de fala (AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991), trazemos uma análise descritivo-interpretativa de caráter qualitativo dos dados selecionados, bem como as mesclas para as conceptualizações propostas. Por fim, estabelecemos considerações finais a respeito do nosso trabalho.

2 O aparato teórico da Linguística Cognitiva

Entre os princípios fundantes da Linguística Cognitiva (LC), encontramos a concepção de que a língua reflete princípios que se dão na cognição. Há, então, uma continuidade entre a cognição humana e a linguagem, uma vez que essa é compreendida como uma reação da experiência humana, sobretudo, a corporificada com a realidade que a cerca.

Desse modo, na LC, o sentido é algo construído na mente. Esse sentido passa por constantes categorizações e recategorizações a partir do contato do usuário da língua com o mundo exterior e seus aspectos. O uso da língua gera, assim, inovações (cf. LANGACKER, 1999).

A LC entende que categorias são formadas tendo como ponto de partida a experiência e são agrupadas em protótipos, em que se torna possível a realização de associações imaginativas balizadas no ato de categorizar. Daí, surgem os chamados “esquemas imagéticos” (*image schemas*), que podem ser compreendidos, segundo Croft e Cruse (2004, p. 45), como versões esquemáticas de imagens, isto é, padrões esquemáticos os quais partem de domínios imagéticos – tais como “contêiner, trajetória, ligações, força e equilíbrio” (cf. LANGACKER, 1987) – e que estruturam a experiência balizada no corpo.

Lakoff e Johnson (1999, p. 34) afirmam que a nossa percepção de mundo passa pela nossa orientação corpórea. Desse modo, ao afirmarem que o comunicar tem como base o mesmo sistema de conceitos utilizados na formação do nosso raciocínio e dos nossos atos, os autores citados alegam que “nossos corpos delimitam um conjunto de orientações espaciais que utilizamos não somente na nossa própria orientação, mas na percepção do relacionamento de um objeto com o outro”.

Vale ressaltar, ainda, que, embora nos fins dos anos 70, a LC tenha ganhado peso como posição linguística, nunca se caracterizou como uma teoria unificada da linguagem. Isso significa dizer que a LC é, portanto, um “arquipélago”, como assevera Geeraerts (2006, p. 2), por conglomerar, em seu interior, diversas abordagens que coincidem entre si em suas assunções fundamentais.

Ressaltemos, pois, que Geeraerts (2006, p. 3) atenta para a questão de que é necessária uma distinção clara entre Linguística Cognitiva – grafada com letra maiúscula –, nossa base teórica, e linguística cognitiva – grafada com letra minúscula –, a qual se refere a todas as abordagens em que línguas naturais são estudadas como

um fenômeno mental. O pesquisador reitera sua observação afirmando que a LC é, porém, um campo de pesquisa linguística existente dentro do campo da linguística cognitiva.

O que traz a especificidade da LC no campo da linguística cognitiva enquanto ciência e como um modelo que em muito se afasta de abordagens formais são, basicamente, quatro pilares (GEERAERTS, 2006, p. 4 – 6):

- 1) “O significado linguístico é perspectívico”, isto é, o sentido não é apenas um reflexo objetivo do mundo, mas também uma forma de moldar o mundo.
- 2) “O significado linguístico é dinâmico e flexível”. Isso ocorre devido ao fato de que, apesar do sentido ter relação com o moldar do mundo externo, nós temos que lidar com as modificações ocorrentes no mundo.
- 3) “O significado linguístico é enciclopédico e não-autônomo”, ou seja, nós construímos o sentido na língua e por meio dela. Esse sentido não é um módulo desvinculado da mente; mas sim uma resposta de toda nossa prática como ser humano.
- 4) “O significado linguístico é baseado no uso e na experiência”. A experiência linguística é uma experimentação de real uso da linguagem. Assim, a LC preconiza um modelo de gramática centrada no uso, isto é, uma gramática emergente do uso real da língua e que considera aspectos discursivo-pragmáticos atuantes na interação.

Nesses modelos centrados no uso, é na dimensão simbólica de uma língua que encontramos sua essência, justamente porque sua estrutura linguística é originária do

uso (cf. TOMASELLO, 2003). Em outras palavras, essa abordagem exalta o posicionamento de que a apreensão de estruturas linguísticas tem associação com seu uso real.

Resumidamente, a LC problematiza o caráter arbitrário da análise formalista para significado dos termos, ressaltando, ao contrário, que não é adequado olhar para a forma de algo e ditar seu significado. Em outras palavras, a LC denuncia, de certa maneira, a impossibilidade de se ter uma semântica desvinculada de um contexto pragmático. Dentro do grande bojo da LC, para o estudo da construção #SóQueSim, consideramos necessária a compreensão da Mesclagem Conceptual, também referida como Integração Conceptual.

3 Mesclagem Conceptual

Como discurremos, o sistema de conceituação do ser humano possui grande potencial simbólico, o qual, por sua vez, incide sobre a construção dos sentidos. De acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 6), isso se deve a três operações consideradas básicas e que possuem relação entre si, os três Is da mente humana, a saber: *identidade*, *integração* e *imaginação*.

A capacidade de se notar o que pode ser equiparado ou oposto entre as coisas e ter sensibilidade para observar sua **identidade**, com o propósito de promover relações entre elas ou cercear tais relações, é fruto de uma operação complexa e elaborada que se dá na mente do indivíduo. Em outras palavras, isso não é algo que se encontra apoiado em um ponto inicial primitivo de modo cognitivo, neurobiológico e evolucionário, já que perceber relações identitárias está no campo de um processo muito mais elaborado de **integração** de conceitos. Esse processo, como apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 6), é repleto de propriedades estruturais e dinâmicas e, ainda, restrições operacionais, trabalhando, contudo, rapidamente, sem ser percebido no plano de fundo do cognitivo.

Além disso, **identidade** e **integração** não são capazes de explicar o sentido e seu desenvolvimento na mente humana sem que se lance mão da **imaginação**. Mesmo em caso de falta de estimulação externa, o cérebro consegue elaborar simulações imaginativas, tais como fantasias, cenários, histórias ou sonhos. Em contrapartida, os processos imaginativos que identificamos nesses casos complexos de elaboração do pensamento se fazem presentes inclusive na mais simples construção de sentido, uma vez que os resultados do processo de mesclagem conceptual são sempre imaginativos e criativos.

A conceptualização é, predominantemente, concebida por meio do processo de mesclagem conceptual de espaços mentais interligados, abertos, de maneira dinâmica, ao acionamento de rotinas cognitivas. Essas rotinas corroboram o processamento e a apreensão de tudo o que acontece no mundo.

Os espaços mentais são produtos da elaboração *online* da fala e do pensamento ou, como dissertam Fauconnier e Turner (2002, p. 40), “espaços mentais são pequenos pacotes construídos durante o nosso falar e pensar”². São construtos que possuem como suporte *frames* e modelos cognitivos idealizados (MCIs).

Esses últimos dizem respeito, segundo Lakoff (1987, p. 68), a um complexo conjunto estruturado de representações do conhecimento que pode ser organizado de vários modos. Aqueles, por sua vez, assim como os MCIs, no que tange ao modo como se ligam a organizações complexas do conhecimento, podem ser compreendidos, segundo Fillmore (2006, p. 373), como “qualquer sistema de conceitos relacionados de modo que, para compreender qualquer um deles, deve-se entender toda a estrutura na qual se enquadra”³.

² “Mental spaces are small conceptual packets constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action”.

³ “(...) any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”.

Assim, a Mesclagem Conceptual (MC) consiste em um fenômeno que pode ser entendido como uma operação mental elementar que determina a construção do sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Em outras palavras, a MC é uma atividade mental básica e de característica imaginativa, proveniente de uma conexão de espaços mentais em forma de rede, tendo como formação mínima o envolvimento da projeção de quatro espaços (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Desse modo, entendemos, tal como observamos em Fauconnier (1997), que primordiais para a mesclagem (*blending*) ou integração são a projeção, em parte, dos *inputs*, o mapeamento entre domínios, o espaço genérico, a mescla de entidades ou eventos e a estrutura emergente. Conforme apontam Fauconnier e Turner (2002, p. 92), não estabelecemos espaços mentais, conexões e mesclas por acaso. Pelo contrário, agimos dessa forma porque essas operações nos propiciam um *insight* global, um entendimento em escala humana e, ainda, uma nova significação, fazendo-nos eficientes e criativos.

De acordo com Fauconnier e Turner (2002), a compressão alcançada por meio da mescla entre os elementos, os quais se associam por meio de *relações vitais* específicas, constitui um dos traços mais importantes de nossa eficiência, *insight* e criatividade. Fauconnier e Turner (2002, p. 92-101) apontam algumas das relações vitais normalmente encontradas nas compressões dos processos de integração conceptual, a saber: tempo; espaço; representação; mudança; papel-valor; analogia; desanalogia; parte-todo; causa e efeito; intencionalidade. Algumas dessas relações vitais são recrutadas em nossa análise, recebendo, oportunamente, maior detalhamento.

Embora, para os autores, as *relações vitais* estejam ancoradas no nosso cotidiano, elas são muito menos estáticas e unitárias do que podemos cogitar. Isso porque a MC as comprime e descomprime de maneira contínua, criando, assim, sentidos emergentes.

3.1 A proximidade entre a Ironia e a operação de Mesclagem Conceptual

No decorrer do nosso levantamento de dados, percebemos, por meio de uma primeira leitura do material, que o usuário do *Facebook*, ao empregar a construção “#SóQueSim” no corpo de suas postagens, desejava – sutilmente ou não – manifestar a ironia. De acordo com Neves (2006, p. 81),

a ironia opera uma atividade cognitiva diferente da negação direta, tanto na sua estruturação – o irônico tem função comunicativa, é marcadamente informativo, não envolve escala interpretativa, gera sempre uma implicatura, viola a requisição da informatividade, detona uma operação de processamento duplo –, quanto nos seus efeitos de sentido – por exemplo, enquanto a ironia é uma estratégia de polidez, a negação direta é um ato ameaçador da face. Além disso, a ironia é recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente (pelo menos, de forma tão econômica).

Neves (2006, p. 81) afirma que a ironia é resultado do processamento cognitivo da mesclagem. Nessa operação, haveria, então, a projeção parcial entre dois espaços mentais, os quais, por sua vez, possibilitariam uma correspondência entre elementos análogos (cf. FAUCONNIER, 1997; COULSON, 2001; FAUCONNIER; TURNER, 2002). O que devemos considerar é que, no contexto discursivo permeado de linguagem irônica, como assevera Coulson (2005, p. 8), “o ouvinte é confrontado com uma mescla a qual deve se desempacotar em dois espaços: um espaço de reação esperada e um espaço de gatilho contrafactual”⁴. Sobre as expressões irônicas, Coulson (2005, p. 3) disserta que

declarações sarcásticas são relevantes porque lembram o ouvinte de uma declaração anterior, ou norma compartilhada que rege expectativas. Além disso, essa menção ecóica sustenta que a função

⁴ “(...) the listener is confronted with a blend that she must unpack into two input spaces: an expected reaction space and a counterfactual trigger space”.

comunicativa de um discurso irônico é transmitir a atitude do falante para a declaração ou norma que está sendo ecoada⁵ (COULSON, 2005, p. 3).

Assim, para Coulson (2005), as expressões que indicam ironia são importantes pelo fato de evocarem na mente do ouvinte uma asserção prévia. Tais expressões evocam, ainda, uma espécie de regra compartilhada entre os pares, capaz de cercear expectativas manifestas no momento da elocução.

4 Procedimentos metodológicos

Nossa análise é de caráter, acima de tudo, qualitativo, verificando empregos da construção “#SóQueSim” em produções escritas, em uma perspectiva sincrônica. Optamos pelo gênero – ou subgênero – postagem, por se tratar de um texto de caráter variado – multimodal –, em que o uso da construção em pauta se mostra costumeiro. Nossa procura se deu por meio das formas “#SóQueSim” ou “#SQS”. Para tanto, fizemos uso do espaço para busca, disponível na interface do *Facebook*. Na sequência, filtramos os nossos achados e optamos pela seleção de 14 postagens que apresentavam um maior entorno discursivo no qual estava inserida a instanciação da construção objeto deste estudo. No entanto, em razão do espaço de que dispomos, na análise presente neste artigo, apresentamos apenas alguns dados mais elucidativos, acreditando conseguir explicitar, por meio dos exemplos apresentados, o nosso propósito analítico descritivo-interpretativo, de acordo com os pressupostos teóricos da LC.

Essa escolha possibilitou, portanto, uma melhor observação do contexto. Consideramos o contexto uma atmosfera linguística largamente estabelecida, levando

⁵ “Sarcastic utterances are relevant because they remind the listener of an earlier statement, or shared norm that governs expectations. Moreover, echoic mention theory holds that the communicative function of a sarcastic utterance is to convey the speaker’s attitude towards the statement or norm that is being echoed”.

em consideração propriedades morfológicas, fonológicas, sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas, em concordância com o que apontam Traugott e Trousdale (2013). Desse modo, a construção “#SóQueSim” será analisada de acordo com sua aplicação discursivo-pragmática dentro de dadas conjunturas.

Para uma melhor estruturação, no decorrer da análise, a numeração de figuras é feita de maneira corrida, sem recomeços ou interrupções. Todos os dados têm como fonte o *Facebook*, apresentam mês e ano de publicação indicado entre parênteses ao final do texto e possuem sua autoria ocultada. Da mesma forma, apesar de descritas no corpo da análise, por questões de privacidade, as imagens dos *post* não serão apresentadas.

Em alguns casos, as datas apresentadas ao final do texto da postagem auxiliam na compreensão do momento histórico em que ela foi publicada, ajudando, conseqüentemente, no entendimento do processo de integração conceptual. Além disso, os textos que constituem o nosso *corpus* estão alinhados mais à direita, organizados, também, em uma sequência numérica em ordem crescente. Finalmente, após apresentarmos o percurso metodológico e, igualmente, o aparato teórico no qual nos baseamos, avançamos, agora, para a etapa do trabalho referente à análise da construção “SóQueSim”, de acordo com o que esboçamos.

5 A construção #SóQueSim: análise de dados

Partindo da fundamentação teórica explicitada em seções anteriores, prosseguiremos, agora, à análise da construção “#SóQueSim – referida, nas redes de integração propostas para os *posts*, como “SQS” –, a fim de que se compreenda seus efeitos de sentido ou mesmo a sua função semântico-pragmática ao ser empregada em uma postagem. Em vista disso, como já comentado, apresentaremos apenas os exemplos mais elucidativos do nosso objeto de estudo.

Consideramos que os *posts* analisados em nosso trabalho podem ser conceituados como atos de fala (com base em AUSTIN, 1990; SEARLE, 1991), na medida em que seus usuários não apenas registram, mas demonstram suas atitudes em relação ao que expressam nesse cenário comunicativo. A força de tais atos de fala pode ser oriunda de seu caráter público, que permite o envolvimento de vários participantes nas interações.

Nesta proposta de análise, um espaço mental de ato de fala é aberto para expressão do ponto de vista do internauta do *Facebook*, fornecendo uma base para ativação da rede de espaços para construção do sentido da postagem. Esse espaço de ato de fala abarca aspectos experienciais relacionados a esse tipo de conceptualização, a saber: conhecimento dos atores do cenário comunicativo que interagem via postagens escrevendo, curtindo ou debatendo o conteúdo e seus papéis sociais ou imagem construída. A partir desse espaço de ato de fala, outros espaços mentais para a construção do sentido do conteúdo postado são ativados: conhecimento da realidade social e cultural, bem como conhecimentos armazenados e experienciados sob a forma modelos cognitivos idealizados, são ativados nas redes de integração postuladas.

Em todas as configurações de redes propostas para esta seção, a linha contínua espessa representa a projeção entre os elementos dos inputs ativados para construção de sentido das postagens. As linhas contínuas que ligam os espaços mentais abertos durante o processo de integração demonstram a ativação em conjunto desses espaços. As linhas tracejadas assinalam os elementos projetados seletivamente no espaço mescla, para conceptualização do sentido concebido para o *post*.

O quadrado que envolve toda a rede acionada para construção de sentido das postagens representa a base comum para conceptualização das postagens como atos de fala comunicativos por meio dos quais os usuários do *Facebook* exprimem seus pontos de vista. Nesse sentido, nossa análise aproxima-se de desenvolvimentos da

Teoria dos Espaços Mentais (por exemplo, SANDERS; SANDERS; SWEETSER, 2009) que concebem espaços básicos para comunicação.

Observemos:

(01) O meu marido é o homem mais feliz e sortudo do mundo,,,,, ELE é casado com uma mulher linda e parceira.....ele diz isso pra mim kkkkkkkk será?????

#Soquesim

(07/2015)

O texto apresentado em (01) está acompanhado de uma fotografia na qual há a presença de um homem e de uma mulher abraçados, associada a um subtítulo com a seguinte informação: *5 hábitos dos homens nos casamentos mais felizes– Ser feliz no casamento é uma questão de escolha. A escolha de ter ou desenvolver atitudes que levarão à felicidade conjugal.* Um leitor hábil, mesmo antes de completar sua leitura, em sua *timeline*, naturalmente, lança mão de conhecimentos armazenados em sua memória leitora de modo muito rápido, eficiente e flexível.

Esse tipo de leitor não tem sua visão voltada apenas para o texto em si, mas para todo um conglomerado informacional o qual o possibilita fazer previsões do que espera encontrar ao longo de sua leitura ou, ainda, inferências sobre o que já foi mencionado (cf. LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007). Esses fatores são muito importantes para a compreensão do trecho em análise, visto que nos possibilitam formar hipóteses as quais conduzirão a construção dos sentidos intentados por sua autora.

Assim, observamos, na postagem, que, logo de início, o fornecimento de pistas linguísticas, como “O meu marido é o homem mais feliz e mais sortudo do mundo”, indicam que sua autora tinha por intenção apresentar, lançando mão de um tom humorístico, uma autopromoção de suas qualidades de boa esposa. Podemos conjecturar, ainda, que a grafia do pronome “ELE”, em letras maiúsculas, as quais indicariam, de acordo com *netiqueta* – conjunto de regras básicas que orientam a boa

convivência na internet – falta de decoro por parte da proponente do texto, diferentemente, nesse caso, foi usada apenas para ativar na mente leitora a ideia de que o marido retratado não se trata de qualquer homem, mas de um sujeito “casado com uma mulher linda e parceira”. O conteúdo do *post* ativa um MCI do papel social da “mulher” como esposa ideal.

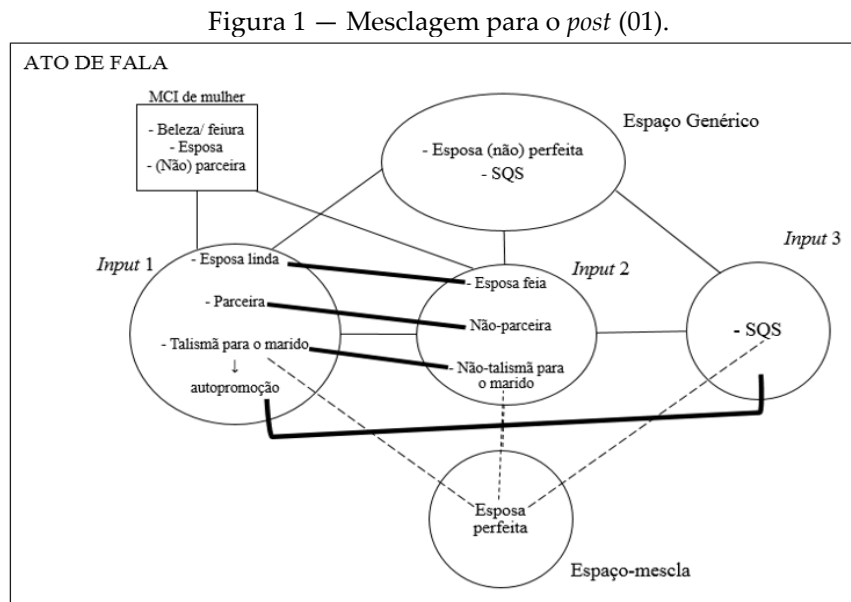
Além da grafia de “ELE”, é possível perceber comicidade no emprego da expressão paralinguística de bastante difusão nas mídias digitais “kkkkkkk”, para indicar riso. Entretanto, é a construção apresentada como último elemento do texto em análise que vai reforçar o pensamento de sua autora como sendo uma esposa distinta das demais. Em outras palavras, esses aspectos formais que expressam o caráter humorístico e a expressão “#SóQueSim” podem ser analisados como uma estratégia da autora do *post* para que houvesse uma melhor recepção leitora da espécie de *marketing* pessoal veiculada na autopromoção. Esse *post* ilustra a concepção proposta por Galli (2010, p. 154) de que a disseminação de informações de quaisquer ordens na *web* não deixa de ser uma forma de *marketing*.

Com base no exposto, elaboramos a seguinte configuração para a rede de integração conceptual de (01):

- Espaço-*input* (1) – Abarca a mulher idealizada e que se autointitula como boa esposa na mídia eletrônica *Facebook*.
- Espaço-*input* (2) – É formado pela imagem de mulher oposta à instituída no espaço-*input* 1.
- Espaço-*input* (3) – Efeitos de sentido produzidos pelo emprego da construção “SQS”.
- Espaço genérico – É estruturado pela configuração de uma esposa (não) perfeita e pela construção “SQS”.

- Espaço-mescla – Apresenta uma mulher que observa a concatenação de diversas mulheres em si mesma e é justamente isso que a faz uma mulher especial e oposta às demais.

Na Figura 1, é apresentada a rede de integração proposta para (01):



Fonte: o próprio autor.

O MCI de mulher como esposa ideal, aliado à imagem e à legenda acerca do homem feliz no casamento, aberto pelo *input1*, também ativa no *input 2* a negação dessa mulher ideal, em razão dos aspectos humorísticos presentes no texto (letras maiúsculas, “kkkkk”, “será?”). A abertura do *input3* para acesso ao sentido da expressão “#SóQueSim” interconectada ao EFEITO de autopromoção do *input 1*, ao invés do sentido irônico, propiciado apenas pela interconexão entre os elementos dos *inputs 1* e *2*, gerará, no espaço mescla, a confirmação do papel social de esposa perfeita.

O ato de fala da postagem (01) envolve as seguintes compressões de relações vitais: (i) CAUSA-EFEITO, visto que uma boa esposa é a causa de um marido sortudo (efeito); (ii) IDENTIDADE, já que a mulher parceira e linda pressupõe a existência de uma

mulher não parceira e considerada não bela; (iii) CATEGORIA, na medida em que, na mescla, reafirma-se a esposa perfeita. A projeção do elemento “esposa não-talismã para o marido” do *input* 2 no espaço mescla fornece o caráter jocoso e irônico do ponto de vista da autora do *post*, cuja intenção é se autopromover. A relação vital de INTENCIONALIDADE está comprimida no papel da construção “#SóQueSim”, que se configura como um gatilho para autopromoção com humor sem passar a impressão de convencimento, que poderia gerar críticas por parte dos leitores.

Vejamos o exemplo (02) a seguir:

(02) Noooooossa! Que sonho! É sonhar demais?!
Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... #SoQueSim Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida ja é tão difícil... maquiagem e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita...e amo maquiagem. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas...pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas.
(12/ 2014)

A postagem (02) é seguida de uma fotografia na qual são apresentados muitos estojos de maquiagem de uma marca importada, de alto custo e muito difundida entre os usuários e profissionais da beleza do mundo todo. Os itens são mostrados no depoimento do escritor do *post* – no caso uma jovem moça que se apresenta maquiada em sua foto de perfil do *Facebook* – como objeto de grande desejo.

A disposição fotográfica dos elementos na postagem, associada a frases iniciais do texto que a antecede, tais como “Noooooossa!”, “Que sonho!” e, ainda, a sentença interrogativa “É sonhar demais?!”, sugere-nos a ativação de um modelo cognitivo idealizado de sonho, isto é, de elementos imagéticos ou fantasiosos que se apresentam durante o sono. Utilizando nosso conhecimento de mundo de que o sonho, muitas vezes, é algo surpreendente e marcante, somos incitados a pensar que a autora do *post* queria deixar bem claro a seus leitores que seu sonho não se tratava de qualquer sonho.

Essa afirmação fica deflagrada até mesmo por meio da estratégia gráfica de repetição da letra “o” para representar a pronúncia com alongamento vocálico do fonema “o” na expressão interjetiva “nossa”, muito utilizada para indicar admiração, surpresa ou espanto. A representação de alongamentos sonoros indica simulação de traço fonológico empregado na modalidade oral de uso da língua.

Recursos como esse, quando na escrita, tendem a aparecer em textos de caráter informal ou em sequências escritas em que se quer chamar, de fato, a atenção do leitor. Essa nos parece ter sido a intenção de sua autora, a qual, no decorrer de seu depoimento, parece buscar a adesão de seus leitores para a aceitação de sua afirmação subsequente “A vida já é tão difícil... maquiagem e coisas de beleza fazem com que eu me sintam bem, me sinto bonita... e amo maquiar”, a qual soa como justificativa para a ideia de que maquiagens importadas como as apresentadas por ela na fotografia servem para dar o *upgrade* que falta para a felicidade de qualquer mulher, razão pela qual a própria internauta indica que vai, em seus termos, “continuar postando essas maravilhas lindas”.

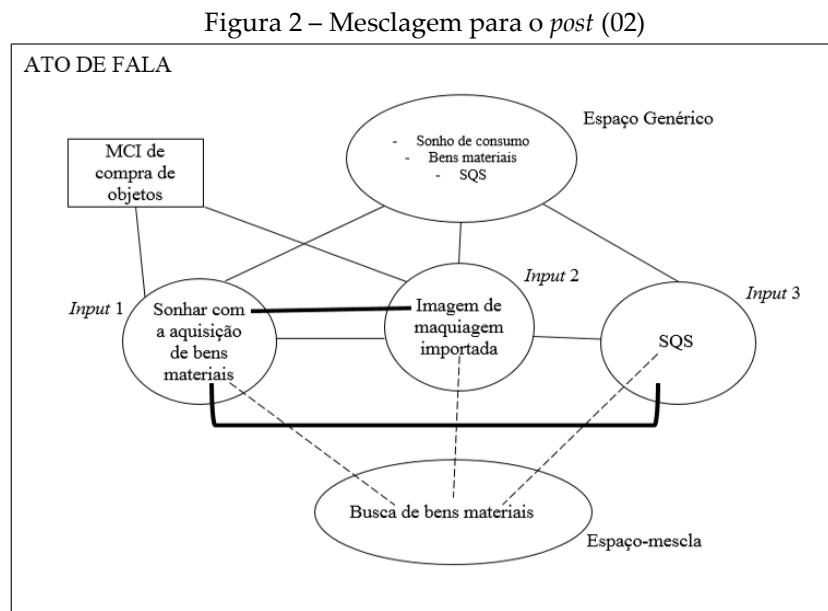
Assim, em (02), podemos observar que a construção “#SóQueSim” foi empregada como uma espécie de “gatilho reiterador” da ideia de que adquirir todas aquelas maquiagens seria algo irreal e, portanto, um sonho: adquirir todos aqueles produtos para uso individual seria algo surreal. Toda essa formação de uma perspectiva de irrealidade anunciada em forma de postagem é também evidenciada devido à sequência de “Kkkkkkkkkkk”, recurso utilizado na linguagem virtual, como já mencionado, para indicar riso e, no caso da instância apresentada, até mesmo deboche ou sarcasmo.

Dessa forma, temos a seguinte configuração de espaços mentais para a rede de integração do *post* (02):

- Espaço-*input* (1) – Apresenta um ideal a ser alcançado, ou seja, de um sonho de consumo. É ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de compra de objetos.

- Espaço-*input* (2) – Aberto pela imagem de uma maquiagem importada. Também é ancorado pelo modelo cognitivo idealizado de compra de objetos.
- Espaço-*input* (3) – Efeitos de sentido produzidos pelo emprego da construção “SQS”.
- Espaço genérico – Concatena traços comuns aos três *inputs*.
- Espaço-mescla – Produz uma imagem seletivamente estruturada da irrealidade, sendo reforçada pelo uso da construção “#SóQueSim”, reiterando a busca de satisfação do sonho de consumo.

Assim, a rede de integração proposta para a conceptualização de (02) é mostrada na figura 2:



Fonte: o próprio autor.

Por meio da análise do exemplo, a partir da mesclagem conceptual, podemos compreender que o pensamento é capaz de ativar e mesclar conceitos que podem envolver propriedades relativas ao real e ao irreal para a apreensão dos sentidos produzidos nas interações. Em (02), a imagem dos produtos (*input2*) abre um espaço

mental de objetos cobiçados, relegados à categoria de sonho (*input 1*), devido ao valor a ser pago. A interconexão entre o sonho de consumo (*input1*) e o sentido da construção “#SóQueSim” (*input 3*) são projetados no espaço mescla, de modo a reafirmar a busca de bens de materiais como forma satisfação pessoal.

O ato de fala da postagem, que exprime o ponto de vista da autora acerca das realizações por meio do consumo, envolve a compressão das seguintes relações vitais: (i) CAUSA-EFEITO, porque o consumo (causa) traria satisfação, alegria (efeito); (ii) ANALOGIA-DESANALOGIA entre sonho (desejo pelo objeto) e realidade (valor do objeto); (iii) INTENCIONALIDADE, marcada pela utilização do “#SóQueSim”, que reitera a busca de bens materiais como um sonho a ser alcançado, permeada de ironia e humor.

Observemos, em seguida, outra ocorrência:

(03) Chora Brasil "de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado, humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras..." Chora Brasil, porque depois desse circo e do "orgulho de ser brasileiro" a conta você vai pagar de qualquer jeito. **#sóquesim**
(06/ 2014)

O *post* (03) apresenta uma espécie de crítica a algo que, provavelmente, estava acontecendo, no período de sua publicação, no Brasil. Tomando por base sua data, podemos inferir que a crítica se refere, então, ao evento da Copa do Mundo de 2014 que ocorria nessa nação. Esse cenário funciona como um *background* referencial para as analogias. Sem esse conhecimento, o trecho poderia ser compreendido como mais uma entre as tantas críticas sobre a realidade brasileira.

Enunciados como “Chora Brasil” ou “a conta você vai pagar de qualquer jeito” servem como pistas textuais para o entendimento da ideia de que autor do *post* quer, realmente, mostrar a seus leitores que abrigar tal evento consistiria em um erro. Assim, além de uma opinião negativa, o autor parece querer interagir com seu leitor, de modo

a conscientizá-lo do fato de que abrigar os jogos da Copa do Mundo no Brasil, o qual se encontra em constante situação de caos tanto social quanto econômico, não é algo bom e muito menos rentável.

Em “de um povo Alienado, resistente, enganado, fadigado (*sic*), humilhado, explorado e massacrado, pela crença na felicidade e das gerações futuras...”, o autor parece querer ser mais severo em sua crítica, valendo-se do recurso gráfico das aspas para introduzir em seu trecho o que parece ser uma citação ou apenas destaque aos vários qualificadores, em sua maioria, com semântica negativa, utilizados em referência ao povo brasileiro.

Outro fator que merece ser destacado é a grafia com inicial maiúscula em “Alienado”. Essa grafia nos remete à chamada “maiúscula alegorizante”⁶, a qual proporciona um destaque especial à palavra no trecho, destacando-a aos olhos do leitor durante a leitura, de modo a enfatizar a alienação do povo brasileiro. Para o autor, o povo brasileiro, portanto, vive alheio, sem compreender ou conhecer os fatores sociais, políticos e culturais que o circundam.

Um ponto alto de sua crítica é marcado pela menção ao termo “circo”, em referência ao evento da Copa, seguido da famosa máxima “orgulho de ser brasileiro”, muito difundida no país, aludindo ao grito que costuma entoado em todos os jogos da seleção brasileira de futebol: “Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”. A expressão “orgulho de ser brasileiro”, com o emprego das aspas, soa também de forma irônica, reforçada discursivamente por meio da construção “#SóQueSim” ao final do trecho.

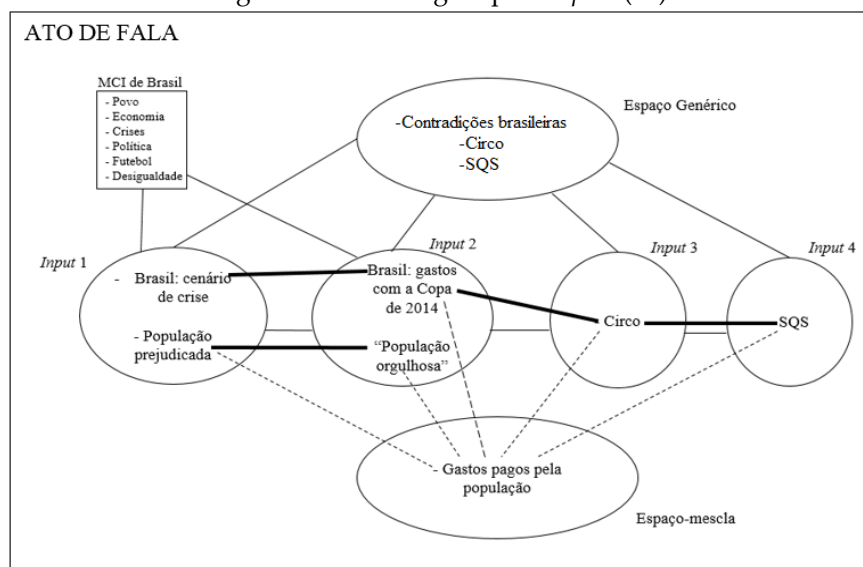
Para conceptualização da postagem (03), foram postulados os seguintes espaços mentais:

⁶ Recurso muito utilizado na literatura pelo movimento literário *Simbolismo*, sem que haja razão gramatical para isso, mas com o intento de enfatizar, destacar um termo específico no texto.

- Espaço-*input* (1) – Contém elementos relativos ao enquadre cognitivo de cenário de crise e de população prejudicada, ancorado pelo MCI de Brasil.
- Espaço-*input* (2) – Reúne elementos relativos ao enquadre cognitivo de gastos com a Copa do Mundo e da “população orgulhosa”. Ancorado, também, pelo MCI de Brasil.
- Espaço-*input* (3) – É estruturado com elementos do *frame* de circo.
- Espaço-*input* (4) – Aberto pelo emprego da construção “SQS”.
- Espaço genérico – Abarca o conteúdo comum aos *inputs* 1 e 2, referenciado na representação como contradições brasileiras, noção de circo e a construção “SQS”. A base de conhecimento sobre o cenário brasileiro tem como gatilho os adjetivos utilizados pelo autor para se referir ao povo.
- Espaço-mescla – Evoca uma crítica ativada pelos elementos projetados dos *inputs*, tendo a construção “#SóQueSim” papel de sinalizador de ironia moderada.

A rede de integração postulada para conceptualização de (03) é exposta na Figura 3:

Figura 3 – Mesclagem para o *post* (03).



Fonte: o próprio autor.

A defesa de ponto de vista contrário aos gastos com a Copa de 2014 por parte do autor da postagem resulta da projeção das interconexões entre os elementos dos quatro *inputs*. A ativação dos *inputs* 3 (circo) e 4 (“SQS”) abarca elementos fundamentais à construção de uma crítica permeada de ironia. A postagem é fundamentada pela compressão da relação vital de INTENCIONALIDADE, dado o caráter panfletário da crítica com gastos da Copa de 2014.

Esse processo de mesclagem envolve ainda a compressão das seguintes relações vitais: (i) CAUSA-EFEITO, pois pagar a conta de qualquer jeito, como citado pelo autor, é o efeito de ter participado/apoiado a Copa de Mundo de 2014 no Brasil, a qual constitui a causa; (ii) IDENTIDADE, uma vez que os vários adjetivos utilizados para nomear o povo brasileiro o comprimem em um único indivíduo; (iii) CATEGORIA, com base na compressão PAPEL-VALOR, pois indivíduo que tem “orgulho de ser brasileiro” passa a ser o mais prejudicado, porque arca com os custos do evento do mundial; (iv) SIMILARIDADE, visto que o episódio da Copa do Mundo, na visão do autor, muito se assemelha a um espetáculo circense.

6 Considerações finais

De acordo com o que apresentamos, no que diz respeito às redes de integração conceptual elaboradas para explicitar a construção de sentido das publicações analisadas, constatamos uma adequação de nossa opção por esse recurso analítico, sobretudo, devido à postulação da compreensão das relações vitais ativadas nos espaços de entrada e no espaço-mescla.

Em nossas análises, identificamos que a compreensão da força discursivo-pragmática, em especial, no que tange à ironia, é algo complexo. Isso se deve ao fato de que, para chegar a um entendimento, o leitor necessita acionar compartimentos cognitivos não só referentes às questões linguísticas, mas também, em muitos casos, extralinguísticas. O interlocutor necessita, nesse sentido, lançar mão do maior

conhecimento de mundo possível, com vistas a facilitar o processo de ativações cognitivas, no qual são acionados os mais variados domínios e molduras organizacionais da mente.

Devido a isso, pudemos perceber, em determinado momento da análise de dados que, além da carga semântica de ironia, “#SóQueSim” tem seu papel pragmático também marcado como uma forma de endosso ou reiteração das proposições presentes nos contextos discursivos das publicações. Nesses termos, notamos que essa *hashtag* funciona, portanto, nas postagens em que aparece, como um gatilho que reforça o assunto abordado no texto.

Constatamos, também, que a construção “#SóQueSim” colabora com a formação da rede de integração conceptual, uma vez que reativa, na memória do conceptualizador, possíveis características que ratificam o que foi dito no corpo da postagem. Ressaltemos, pois, que as informações disponíveis ao acesso do leitor só se fazem compreensíveis se realizadas dentro de um dado contexto de uso, reafirmando, com isso, a importância do cenário comunicativo.

Desse modo, nosso trabalho nos permitiu comprovar a pertinência da escolha da rede de integração conceptual para a análise das postagens, visto que esse modelo analítico propiciou a descrição da criatividade presente em seu processo de elaboração. Também, nosso estudo contribuiu, de algum modo, para a formação de leitores proficientes, no sentido de operar com o processamento cognitivo do recurso da ironia. Por fim, foi possível, ainda, mostrar, neste texto, que a integração conceptual é capaz de elucidar raciocínios encontrados na fusão dos elementos multimodais e textuais dos *posts*.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas 1990.

COULSON, S. **Semantic Leaps: Frame-shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction**. New York: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

COULSON, S. **Sarcasm and the Space Structuring Model. The Literal and the Nonliteral in Language and Thought**. Berlin: Lang, 2005.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803864>

FACEBOOK. Rede social. Disponível em: www.facebook.com. Acesso: maio 2014 a dez. 2015.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220>

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think: conceptual blending and the mind`s hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: GEERAERTS, D.; DIRVEN, R.; TAYLOR, J. R. (org.). **Cognitive Linguistics Research 34**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-399. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110199901.373>

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GEERAERTS, D. **Cognitive linguistics: basic readings**. Germany: Mouton de Gruyter, 2006. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110199901>

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987. DOI <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1. California: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 2. California: Stanford University Press, 1999.

LIBERATO, Y.; FULGÊNCIO, L. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, M. A. G. **Aspectos cognitivos na constituição da ironia**. 2006. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) -Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

SANDERS, T., SANDERS, J., SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. *In*: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (org.). **Causal categories in discourse and cognition**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2009. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110224429.19>

SEARLE, J. R. **Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem**. Coimbra: Almedina, 1991.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language: a usage-based theory of language acquisition**. USA: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

Artigo recebido em: 31.10.2020

Artigo aprovado em: 12.04.2021

Construções idiomáticas com o verbo pagar no português brasileiro

Idiomatic constructions with the verb *pagar* (to pay) in Brazilian Portuguese

Jussara ABRAÇADO*

Eduardo Santana MOREIRA**

RESUMO: Neste artigo, com o suporte teórico da Linguística Cognitiva, mais especificamente, da Gramática Cognitiva, são analisadas ocorrências de construções idiomáticas com o verbo *pagar* levantadas em diferentes sites da internet com o auxílio da ferramenta de busca Google. Como resultados (i) demonstra-se que tais construções idiomáticas decorrem da construção esquemática SN TRANSFERIR SN PARA SN que, por sua vez, provém de construção ainda mais esquemática SN V SN SPREP; (ii) são explicitadas peculiaridades no uso das construções levantadas, relações que mantêm entre si, no que diz respeito ao encadeamento de significados e a contextos de usos relacionados ao surgimento das construções analisadas; (iii) é formulada a rede construcional do verbo *pagar* contendo as construções em questão.

ABSTRACT: In this paper, with the theoretical support of Cognitive Linguistics, more specifically, Cognitive Grammar, we analyze occurrences, in Brazilian Portuguese, of idiomatic constructions with the verb *pagar* (to pay) collected on different internet sites with the help of the Google search tool. As a result, (i) we demonstrate that such idiomatic constructions result from the schematic construction NP TRANSFER NP TO NP which, in turn, comes from an even more schematic construction NP V NP SPREP; (ii) we explain the peculiarities in the use of these constructions as well as the relationships they maintain among themselves with regard to the chain of meanings and contexts related to the emergence of these constructions; (iii) we formulated the constructional network of the verb *pagar* (to pay) containing referred constructions.

* Professora Titular de linguística da Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1050-9500>. mjabracadoalmeida@id.uff.br.

** Mestre pela Universidade Federal Fluminense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9840-5625>. eduardo.santana3@yahoo.com.br.

PALAVRAS-CHAVE: Construções idiomáticas. Verbo *pagar*. Gramática Cognitiva. Português brasileiro.

KEYWORDS: Idiomatic constructions. Verb *pagar* (to pay). Cognitive Grammar. Brazilian Portuguese.

1 Introdução: etimologia e usos do verbo *pagar*

Os primórdios do verbo *pagar* remontam o sânscrito *paçus* (ovelha/carneiro), *pecus* em latim, com origem nas transações comerciais que eram praticadas, tomando-se por base o carneiro, a ovelha e, posteriormente, o gado, que serviam de moeda de retribuição. *Pacãre* no latim vulgar, seguindo os temas *pax* e *pacis*, licenciou os sentidos de apaziguar, acalmar e satisfazer ajustados à situação de dívida: pagando-se o que se deve, fica-se em paz com a consciência e com os credores (BUENO, 1968).

Para Sacconi (2010), a acepção desse verbo, em português, relaciona-se à ideia de dar dinheiro em troca de mercadorias, de liquidar, de retribuir, de recompensar e de gastar. Sendo assim, os falantes podem utilizá-lo com o sentido de transferir um valor monetário, como no seguinte exemplo¹:

(1) “Giuliani diz que Trump pagou por silêncio de atriz pornô.
(<https://www.dw.com/pt-br/giuliani-diz-que-trump-pagou-por-sil%C3%A0ncio-de-atriz-porn%C3%B4/a-43632519>)

Sacconi (2010) lista ainda algumas expressões populares, entre as quais, estão *pagar sem bufar*, *pagar caro*, *pagar um alto preço*, *pagar com a vida*, que se vinculam à ideia de se arcar severamente com as consequências de um comportamento.

Bueno (1968), por sua vez, referindo-se às expressões *pagar o pato* e *pagar promessa*, explica que a primeira carrega o sentido de se levar a culpa de um malfeito

¹ Todos os exemplos apresentados neste trabalho foram coletados em sites da internet, no período de janeiro de 2018 a janeiro de 2020, utilizando-se como ferramenta o buscador *Google*. Para propiciar o acesso ao texto completo, disponibilizamos os respectivos *links* juntamente com cada caso ilustrado.

alheio, enquanto a segunda tem seu emprego relacionado ao cumprimento do prometido a Deus ou a santo(s).

Asseveram os autores referidos que o verbo *pagar*, quando usado no sentido mais básico, transmite um caráter valorativo de justiça, isto é, de quitação de pendências. Contudo, quando distanciado desse sentido, tende a apresentar um significado relacionado a sofrimento e aflição como, por exemplo, em *pagar os pecados*. Sacconi (2010) cita ainda outras duas expressões, também distanciadas do sentido básico do verbo pagar, muito utilizadas no português brasileiro (PB): *pagar mico* e *pagar com a (ou na) mesma moeda*, estando a primeira aliada à noção de se ver em uma situação embaraçosa ou vexatória, enquanto a segunda relaciona-se à ideia de se retribuir, do mesmo modo ou na mesma proporção, atitudes que, em geral, não são bem-vindas.

Além desses usos arrolados em estudos anteriores, encontramos outros como: *Pagar geral*, *Pagar pra ver*, *Pagar a mão*, *Pagar o chão*, *Pagar barriguinha*, *Pagar de santo* etc., que indicam haver uma rede construcional extensa ligada ao verbo *pagar*. No entanto, para se chegar à configuração dessa rede, faz-se necessário, antes, desvelar as relações existentes entre as diversas construções com *pagar*. Nosso propósito neste estudo é justamente esse: com base em levantamento que fizemos de construções idiomáticas com o verbo *pagar* no PB, explicitar características das construções levantadas e relações que mantêm entre si, em termos de encadeamento de significados e contextos de usos, que podem ter licenciado seu surgimento, chegando assim à rede construcional do verbo *pagar*, no que se refere a tais construções. Para tanto, vamos nos pautar no referencial teórico da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Gramática Cognitiva (LANGACKER 1987, 1990, 1991 e 2005), sobre a qual falaremos a seguir.

2 A Gramática Cognitiva e a noção de construção

Langacker, a partir de 1976, passou a desenvolver uma teoria linguística, a Gramática Cognitiva, que se afasta radicalmente de algumas suposições correntes na ocasião como, por exemplo, a de que a linguagem é um sistema **autossuficiente**, com autonomia para ser estudado isoladamente de preocupações cognitivas mais amplas, e a de que a gramática, especialmente a sintaxe, é um aspecto da estrutura linguística independente e distinto do léxico e da semântica (LANGACKER, 2006).

Para a Gramática Cognitiva, portanto, a linguagem não é independente nem descritível sem referência essencial ao processamento cognitivo; as estruturas gramaticais não constituem um sistema formal autônomo, diferentemente, são inerentemente simbólicas; e léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de unidades simbólicas.

Sob esse viés, conforme nos explicam Silva e Batoréo (2010),

A gramática é entendida como um sistema de estruturação conceptual, que envolve capacidades cognitivas gerais, como a percepção, a atenção, a categorização, a memória; os conhecimentos que temos sobre o mundo, integrando assim uma semântica enciclopédica; e mecanismos imaginativos, como a metáfora, a metonímia, a mesclagem conceptual, a evocação de entidades fictivas (SILVA; BATORÉO, 2010, p. 230).

Um dos princípios essenciais em Linguística Cognitiva é o de que o significado é conceptualização. Conceptualização, por sua vez, consiste num processo de apreensão, em termos cognitivos, de uma dada entidade ou situação (objeto de conceptualização) por um conceptualizador (sujeito de conceptualização). Langacker designa *Construals* esses modos alternativos de conceptualizar determinada situação. Vejamos o que dizem a respeito Silva e Batoréo (2010, p. 233):

Em Linguística Cognitiva, costuma designar-se pela expressão perspectivação conceptual (tradução que propomos para o termo

inglês “construal”) o modo e os modos alternativos de conceptualizar determinada situação. Esses modos alternativos envolvem operações de perspectivação conceptual e estas operações correspondem a capacidades cognitivas gerais.

Esta capacidade de perspectivação conceptual tem sido explorada sobretudo por Langacker (1987, 1991, 1999) e por Talmy (2000) e ambos a têm evidenciado como a função central da gramática.

As ideias centrais da Gramática Cognitiva, de acordo com Langacker (2005), são as seguintes:

Léxico, morfologia e sintaxe formam um continuum, dividido apenas arbitrariamente em “componentes” discretos. Tudo nesse continuum é totalmente descritível como assembleias de estruturas simbólicas. Uma estrutura simbólica é definida especificamente como o pareamento entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica (seus polos semântico e fonológico). Isso tem certas consequências. Primeiro, a gramática não é distinta da semântica, mas a incorpora como um polo. Segundo, os elementos da descrição gramatical não são especiais, primitivos irreduzíveis, mas reduzem-se a pares de significado-forma. Finalmente, todo constructo gramatical válido deve ser significativo (LANGACKER, 2005, p. 104).

Para Langacker (2005), existem três versões de gramática da construção, a Gramática Cognitiva, a Gramática da Construção e a Gramática Radical da Construção, que compartilham “uma lista substancial de ideias básicas”. Vamos à lista apresentada por ele:

(i) Construções (em vez de “regras”) são os principais objetos de descrição. (ii) As estruturas não são derivacionais (“monostratais”). (iii) O léxico e a gramática não são componentes distintos, mas formam um *continuum* de construções. (iv) Construções são pares de forma e significado (“assembleias de estruturas simbólicas”). (v) A estrutura da informação é reconhecida como uma faceta dos significados construtivos. (vi) As construções estão ligadas em redes de herança (“categorização”). (vii) As regularidades (regras, padrões) assumem a forma de construções esquemáticas em relação às expressões que

estanciam. (viii) À parte o grau de especificidade/esquematicidade, as expressões e os padrões que elas instanciam têm o mesmo caráter básico. (ix) O conhecimento linguístico compreende grande número de construções, uma proporção grande das quais é "idiossincrática" em relação a padrões gramaticais produtivos "normais". (x) Uma estrutura que acomoda construções "idiossincráticas" acomodará facilmente padrões "regulares" como um caso especial (mas não o contrário). (xi) A boa formação é uma questão de satisfação simultânea de restrições. (xii) A composição é efetuada por "unificação" (integração) (LANGACKER, 2005, p. 102).

Mas há alguns aspectos em que as três versões apresentam pontos de vista diferentes. As três concordam, por exemplo, que 'construções' substituem o léxico e a gramática e que se reduzem a pares de significado e forma. No entanto, tal semelhança, assinala Langacker, esconde um ponto fundamental de "não concordância":

Este ponto de não concordância diz respeito ao que se entende por forma. Na Gramática Cognitiva, como está claramente explicitado em todas as formulações publicadas, a forma em um pareamento significado-forma é especificamente uma estrutura fonológica. É claro que eu generalizaria para incluir outras mídias simbolizadoras, notadamente o gesto e a escrita (Langacker 1987a: 81, 2001). Mas, crucialmente, isso não inclui o que pode ser chamado de forma gramatical. Em ambas, Gramática da Construção e Gramática Radical da Construção, a parte da forma de um pareamento significado-forma inclui a forma gramatical. Assim, Goldberg (1995:51) fala de "um pareamento entre um nível semântico e um nível sintático de funções gramaticais". Mais explicitamente, Croft (2001:62) diz que uma construção é simbólica em virtude de ser "um pareamento de uma estrutura morfossintática com uma estrutura semântica" (LANGACKER, 2005, p. 104).

Langacker não considera trivial a questão que envolve o pareamento forma e significado, uma vez que envolve a natureza da gramática e sua relação com o significado. Para a Gramática Cognitiva, ressalta o autor, a gramática é de natureza simbólica. "Nesta visão, a gramática (ou a forma gramatical) não simboliza a estrutura semântica, mas a incorpora, como um de seus dois polos", ou seja, "a gramática se

reduz a algo mais fundamental e, portanto, não aparece em tais diagramas como uma caixa separada” (LANGACKER 2005, p. 105).

Assim sendo, nas representações da Gramática Cognitiva, os símbolos referentes a verbo (V), a sintagmas nominais (SN) etc. são apenas notações, uma vez que as noções de verbo, nome, sujeito, objeto etc. são semanticamente definíveis e inerentes às construções. Um substantivo, por exemplo, instancia o esquema [[COISA] / [X]], e um verbo, o esquema [[PROCESSO] / [Y]]. Cumpre destacar que [COISA] e [PROCESSO] são noções semânticas abstratas e que [X] e [Y] são estruturas fonológicas altamente esquemáticas, que especificam pouco mais do que a presença de algum conteúdo fonológico (LANGACKER, 2006). As noções de sujeito e objeto, por sua vez, são abarcadas pelas de Trajector e Marco, postuladas por Langacker e inspiradas em verbos prototípicos de ação, em que o Trajector é geralmente o motor inicial ou primário, enquanto o Marco pode se referir à meta, ao alvo, ao paciente ou a outra entidade que mantenha relação com o Trajector. A assimetria Trajector/Marco, portanto, subjaz à distinção sujeito/objeto, embora Trajector e Marco tenham aplicação consideravelmente mais ampla. Langacker (2005) atribui essa assimetria à organização figura/fundo: a predicação relacional eleva um de seus participantes, o Trajector, ao *status* de figura, ao passo que outros participantes são referidos como fundo. Em tal assimetria, o Marco é o destaque focal secundário.

Considerando que o conhecimento linguístico de um falante é processual, em vez de declarativo, e que a gramática internalizada representa esse conhecimento, Langacker diz que a gramática é um "inventário estruturado de UNIDADES linguísticas convencionais" (LANGACKER, 2006, p. 44; destaque do autor). O autor chama ainda a atenção para o termo 'unidade', que é empregado em um sentido técnico, para indicar uma estrutura que pode ser ativada como um todo pré-empacotado, sem que o falante atente para as especificidades de sua composição interna. A unidade, então, provém de uma rotina cognitiva, havendo um inventário

de unidades convencionais estruturado, "no sentido de que algumas unidades funcionam como componentes de outras (ou seja, constituem sub-rotinas)" (LANGACKER, 2006, p. 44).

A Gramática Cognitiva, segundo Langacker (2005), concorda com a Gramática da Construção ao conceber que as redes de assembleias simbólicas (hierarquias de construções) englobam léxico e gramática, sem distinção essencial entre eles. No entanto, Langacker assinala uma diferença substancial entre as duas abordagens, no que diz respeito aos motivos para o reconhecimento da existência de uma construção e seu estatuto como uma unidade linguística convencional:

Na Gramática da Construção, uma construção é reconhecida apenas se algum de seus aspectos for imprevisível a partir de suas partes componentes, ou de outras construções estabelecidas independentemente (Goldberg 1995: 4). Não existe tal requisito na gramática cognitiva, em que uma assembleia é aceita como parte da "gramática" na medida em que é psicologicamente enraizada e convencional na comunidade da fala (LANGACKER, 2005, p. 140).

O autor ilustra essa diferença, tomando como exemplo a sentença *I love you*, que é apreendida como unidade convencional em língua inglesa, mas não exibe nenhuma idiosincrasia óbvia:

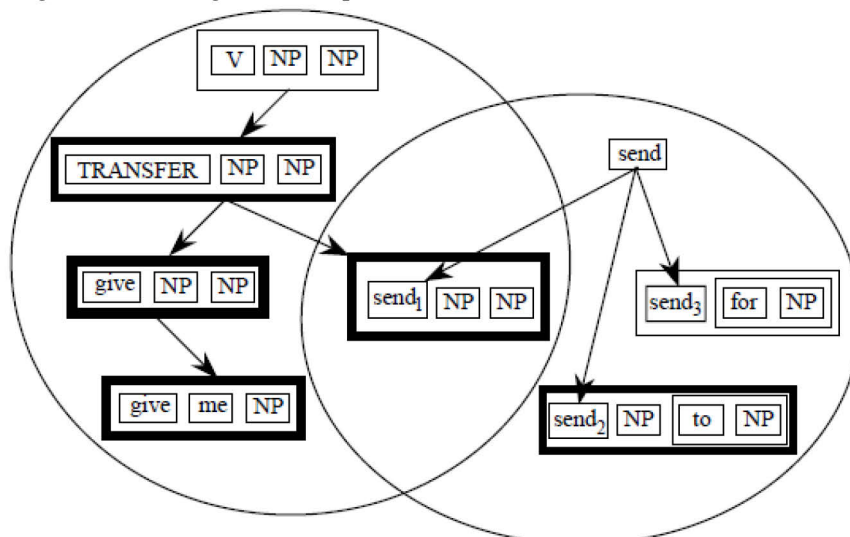
Todo falante do inglês conhece [*I love you*] como uma expressão fixa, familiar. Se eu a usar, não preciso construí-la ativamente do zero, evocando itens lexicais componentes e combinando-os de acordo com os esquemas construtivos apropriados - ela vem como uma unidade pré-empacotada. Por outro lado, é totalmente analisável e instancia os esquemas em questão. Além disso, carece de quaisquer idiosincrasias evidentes que impediriam sua construção novamente de acordo com os esquemas. Portanto, não é uma construção conforme definida na Gramática da Construção. No entanto, é uma unidade linguística convencional, conforme definida na Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2005, p. 140-1).

No que diz respeito a redes construcionais, Langacker (2005) esclarece que as assembleias simbólicas estão em redes de relacionamentos de categorização.

Cumprе então destacar que, para a Gramática Cognitiva e, por extensão, também para nós, o significado de uma construção não precisa ser parcialmente ou completamente independente das palavras que a compõem. São reconhecidas como construção todas as unidades psicologicamente enraizadas e convencionais numa comunidade da fala (LANGACKER, 2005).

Vejamos uma configuração esquemática apresentada por Langacker (2005) para construções bitransitivas em inglês (com elipse no lado esquerdo):

Figura 1 — configuração esquemática de construções bitransitivas em inglês.



Fonte: Langacker (2005).

Observemos, nessa configuração, que alguns sentidos são ‘esquemáticos’ em relação a outros, como indicam as setas, e que o nível mais esquemático apresentado da construção bitransitiva é V NP NP (V SN SN, em português). Há níveis ainda mais esquemáticos, como os que mencionamos aqui, referentes a substantivos ([[COISA] / [X]]) e a verbos ([[PROCESSO] / [Y]]), e outros referentes a unidades maiores, como sintagmas e cláusulas. Um SN, por exemplo, é caracterizado por Langacker como um substantivo [COISA] ancorado num evento de fala. O mesmo vale para uma cláusula

finita. Isto porque, segundo o autor, um substantivo simples, como 'cachorro', e uma forma verbal simples, como 'saltar', servem apenas à função semântica mínima de fornecer uma especificação de tipo inicial, que é submetida a refinamentos, ajustes e quantificação em níveis mais altos de organização. Diferentemente, um SN como "o cachorro" implica que falante e ouvinte compartilham de informações que licenciam a utilização do artigo definido; implica também que falante e ouvinte têm chances de sucesso em estabelecer contato mental com a instância da coisa perfilada (LANGACKER, 2002). Do mesmo modo, a distinção entre 'saltar' e 'o cachorro saltou' está na ancoragem ao evento de fala, promovida pela desinência verbal de tempo².

Outro detalhe a ser notado na configuração apresentada são as bordas em traçado mais forte que correspondem a construções mais convencionais. É, contudo, necessário esclarecer que, para Langacker, a configuração exata de uma rede é menos importante do que reconhecer a inadequação de qualquer descrição reducionista do significado de uma unidade linguística. O conhecimento de um falante acerca do valor convencional de uma unidade linguística não pode, argumenta o autor, ser reduzido a uma única estrutura, tal como um protótipo ou um esquema de nível mais alto, uma vez que não há como se prever com precisão qual variedade de extensões e elaborações - entre todas concebíveis e linguisticamente plausíveis - alcançou, de fato, o *status* de unidade convencional. Ademais, as estruturas semânticas são caracterizadas em relação a "domínios cognitivos". Um domínio cognitivo pode ser qualquer tipo de conceptualização: a experiência perceptiva, um conceito, um complexo conceptual, um sistema de conhecimento elaborado etc. Certas conceptualizações pressupõem outras para sua caracterização, ou seja, pressupõem hierarquias de complexidade conceptual, em que as estruturas de um determinado nível emergem através de operações cognitivas performadas em estruturas de níveis

² Ver Langacker (1991) para maiores informações a respeito

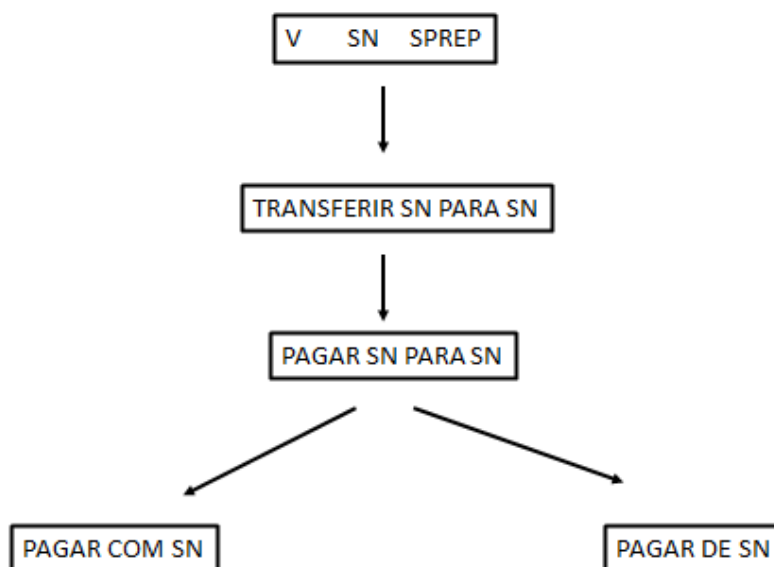
mais baixos. Os domínios cognitivos exigidos por predicções linguísticas podem ocorrer em qualquer nível em tais hierarquias (LANGACKER 2002).

Considerando o exposto e, portanto, sem nos atermos ao nível de convencionalidade das construções, concluímos que o nível mais esquemático de uma construção com o verbo 'pagar' refere-se ao esquema construcional de sentenças bitransitivas no português (X TRANSFERE Y PARA Z), havendo, contudo, o envolvimento, nem sempre explicitado, de uma mercadoria/dívida pela qual se paga (X TRANSFERE Y PARA Z (por K)), conforme exemplo de caráter ilustrativo a seguir:

(2) TV Brasil pagou R\$3,2 milhões a Record por novela <https://oglobo.globo.com/epoca/guilherme-amado/tv-brasil-pagou-32-milhoes-record-por-novela-24952255>

Tomando como base a Figura 1, formulamos então uma configuração básica das construções idiomáticas com o verbo *pagar* no PB (com elipse também à esquerda) que apresentamos em seguida.

Figura 2 — configuração esquemática do verbo *pagar* no PB.



Tal configuração será retomada mais adiante e ligeiramente modificada para acomodar as construções idiomáticas com o verbo *pagar* que encontramos em nosso levantamento.

3 Construções idiomáticas: frequência e rotinização

Neste estudo, não vamos nos ocupar com a construção bitransitiva, propriamente dita, visto que nosso interesse está em construções outras que dela decorrem, nomeadamente, nas construções idiomáticas com o verbo *pagar*.

As construções idiomáticas ganharam espaço em pesquisas no âmbito da Linguística Cognitiva, uma vez que esta vertente teórica rejeita a noção de autonomia da sintaxe (em que não há lugar para as construções idiomáticas) e toma a diversidade linguística e cultural como recursos compartilhados cujos traços refletem aspectos universais do corpo humano, da mente e da experiência. Os estudos linguísticos de cunho cognitivista consideram a influência de fatores sociais, interacionais e culturais, já que, sob tal perspectiva, as mentes individuais não são entidades autônomas, e a linguagem e a cognição são reflexos decorrentes da interação social mediada pela cultura. Assim sendo, postula-se que o conhecimento da língua emerge do uso e, portanto, aspectos pragmáticos envolvidos na produção linguística constituem expediente para o encadeamento do pensamento, da palavra e de construções.

Muitos estudos foram realizados com base nessa percepção e observa-se um crescente interesse em se estudar construções idiomáticas (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994; FILLMORE *et al.*, 1988; CROFT; CRUSE, 2004), visto que, por um longo período de tempo, tais construções foram rejeitadas por serem consideradas exceções no domínio da sintaxe.

Com base em tais estudos, sabemos que: (i) o surgimento de novos usos linguísticos ocorre em situações de interação, uma vez que cada situação de interação verbal cria condições para que novos usos ocorram; (ii) mesmo que o falante opte por

construções mais antigas, cada vez que uma dada construção é evocada, ela se torna minimamente diferente do que era.

Além do mais, tanto construções antigas quanto as emergentes coexistem em comunidades de fala, podendo acontecer, com o passar do tempo, que uma delas adquira maior frequência de uso e então se torne convencional. Um dos critérios considerados para que uma expressão idiomática se convencionalize é justamente a rotinização. A rotinização decorre da alta frequência de uso o que, por sua vez, implica menor esforço cognitivo.

Givón (1995) já chamava atenção para a relação entre complexidade cognitiva e frequência ao explicar a noção de marcação e alegar que, quanto maior a complexidade cognitiva de um termo ou expressão, menor será sua frequência de uso e maior será sua complexidade estrutural. Em direção oposta, quanto menor a complexidade cognitiva do termo ou expressão, maior será sua frequência de uso e menor será sua complexidade estrutural.

Outro aspecto importante a ser destacado em relação às construções idiomáticas diz respeito ao grau de opacidade: há construções idiomáticas mais transparentes, com significados presumíveis a partir do significado da combinação de seus componentes, como em “pagar caro”, enquanto há outras mais opacas cujo significado é holístico e não composicional, como em “pagar mico”. No tocante às construções idiomáticas com o verbo *pagar*, conforme demonstraremos, verifica-se um contínuo entre transparência e opacidade.

4 Os dados

Os dados desta pesquisa foram coletados em *sites* da internet, no período de janeiro de 2018 a janeiro de 2020, utilizando-se como ferramenta o buscador *Google*. Procedimentos de coleta e análise de dados dessa natureza, que se convencionou chamar de ‘*web* como *corpus*’, têm ganhado muitos adeptos. Segundo Gatto (2014, p.

36), o uso da *web* como *corpus* surge como ferramenta inovadora e abre uma miríade de novas vias de pesquisas para comparação de diferentes tipos de textos para tratamentos sociolinguísticos, ensino de línguas, lexicografia, entre outros.

Pesquisadores diversos concordam que o uso desse recurso metodológico permite o contato com uma coleção de textos autênticos produzidos em circunstâncias espontâneas cujo objetivo não é o de exibir sua competência linguística, mas sim, o de alcançar um propósito comunicativo legítimo através da linguagem. Entre tais pesquisadores, está Gatto (2014) que defende esse ponto de vista por compreender que não haveria razão para se recorrer à *web*, como um objeto de estudo linguístico, se não fosse pelo fato de ser composta de textos autênticos resultantes de eventos comunicativos genuínos, produzidos por pessoas que negociam interesses comuns. É interessante se notar que os dados disponíveis para a análise resultam de um arcabouço rico, que tem como escopo diferentes gêneros textuais: jornalísticos, *memes*, *blogs*, *posts* em redes sociais, entre outros.

Para termos acesso a esse rico arcabouço e ainda para ampliarmos, em termos de ambientes virtuais, o escopo da pesquisa, na coleta de dados, foi utilizada a ferramenta de busca *Google* sem qualquer filtro. As buscas realizaram-se através de palavras-chave constituídas de flexões de tempo, modo e pessoa do verbo pagar ('pagar', 'paguei', 'pagou', 'pagará', 'pagaram', 'pagariam' etc.), o que nos permitiu montar um corpo de dados constituído de diferentes gêneros textuais e capturar construções com o verbo *pagar* restritas a determinados contextos e comunidades.

Embora bastante interessante, essa característica do nosso *corpus* não receberá aqui atenção especial. Neste estudo, vamos nos ater ao levantamento feito das construções com o verbo *pagar*, buscando demonstrar as especificidades de tais construções, as relações que mantêm entre si, ou melhor, o encadeamento que se observa entre as construções, relativamente a extensão de significado e de contextos de uso, e a posição que ocupam na rede construcional do verbo *pagar*. Para tanto, não

podemos desconsiderar as circunstâncias relacionadas ao ato de pagar, que podem servir de contextos-gatilho para novos usos e emergência de novas construções. Temos, por conseguinte, que levar em conta que *pagar* remete tanto a transações comerciais, em que o pagamento se dá em troca de um produto, quanto a transações referentes a empréstimos e contração de dívidas de uma forma geral. Em outras palavras, temos de considerar a condição de submissão, de obrigação de um devedor, em relação ao credor, em termos jurídicos e sociais (o que, em alguns casos, pode resultar em situações de constrangimento e vexação) e, ainda, outros contextos e aspectos variados que envolvam dívidas, transferências (de valor monetário ou não), formas de pagamento, o não pagamento da dívida, etc.

5 Análise dos dados

Começamos por esclarecer que nossa análise é essencialmente de natureza qualitativa. Assim sendo, embora apresentemos, na tabela que se segue, totais de ocorrências e os respectivos percentuais referentes às construções levantadas, não realizamos análise quantitativa de natureza estatística. Tais percentuais, portanto, servem apenas para que tenhamos uma ideia da frequência de uso de uma dada construção, relativamente às demais, no período em que se deu a coleta. Dito isso, apresentamos, no Quadro 1, as construções com o verbo *pagar* levantadas na *web*. A disposição das construções no referido quadro diz respeito ao seu grau crescente de opacidade, conforme explicaremos ao apresentarmos exemplos das referidas construções.

Tabela 1 — Construções idiomáticas com o verbo pagar.

CONSTRUÇÕES	OCORRÊNCIAS	%			
Pagar a mão	5	1%	Pagar com a mesma moeda/Pagar na mesma moeda;	17	3%
Pagar o chão	3	1%	Pagar esporro	14	2%
Pagar sem bufar	9	2%	Pagar geral	22	4%
Pagar pra ver	9	2%	Pagar o pato	61	11%
Pagar promessa	80	14%	Pagar pau	10	2%
Pagar pecado	35	6%	Pagar mico	84	15%
Pagar a língua	24	4%	Pagar boquete / Pagar chupeta	37	6%
Pagar alto preço/Pagar preço alto	27	5%	Pagar calcinha/Pagar cofrinho/ Pagar barriguinha/ etc.	85	15%
Pagar caro	14	2%	Pagar de santo; pagar de louco; pagar de rica etc.	26	5%
Pagar com juros	3	1%			
Pagar com a vida	8	1%	TOTAL	573	100

Como se pode constatar no quadro 1, há construções que ocorrem com mais frequência, enquanto há outras com percentuais de ocorrências baixíssimos. Estas, conforme detalharemos mais adiante, são em sua maioria construções que ocorrem em contextos muito específicos. O quadro 1 também nos mostra que o verbo *pagar* ocorre em construções diversas, com diferentes usos e com número variável de *slots* a serem preenchidos. Vejamos exemplos de cada uma dessas construções e em que circunstâncias são empregadas. Começemos por aquelas em que o sentido de transferência de um valor monetário é preservado. A partir de então, conforme a disposição das construções no quadro 1, paulatinamente, vamos na direção da análise de construções mais opacas, com usos e significados mais distantes da bitransitiva esquemática em português.

(3) Pagar o chão:

(...) Aí começou a imperar nesse médium a ambição pelo ganho fácil, quando começa a exceder na 'Lei de Salva' (dentro da magia), dando a desculpa que necessita do dinheiro para o seu anjo da guarda, para o cambono, ou para 'pagar o chão'.

<http://templumbandacabocloopenabranca.blogspot.com/2013/06/fracasso-do-medium.html>

Pagar o chão é uma construção de uso próprio da comunidade espírita, mais especificamente da Umbanda e do Candomblé, e refere-se a um valor pago ao dirigente do terreiro.

(4) Pagar a mão:

(...) a grande maioria... senão todos os rituais devem ser pagos. Isso pelo menos foi o que me disseram... deve-se pagar a mão, o chão, os materiais, etc...

<https://ocandomble.com/2010/06/15/magia-para-venda/>

Assim como a construção anterior, *Pagar a mão* também é de uso próprio da comunidade espírita da Umbanda e do Candomblé e refere-se a um valor pago pelos serviços religiosos.

(5) Pagar sem bufar:

O tema é velho: de onde tirar dinheiro, ou como fazer para pagar um direito reconhecido pela Justiça que, cega, surda e muda, mandou o governo pagar sem bufar?

<https://www.tribunapr.com.br/noticias/a-galinha-dos-ovos-de-ouro/>

A construção *Pagar sem bufar*, conforme ilustrado em (5), refere-se a um valor monetário cobrado e a ser pago sem reclamação ou protesto.

(6) Pagar para ver:

No fim das contas eu já sabia o final dessa história, mas a gente tem essa mania de pagar pra ver na esperança de descobrir que estava enganado.

<https://www.tumblr.com/search/pagar%20pra%20ver>

Pagar para ver, que tem seu uso convencionalizado em jogos que envolvem apostas em dinheiro, como o pôquer, fora desse contexto, também é empregada no sentido de apostar, mas não um valor monetário propriamente dito. Costuma ser utilizada em situações em que se decide tomar uma atitude ou firmar uma posição, correndo-se o risco de cometer um erro.

(7) Pagar promessa:

Pagando promessa, fiel percorre 280 Km a pé de Teresina a Oeiras

<https://maioeiras.com.br/noticias/pagando-promessa-fiel-percorre-280-km-a-pe-de-teresina-a-oeiras/>

A construção *Pagar promessa*, de base religiosa, é comumente utilizada em referência ao cumprimento do que foi prometido a Deus ou a santos, em geral católicos, em troca da realização de um pedido feito. Nesta construção, o pagamento também não está necessariamente atrelado a um valor monetário, mas a algum tipo de sacrifício ou penitência. Entretanto, *pagar promessa* costuma ser equiparada a pagar uma dívida. Há inclusive um ditado popular, ou seja, uma outra construção idiomática, que afirma que ‘promessa é dívida’. O pagamento desse tipo de dívida, contudo, costuma se dar por meio de algum tipo de expiação.

(8) Pagar pecado:

Quem está pagando os pecados do governo petista são os contribuintes, diz colunista.

<http://www.folhapolitica.org/2015/07/quem-esta-pagando-os-pecados-do-governo.html>

Da mesma base religiosa de *Pagar promessa*, a construção *Pagar pecado* tem seu uso relacionado a contextos em que o indivíduo se vê em um estado de expiação, passando por algum momento difícil que acredita ser decorrente de erros (ou pecados) cometidos. Nesta construção, fica bastante evidente o uso de *pagar* com o sentido de sofrimento compensatório de culpa também presente nas próximas sete construções.

(9) Pagar a língua:

Maternidade é pagar a língua

Vou contar uma coisa para vcs, antes de ser mãe eu tinha o péssimo hábito de julgar outras mães.

Agora olhando aquela Keila, vejo que mtas coisas que eu recriminava eu já fiz.

<https://keilamota.wordpress.com/2019/06/24/maternidade-e-pagar-a-lingua/>

Pagar a língua é uma construção idiomática empregada em contextos em que alguém age de modo que, anteriormente, não aceitava e costumava criticar quando observado em atitudes alheias.

(10) Pagar alto preço/Pagar preço alto:

Vai pagar um preço alto', diz Bolsonaro sobre militar com cocaína.

<https://renovamidia.com.br/vai-pagar-um-preco-alto-diz-bolsonaro-sobre-militar-com-cocaina/>

A construção idiomática *Pagar alto preço/Pagar preço alto* perfila uma faceta do verbo *pagar* - presente no *frame* de transação comercial³, do qual o verbo *pagar* faz parte - que não está prevista na configuração esquemática da construção bitransitiva. Tal faceta diz respeito ao preço e, portanto, envolve julgamento de valoração em relação ao que é pago (é caro, barato, justo, etc.). Tal construção é muito utilizada em referência às consequências de um comportamento, sendo comum o seu emprego para externar arrependimento por erros cometidos ou juízo de valor em relação ao comportamento alheio.

(11) Pagar caro

“Países do G-7 ‘tiram vantagem de nós’ e Canadá ‘pagará caro’, diz Trump

<https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/06/epoca-negocios-paises-do-g-7-tiram-vantagem-de-nos-e-canada-pagara-carro-diz-trump.html>

A construção *Pagar caro* apresenta as mesmas características da construção anterior. Há, entretanto, um uso frequente desta, referindo-se ao comportamento do interlocutor ou de terceiros, implicando, além de juízo de valor, uma espécie de ameaça.

³ Para mais informações ver Fillmore *et. al.* (1972); Moreira e Salomão (2012), entre outros.

Existem outras construções com o verbo *pagar* que se referem ao valor a ser pago e que também envolvem juízo de valor, normalmente, voltado para o comportamento alheio, e que carregam uma espécie de ameaça, como é o caso de *Pagar com juros*, *Pagar com a vida* e *Pagar com a ou na mesma moeda*.

(12) Pagar com juros

Na Carta de Dilma só faltou trechos de ‘Apesar de Você’, melhor recado a quem vai pagar com juros pelo impeachment sem crime.

<https://www.brasil247.com/blog/na-carta-de-dilma-so-faltou-trechos-de-apesar-de-voce-melhor-recado-a-quem-vai-pagar-com-juros-pelo-impeachment-sem-crime>

(13) Pagar com a vida

‘Uns erram e outros pagam. Ela pagou com a vida’, diz marido de aluna morta.

<https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2012-08-24/uns-erram-e-outros-pagam-ela-pagou-com-a-vida-diz-marido-de-aluna-morta.html>

(14) Pagar na mesma moeda

Obama ordena expulsão de agentes russos, Putin recusa pagar na mesma moeda e confia na política de Trump.

<http://novojornal.co.ao/internacional/interior/obama-ordena-expulsao-de-agentes-russos-putin-recusa-pagar-na-mesma-moeda-e-confia-na-politica-de-trump-36344.html>

Observe-se, no entanto, que nessas construções há uma especificação quanto à forma de pagamento e que, enquanto *Pagar com juros* e *Pagar com a vida* referem-se ao alto preço a ser pago, *Pagar com a ou na mesma moeda* fazem alusão clara a um ato de vingança.

(15) Pagar esporro:

(...) O professor, obviamente, não quis nenhuma explicação. Declarando-me culpada de imediato — afinal fui pega em flagrante —, me pagou o maior esporro na frente da turma.

<https://medium.com/@simoneavellar/quando-um-telefone-que-n%C3%A3o-era-meu-tocou-de-dentro-da-minha-mochila-durante-uma-aula-dd0a22da66cc>

Em (15) e nas construções seguintes, observa-se o comprometimento da composicionalidade das construções. Em (15), a transferência própria da bitransitiva realiza-se em termos verbais. Assim como metaforicamente se dá um conselho ou um sermão, também metaforicamente se “paga um esporro”.

(16) Pagar geral

Jornalista flagra lateral do Palmeiras pagando geral após empate com direito a palavrões.

<https://www.90min.com/pt-BR/posts/6435958-jornalista-flagra-lateral-do-palmeiras-pagando-geral-apos-empate-com-direito-a-palavroes>

Na mesma linha de transferência metafórica está *Pagar geral* cujo significado holístico, que não pode ser depreendido a partir de seus componentes, é o de se repreender pessoas indiscriminadamente.

(17) Pagar o pato

‘Seleção não pode pagar o pato por crise no Brasil’, diz Daniel Alves

<https://www.metropoles.com/esportes/futebol/selecao-nao-pode-pagar-o-pato-por-crise-no-brasil-diz-daniel-alves/amp>

Pagar o pato, assim como todas as construções que veremos em seguida, é caracterizada por total opacidade. Seu uso mais comum se dá em referência a situações em que alguém sofre punição ou algum tipo de pressão indevidamente.

(18) Pagar pau

Muitos aqui estão pagando pau pra torcida do A. Madrid, o time deles perdeu 3 mata mata contra o maior rival, já imaginou o Corinthians perdendo 3 vezes seguidas para o Palmares?

<https://www.meutimao.com.br/forum-do-corinthians/bate-papo-da-torcida/396978/pra-que-pagar-pau>

Pagar pau é empregada em diferentes regiões do Brasil com variação em termos de significado. Seu uso, no entanto, é mais frequente em contexto de bajulação, em que se mostra publicamente e ostensivamente admiração por alguém.

(19) Pagar mico

William Bonner ‘paga mico’ sem saber que estava ao vivo e entra nos TTs.

<https://extra.globo.com/noticias/viral/william-bonner-paga-mico-sem-saber-que-estava-ao-vivo-entra-nos-tts-19863325.html>

A construção *Pagar mico* refere-se a um ato embaraçoso ou vexatório, para os padrões sociais e/ou contextuais considerados, que ocorre involuntariamente ou não, e que, em geral, relaciona-se a situações cômicas.

(20) Pagar calcinha

Opa! Ana Hickmann gira e mostra truque esperto para não pagar calcinha.

<http://entretenimento.r7.com/carnaval-2013/fotos/opa-ana-hickmann-gira-e-mostra-truque-esperto-para-nao-pagar-calcinha-02022013#!/foto/1>

Na esteira das situações vexatórias, mas carregada de conotação sexual, esta construção se refere à exposição, involuntária ou não, de partes do corpo ou de peças íntimas de vestuário. Nesta construção, além do *slot* à esquerda, há também o *slot* à direita a ser preenchido. Assim, temos *pagar peitinho*, *pagar cofrinho*, *pagar calcinha*, *pagar barriguiinha*, etc., como instanciações possíveis desta construção.

(21) Pagar boquete

Direta e sem papas na língua, Tessália disparou: “*Pagar um boquete embaixo do edredom*”. A confissão, é claro, pegou todos de surpresa, já que ela havia dito que apenas beijou seu colega **Michel**.

<https://rd1.com.br/ex-bbb-surpreende-e-confessa-que-fez-sexo-oral-no-confinamento/>

De conotação nitidamente sexual e, portanto, de uso ligado a situações e contextos relacionados a práticas sexuais, as construções *pagar boquete* (e *pagar chupeta*) referem-se à prática de sexo oral.

(22) Pagar de

Jovem que fez vídeo com arma pagando de bandido, é encontrado morto com vários tiros.

<https://portalc7.com/noticias/policia/jovem-que-fez-video-com-arma-pagando-de-bandido-e-encontrado-morto-com-varios-tiros-veja-video/>

Na construção *Pagar de*, utilizada no sentido de ‘fingir-se de’ ou ‘fazer-se de’, observa-se uma transferência, na avaliação do enunciador, de características ou atributos de uma dada entidade para outra. Em *Pagar de* há dois *slots* a serem preenchidos, o da esquerda e da direita.

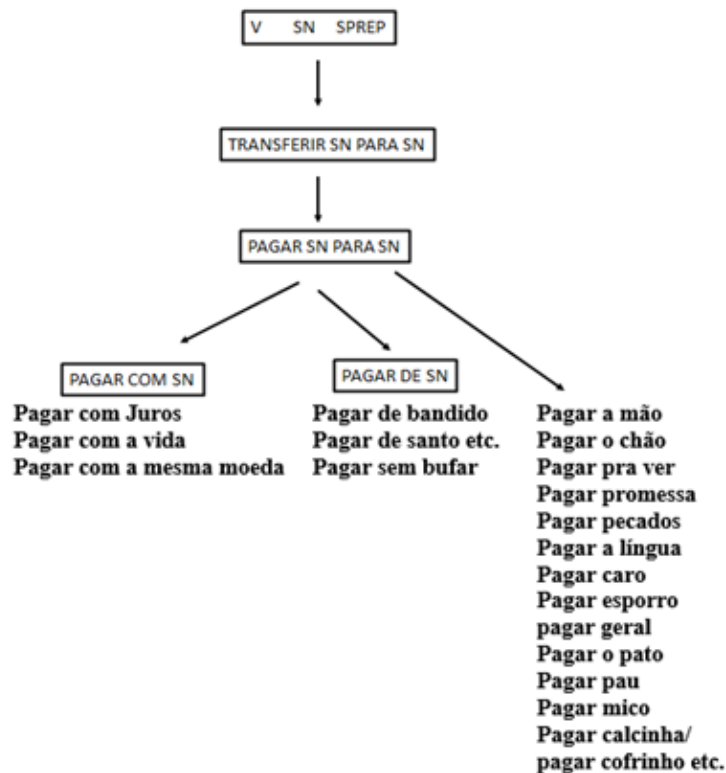
Como se pode constatar, as construções idiomáticas com o verbo *pagar* em tela apresentam relações com diferentes de contextos-gatilho, ou seja, contextos propícios ao surgimento de novos usos e, por conseguinte, à emergência de novas construções. Sumariamos tais relações, já explanadas quando discorreremos sobre cada construção, no quadro a seguir.

Quadro 2 – Relações entre contextos-gatilho e construções idiomáticas com verbo *pagar*

CONTEXTOS-GATILHO	CONSTRUÇÕES IDIOMÁTICAS
Transferência de valor monetário	Pagar a mão; pagar o chão; pagar sem bufar.
Transferência em termos metafóricos	Pagar esporro; pagar geral; pagar de santo.
Pagamento por meio de atitudes, sacrifícios ou expiação	Pagar pra ver; pagar promessa; pagar pecados.
Preço a ser pago como forma de punição ou de revide	Pagar a língua, pagar caro, pagar com juros, pagar com a vida, pagar com a ou na mesma moeda.
Situações que envolvem condição de inferiorização, submissão ou subalternação.	Pagar pau; pagar boquete; pagar chupeta.
Exposição a situações vexatórias.	Pagar o pato; pagar mico; pagar calcinha/pagar cofrinho etc.

Tendo percorrido sobre as construções levantadas, vamos retomar a configuração esquemática apresentada na Figura 2 e promover ligeiras modificações que permitam a acomodação das construções aqui abordadas.

Figura 3 — Rede construcional do verbo *pagar* no PB.



Cumpramos ressaltar que a rede em questão não estabelece relações de natureza etimológica e encontra-se naturalmente em aberto e apta a novas incorporações, mesmo porque, vale lembrar, extensões de sentido e, por conseguinte, novas construções, podem emergir em qualquer ponto da rede, servindo de elo para novas extensões de significado e, então, para emergência de outras construções.

6 Considerações finais

Concluída a análise, vamos às conclusões. Como demonstramos em nossa explanação, as construções idiomáticas, assim como a construção bitransitiva com o

verbo *pagar* (PAGAR SN PARA SN), decorrem da construção esquemática TRANSFERIR SN PARA SN que, por sua vez, provém de construção ainda mais esquemática V SN SPREP.

De acordo com o sentido etimológico e básico do verbo *pagar*, a construção, agora sem elipse à esquerda, SN PAGAR SN PARA SN refere-se à transferência de um dado valor monetário para pagamento de um produto ou quitação de uma dívida. Entretanto, considerando as circunstâncias que envolvem transações comerciais, contração de dívidas, a condição de um devedor (que se encontra, em termos jurídicos e sociais, em situação de submissão, de obrigação, em relação ao credor) e também as circunstâncias e contextos que envolvem dívidas em geral, transferências (de valor monetário ou não), quantias a serem pagas, formas de pagamento, o não pagamento da dívida etc., constatamos a existência de grande quantidade de contextos-gatilho implicados em seu surgimento. Como já mencionamos, novos usos linguísticos surgem em situações reais de interação, dado que, em cada situação de interação verbal, são geradas condições para a ocorrência de usos novos.

Para concluir, ressaltamos que os contextos-gatilho elencados no Quadro 2, aliados à configuração da rede construcional do verbo pagar na Figura 3, evidenciam que certas conceptualizações pressupõem outras para sua caracterização, isto é, pressupõem hierarquias de complexidade conceptual, em que estruturas de um determinado nível emergem por meio de operações cognitivas performadas em estruturas de níveis mais baixos (LANGACKER 2002).

Referências Bibliográficas

BUENO, F. da S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198299554.001.0001>

- CROFT, W. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C.. Regularity and idiomatcity in grammatical constructions: the case of *let alone*. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- FILLMORE C. J.; ATKINS, B.T. Toward a *Frame-Based* Lexicon: Semantics of Risk e its Neighbours. *In*: LEHRER, A.; KITTAY, E. E. (ed.). **Frames, Fields, and Contrasts: New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1992. p. 75-102. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>
- GATTO, M. **The Web as Corpus: theory and practice**. London: Bloomsbury, 2014. (Studies in Corpus and Discourse).
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. **Concept, Image, and Symbol: the Cognitive Basis of Grammar**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990. (Cognitive Linguistics Research, 1).
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. II: Descriptive Application. Stanford, California: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, R. W. **Grammar and Conceptualization**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110800524>
- LANGACKER, R. W. Deixis and subjectivity. *In*: BRISARD, F. **Grounding: The Epistemic Footing of Deixis and Reference**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 2-28. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110899801.1>
- LANGACKER, R. W. Construction Grammars: cognitive, radical, and less so. *In*: IBÁÑEZ, F. J. R. de M.; CERVEL, M. S. P. (ed.) **Cognitive linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interaction**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 101-59.

LANGACKER, R. W. Introduction to Concept, Image, and Symbol. *In*: GEERAERTS, D. (ed.). **Cognitive linguistics: basic readings**. Berlin · New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 29-67.

MOREIRA, A.; SALOMÃO, M. M. M. Análise ontológica aplicada ao desenvolvimento de Frames. **Alfa: Revista de Linguística**, 56(2), p. 491-521, 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200007>

NUNBERG, G.; SAG, I. A.; WASOW, T. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, p. 491-538, Sep. 1994. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.1994.0007>

SACCONI, L. A. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SILVA, L. A. da. Construções idiomáticas com o verbo pegar: uma abordagem sociocognitiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 307-326, 2016. Acesso em: 3 maio 2016. DOI <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n40p307>

SILVA, A. S. Perspectivação conceptual e Gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades** – Estudos Linguísticos 12-1, p. 17-44, 2008.

SILVA, A. S.; BATORÉO, H. J. **Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações** (2010). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/290790148_Gramatica_Cognitiva_estruturacao_conceptual_arquitectura_e_aplicacoes. Acesso em: 15 jan. 2020.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. I: Concept Structuring Systems. II: Typology and Process in Concept Structuring. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2000. DOI <https://doi.org/10.7551/mitpress/6848.001.0001>

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 48-81.

Artigo recebido em: 07.11.2020

Artigo aprovado em: 07.05.2021

A Construção Concessivo-Comparativa [ATÉ QUE PARA X, Y] como um elogio atípico¹

Concessive Comparative Construction [ATÉ QUE PARA X, Y] as an atypical compliment

Gabriela da Silva PIRES*

Luiz Fernando Matos ROCHA**

RESUMO: Neste trabalho, discutimos acionamento de pressuposição e mesclagem conceptual, a partir de contribuições da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), na estrutura que chamamos de Construção Concessivo-Comparativa, esquematizada como “ATÉ QUE PARA X, Y” e instanciada em ocorrências como “Até que pra um avô você ainda está em forma”. Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), a partir de abordagem teórico-metodológica baseada no uso, com um banco de dados formado por ocorrências retiradas da internet, objetivamos legitimar a hipótese de que a Construção Concessivo-Comparativa como um recurso avaliativo da língua que pode promover uma crítica velada. Após análise empírica dos dados, destacamos

ABSTRACT: In this work, we discuss the activation of presupposition and conceptual blending, based on the theory of mental spaces (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), in the structure we call concessive-comparative construction, outlined as “ATÉ QUE PARA X, Y” and instantiated in instances such as “Até que pra um avô você ainda está em forma”. Following the socio-cognitive construction grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), based on the theoretical-methodological usage-based approach, with a database formed by occurrences taken from the internet, we aim to legitimize the hypothesis that the Concessive-Comparative Construction is as language resource for evaluation and veiled criticism. After the empirical analysis of the data, we point out that this construction seems to enable conceptual blending, by relating scales between

¹ O presente trabalho é baseado nas seções 6.2.2 e 6.10 (PIRES, 2016), com algumas alterações. Nossos sinceros agradecimentos aos pareceristas da revista, pelas contribuições valiosas ao trabalho.

* Doutora em Linguística e professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa/MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4292-2700>. gabriela.pires@ufv.br

** Doutor em Linguística e professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5251-1652>. luiz.rocha@ufjf.edu.br

que esta construção parece promover um processo de mesclagem conceptual, que relaciona escalas entre os espaços mentais e promove o surgimento de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas.

mental spaces, then enabling the emergence of an ad hoc category, in which there is an evaluation relative to a group of expectations.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática das Construções. Espaço Mental. Mesclagem.

KEYWORDS: Construction grammar. Mental space. Blending.

1 Introdução

Apresentamos, neste trabalho, um recorte do estudo empreendido sobre o que chamamos de Construção Concessivo-Comparativa (CCC), que tem uma estrutura semipreenchida “ATÉ QUE PARA X, Y” e é instanciada em enunciados como “Até que para um monitor Top ele não está tão caro” (Blog: Olhar do futuro digital/2009/185)². A leitura concessivo-comparativa é disparada holisticamente pelo esquema anteriormente mencionado em que X é formado por um Sintagma Nominal de caráter pouco especificado³ que aciona um rol de expectativas e Y é uma oração que representa um comentário contrário às expectativas.

Esta é, portanto, uma construção gramatical não-canônica da língua portuguesa, que estabelece uma leitura concessivo-comparativa dos eventos construcionalmente relacionados. Assim, o interesse por este estudo se justifica pela oportunidade de descrever e analisar uma estrutura bastante produtiva como recurso avaliativo da língua, a partir de uma abordagem baseada em dados empíricos.

² As ocorrências apresentam as seguintes informações: site de busca, ano de publicação e número da ocorrência no banco de dados constituído para a pesquisa.

Esta instância está disponível em: <http://olhardofuturodigital.blogspot.com.br/2009/01/monitor-samsung-23-retroiluminada-led.html>. Acesso em: 10 abril 2016.

³ Na pesquisa empreendida, por limitações metodológicas, restringimos a configuração de X para um Sintagma Nominal iniciado por Artigo Indefinido Singular, de forma a viabilizar a busca online por estruturas de caráter pouco especificado. A busca por “até que para uns/umas”, na fase inicial do processo metodológico, retornou um número pouco expressivo de resultados.

O embasamento teórico adotado segue o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012), como forma de caracterizar essa estrutura como um par forma-função, e está também alinhado à abordagem acerca de espaços mentais e mesclagem conceptual (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002) para fundamentar nossa hipótese de emergência de categoria *ad hoc*, em que a avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas, podendo variar entre o elogio e a crítica.

Assim, os principais objetivos deste trabalho são: (i) legitimar empiricamente nosso objeto de estudo como um fenômeno construcional concessivo-comparativo; e, a partir da Teoria dos Espaços Mentais, (ii) verificar como a relação de pressuposição pode ser aplicada à construção estudada; e (iii) descrever o processo de mesclagem conceptual envolvido na construção.

No trabalho inicial, foram delineadas quatro expressões para nortear a busca de ocorrências: “até que para/pra quem”, “até que para/ pra alguém”, “até que para/pra um” e “até que para/pra uma”. Dentre essas, elencamos o conjunto “até que para/pra um” para este trabalho. Para tanto, conduzimos uma abordagem empírica e elencamos três domínios da internet para a busca de dados: (i) abril.com.br; (ii) blogspot.com.br; e (iii) br.answers.yahoo.com. Ao final do processo, obtivemos 195 ocorrências, a partir das quais pudemos empreender o atual estudo.

Os desdobramentos da pesquisa são apresentados neste trabalho da seguinte maneira: na seção 2, trazemos um breve panorama dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que sustentam nossa investigação; na seção 3, comentamos o procedimento metodológico de busca e tratamento dos dados; na seção 4, discutimos alguns pontos de análise para, na seção 5, tecermos as considerações finais.

2 Pressupostos sociocognitivistas para o tratamento do significado construcional

Nesta seção, apresentamos pressupostos da Linguística Cognitiva fortemente relacionados ao estudo aqui empreendido. Assim, buscamos discutir como os conceitos de construção gramatical, espaços mentais e mesclagem bem como a noção de escalas pragmáticas se articulam no caminho traçado para nossa descrição da construção Concessivo-Comparativa.

2.1 Gramática das Construções para as estruturas não canônicas

O pressuposto construcionista, ao qual está alinhado este trabalho, assume que o conhecimento gramatical do falante se organiza em torno de construções de sua língua – pareamentos entre uma forma e um significado ou uma função e que formam uma rede estruturada (GOLDBERG, 1995, 2006). Essa afirmação traz consigo uma série de desdobramentos, que se distribuem em torno de questões como: reivindicação da visão holística do significado, assumindo-se haver baixa composicionalidade dos enunciados; a abrangência do que é construção (compreendendo morfemas, palavras, padrões frasais); a ênfase na continuidade entre semântica e pragmática na produção do sentido; o caráter idiomático de muitas construções, o que faz com que se insiram no processo de aprendizagem da língua; e ainda o entendimento de que construções constituem um sistema organizado (e não aleatório) da gramática.

Uma visão complementar sobre construções é a do linguista Charles Fillmore e seus colaboradores, para quem as construções são regras de estrutura: um signo maior e mais complexo pode ser constituído de signos menores que se estruturam para especificar informação sintática, lexical, semântico-pragmática (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 501). Essa noção admite que as chamadas construções idiomáticas se difiram das construções regulares por terem uma semântica distinta do que seria calculado pela soma das unidades menores. Percebemos assim a importância de trabalhos pioneiros como o estudo de construções com a expressão “*let alone*”, em

que Fillmore, Kay e O'Connor (1988) enfatizam que a idiomaticidade tem muito de “produtivo, altamente estruturado e digno de investigação gramatical séria”⁴ (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 534). Para os autores, as construções especiais – tratadas como repositório – constituem, na verdade, um conjunto sistemático de fenômenos.

O modelo postulado pela vertente construcionista prevê um inter-relacionamento entre os módulos de representação gramatical. Croft e Cruse (2004) propõem que propriedades da forma e propriedades do significado tenham uma correspondência simbólica gerada no interior da construção; o que quer dizer que elas atuam como um todo. O significado construcional é, pois, concebido como parte da própria construção, em que os elementos se inter-relacionam.

Segundo Croft e Cruse (2004), se, por um lado, as investigações construcionistas formaram um corpo inicial para dar conta dos casos idiomáticos, seu foco passou a ambicionar uma abordagem que desse conta do conhecimento gramatical do falante como um todo. Assim, o mesmo aparato usado para analisar e responder aos fenômenos tomados como irregulares (ou periféricos) deveria ser empregado para os casos regulares (ou nucleares) dentro da gramática (cf. FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; CROFT; CRUSE, 2004).

Sobre o que sejam as construções, Goldberg (2006, p. 5) sintetiza o pensamento construcionista:

TODOS OS NÍVEIS DE ANÁLISE GRAMATICAL ENVOLVEM
CONSTRUÇÕES: PARES APRENDIDOS DE FORMA COM FUNÇÃO
SEMÂNTICA OU DISCURSIVA, incluindo morfemas ou palavras,

⁴ Nossa tradução de: “(...) is productive, highly structured, and worthy of serious grammatical investigation” (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988, p. 534).

idiomas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou completamente genéricos (GOLDBERG, 2006, p. 5)⁵.

No desdobramento dessa definição, Goldberg (2006) amplia o conceito de construção para além da afirmação da hipótese da baixa composicionalidade. Em relação ao caráter imprevisível da construção, Goldberg (2006) afirma:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como construção desde que algum aspecto da sua forma ou da sua função não seja estritamente previsível a partir de suas partes componentes ou a partir de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções mesmo se forem completamente previsíveis, contanto que ocorram com frequência suficiente (GOLDBERG, 2006, p. 5)⁶.

Como se vê, é mantida a noção da imprevisibilidade, afirmando-se a composicionalidade fraca da construção. Além disso, essa é uma concepção de construção que procura dar conta do conhecimento gramatical do falante como um todo, como dito por Goldberg (2006, p. 18): “tudo são construções”.⁷ Tudo são construções na língua no sentido de que o que fazemos desde nomear um objeto até pedir um cafezinho na padaria são padrões aprendidos que relacionam uma determinada forma a uma função (semântica ou discursiva), que se apoiam em nossa experiência no mundo.

Corroborando esse pensamento, Salomão (2009, p. 41), em seu estudo sobre a Construção de Determinação de Quantidade, também esclarece que construção “impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede” e “não é matéria

⁵ Nossa tradução de: “ALL LEVELS OF GRAMMATICAL ANALYSIS INVOLVE CONSTRUCTIONS: LEARNED PAIRINGS OF FORM WITH SEMANTIC OR DISCOURSE FUNCTION, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

⁶ Nossa tradução de: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency (GOLDBERG, 2006, p. 5).

⁷ Nossa tradução de: “it’s constructions all the way down” (GOLDBERG, 2006, p. 18).

de pura combinação sintagmática”, disso resultando que o significado holístico será sempre mais rico que os significados isolados das partes. Também Pinheiro (2016, p. 27) traz contribuições para a descrição de construções em português brasileiro, ao pontuar que desde palavras, como “árvore”, a esquemas sintáticos semipreenchidos, como “Que mané X”, “todos esses elementos são, em última instância, pareamentos de forma e significado”.

Para reivindicar o lugar das construções na gramática, Goldberg (1995) enfatiza em seu trabalho as Construções de Estrutura Argumental (CEA) – emparelhamentos entre forma e função que trazem um padrão frasal que evidencia algum tipo de cena básica, disparada por um *frame*, esquema cognitivo com elementos interrelacionados que acionam expectativas (FILLMORE, 1982). Nessa abordagem, o verbo ocupa um *status* de predicador, embora haja consenso de que o sentido global da construção se dê por meio da interação de todos os elementos.

Em abordagem contemporânea, ancorada ao projeto *Constructicon*, Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012, p. 321), postulam construções como “regras que licenciam signos linguísticos ‘novos’ baseados em outros signos linguísticos”.⁸ A descrição da construção pode ser feita, nessa abordagem, de maneira formal em um formato de Matriz de Valores de Atributos (*Attribute-Value Matrix*), ou informalmente em prosa. Essa estrutura chamada “constructicon” é entendida como o signo MÃE e é formada por constituintes menores, chamados de FILHAS, que se relacionam por meio de regras e restrições (sintáticas, semântico-pragmáticas e contextuais). Para uma descrição, é necessário identificar as entidades linguísticas na extensão da instância da construção que representam seus constituintes (cf. FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 321). É proposto que essa estratégia possa ser usada para a descrição de qualquer construção.

⁸ Nossa tradução de: “(...) rules that license ‘new’ linguistic signs based on other linguistic signs” (FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 321).

Com isso, pretendemos evidenciar que a abordagem de construções apresentada no projeto *Constructicon* é compatível com a proposta de Goldberg (1995, 2006), alinhando-se com nosso objeto de estudo e fornecendo meios práticos para descrição da construção por nós estudada. Assim, uma das maiores vantagens em relação ao aparato da *Constructicon* é por este ser uma ferramenta de descrição construcional que, segundo Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012, p. 369) “é flexível o suficiente para manusear construções de qualquer tipo de complexidade”⁹.

2.2 Os Espaços Mentais

Uma vertente bastante produtiva na área da Linguística Cognitiva e que contribui significativamente em nossa análise é a Teoria dos Espaços Mentais, que se propõe a dar um tratamento do significado voltado para o plano discursivo. Fauconnier (1994, 1997) introduz a noção de espaços mentais como estruturas parciais desdobradas ao longo do discurso e alicerçadas por *frames*. De acordo com Fauconnier (1997, p. 34), os “espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para fornecer um substrato cognitivo ao raciocínio e interação com o mundo”¹⁰.

Nas palavras de Salomão (2003, p. 70), espaço mental é um “domínio epistêmico postulado temporariamente como ferramenta de processamento do discurso” e sua noção permite uma abordagem séria do fenômeno da projeção. De acordo com Sweetser e Fauconnier (1996, p. 11), a estrutura dos espaços mentais é considerada simples por ser parcial. Nela são incorporados *frames* (conceptualizações esquemáticas e socioculturais), aos quais se encaixam os elementos dos espaços mentais.

Conforme pontuam Fauconnier e Turner (2002) posteriormente, também as experiências imediatas e episódicas estruturam os espaços mentais, sendo que o grau

⁹ Nossa tradução de: “(...) is flexible enough to handle constructions of any level of complexity” (FILLMORE; LEE-GOLDMAN; RHOMIEUX, 2012, p. 369).

¹⁰ Nossa tradução de: “Mental spaces are the domains that discourse builds up to provide a cognitive substrate for reasoning and for interacting with the world” (FAUCONNIER, 1997, p. 34).

de familiaridade que estabelecemos com os elementos influencia na forma como são estruturados. Nesse sentido, há variação no entendimento e na organização conceptual de esquemas mais ou menos específicos e situados como, por exemplo, “manifestações populares” ou “manifestações de 15 de março”, compreendidos e assimilados por uma parcela maior ou menor de pessoas. De tal modo, a inter-relação entre *frames* e espaços mentais permite considerar que “aprender um espaço mental é em alguns casos aprender o *frame* que o organiza”¹¹ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 104).

Segundo Fauconnier (1994, 1997), os espaços podem ser introduzidos no discurso por meio dos chamados construtores de espaço (*space builders*). Sweetser e Fauconnier (1996, p. 10) pontuam que os construtores de espaço são “mecanismos explícitos que os falantes podem usar para induzir o ouvinte a estabelecer um novo espaço mental”.¹² Exemplos de expressões linguísticas que atuam como construtores de espaços podem ser sintagmas preposicionais (*na foto, na opinião de João, em 2008, na faculdade*), advérbios (*provavelmente, teoricamente*), combinações de sujeito e verbo (*João acredita que; Pedro quer que; Maria alega que*), conectivos (*se A, então B; apesar de*). Os construtores de espaço estabelecem que o espaço por eles introduzido é relacionado ao espaço do qual se originou – o espaço pai (cf. FAUCONNIER, 1994).

Amplamente discutida na obra de 1994 e sintetizada em 1997, a pressuposição é um recurso gramatical que marca parte da estrutura dos espaços mentais como pressuposta (FAUCONNIER, 1997). Há longa discussão sobre os casos clássicos, como “Pedro (não) parou de fumar”, ou “Pedro (não) continua a fumar”, que ilustram como os aspectuais, ainda que sob efeito de negação, imprimem informação prévia de que o Pedro necessariamente fumava. Desse modo, no âmbito dos estudos de espaços mentais, a pressuposição é tida como uma informação (linguisticamente contida na

¹¹ Nossa tradução de: “To learn a mental space is in some cases to learn the frame that organizes it” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 104).

¹² Nossa tradução de: “(...) overt mechanisms which speakers can use to induce the hearer to set up a new mental space” (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996, p. 10).

sentença) que pode “flutuar” até os espaços superiores (adotando-se um movimento descendente de desdobramento discursivo), e pode – ou não – chegar ao espaço Base (da realidade discursiva do falante). Um dos aspectos de interesse é que as pressuposições aparentemente apresentam um poder comunicativo de “fazerem o falante sentir que já são dadas e, portanto, difíceis de serem questionadas ou refutadas”¹³ (FAUCONNIER, 1994, p. 108). Assim, são vistas como aquelas informações inferidas gramaticalmente no enunciado – e que exibem caráter estável.

2.3 Mesclagem

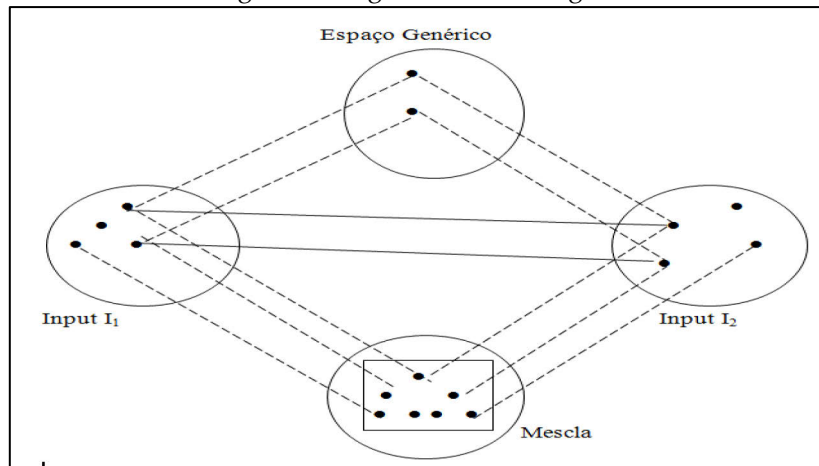
Introduzida em meados da década de noventa por Gilles Fauconnier e Mark Turner, a mesclagem é uma operação cognitiva responsável pela integração conceptual entre espaços mentais. Fauconnier e Turner (2002) alegam que a mesclagem é uma operação básica, central na imaginação, em que, a partir de mapeamentos, estruturas parcialmente provenientes de espaços (*inputs*) são integradas de forma seletiva, originando um novo espaço chamado “mescla” – o qual pode conter propriedades emergentes. Além dos espaços *inputs*, participa do processo de mesclagem um espaço genérico, que é mais esquemático e atua na estruturação do mapeamento. O espaço proveniente dessa integração conceptual – o espaço mescla – é, segundo Fauconnier (1997, p. 22), mais rico que seus *inputs* e, ao ganhar consistência, é capaz de promover uma reorganização das nossas categorias e nossa forma de pensar sobre elas. Como apontado por Croft e Cruse (2004, p. 39), a Teoria da Mesclagem avança nos estudos sobre espaços mentais; e seu foco é investigar “como a informação de dois espaços, construídos amplamente para incluir domínios, é combinada de forma a produzir novas estruturas conceptuais”¹⁴.

¹³ Nossa tradução de: “(...) making the hearer feel they are already somehow given and therefore difficult to question or refute” (FAUCONNIER, 1994, p. 108).

¹⁴ Nossa tradução de: “(...) how information from two spaces, construed broadly to include domains, is combined to produce novel conceptual structures” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 39).

O diagrama a seguir (Figura 1), reproduzido de Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002), ilustra esquematicamente a operação de uma mescla integrada:

Figura 1: Diagrama da Mesclagem.



Fonte: trabalhos de Fauconnier (1997) e Fauconnier e Turner (2002).

O exemplo de Fauconnier (1997) para ilustrar o processo de mesclagem subjacente à expressão “vírus de computador” permite identificar os quatro domínios envolvidos nessa integração: Input₁, Input₂, Espaço Genérico e Mescla. Há o espaço relativo ao campo da biologia, que contribui com a palavra “vírus” (Input₁), e o espaço relativo ao campo do computador (Input₂). O espaço genérico contribui com informações esquemáticas sobre a estrutura, que é algo comum ao vírus e ao computador, como o fato de serem estruturas com funcionamento sistemático e organizado. Na mescla, surge o “vírus de computador”, que é um programa nocivo ao computador, como estrutura emergente que contém informações parciais dos dois domínios principais que lhe deram origem, além de informação própria.

Coulson (2001) comenta que uma mescla pode ser empregada para mudar a saliência de um elemento, realçando ou contrastando aspectos de seu esquema

original. E, referindo-se ao uso de mesclas relacionadas a temas polêmicos,¹⁵ a autora afirma que, ao recrutarem *frames* com forte envolvimento sociocultural, as mesclas são eficazes em evocar respostas afetivas dos interlocutores, pois parecem ter forte apelo motivacional (COULSON, 2001, p. 200-1). Sintetizando as considerações de Coulson (2001, p. 158-161) sobre as mesclagens, concordamos que a habilidade das pessoas em integrar prontamente as informações lexicogramaticais e construir categorias *ad hoc* é sugestiva do poder dos chamados conceitos temporários, que são construídos na nossa memória de trabalho, com propriedades emergentes altamente atuantes no gerenciamento do sentido.

2.4 Escalas pragmáticas

Por também dialogarem fortemente com nosso objeto de estudo, as escalas pragmáticas são aqui discutidas, sob o enfoque de trabalhos desenvolvidos na vertente da Linguística Cognitiva. Escalas são pragmáticas tanto porque se sustentam em significações que levam em conta o uso como também porque permitem ao falante usar o significado na interação com seus interlocutores. Na década de oitenta, Fauconnier (1980) discute alguns ambientes gramaticais que se relacionam a uma noção de gradação, em que uma escala pragmática implicacional seria ativada por itens que expressam pontos extremos, como valores mínimos ou máximos.

O autor discute exemplos de acarretamentos em direção ao sentido ascendente ou descendente de uma escala pragmática implicacional. Por exemplo, se é dito que alguém bebeu um litro de vinho, é depreendido que a pessoa terá bebido 500 ml, 100 ml, e assim por diante, até um valor mínimo de ingestão. De igual modo, se é dito que alguém não bebeu sequer uma gota de vinho, fica entendido que a pessoa não terá

¹⁵ Os exemplos discutidos por Coulson (2001) foram “assassinato” (cometido por filhos a seus pais) e “aborto”. Em cada caso independente, esses temas serviam como um dos *inputs* em mesclas que utilizavam o vocabulário sobre “vírus de computador” como *input*. Nas mesclas, “deletar arquivo” era mapeado a “assassinar” ou “abortar”, respectivamente.

ingerido quantidade nenhuma do líquido. Nos exemplos trazidos pelo autor, é observado que o operador “even” (traduzido para o português como “mesmo”, “nem mesmo”, “sequer”) sinaliza de forma explícita uma referência a um ponto extremo de uma escala, eliminando uma possível leitura literal¹⁶ – que não teria implicações escalares (FAUCONNIER, 1980, p. 60).

Uma escala pragmática é, conforme esclarece Coulson (2001, p. 215), um conjunto ordenado de proposições inseridas em uma (ou mais de uma) dimensão semântica relevante de forma que seus elementos se relacionem por implicação, fazendo surgir inferências. Um dos estudos mais famosos sobre escalas pragmáticas é o trabalho de Fillmore, Kay e O’Connor (1988) sobre construções com “let alone”, que usa o modelo escalar de probabilidade. Considerando-se uma rústica tradução do termo para o português, se dissermos “Ele não chegou nem a Três Rios, que dirá ao Rio”, fica subentendida uma escala de distância percorrida e ponto a ser alcançado, em que a cidade do Rio de Janeiro esteja em um ponto superior na escala (mais longe) comparado à posição ocupada por Três Rios. Um raciocínio escalar desse tipo pode ter como base uma viagem de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, pela BR-040, e ser utilizado para responder a uma expectativa de chegada ao Rio.

Correlações escalares permeiam grande parte de nossa comunicação. Nesse sentido, é assumido que nossas experiências com fenômenos escalares no ambiente físico (como as correlações entre claro e escuro, alto e baixo, quente e frio, longe e perto, para citar alguns exemplos) são úteis por nos permitirem “raciocinar a partir do grau de um aspecto de uma situação para o grau de outro aspecto da situação” (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996, p. 25). Essa escalaridade experienciada física e socialmente é também empregada linguisticamente para lidar com proposições mais ou menos

¹⁶ Parafrazeando as discussões de Fauconnier (1980, p. 60): em “Esta faca não corta uma carne macia” tem-se uma leitura direta de negação. Já em “Esta faca não corta nem mesmo uma carne macia”, abre-se uma escala de probabilidades, em que os pontos extremos seriam uma carne macia (com maior probabilidade para o sucesso do corte) e uma carne dura (com menores chances).

prováveis ou aceitáveis, e para ranquearmos as situações em termos de sua probabilidade. Definidos, em linhas gerais, os conceitos que embasam nossa empreitada investigativa, passamos aos procedimentos metodológicos usados para constituição de nosso banco de dados.

3 Procedimento metodológico

Delineamos como nosso objeto de estudo o esquema construcional “ATÉ QUE PARA X_[SINTAGMA MENOS ESPECÍFICO] Y_[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]”. Tomando como base o caráter menos específico (não particularizado e mais genérico) do elemento que preenche a lacuna X, e buscando verificar a manutenção¹⁷ do valor menos específico associado a X, o objeto de estudo passou a contemplar os pronomes “quem” e “alguém” e sintagmas nominais formados a partir dos artigos indefinidos “um” e “uma”. As expressões de busca foram: “até que para/prá quem”, “até que para/prá alguém”, “até que para/prá um” e “até que para/prá uma”. Investidas iniciais em *corpora* disponíveis à época (Corpus do português, Corpus Brasileiro, NURC-RJ) nos mostraram que o fenômeno que buscamos estudar com dados empíricos não foi satisfatoriamente encontrado mesmo em *corpora* considerados de grande porte. Passamos, então, à fonte mais acessível de dados linguísticos em abundância – a internet, através da busca avançada do Google.

Selecionamos três domínios da internet que permitissem restringir nossa busca para páginas que fossem em português do Brasil e que, minimamente, contemplassem estilos diversos. Os domínios escolhidos foram: (i) o Grupo Abril (abril.com.br); (ii) blogs de criação gratuita (blogspot.com.br); e (iii) a versão brasileira do site de perguntas e respostas, Yahoo Respostas (br.answers.yahoo.com). A inclusão do Grupo

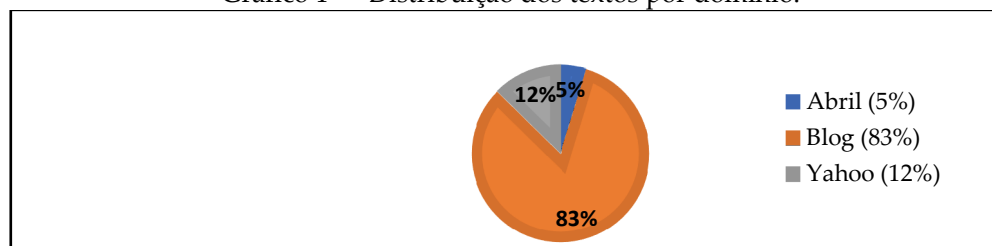
¹⁷ Partindo da nossa hipótese de que há um esquema construcional acionado pela estrutura semipreenchida “até que para X” envolvendo um grupo genérico de elementos que geram expectativas, foi necessário restringir a busca para evitar a obtenção de dados como “até que para a Maria, o Brasil vai bem” (de leitura conformativa/opinativa: conforme a opinião da Maria, o Brasil vai bem). O caráter mais específico de X pode viabilizar leituras distintas da que é efetivamente nosso foco, a concessiva.

Abril nas buscas visa a contemplar um ambiente legitimado como veículo de comunicação, reconhecido pelo apreço às convenções formais de escrita e cuja produção linguística é de registro predominantemente formal. Os blogs têm característica de diários pessoais online, e, conforme é apontado por Diemer (2011), são vistos como um discurso de escrita colaborativa, próximo à oralidade, podendo apresentar pouca preocupação dos autores com adequação formal da língua. O Yahoo Respostas é um site criado pelo Yahoo!, destinado à interação de perguntas e respostas sobre temas variados, feitos por usuários com conta no Yahoo!. A coleta consistiu em selecionar os 200 primeiros resultados de cada busca pela ferramenta Google.

Após busca e tratamento dos dados, obtivemos 385 ocorrências válidas (em um universo de 800 resultados, representando assim 48% de aproveitamento). Importante destacar que 401 resultados foram descartados devido a repetição de ocorrências, na maior parte das vezes e, eventualmente, por falta de acesso ao site. Neste trabalho, elegemos para a discussão dos dados as ocorrências provenientes do conjunto “ATÉ QUE PARA/PRA UM”, que apresenta 195 ocorrências, ou 50.65% dos dados válidos, tornando-se o grupo mais representativo dos dados (foram: 92 ocorrências em X=QUEM; 91 ocorrências em X=UMA; e 07 ocorrências em X=ALGUÉM).

O recorte feito consolida, por si só, um banco de dados composto por aproximadamente 82.400 palavras. O Gráfico 1, a seguir, evidencia a distribuição dos dados em relação ao tamanho dos textos quanto ao número de palavras.

Gráfico 1 – Distribuição dos textos por domínio.



Fonte: elaborado pelos autores.

Assim, percebemos que há uma concentração significativa de dados provenientes do domínio blogspot.com, indicativo de uso de linguagem menos monitorada, mais informal e, portanto, assim inferimos, mais suscetível ao espaço da inovação linguística. Passamos agora à análise dos dados.

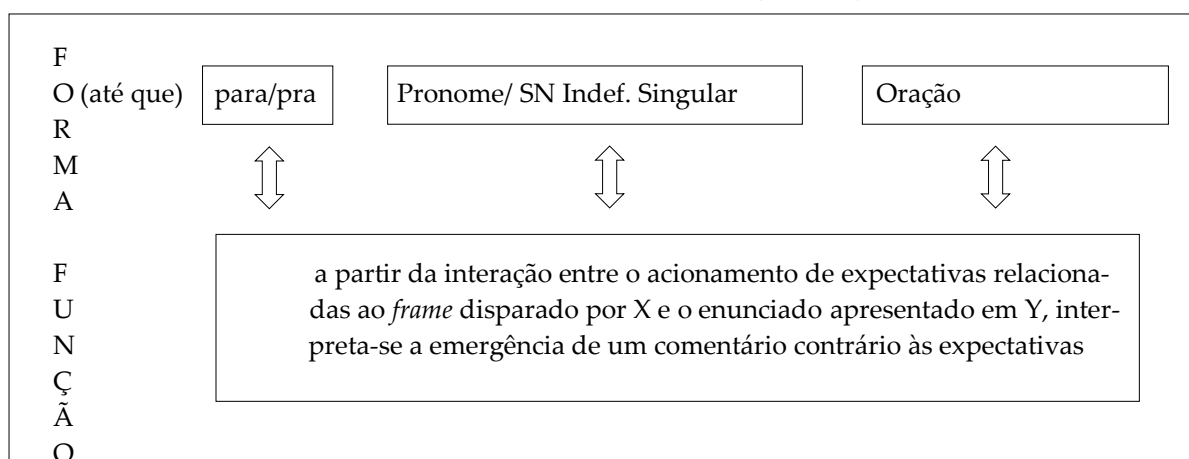
4 Análise dos dados: Construção Concessivo-Comparativa como o elogio atípico

Nas próximas seções, descrevemos e discutimos o esquema construcional ATÉ QUE PARA X, Y e sua relação com o acionamento (e cancelamento parcial) de pressuposição bem como o papel da mesclagem conceptual para favorecer o surgimento de categoria ad hoc, em que uma avaliação feita é relativizada quando comparada a um grupo de expectativas.

4.1 Configuração do esquema construcional “ATÉ QUE PARA X, Y”

Por ser um pareamento entre forma e função, o esquema ATÉ QUE PARA X, Y apoia-se, de igual maneira, nas esferas formal e semântico-pragmática para viabilizar uma leitura holisticamente concessiva e comparativa. Inspirados na proposta de Goldberg (1995, 2006), apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Relação forma e função em “(ATÉ QUE) PARA X, Y”.



Fonte: elaborado pelos autores.

Para iniciar nossa discussão, tomemos um exemplo inicial, retirado de um blog de contos¹⁸:

(1) -O senhor anda muito sozinho. Não pensa em arrumar uma namorada?
-Os olhos dela brilhavam como dois pedaços de vidros velhos.
Agora Arthur parou. *Até que para um jovem de 25 anos ele era um pouco sozinho.*
Mais também sua rotina não ajudava, hospital, casa, casa, hospital. Não havia tempo para pensar em namorar. (Blog: Nasfalto/147/2012)

O elo entre os polos sintático e semântico-pragmático é estabelecido na construção, conforme discutido por Croft e Cruse (2004). Ainda se considerando a interação entre os polos sintático e semântico-pragmático, entendemos que o caráter menos específico de X na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” atua fortemente para a consolidação da Construção Concessivo-Comparativa (CCC). A CCC apresenta um esquema semipreenchido disparado pela interação entre a estrutura ATÉ QUE PARA X (Sintagma Nominal indefinido) e Y (uma oração que contraria as expectativas levantadas pelo *frame* acionado em X). Isso nos diz que, quando o enunciador do conto introduz “Até que para um jovem de 25 anos”, abre-se um rol de possibilidades de inferências para o *frame* relacionado a jovens, do sexo masculino, possivelmente solteiros. Tal esquema evoca expectativas sociais que podem incluir rotinas de diversos momentos de interação social, relacionamentos amorosos.

A leitura concessivo-comparativa da construção se efetiva na contraparte Y “ele era um pouco sozinho”. Há uma correferencialidade direta entre o elemento contido em Y (ele) como um indivíduo pertencente ao grupo acionado em X (jovem/jovens de 25 anos). Uma das possíveis expectativas acionadas é quebrada na construção. O personagem Arthur, apesar de ser um jovem de 25 anos, e inclusive comparado a jovens de 25 anos, é uma pessoa sozinha. Pelo contexto, percebe-se que a suposta

¹⁸ Esta ocorrência está disponível em: <http://nasfalto.blogspot.com.br/>. Acesso em: 04 abril 2016.

solidão também é associada à ausência de um relacionamento afetivo. Assim, o *frame* acionado pelo SN que preenche X é confrontado com o *frame* acionado pela oração em Y (que, por sua vez, tem uma cena construída por um predicador verbal ou nominal). Em linhas gerais, uma expectativa social sobre o *frame* Ser_jovem¹⁹ é quebrada na interação com o *frame* Ser_sozinho.

Diferentemente da proposta de Goldberg (1995, 2006), não descrevemos aqui uma CEA (Construção de Estrutura Argumental), uma vez que nosso objeto não se fundamenta em torno de um verbo disparador de *frame* (cena na qual a construção irá se efetivar). O elemento disparador de *frame* na CCC é nominal: o Sintagma Nominal que preenche o slot X, que ocorre de forma mais generalizada (um jovem de 25 anos), mas também pode ocorrer de maneira mais situada e contextualmente circunscrita (ex-Arena, ex-PFL e atual Dem), como em (2):

(2) A análise é do ex-governador de São Paulo, Cláudio Lembo, em conversa com o portal Terra na manhã desta quarta-feira (15). Atual secretário municipal dos Negócios Jurídicos de São Paulo, Cláudio Lembo, do DEM, enfrentou uma gravíssima crise: a dos ataques do PCC em maio de 2006, quando era o governador do Estado. (Terra Magazine - 15 de setembro de 2010)

Até que para um ex-Arena, ex-PFL e atual Dem, ele tem discernimento. Vcs concordam? (YR: Governo e Política/251/2009)²⁰

O internauta, na parte de perguntas da categoria “Governo e Política” do YR, comenta uma declaração do ex-governador do estado de São Paulo, Cláudio Lembo, sobre as eleições presidenciais de 2010, em que: de um lado, a mídia teria José Serra como candidato, e, de outro lado, haveria um movimento social comandado por Lula. Ao final, o autor faz um comentário sobre o discernimento da declaração de Lembo

¹⁹ A alteração da fonte é uma forma de diferenciação terminológica para demarcar o esquema conceptual. Optamos por Candara.

²⁰ Esta ocorrência está disponível em:

<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100915141839AAEJRBI> . Acesso: 10 abril 2016.

em contraposição às suas filiações partidárias. Utiliza, para tanto, a construção concessivo-comparativa, que situa as duas situações como incompatíveis. Na parte de respostas, o comentário de um usuário reforça o sentido de incompatibilidade da relação “pertencer a determinado partido político *vs.* ter discernimento”:

(3) Claudio Lembo é um sujeito que nunca entendemos o que faz, pensa e de que lado está.. O fato de estar no Dem, já torna tudo o que fala, além de vago, suspeito..rss (YR: Governo e Política/ 2010)

Ao enunciar que “estar no Dem” torna “suspeito” o que Lembo fala, o usuário atribui incredibilidade ao político por meio dessa relação, reforçando o sentido dado pelo autor em (3). Assim, a situação descrita em X é concebida como uma situação obstáculo para Y principalmente por duas situações: de ordem sociocultural e de ordem estrutural:

Do ponto de vista sociocultural, percebemos que tanto o autor da pergunta como o usuário que emite uma resposta participam de uma ideologia política que coloca em xeque a credibilidade de políticos já filiados a partidos como Arena (Aliança Renovadora Nacional – conhecido pelo posicionamento de extrema direita e de apoio ao governo militar durante a ditadura civil-militar no Brasil), PFL (Partido da Frente Liberal – extinto partido político geralmente envolvido em escândalos políticos), DEM (Democratas – partido de centro-direita surgido em 2007 e proveniente do PFL).

Se fossem usadas expressões como “ele tem muito discernimento” ou “ele tem pouco discernimento”, a contraexpectativa seria graduada. Dada a informação em absoluto, a relação estabelecida passa a ser de sim ou não. Abre-se, portanto, uma pressuposição de que o esperado seria de que Lembo não tivesse discernimento algum devido ao fato de ser “ex-Arena, ex-PFL e atual Dem”. Tal pressuposição ocorre porque, do ponto de vista estrutural, a informação veiculada em Y é dada em absoluto, ou seja, não é quantificada com uso de algum intensificador.

Poderá haver o acionamento de um *frame* disparado por um só substantivo, como se vê nos exemplos (4), (5) e (6), ou o acionamento de um *frame* por maior extensão lexical, como se vê nos exemplos (7) e (8):

(4) Até que pra um **gay**, vc está se saindo bem cabecinha fechada heim (YR: Religião e Espiritualidade/287/2009)

(5) até que pra um **baiano** vc é bem "agitadinho"! (YR: Solteiros e namorando/285/2011)

(6) Até que para um **iniciante** me saí bem (Blog: Felicidades pra você/189/2008)

(7) até que para um **baterista que só tem um braço**, ele manda bem. (YR: Música/ 268/2009)

(8) Até que pra um **filme que simboliza o início da decadência da Hammer**, LUXÚRIA DE VAMPIROS (1971) é legal. (Blog: Cinediário/202/2003)

Em termos quantitativos, constatamos haver maior acionamento de *frame* socialmente mais genérico e generalizado, quando X é instanciado por um só substantivo, representativo de 40% dos dados, em detrimento de *frame* socialmente mais circunscrito e dependente do contexto, quando acionado por maior extensão lexical, que foi representado por 18% dos dados.

Em consonância com a proposta de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), que se alinha a uma descrição ampla de construções para dar conta de diversas configurações, apresentamos no Quadro 2 a seguinte descrição em prosa, adaptada do modelo sugerido pelos autores:

Quadro 2 – Representação da Construção Concessivo-Comparativa.

Nome	Construção Concessivo-Comparativa
M (Mãe)	Oração com adjunção anteposta.
F1 (Filha 1)	Sintagma Preposicional, formado por estrutura argumentativa “até que” + preposição “para” + Sintagma Nominal Indefinido Singular + (complemento nominal de acordo com a valência).
F2 (Filha 2)	Oração.
Interpretação	O elemento em F1 (pronome ou SN) aciona uma categoria que evoca um <i>frame</i> , gerando expectativas. O comentário avaliativo feito em F2 é analisado como contrário a ao menos um aspecto dentre o rol de expectativas geradas pelo elemento citado em F1. O comentário em F2 é comparativo em relação ao <i>frame</i> evocado em F1, e, no caso de haver atributos graduáveis em F2, estes são situados numa escala em nível superior ou inferior (não igual) à expectativa de F1. Em sua configuração mais prototípica, F2 apresenta um elemento que funciona como membro (não prototípico) da categoria evocada em F1.
Pragmática	A estrutura argumentativa factual “até que” dá ênfase à informação de F1. O comentário contrário em F2 é, então, assumido como ainda mais discrepante das expectativas geradas em F1.

Fonte: elaborado pelos autores.

A ativação do *frame* evocado em F1 elege tacitamente os bons representantes das categorias acionadas, por meio de efeito de prototipia. Os elementos contidos em F2 não são bons representantes das categorias, uma vez que a posição em que estão situados em uma escala (de atributos, por exemplo) marca o distanciamento da categoria.

4.1.2 As descrições indefinidas e a restrição da riqueza de interpretações

Em função do aporte teórico da Gramática das Construções, lidamos com uma premissa básica de que a atribuição de sentido deve levar em conta as pistas linguísticas formais. Uma das pistas linguísticas observadas no uso dessa construção é a restrição de que o elemento (pessoa ou item dentro de um grupo) em “(ATÉ QUE) PARA X” seja marcado como indefinido (pronome indefinido ou artigo indefinido + SN). A partir daí, podemos nos inspirar na proposta analítica de Fauconnier (1994)

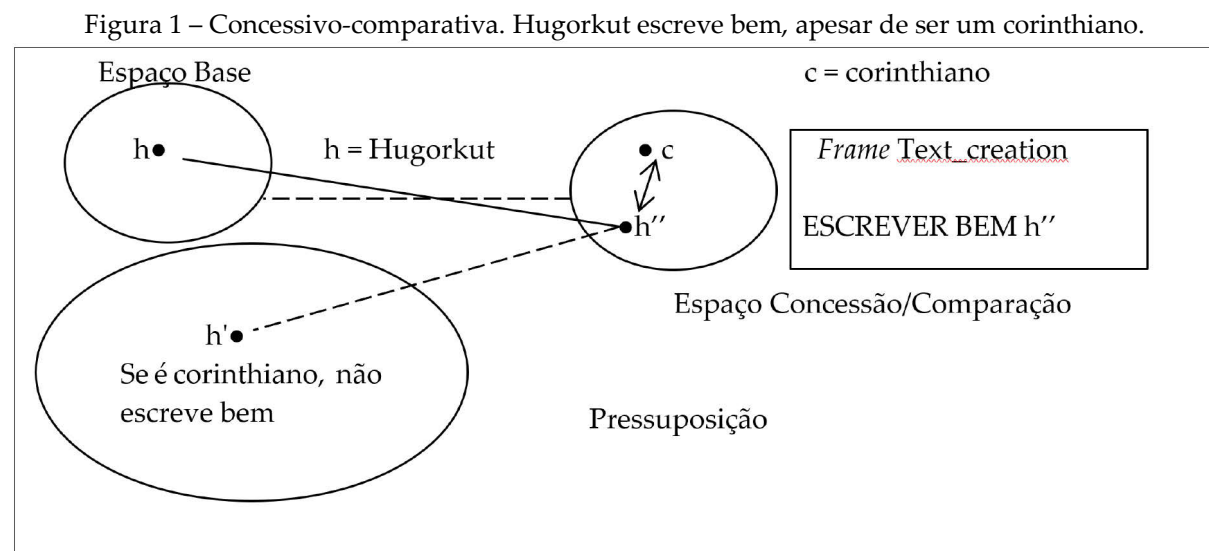
sobre o papel de descrições indefinidas no desdobramento de espaços mentais, aplicando-a aos nossos dados.

Inicialmente, desconsiderando-se possibilidades interpretativas diversas e ancoradas em contextos reais de uso, o enunciado a seguir pode apresentar três alternativas para o escopo da expressão indefinida “um corinthiano”:

(9) Para um corinthiano, Hugorkut escreve bem.

A expressão “um corinthiano” faz parte de um construtor de espaço (“para um corinthiano”) e pode ser interpretada como um parâmetro de comparação ou, mais forçosamente, como um espaço de opinião. Há, ainda, uma terceira interpretação, em que “para um corinthiano” possa ser interpretado como um direcional do texto escrito por Hugorkut (no sentido de escrever propositadamente para algum corinthiano ler).

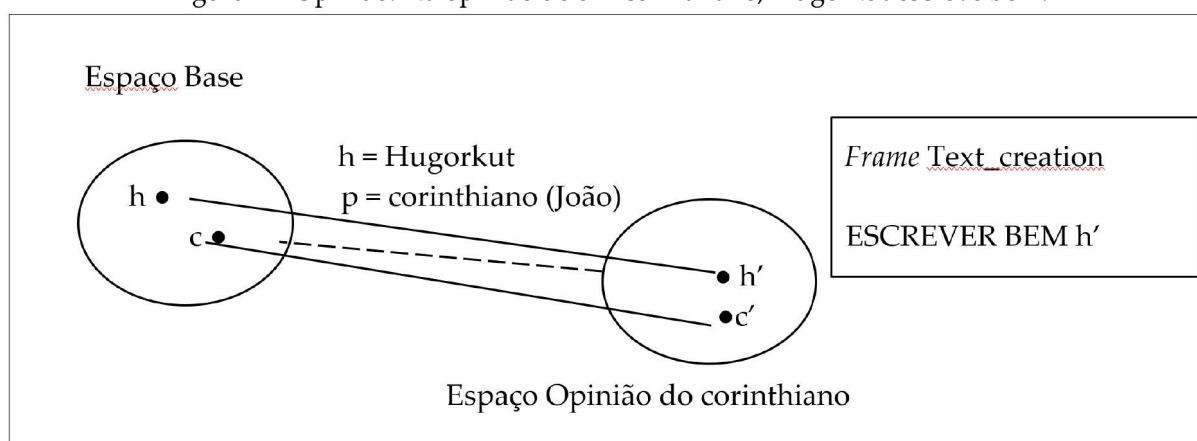
A seguir, apresentamos as propostas de diagramas para essas interpretações:



Na interpretação 1 (figura 1), “um corinthiano” refere-se ao papel desempenhado por algum indivíduo e liga-se a Hugorkut pela Identidade de papel-valor. Esta é a única interpretação em que Hugorkut é o valor para o papel corinthiano.

Nessa construção, é depreendida a pressuposição de causa e efeito do tipo “se P, não Q”, o que dá a entender que, dentre as expectativas geradas pelo *frame* Corinthiano em relação ao *frame* Text_creation (criação textual), não seria esperado que a pessoa necessariamente escrevesse bem. Tal interpretação ancora-se na existência de um *frame* Corinthiano circunscrito ao grupo de torcedores rivais, que tendem a associar desqualificação ao adversário. Vejamos, na Figura 2, outra possibilidade interpretativa:

Figura 2 – Opinião. Na opinião de um corinthiano, Hugorkut escreve bem.

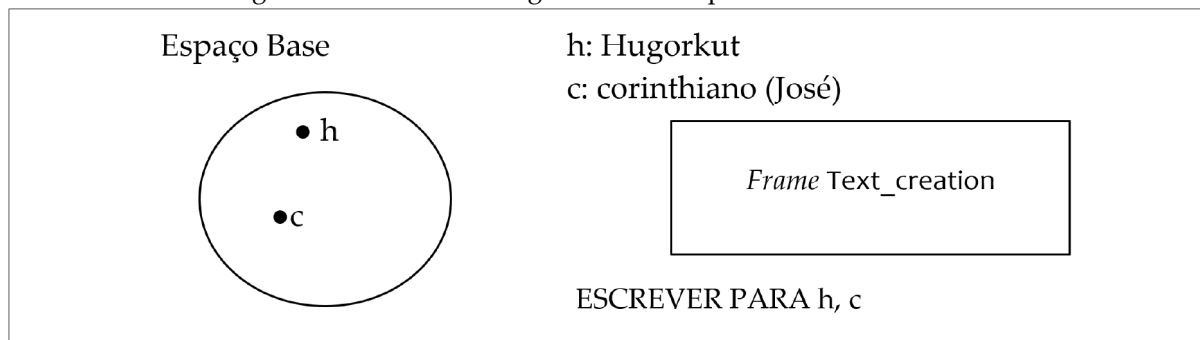


Fonte: elaborada pelos autores.

Na interpretação 2 (figura 2), a expressão “um corinthiano” comprime papel e valor e, neste caso, é usada para designar o valor, que poderia ser associado uma pessoa chamada João, por exemplo. Nessa interpretação, apenas na opinião de um corinthiano (dentre os demais corinthianos de alguma torcida) é que o Hugorkut escreve bem.

Já a interpretação 3 (figura 3) ilustra uma cena básica em que Hugorkut escreve um texto qualquer para um corinthiano (chamado José, por exemplo) ler.

Figura 3 – Direcional. Hugorkut escreve para um corinthiano ler.



Fonte: elaborada pelos autores.

Essa interpretação pode tornar-se menos forçada se houver alteração da ordem linear canônica “Hugorkut escreve bem para um corinthiano (ler)”, sendo que assim o enunciado fica estabelecido apenas no Espaço Base.

O uso de descrição indefinida proporciona, pois, a possibilidade de, ao menos, três interpretações. Caso a descrição em x for definida (“para o corinthiano”), as interpretações mais plausíveis serão de opinião (cf. figura 2) e direcional (cf. figura 3), excluindo-se, em potencial, a interpretação concessivo-comparativa.

Aplicada aos dados reais, em abordagem que prioriza a empiria em detrimento do uso irrestrito de exemplos produzidos pelo linguista, a interpretação para um enunciado próximo ao (9) parece seguir uma preferência de leitura concessivo-comparativa, corroborada pela configuração estrutural sintático-semântica da instância. O exemplo produzido em (9) foi uma adaptação do enunciado real ocorrido nos dados e apresentado em (10), a seguir:

(10) Gostei!!! Até que para um corinthiano vc escreve direitinho...rs...Brincadeira tá??? (Blog: Debates futebol/168/2010)²¹

²¹ Esta ocorrência está disponível em: <http://debatesfutebol.blogspot.com.br/2010/05/historias-das-copas-1954-suica.html>. Acesso em: 10 abril 2016

Em (10), a visitante do blog “lianinharentas” tece o comentário após ler a postagem de Hugorkut, autor do blog e comentarista esportivo, sobre a história das copas mundiais. Tal comentário é avaliado pela própria visitante do site como “brincadeirinha”, o que permite questionar o fundamento do elogio “vc escreve direitinho”, indicando ter sido uma atitude que pode ser considerada indelicada e descortês.

Conforme é apontado por Fauconnier (1994), na língua, não há um conjunto fixo (e estanque) de leituras e sim um potencial gerativo de interpretações. No caso da estrutura “(ATÉ QUE) PARA X, Y”, é importante ressaltar que, na ocorrência de (10), a presença de “até que” contribui para reforçar a leitura concessivo-comparativa, na medida em que destaca a relação de contraexpectativa, atribuindo-lhe maior notoriedade.

4.2 CCC cancela parcialmente a pressuposição

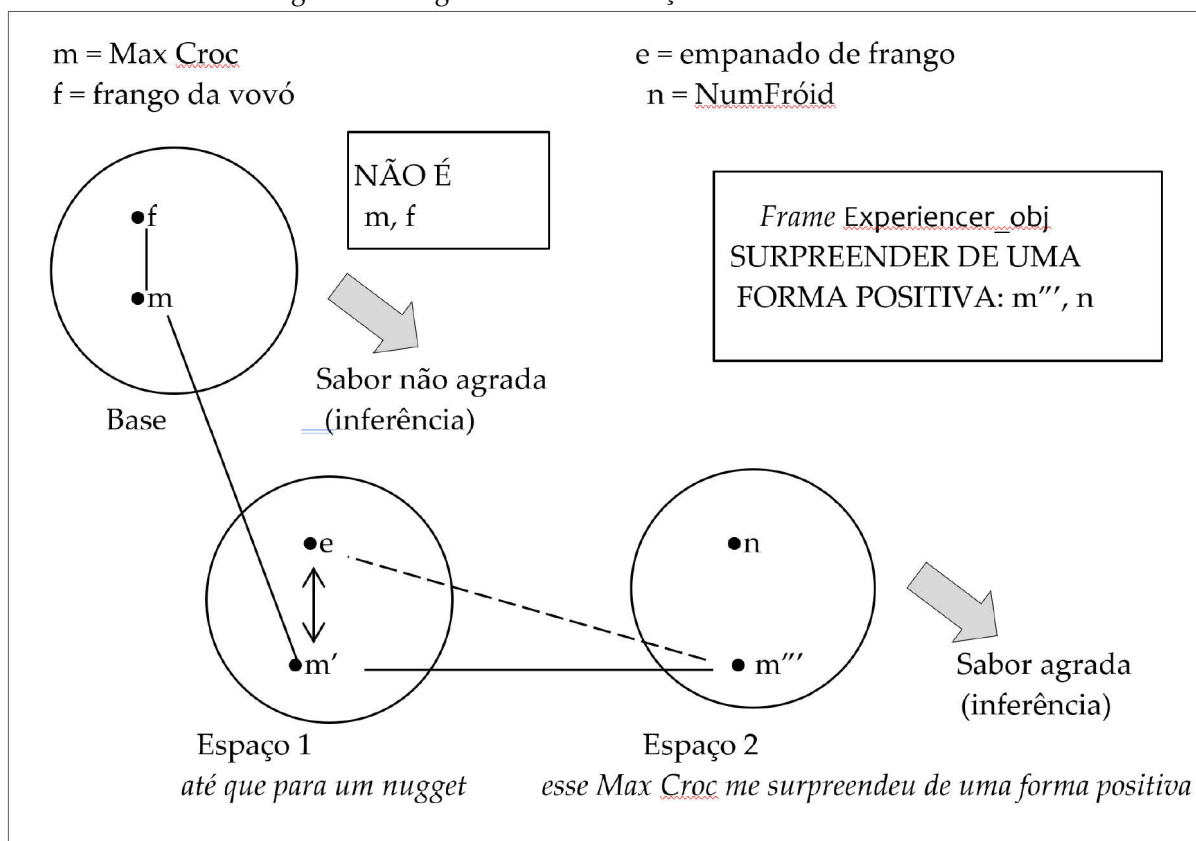
A Construção Concessivo-Comparativa é altamente ancorada no desdobramento discursivo e recebe significativa contribuição dos conceitos discutidos na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997). Considerando-se as contrapartes “ATÉ QUE PARA X” e “Y” como espaços mentais interdependentes, podemos considerar que a avaliação de Y é pragmaticamente condicionada às expectativas levantadas na contraparte “ATÉ QUE PARA X”. Vejamos o exemplo (11):

(11) Olha, não me decepcionei, por favor não esqueçam que estamos falando de empanados então não esperem que isso seja um frango fresco da vovó porque não será nunca. *Mas até que para um nugget esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva.* Ele fica macio por dentro e crocante mesmo por fora. Além disso, ele é maior que o nugget da Sadia, do que o Tekitos, gostei mesmo. (...) Postado por NumFróid às 22:11 Um comentário (Blog: Eu experimento/166/2010)²²

²² Esta ocorrência está disponível em: http://euexperimento.blogspot.com.br/2010_07_01_archive.html
Acesso em: 10. Abril. 2016.

Uma vez que a configuração da CCC instanciada remete a uma contrariedade subjacente, o leitor do blog é convidado a pressupor que empanados de frango (nuggets) não sejam um tipo de alimento que surpreende positivamente o paladar. A verdade do comentário em Y (esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva) não é tratada como uma verdade absoluta, mas relativizada ao pertencimento do elemento citado em Y ao grupo de expectativas acionado em “(ATÉ QUE) PARA X”. Assim, a afirmação “esse Max Croc me surpreendeu de uma forma positiva” não é tomada em absoluto. O elogio é interpretado como um recorte da realidade. Observando-se o contexto da instância (11), percebemos que a atribuição positiva dada ao Max Croc é marcadamente relacionada à sua condição de ser empanado. No diagrama a seguir, propomos ilustrar a relativização do comentário em Y, envolvida na instância da CCC:

Figura 4 – Diagrama da relativização do comentário em Y.



Fonte: dados da pesquisa.

No espaço Base, há uma relação de Identidade negada entre ser Max Croc e ser o frango da vovó, levando à inferência de que o sabor não agradaria. Ao enunciar a CCC, a produtora da postagem situa Max Croc como um alimento que, apesar de ser um empanado, agrada, acionando o *frame* de relação entre um experienciador e um objeto experimentado. Ainda que esteja configurada como uma construção que sinaliza haver uma contraexpectativa positiva, a instância (11), demonstra relativizar o elogio marcado pela expressão “me surpreendeu de uma forma positiva”. Ao analisar o fragmento “não esperem que isso seja um frango fresco da vovó porque não será nunca” da blogueira, depreendemos que a pressuposição (de surpreender negativamente) não é totalmente cancelada discursivamente: Max Croc surpreende, mas com ressalvas.

4.3 O processo de Mesclagem ou CCC como “um certo tipo de elogio atípico”²³

Como tem sido discutido, a CCC reforça o sentido de mitigação de uma avaliação positiva, uma vez que o comentário em Y é condicionado às expectativas geradas na contraparte “ATÉ QUE PARA X”.

O exemplo a seguir explicita o uso da CCC como recurso para rebaixar uma avaliação positiva. Em (12), o autor Cláudio faz uma postagem que, segundo ele, refere-se a suas impressões “ao ler algumas críticas americanas de alguns filmes brasileiros”. Vejamos seu posicionamento:

(12) Se eu fosse cineasta brasileiro eu iria ficar muito p-da-vida com o tratamento que a crítica do primeiro mundo trata os filmes brazucas: *é como se eles baixassem a barra* para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la.

Algo tipo: “Tadinho. Até que para um cineasta de terceiro-mundo o

²³ Em inglês, “a certain kind of awkward compliment” (certo tipo de elogio estranho) é o termo usado pela *designer* britânica Karen Jane para explicar a expressão usada para dar nome a seu blog: “Not bad for a girl” (Nada mal para uma garota). Essa estrutura guarda semelhanças com as construções por nós estudadas. Link: www.notbadforagirl.com

filme não está nada mau.”

Ou, exagerando: “Olha que bonitinho: o selvagem sabe fazer filminho.”

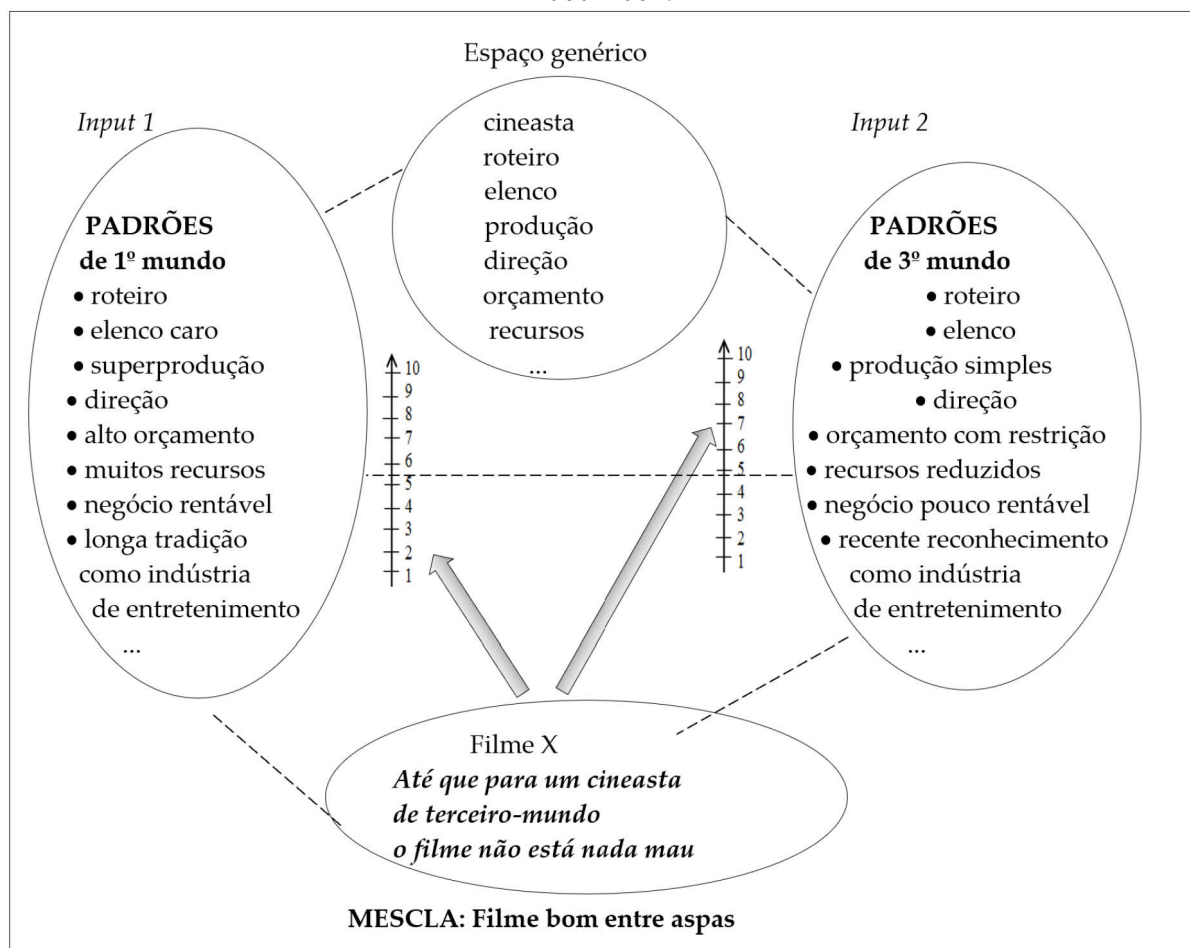
No meu tempo de moleque a gente chamava isso de café-com-leite: pirralhos que entravam na brincadeira para fazer número mas dos quais não podíamos exigir muito. (Blog: Reality is out there/170/2006) (grifos nossos)²⁴

A postagem é sobre o descontentamento do autor em relação à forma como a crítica internacional estaria lidando com filmes brasileiros e discute o olhar estrangeiro sobre cineastas de países de terceiro mundo por meio da avaliação dos filmes produzidos por tais cineastas. Segundo é ilustrado pelo autor, na visão da crítica americana de cinema, um enunciado que expressasse o poder pragmático de baixar a barra (no sentido de abrandar o rigor avaliativo) para criticar filmes brasileiros teria, na CCC, uma das possibilidades de manifestação. O diagrama na figura (5) é uma proposta de representação da conceptualização feita pelo autor do blog, inspirada na proposta de mesclagem conceptual discutida por Fauconnier e Turner (2002). Nessa concepção, o “filme bom entre aspas” surge em uma mescla que comprime expectativas sobre filmes brasileiros e filmes da indústria norte-americana:

²⁴ Esta ocorrência está disponível em:

http://realityisoutthere.blogspot.com.br/2006_12_01_archive.html Acesso em: 10. Abril. 2016.

Figura 5: Mesclagem conceptual em “Até que para um cineasta de terceiro-mundo o filme não está nada mau”.



Fonte: elaborado pelos autores.

O exemplo (12), ilustrado na figura (5), corrobora a tese de mesclagem conceptual, com atenuação da escala pragmática, evidenciada no trecho que ocorre imediatamente antes da construção: “é como se eles baixassem a barra para que nós, coitadinhos, pudéssemos pulá-la”. O ato de baixar a barra para que alguém possa saltá-la simboliza a operação conceptual da construção. Em Y, há contraexpectativa positiva atenuada por meio do uso de negação de atributo desfavorável: “não está nada mau”, sendo que, no plano semântico, pode-se dizer que seja equivalente a “está bom”. Após a instância da construção, é reforçado o caráter de rebaixamento, quando o autor associa o suposto elogio à atitude “café-com-leite” dos mais fortes aos mais fracos.

Partindo-se de dois padrões diferentes, do cinema de primeiro e do cinema de terceiro mundo, representados respectivamente pelos *Inputs 1* e *2*, tem-se diferentes concepções do que seja um tipo de filme desejável. Assim, um filme X seria considerado “nada mau” num espaço mental criado para expectativas próprias de produções cinematográficas de terceiro mundo. Na escala que está atrelada ao *Input 2*, o nível de qualidade do filme seria razoável. Já na escala pertencente ao *Input 1*, o nível de qualidade do filme seria baixo, uma vez que, comparado aos padrões americanos, o filme seria o equivalente ao que um selvagem consegue produzir, conforme é dito no desabafo do autor do blog.

Assim, avaliado sob o viés da mesclagem conceptual, o teor avaliativo da CCC é entendido como a projeção de uma mescla que funciona como a expressão <<entre aspas>> (que pode sinalizar como forma de indicar ironia). Dessa operação, que constrói uma categoria *ad hoc*, surge, portanto, a mescla equivalente a: “Filme bom entre aspas”.

4.4 “mas um elogio ainda assim”²⁵

Em nossos dados, há 178 (em 195) casos assinalados como contraexpectativa positiva, sinalizando que a CCC pode ser usada para elogiar. Quando produz (13), por exemplo, o enunciador demonstra fazer elogios ao ator Fernando:

(13) O legal de você conversar com pessoas que te conhecem, mas você não faz a mínima questão de quem seja, é que elas soltam verdadeiras pérolas. Agora a tarde esbarrei com uma figura dessas.

O CIDADÃO – Te assisti no Teatro esses dias, fuzei na internet e acabei descobrindo seu blog!

EU – Legal! O que você achou do blog?

O CIDADÃO – *Até que para um Palhaço, você escreve legal, dá pra rir um pouco!*

²⁵ Segundo a *designer* britânica Karen Jane, “Not bad for a girl” é “a certain kind of awkward compliment” (certo tipo de elogio estranho), “but a compliment all the same” (mas um elogio ainda assim).

Não resisti e comecei a rir, ele sem saber o que fazer começou a rir também. Rimos juntos por longos minutos na fila para se servir no Restaurante, eu ria da afirmação um tanto quanto sincera do Cidadão e ele confesso que não sei exatamente do que ele ria, mas era algo incontrollável! Por pouco o Restaurante não parou pra ver.

Postado por Fernando Borghi às 18:12 (Blog: Fernando Borghi/163/2011)²⁶

Em (13), o autor Fernando Borghi, que é um palhaço profissional e ator de teatro, relata no blog um suposto elogio direcionado a ele, em diálogo ocorrido na fila de um restaurante. O homem teria feito o comentário ao reconhecer o ator e contar que leu e apreciou seus textos no blog. O comentário da pessoa é avaliado pelo autor como “afirmação um tanto quanto sincera do Cidadão”, o que permite questionar o fundamento do elogio.

Importante salientar que em (13) subjaz um acionamento de expectativas baixas. Assim, o elogio de “escrever legal” é relativizado se comparado a alguém que, para o falante, fosse enquadrado como escritor profissional. De igual modo, o elogio feito a Fernando parte do estereótipo de palhaço como um tipo de artista que não trabalha com escrita, sendo inesperado encontrar tal habilidade.

Em 91% das vezes, comentário em Y é linguisticamente codificado como uma avaliação positiva. Assim, a CCC indica ser uma proposta voltada para atuar como elogio de fato. Uma vez codificada como elogio, intensifica-se a sutileza para criticar: o que, em última instância, evidencia o propósito pragmático do enunciador por meio do emprego da construção, que se caracteriza como um instrumento sutil de depreciação.

Vista sob esse viés, análise de CCC se fundamenta no fato de que essa construção (e similares, como foi o caso da construção em língua inglesa – “Not bad for a girl”) pode ser percebida pelo interlocutor como uma espécie de “elogio atípico”.

²⁶ Ocorrência disponível em: http://fernandoborghi.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html. Acesso em: 10 abril 2016.

Contemplado isoladamente, nos casos de contraexpectativa positiva, o comentário avaliativo que preenche o slot Y pode ser interpretado como elogio. No entanto, ele não é dado em absoluto. Há uma relativização anunciada na contraparte “ATÉ QUE PARA X”, que torna o elogio condicionado à comparação a um determinado grupo de expectativas. É justamente essa relativização que, gestalticamente, pode, de forma mais ou menos sutil, depreciar o elemento avaliado.

5 Considerações finais

Apresentamos nossas considerações sobre alguns dos percursos analíticos empreendidos neste trabalho. Esperamos ter demonstrado que a estrutura “ATÉ QUE PARA X [DISPARA FRAME/EXPECTATIVAS], Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” é uma construção concessivo-comparativa do português brasileiro, e que imprime um sentido holisticamente apreendido como concessivo, assemelhando-se, em certa medida, às relações de concessividade canonicamente expressas por “embora p, q²⁷”. Como vimos nas discussões dos dados, as contrapartes passam a ser assumidas como situações conflitantes.

Procuramos demonstrar a restrição formal que parece se aplicar à construção: a presença de um Sintagma Nominal de caráter menos específico em X, que aciona um *frame* de expectativas para um grupo comparativo (grupo ou categoria em que está incluído o ser avaliado) apesar de estar preenchido como elemento no singular. A CCC é empregada em situações que, em diversas vezes, acionam estereótipos, cristalizados ou circunscritos, a depender de sua extensão do SN, numa relação que oscila entre corroborar a existência do estereótipo, naturalizando-o, e quebrar as expectativas já estereotipadas.

A partir de uma abordagem baseada em dados empíricos, verificamos a marcação de uma contraexpectativa positiva em Y. Entretanto, essa marcação não é

²⁷ Na notação “embora p, q”, “p” equivale à proposição de uma situação e “q” representa a cláusula principal, contrária à expectativa, como em “embora estivesse chovendo, ele saiu de casa”.

estanque, uma vez que pode haver uma oscilação entre uma contraexpectativa positiva e uma crítica mais ou menos explícita. Essa construção é, portanto, ajustável, e demonstra operar num *continuum*, estabelecendo-se na penumbra entre o elogio e a crítica.

Por fim, ancorados na Teoria dos Espaços Mentais, propusemos que CCC estabelece uma relação de cancelamento (ao menos parcialmente) de pressuposições, que atuam as categorias acionadas em “ATÉ QUE PARA X”, a partir da avaliação feita em Y. Essa avaliação, seja positiva ou negativa, é sempre relativizada à comparação feita entre o elemento inserido em Y (não prototípico) e a categoria à qual pertence (em X). Dessa forma, a pesquisa sobre a CCC demonstra a existência de um processo conceptual de mesclagem que funde duas escalas pragmáticas de avaliação do elemento: uma escala que avalia o elemento como um todo; e uma escala que relativiza sua avaliação a uma comparação circunscrita.

Referências Bibliográficas

COULSON, S. **Semantic Leaps**: Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551352>

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511803864>

DIEMER, S. Corpus Linguistics with Google?. *In: Proceedings of the 2nd Conference of the International Society for the Linguistics of English*. International Society for the Linguistics of English. Boston, 2011. Disponível em: <http://www.bu.edu/isle/files/2012/01/Stefan-Diemer-Corpus-Linguistics-with-Google.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FAUCONNIER, G. Pragmatic entailment and questions. *In: SEARLE, J.; KIEFER, F.; BIERWISCH, M. (org.). Speech act theory and pragmatics*. London: D. Reidel Publishing Company, 1980. DOI https://doi.org/10.1007/978-94-009-8964-1_3

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511624582>

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220>

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: Conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In: Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981*. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomatity in grammatical constructions: the case of *let alone*. **Language**, Vol 64, No 3, p. 501-538, 1988. DOI <https://doi.org/10.2307/414531>

FILLMORE, C.; LEE-GOLDMAN, R.; RHOMIEUX, R. The FrameNet Constructicon. *In: BOAS, H.; SAG, I. (org.). Sign-based construction grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

GOLDBERG, A. **Construction**: A construction grammar approach to argument structure. The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**- revista de estudos linguísticos. v. 6, n. 1. jan/jun.2002. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap042.pdf> . Acesso em: 31 dez. 2020.

SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. *In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SWEETSER, E.; FAUCONNIER, G. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. *In*: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (org.). **Spaces, worlds, and grammars**. Chicago University Press: Chicago, 1996.

Artigo recebido em: 31.12.2020

Artigo aprovado em: 27.06.2021

Olha Já! Construção gramatical no Amazonas

Olha já! Grammatical construction in Amazon

Gislane Aparecida Martins SIQUEIRA*

RESUMO: Neste trabalho, propõe-se o estudo da microconstrução amazonense *olha já*, apoiado teoricamente em pressupostos da Gramática de Construções, com foco especial na menção de Croft (2007) de que as estruturas *sintática e semântica* compõem a anatomia de uma construção podendo ser os conceitos fundamentais e os termos descritivos para a análise da estrutura de uma construção gramatical. Por meio das análises sintática e semântica se constatam a organização da composição e a compreensão global da microconstrução. Propõe-se ainda uma sugestão de sua atuação na língua. No decorrer do trabalho, constata-se no português brasileiro a existência de outras microconstruções compostas pela mesma regra da composição de *olha já*, o que permitiu atestar a produtividade do padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de construções. Língua em uso. Amazonas. Estruturas sintática e semântica.

ABSTRACT: This work proposes the study of the Amazonian micro-construction *olha já*, theoretically supported by assumptions of the Grammar of Constructions, with special focus on the mention of Croft (2007) that the *syntactic* and *semantic* structures make up the anatomy of a construction and they may be the fundamental concepts and the descriptive terms for the analysis of the structure of a grammatical construction. Through the syntactic and semantic analyzes, the organization of the composition and the global understanding of the micro-construction are verified. It is also proposed a suggestion for the acting of micro-construction in the language. During the work, was verified the existence of other micro-construction composed by the same rule as *olha já* on the Brazilian Portuguese, which allowed to attest the productivity of the standard.

KEYWORDS: Constructions grammar. Language in use. Amazon. Syntactic and semantic structures.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9855-3831>. gislaneams@terra.com.br

1 Introdução

Neste trabalho, apresenta-se um estudo sobre a microconstrução *olha já*, utilizada em conversas informais no estado do Amazonas, com o objetivo de se observar, à luz de estudiosos da Gramática de Construções, como ela se realiza em relação aos parâmetros teóricos dessa gramática.

Elege-se para estudo de *olha já* a Gramática de Construções, por compreender que ela oferece subsídios para descrever a forma do conhecimento linguístico do falante e por propor meios para explicar um fenômeno irregular como acontece na microconstrução, que tem em sua composição um verbo (olhar) que parece estar relacionado à visão, no entanto, na prática comunicativa seu sentido não se relaciona com o ato de ver/enxergar.

Para cumprir o objetivo proposto, apoia-se teoricamente na menção de Croft (2007) que enfatiza que as estruturas sintática e semântica compõem a anatomia de uma construção e em Boas (2013) que reconhece a importância da frequência para a contabilização da produtividade de uma construção.

Este artigo é composto por cinco seções; na primeira, tem-se a introdução; na segunda, a descrição dos pressupostos teóricos que norteiam o trabalho; na terceira, a apresentação da metodologia utilizada para análises; na quarta seção, descrevem-se as análises e seus resultados; na quinta, apresentam-se as considerações finais, reconhecendo a eficiência da análise da microconstrução por meio dos componentes que constituem a anatomia de uma construção, segundo Croft (2007).

2 Pressupostos teóricos

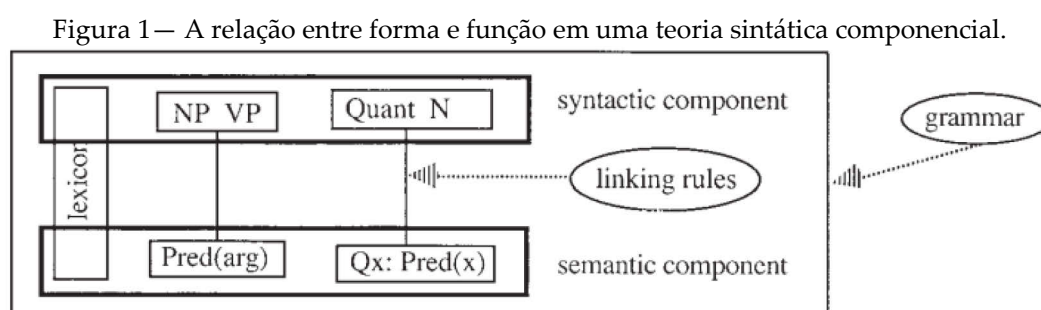
2.1 A Gramática de Construções

Para Goldberg (1995), na Gramática de Construções, a existência de uma construção é definida com base no preceito de que, no mínimo, uma de suas propriedades não seja previsível do conhecimento de outras construções existentes na

gramática, ou seja: C será uma construção, se C for um par composto por forma e significado, de tal modo que alguns aspectos da forma (F), ou alguns aspectos do significado (S) não sejam estritamente previsíveis das partes componentes de C ou de outras construções previamente estabelecidas.

Corroborando a mencionada teoria de Goldberg, Croft (2007) reconhece que em uma construção gramatical o léxico constitui emparelhamento de forma (propriedades sintática, morfológica e fonológica) e significado (propriedades semântica, pragmática e discursiva funcional), os quais devem ser, no mínimo, parcialmente distintos e que mesmo as construções sintáticas mais gerais possuem suas correspondentes regras de interpretação semântica.

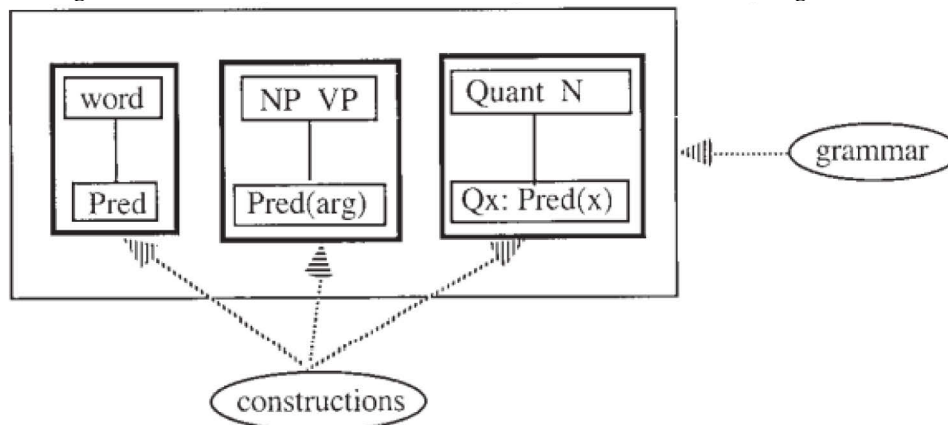
Para Croft (2007), o fornecimento de um modelo uniforme da representação gramatical, aliado à captura de uma gama mais ampla de fenômenos empíricos que a dos modelos componenciais de gramática é a grande atração da Gramática de Construções. Reconhece o elo simbólico entre a forma e o significado como a diferença essencial entre os modelos sintático componencial e construção gramatical. Entende que no modelo componencial as estruturas sintáticas são organizadas independentemente de suas correspondentes estruturas semânticas, como mostram as caixas destacadas na figura 1:



Fonte: Croft (2007, p. 473).

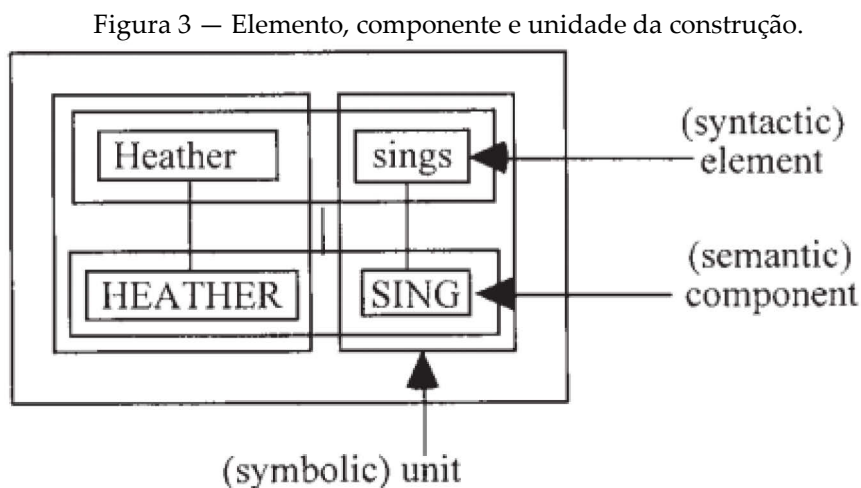
Enquanto na Gramática de Construções, as unidades linguísticas básicas são simbólicas e, por isso, organizadas como unidades simbólicas, como mostram as caixas destacadas na figura 2:

Figura 2 — A relação entre forma e função em uma construção gramatical.



Fonte: Croft (2007, p. 473).

Como se observa na figura 2, a estrutura interna das unidades básicas na proposta da Gramática de Construções se mostra mais complexa que a do modelo sintático componencial (figura 1). Croft enfatiza que além da estrutura meronômica das unidades gramaticais, as teorias Gerativa e Gramática de Construções se divergem no ponto em que a última trata as unidades gramaticais como fundamentalmente simbólicas, ou seja, a representação de uma construção inclui relações (ligações simbólicas) de correspondência entre a forma e o significado na construção. Às partes relativas à estrutura sintática denomina de *elementos* e às da estrutura semântica de *componentes*; surgindo, com isso, um elo simbólico unindo um elemento da estrutura sintática a um componente da estrutura semântica compondo uma *unidade*, como o representado no esquema da construção intransitiva na figura (3):



Fonte: Croft (2007, p. 476).

Croft (2007) defende que mesmo as construções sintáticas mais gerais têm correspondentes regras gerais de interpretação semântica, reconhecendo, com isso, que as estruturas sintática e semântica/significado compõem a anatomia de uma construção. Com base nesse conceito do estudioso, propõe-se, neste trabalho, as estruturas sintática e semântica/significado como conceitos fundamentais e termos descritivos para a análise da estrutura da microconstrução *olha já*.

Para Boas (2013), o reconhecimento das construções como emparelhamentos apreendidos de *forma* e *significado* acarreta implicações importantes para a arquitetura da gramática. O linguista corrobora a proposta de Croft (2007), ao afirmar que em uma construção, a forma pode estar associada a diferentes tipos de informações linguisticamente relevantes, reconhecendo também, que o lado formal de uma construção está ligado ao seu lado significativo por meio de um elo simbólico. Entende que o termo significado inclui aspectos convencionais associados à função de uma construção, como a omissão de determinados argumentos obrigatórios, dado o contexto apropriado do discurso ou ainda, o uso de expressão de surpresa em uma determinada situação pragmática.

2.2 Frequência e produtividade

Segundo Boas (2013), dentro da Gramática de Construções, a frequência de um padrão é importante para a contabilização da produtividade de uma construção. Entende que a habilidade do falante em estender construções da estrutura do argumento a novos verbos evita a manifestação de muitas generalizações e, que a frequência determina o grau de consolidação de um esquema. Reconhece ainda, a importância de se determinar o tipo de uma construção, visto que o aumento da frequência de tipo está relacionado diretamente com a capacidade de uma construção ocorrer com novos itens.

2.3 Atuação na língua

Após a realização das análises sintática e semântica da microconstrução *olha já*, passa-se à verificação de sua atuação na língua, com base na definição de expressão idiomática de Fillmore *et al* (1988), ou seja, que uma expressão é considerada idiomática quando a ela é atribuída uma interpretação pela comunidade de fala. Os autores elucidam que as expressões idiomáticas podem ser de codificação ou de decodificação. Definem a expressão idiomática de decodificação como aquela que o ouvinte só consegue interpretar com total confiança se ele tiver aprendido seu significado e seu uso na prática comunicativa, dão como exemplo a expressão *Kick the bucket* (chutar o balde). A expressão idiomática de codificação, definem-na como uma expressão que pode ser compreendida pelo usuário da língua sem que tenha tido experiência prévia, como acontece com a expressão *answer the door* (atender a porta), em que o contexto da fala facilita sua compreensão.

Verifica-se ainda a atuação da microconstrução como interjeição, com base na função a ela atribuída por Cunha e Cintra (1985), que reconhecem interjeição e locução interjectiva como um grito instintivo que traduz de modo vivo as emoções e que geralmente vem acompanhada do ponto de exclamação e, em Bechara (2006) que

corroborar a proposição dos autores anteriores, reconhecendo que as interjeições são expressões que traduzem os estados emotivos acompanhados de tom melódico exclamativo, podendo “assumir papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda por unidades verbais como é o caso do imperativo”. (BECHARA 2006, p. 330-331)

3 Metodologia

A realização do trabalho compreende três momentos. No primeiro, com o objetivo de evidenciar a formação da microconstrução *olha já*, sua compreensão global e relações de ligações simbólicas, efetuam-se as análises da forma por meio da estrutura sintática e do significado por meio da estrutura semântica e abordagens pragmática e discursiva funcional, como propõe Croft (2007). No segundo, propõe-se uma sugestão de composição da microconstrução e outra de sua atuação na língua, sob a luz de Fillmore *et al* (1988); Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2006). No terceiro, examina-se a possibilidade da existência de outras microconstruções compostas pela mesma regra de formação de *olha já*, observando a produtividade do padrão.

4 Resultados

4.1 Análise Sintática de *olha já*

Observando a expressão *olha já* apartada do contexto, percebe-se, pela flexão do verbo (*olha*), que a sentença pode estar tanto no presente do indicativo, quanto no imperativo afirmativo. No primeiro caso, tem-se um sujeito oculto/elíptico representado pela terceira pessoa do singular (*Ele(a) olha já*); no segundo, evidencia-se uma ordem dada à segunda pessoa do singular (*Olha já tu*). Sobre o verbo, destaca-se, ainda, sua função perceptiva, lembrando que as ações descritas por verbos sensoriais sempre requerem partes específicas do corpo referentes aos cinco sentidos,

no caso da microconstrução, privilegiam-se os olhos (*olha*). Segundo Teixeira (2015), os verbos de percepção,

de uma maneira geral, são estudados a partir da temática da marcação do discurso, da evidencialidade, da projeção metafórica, da focalização, tendo como base a consideração cognitivista de que o sistema conceptual humano é fundamentado em suas experiências cotidianas e, portanto, o corpo, as partes do corpo ou a remissão por inferência ao corpo servem de referência para construir significados nas línguas. No contínuo de extensões, tais verbos passam a ser utilizados para reter a atenção do interlocutor de forma que este escute, olhe, veja o que o falante quer dizer, qual sua intenção ao fazer determinada afirmação ou emitir determinada opinião, tendo em vista conquistar sua concordância (TEIXEIRA 2015, p. 245).

Quanto à predicação, o verbo *olhar*, normalmente, comporta-se como transitivo direto, transitivo indireto ou pronominal; porém, na sentença em análise, atua como verbo intransitivo, seguido de um advérbio. Observam-se as atuações rotineiras do verbo olhar:

transitivo direto —————→ *Olha* o pássaro.

transitivo indireto —————→ *Olha* para o pássaro.

pronominal —————→ *Olha-se* o pássaro. *Olha-se* no espelho.

Observa-se que na microconstrução *olha já* o verbo perde suas propriedades características e não seleciona argumento. O segundo elemento constituinte da microconstrução é o advérbio marcador de tempo *já*, que, normalmente assinala significados como de *imediatamente*, *prontamente*, *neste instante*, *agora*, *logo*. Com base nesses sentidos, infere-se que a microconstrução é empregada para chamar a atenção a algo que não estava sendo visto/olhado e o vocábulo *já* cumpre a função de chamar a atenção para prontamente, de imediato, ser olhado.

As observações sintáticas realizadas até aqui, permitem as seguintes considerações:

a) *olha já* é formada por um verbo de percepção (olhar), que regularmente é transitivo, porém se comporta como intransitivo na construção;

b) a flexão do verbo (olha) permite compreender a terceira pessoa do discurso (ele(a)) do presente do indicativo ou a segunda do singular (tu) do modo imperativo afirmativo;

c) o marcador de tempo *já*, chama a atenção para visão imediata de algo que não estava sendo visto.

A partir das considerações acima, definem-se as seguintes composições¹:

Quadro 1 – Perspectivas de composição sintática da microconstrução *olha já*.

Composição I			
1	<p>-----</p> <p>↑</p> <p>suj. oculto (ele(a))</p>	<p>Olha</p> <p>↑</p> <p>verbo perc. intr. – pres. ind.</p>	<p>já</p> <p>↑</p> <p>adv. mon.</p>
Composição II			
2	<p>Olha</p> <p>↑</p> <p>verbo perc. intr. – imp. afirm.</p>	<p>já!</p> <p>↑</p> <p>adv. mon.</p>	<p>-----</p> <p>↑</p> <p>suj. oculto (tu)</p>

Fonte: elaborada pela autora

¹Abreviaturas utilizadas nas designações dos elementos das composições: suj. sujeito; perc. perceptivo; intr. intransitivo; pres. presente; ind. indicativo; adv. advérbio; mon. monossílabo; imp. imperativo; afirm. afirmativo.

4.2 Análise Semântica de *olha já*

Segundo Croft (2007), o significado dos componentes de uma construção compreende não só as propriedades da situação descrita pelo enunciado, mas também, as propriedades do discurso em que o enunciado está inserido.

Considerando a importância do contexto na análise semântica, apresenta-se o texto I, fragmento de um diálogo entre dois amigos que residem em uma cidade no interior do Amazonas, presente em um artigo² que é fruto de projeto de pesquisa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, o qual trata de palavras e expressões da língua local dessa região.

Texto I - Feira de expressões

“O ambiente é numa feira, de produtos em geral. Dois amigos se encontram e começam a conversar, botando os babados em dia.

Ela - Oi mano!

Ele - Oi mana!

Ela - Tudo beleza contigo?

Ele - Tudo bem, só na maciota.

Ela - Ah, que bom. E aí, e os babados?

Ele - Vichi, tenho rolos pra te contar!

Ela - Adooooo! Mas tá tri quente aqui, bora ainda ali comprar um din-din pra gente chupar enquanto conversa.

Ele - De rocha.

Ela - Mas e aí, o que tu tem pra me contar?

Ele - Tu nem sabe! Um dia desses um galeroso não roubou meu celular?!

Ela - *Olha já!*³ Quando foi isso? Onde?

Ele - Foi semana passada quando eu tava voltando pra casa a pé. E era um curumim mana, parecia que tava era chapado. Veio pra cima de mim com uma faca pedindo meu celular.

Ela - Pela madrugada! E o que tu fizeste?

Ele - Eu entreguei né, senão ele ia me furar com a faca.”

(...)

Autores: Breno Cunha Barbosa e Renata Cazemiro Ferreira

(ALVES; SIQUEIRA, 2012, p. 4-5)

² Disponível em: <http://prop.ipto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/3953/1983>.

³ (itálico nosso)

No texto, a sentença – *Olha já! Quando foi isso? Onde?* é proferida pela interlocutora após ouvir a informação de seu interlocutor sobre o roubo do celular dele. Considerando-se o sentido do verbo *olhar* como *enxergar*, nota-se que os questionamentos que acompanham a microconstrução *Olha já!* não são coerentes com os significados dados às partes composicionais na análise sintática, pois o presente do indicativo ou imperativo afirmativo levam à compreensão de que existe algo a ser visto naquele presente momento e o advérbio de localização temporal *já* corrobora esse sentido. Se a ação (roubar) tivesse, de fato, acontecido no momento da enunciação ou no futuro, não haveria, no enunciado da interlocutora, a necessidade da pergunta relativa ao tempo passado, com verbo *ir* no pretérito: *Quando foi isso?* E nem o questionamento do lugar: *Onde?*, que conduz o pensamento a outro lugar, diferente daquele do momento em que o diálogo ocorre.

Embora a microconstrução em estudo tenha em sua constituição um advérbio considerado marcador de tempo, ela apresenta independência de referência temporal. Alguns estudos demonstram que na língua em uso, isso é normal acontecer. A linguista funcionalista Neves (2010, 2011) propõe que os advérbios de tempo e lugar, diferente do que apresenta a gramática convencional, não são modificadores do verbo e, sim, apresentam um comportamento sintático heterogêneo.

Os questionamentos relativos ao tempo passado e o valor atribuído ao *já* no contexto do diálogo revelam que o significado da microconstrução *olha já* não é literal como previsto na análise sintática. Os questionamentos da interlocutora denotam interesse em detalhes de algo já ocorrido. Essas reflexões permitem definir a pessoa do discurso como *tu* e o verbo no modo imperativo afirmativo, levando a descartar a hipótese de terceira pessoa do singular e a do presente do indicativo na composição da microconstrução.

A transgressão dos significados do verbo e do advérbio na análise sintática permite a observação do emparelhamento da forma e do significado com atuação

arbitrária. Esse fenômeno e o fato de o significado da microconstrução *olha já* se tornar compreensível somente após as inferências do contexto corroboram os conceitos de *construção* dos linguistas mencionados na base teórica.

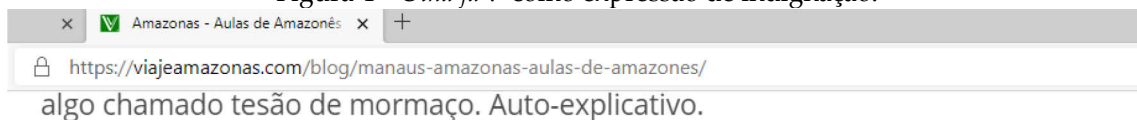
Observa-se ainda, que na sentença – *Olha já! Quando foi isso? Onde?* a microconstrução em estudo ocupa uma posição isolada dos demais elementos sintáticos, caso seja suprimida, a comunicação não é afetada.

O posicionamento da expressão *Olha já!* no início da sentença, mostra o verbo (olha) atuando como marcador discursivo, invocando o interlocutor para o momento da fala e, ao mesmo tempo, exhibe os sentimentos de surpresa e espanto, motivados pelo enunciado anterior do interlocutor (ele).

Os textos II, III, IV e V são guias de dialetos de expressões regionais do Amazonas elaborados por falantes e veiculados em sites na internet. Esses textos apresentam definições da microconstrução *olha já*; explicam-na, até mesmo, como sinônimo de outra construção gramatical.

Texto II – Aulas de amazonês

Figura 4 – *Olha já!* como expressão de indignação.



AGORINHA – Diferentemente do uso no sudeste, agorinha quer dizer “há alguns segundos”, referindo-se ao passado e não ao futuro. “Ela estava aqui agorinha, mas sumiu”.

OLHA JÁ! – Expressão de indignação correspondente a “Mas que abuso!”.

“E aí, gata, me dá um beijo?” “Mas, **olha já** esse aí...Te manca!”

MANO(A) – Tratamento carinhoso entre conhecidos ou não. Muito usado para fazer perguntas e pedidos. “Mana, faz um favor pra mim”. “E aí, tudo bem, mano?”

Fonte: <https://viajeamazonas.com/blog/manaus-amazonas-aulas-de-amazones/>

⁴ Destaque (em amarelo) no texto II nosso.

O texto II confere à microconstrução *olha já* a noção de indignação e atribui a ela a equivalência da construção “Mas que abuso!”. O exemplo de diálogo apresentado, ratifica a importância do contexto para que a expressão seja compreendida:

“E aí, gata, me dá um beijo?”

“Mas, *olha já* esse aí... Te manca!”

Ao pedido de um beijo, tem-se uma resposta com sentido negativo: “Mas, *olha já* esse aí... Te manca!”, em que a microconstrução *olha já* se encontra, dessa vez, no meio da frase e não é acompanhada por um ponto de exclamação. Nota-se, no entanto, no destaque em amarelo (nosso) no texto, que o autor apresenta a microconstrução com o ponto de exclamação. É provável que ele tenha escolhido pontuar somente no final do exemplo para não comprometer o conteúdo que intenciona expressar, para não chamar atenção apenas para *olha já*. Observa-se no texto II a microconstrução posicionada na frase de maneira diferente da apresentada no texto I, no entanto, com sentido próximo ao conferido a ele, pois o contexto deixa claro os sentimentos de surpresa e espanto da interlocutora *gata*.

Texto III – Dialeto amazonense – o amazonês ilustrado⁵

Figura 5 – Expressão amazonense *Má rapáz!* (*rapá*) explicada com *Olha já!*



O mesmo que ‘Olha já!’. ‘Me empresta teu carro?’

‘Má rapá! Claro que não!’

Fonte: <https://marcuspeessoa.com.br/dialeto-amazonense-o-amazones/>

⁵ No texto, suprimiu-se uma imagem, destacando-se apenas a escrita.

O texto III define a microconstrução gramatical *Má rapáz (rapá)!* com a microconstrução *Olha já!*. Para análise, transcreve-se a sentença com substituição de *Má rapá!* pela microconstrução *olha já!*

'Me empresta teu carro?'

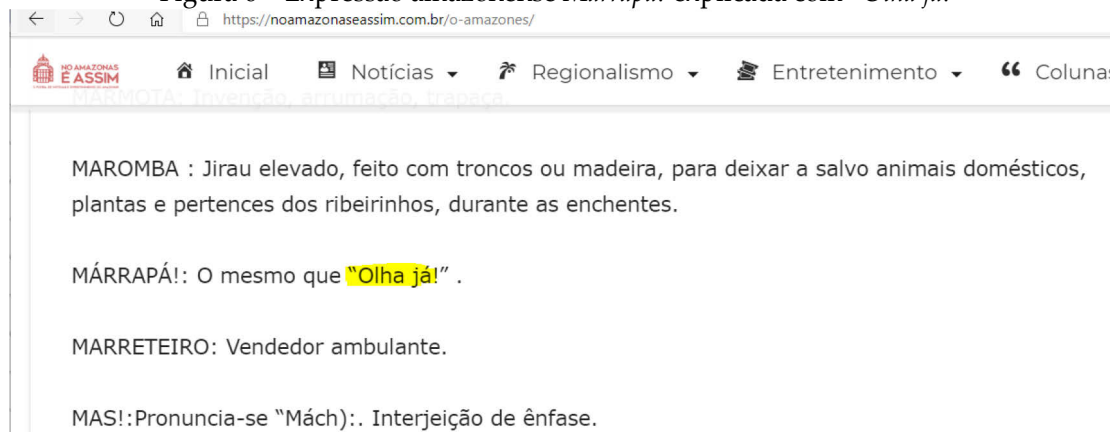
'*Olha já!* Claro que não!'

Assim como no texto II, *Olha já!* é utilizada na formação de enunciado como resposta negativa a um pedido. A microconstrução empregada, com certa ênfase/dramaticidade, anterior à sentença negativa *Claro que não!*, cumpre o papel de anunciar que aquilo que foi solicitado extrapola a normalidade, revelando que o ato da solicitação do empréstimo do carro é abusivo. O uso da microconstrução no texto III corroboram os sentimentos de indignação e abuso sugeridos pelo autor do texto II e, expressam também, a surpresa e o espanto do dono do carro.

Convém expor que a sentença de sentido negativo como "Claro que não!" presente no texto III, pode revelar o alto grau de interação cognitiva e interpessoal existente entre os interlocutores, papel importante na realização de ações com função pragmática-discursiva.

Texto IV – No Amazonas é assim: *Márrapá!*

Figura 6 – Expressão amazonense *Márrapá!* explicada com "Olha já!"⁶



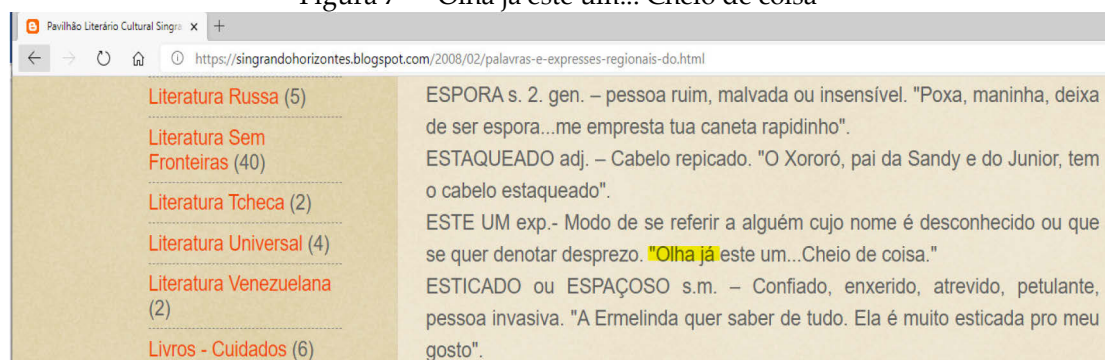
Fonte: <https://noamazonaseassim.com.br/o-amazonas/>

⁶ Destaque (em amarelo) no texto IV nosso.

Assim como no texto III, o texto IV também apresenta a construção *Márrapá!*⁷ como sinônimo de *Olha já!*, o que permite considerar que a microconstrução *olha já* é muito popular entre os falantes da região, a ponto de ser utilizada na explicação de outra construção amazonense.

Texto V - Palavras e Expressões Regionais do Amazonas

Figura 7 – “Olha já este um... Cheio de coisa”

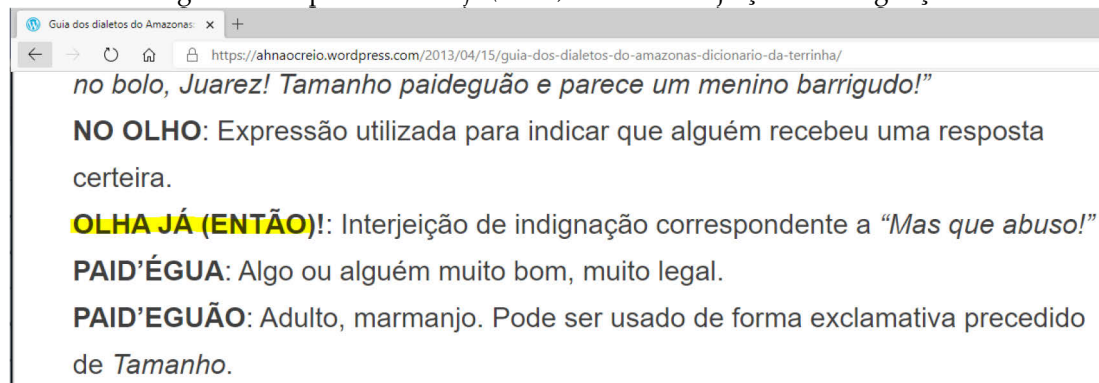


Fonte: <https://singrandohorizontes.blogspot.com/2008/02/palavras-e-expresses-regionais-do.html>

O texto V também se propõe a descrever significados de expressões regionais do Amazonas. Apresenta a microconstrução *olha já* na exemplificação de uso do termo *este um*: “Olha já este um... Cheio de coisa.”

O texto V não apresenta o enunciado anterior à sentença que contém a microconstrução *olha já*, porém, nota-se que é proferida para mostrar que o comportamento de alguém não é o esperado e vem associada ao termo (*este um*) que, segundo o autor do texto, é utilizado para denotar desprezo. Como no texto II, no exemplo, não apresenta sinal exclamativo após a microconstrução.

⁷ Registra-se o traço de oralidade expresso por meio de alterações ortográficas em *Má rapáz!* e *Má rapá!* no texto III e *Márrapá!* no texto IV.

Texto VI - Olha já (então)!Figura 8 – Expressão *Olha já (então)!*⁸ como interjeição de indignação

Fonte: <https://ahnaocreio.wordpress.com/2013/04/15/guia-dos-dialetos-do-amazonas-dicionario-da-terrinh/>

O autor do texto VI apresenta *olha já (então)!* e a define com o mesmo sentido apresentado para a microconstrução no texto II: “Mas que abuso!”. Infere-se que o falante/autor tenha reconhecido um desgaste no uso de *olha já* e, por isso, tenha conferido à microconstrução o acréscimo de *então*, no intuito de recuperar sua expressividade. O advérbio *então*, colocado entre parênteses pelo autor do texto, permite inferir, também, que a microconstrução com ou sem esse vocábulo mantém o mesmo valor.

Diante do exposto, observa-se que a microconstrução *olha já* é muito utilizada na comunicação informal no Amazonas, tendo em vista o seu emprego para explicar outra microconstrução e pela presença de uma variante como *olha já (então)!* nos guias de dialeto de expressões regionais.

Os textos mostram a microconstrução posicionada tanto no início como no meio da sentença, conferindo ao enunciado um tom dramático de surpresa, espanto e até de indignação. Caso a microconstrução seja suprimida das sentenças, observa-se perda de ênfase pragmática e não de sentido.

⁸ Destaque (em amarelo) no texto VI nosso.

4.3 Relações de ligações simbólicas entre forma e significado

Considerando que a representação de uma construção inclui relações de correspondência entre a forma e o significado, sintetiza-se, neste item, a contribuição dos elementos e dos componentes para o sentido global da construção *olha já*.

O verbo *olhar* é compreendido pela ação da fixação dos olhos em algo e o modo imperativo normalmente se refere a conselho ou à advertência. No entanto, dentro da interação comunicativa, o verbo na microconstrução *olha já* se despe dessas funções habituais e atua como componente de *feedback* emotivo. Como se observam nos exemplos, a microconstrução é sempre empregada como reação a algo que não era esperado. O advérbio *já*, diferente de seu sentido convencional de tempo, atua de forma incisiva para o fechamento desse *feedback* emotivo.

Destaca-se também como elo simbólico a presença da criatividade argumentativa, expressa pelo advérbio monossílabo tônico (*já*) seguido do ponto de exclamação na maioria dos casos. Segundo Cunha e Cintra (1985), o valor melódico da exclamação só pode ser apreendido por meio do contexto, cabendo ao leitor “a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades da inflexão exclamativa”. (CUNHA; CINTRA 1985, p. 638). Na microconstrução, o uso de um vocábulo curto como o monossílabo *já*, marca uma intenção rápida e incisiva em torno do verbo *olhar*, contribuindo com a intencionalidade que o falante pretende expressar.

4.4 Sugestão de composição e de atuação de *olha já*

Após a observação da forma e do significado nos textos, define-se a seguinte composição para a microconstrução *olha já*:

Quadro 2 – Composição sintática da expressão *olha já*.

Composição sintática		
Olha ↑ verbo perc. intr. – imp. afirm.	já ↑ adv. mon.	----- ↑ sujeito oculto (<i>tu</i>)

Fonte: elaborada pela autora.

Embora *olha já* não seja uma expressão idiomática, apresenta traço de expressão idiomática de decodificação como a definida por Fillmore *et al* (1988), o que permite sugerir que a microconstrução apresenta característica de expressão idiomática.

Outro ponto a relevar é a atuação da microconstrução como interjeição. Embora, nem todos os exemplos com *olha já* tenham sido imediatamente acompanhados por ponto de exclamação, os significados apreendidos nas análises permitem observar na atuação da microconstrução o grito instintivo que traduz de modo vivo as emoções do falante, acompanhado do tom melódico que o imperativo confere ao verbo.

Com essas considerações, sugere-se que a microconstrução *olha já* atua nos textos como uma *interjeição com estrutura idiomatizada, com função enfática que confere à comunicação um tom dramático de espanto, surpresa ou indignação*.

4.5 A produtividade da construção

Analisa-se como produtividade, o potencial criativo da regra de formação da construção *olha já*, ou seja, *verbo perceptivo intransitivo imperativo afirmativo + advérbio monossílabo*. Nesse padrão, apresentam-se as seguintes composições:

Quadro 3 –microconstruções compostas pela regra de formação de *olha já*.

Composição sintática			
ord.	verbo perc. intr. – imp. afirm.	adv. monossílabo	sujeito oculto
1	vê	lá	(tu)
2	olha	lá	(tu)
3	olha	só	(tu)
4	olha	bem	(tu)
5	escuta	só	(tu)
6	veja	bem	(ele/ela)

Fonte: elaborado pela autora.

As seis microestruturas selecionadas no quadro 3, assim como *olha já*, não denotam sentidos literais e, sim, sentidos atribuídos pela comunidade de fala. Para exemplificá-las, buscam-se fragmentos de textos literários dos séculos XVIII e XIX (1, 2) presentes no trabalho de Teixeira (2015)⁹ e em canções brasileiras atuais (3, 4, 5, 6), como seguem:

1. (...) Eis aí te fez Cristo digno de *levar* a sua cruz e seguir-lo; **vê lá** não faças pé atrás e acudas mais pela tua carne que pela tua alma e te fure o diabo o reino da glória. (...) (Apólogos morais - Texto crítico barroco, Nova floresta de Manuel Bernardes, sequência injuntiva, século XVIII) (TEIXEIRA, 2015, p. 212)
2. (...) - *Acabo de dizer que sim. - E se não vieres.. - Farás o que entenderes.. - Olha lá.. - Estamos combinados, filha! Pois conto contigo.* (...). (Romance As Memórias de um Condenado de Aluísio Azevedo, sequência injuntiva, século XIX) (TEIXEIRA, 2015, p. 252)

3.4. (...)

*Olha só, meu amor (meu amor)
Nada disso faz sentido*

⁹ Teixeira (2015) apresenta em sua tese *A construção verbal marcadora discursiva: uma análise centrada no uso* um valioso estudo sobre construções gramaticais.

Olha só, por favor (por favor)
 Não duvide do que eu digo
Olha só, olha bem
 Entre nós não há segredo, tudo bem! (...)
 Grupo Rouge: *Olha só*¹⁰ (itálicos nosso)

5. *Escuta só, vamos tentar (itálico nosso)*
 Pois diferenças todo mundo tem (...)
 José Augusto: *Escuta só*¹¹

(...)

6. *Veja bem, foi você (itálico nosso)*
 A razão e o porquê
 De nascer essa canção assim (...)
 Roberto Carlos: *Nossa canção*¹²

Observa-se o aspecto produtivo do padrão no PB por meio das presenças das microconstruções *olha só* (3) e *olha bem* (4) na mesma canção, assim como os títulos das canções *Olha só* (Grupo Rouge) e *Escuta só* (José Augusto) realizados com microconstruções.

Convém elucidar que não se constitui objetivo deste trabalho esgotar as chances de composição com verbos perceptivos na língua portuguesa e, sim, apresentar microconstruções que corroborem a produtividade do padrão estabelecido para a composição *olha já*.

5 Considerações finais

O estudo, sob a luz de pressupostos teóricos da Gramática de Construções, proporcionou uma visão ampla dos aspectos que compõem o significado da microconstrução *olha já*. A análise da microconstrução com base nas estruturas

10 Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/rouge/63366/>

11 Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jose-augusto/769316/>

12 Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/roberto-carlos/nossa-cancao.html>

sintática e semântica, consideradas por Croft (2007) componentes constituintes da anatomia de uma construção gramatical, contribuiu para o entendimento global da microconstrução; instigando, ainda, à propositura de uma sugestão de sua atuação na língua. O estudo possibilitou, também, a constatação da existência de outras microconstruções com a mesma composição de *olha já*, atestando a produtividade do padrão.

Quanto ao uso da microconstrução *olha já* no estado do Amazonas, observa-se que sua presença em guias de dialetos de expressões regionais veiculados em vários sites na internet, inclusive explicando outra construção, por si só, atesta a produtividade de uso da microconstrução na região.

Por fim, espera-se que este modesto trabalho possa inspirar a propositura de mais estudos voltados à língua portuguesa realizada na região do Amazonas.

Agradecimento

À profa. Dra. Sueli Maria Coelho pela rica disciplina de Gramática de Construções ministrada em 2018 no Poslin - UFMG, a qual fez despertar meu interesse por construções gramaticais.

Referências Bibliográficas

ALVES, J. R.; SIQUEIRA G. A. M. Semântica Mauesense em foco. In: **VII CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO**. Palmas, 2012. Disponível em: <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/view/3953/1983>. Acesso em: 15 set. 2020.

AMAZONAS by viverde blog. 2007.1. Amazonas – **Aulas de amazonês**. Autor desconhecido. Disponível em: <https://viajeamazonas.com/blog/manaus-amazonas-aulas-de-amazones/>. Acesso em: 14 out. 2020.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2006.

BENTES, N. 2013.4. **Guia dos dialetos do Amazonas**: Dicionário da Terrinha. Disponível em: <https://ahnaocreio.wordpress.com/2013/04/15/guia-dos-dialetos-do-amazonas-dicionario-da-terrinha/>. Acesso em: 14 out. 2020.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press. 2013. p. 233-254. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780195396683.013.0013>

CROFT, W. A. Construction grammar. *In*: GEEREARTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. 22. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. **Language**. Vol. 64, n. 3, p. 501-538, 1988. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0097-8507%28198809%2964%3A3%3C501%3ARAIIGC%3E2.0.CO%3B2-Y>. Acesso em: 15 set. 2020.

GOLDBERG. A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**: temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2011.

PAVILHÃO literário cultural singrando horizontes. 2008.02. **Palavras e Expressões Regionais do Amazonas**. Autor desconhecido. Disponível em: <https://singrandohorizontes.blogspot.com/2008/02/palavras-e-expresses-regionais-do.html>. Acesso: em 14 out. 2020.

PESSOA, M. 2013.10. **Dialeto amazonense** – o amazonês ilustrado. Disponível em: <https://marcuspeessoa.com.br/dialeto-amazonense-o-amazones/>. Acesso em: 14 out. 2020.

SOUZA, S. A. F. 2013.02. **Dicionário de Amazonês**. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com.br/o-amazones/>. Acesso em: 14 out. 2020.

TEIXEIRA, A. C. **A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{md}**: uma análise funcional centrada no uso. 2015. 297 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2015. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/10301/Tese%20Ana%20Cláudia%20Machado%20Teixeira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22. nov. 2021.

Artigo recebido em: 27.10.2020

Artigo aprovado em: 28.05.2021